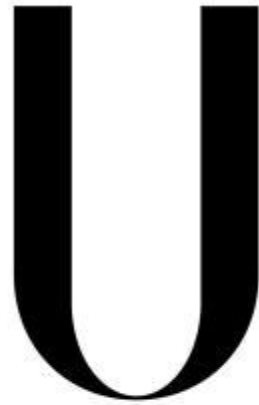


UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

“ERA UMA VEZ... ADULTOS”: UMA PROVA PROJATIVA

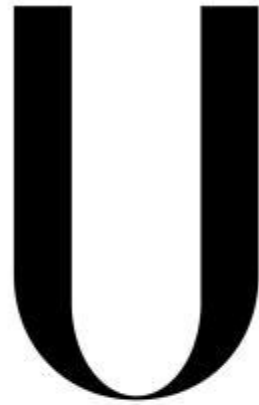
Maria Rita Nogueira Gonçalves Estrada

DOUTORAMENTO EM PSICOLOGIA

(Psicologia Clínica)

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



LISBOA

**UNIVERSIDADE
DE LISBOA**

“ERA UMA VEZ... ADULTOS”: UMA PROVA PROJATIVA

Maria Rita Nogueira Gonçalves Estrada

**Tese orientada pela Professora Doutora Maria Teresa Pereira da
Fonseca Pestana Gonçalves Fagulha, especialmente elaborada para a
obtenção do grau de doutor em Psicologia (Psicologia Clínica).**

2014

*Siempre estoy haciendo cosas que no sé hacer,
de manera que tengo que aprender cómo hacerlo.*

Pablo Picasso

Agradecimentos

Era uma vez a Rita que andava pela Fnac e encontrou um volume da série *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa*, ficando assim a conhecer a “Era uma vez...”. Meses mais tarde conheceu a autora da “Era uma vez...”: a Professora Doutora Teresa Fagulha. E a Professora Teresa Fagulha acolheu a Rita, não a conhecia de lado nenhum, a Rita nem era psicóloga e ainda por cima trazia dúvidas. Mas a Professora Teresa acolheu a Rita, acolheu-a como ela era e acolheu-a com atenção, com abertura, com interesse, com generosidade.

E desse acolhimento nasceu uma amizade, nasceu a abertura e confiança da Professora Teresa à minha motivação e competência para a Psicologia, nasceu a minha inscrição no doutoramento em Psicologia Clínica na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e nasceu a “Era uma vez... Adultos”.

A Professora Teresa esteve sempre presente como Orientadora e Amiga, orientou, ensinou, discutiu, compreendeu e ajudou nos momentos mais difíceis.

E a Professora Teresa é uma pessoa que eu admiro muito não só pela competência, como também pela sabedoria de vida que eu tive a possibilidade de ir escutando ao longo destes anos.

O meu agradecimento à Professora Teresa é infinito e eterno.

A “Era uma vez... Adultos” foi depois crescendo com a Professora Teresa, comigo e com muitas outras pessoas, a quem quero aqui manifestar o meu sincero agradecimento.

Ao Professor Doutor Bruno Gonçalves, cuja observação fina e espírito crítico foram fundamentais para a construção da “Era uma vez... Adultos”. O Professor Bruno era muitas vezes convocado ao gabinete da Professora Teresa para os três em conjunto analisarmos os desenhos, discutirmos as categorias e outras dúvidas que surgiam. Ao Professor Bruno agradeço também a leitura e aplicação da grelha de análise da prova. E ainda a imprescindível ajuda nas análises estatísticas, uma ajuda generosa, paciente mas também exigente. E tudo isto com o sentido de humor do Professor Bruno.

À Professora Doutora Maria Eugénia Duarte Silva, a quem agradeço também as observações valiosas que fez aos desenhos, como também às categorias da prova.

E à Rute Pires, outra pessoa a quem agradeço também as observações valiosas que fez aos desenhos, às categorias da prova e ainda a leitura e aplicação da grelha de análise da prova. E a quem agradeço ainda a disponibilidade e simpatia com que sempre atendeu aos meus pedidos de ajuda.

Ao Diogo Azevedo pela disponibilidade que sempre teve para esclarecer dúvidas sobre questões estatísticas que foram surgindo ao longo deste trabalho. À Ana Sacau pela ajuda em questões sobre análises estatísticas.

Aos meus leitores externos de todo o trabalho: o meu Pai, a minha Mãe e a minha irmã Cristina. Sem dúvida que o texto deste trabalho ficou mais organizado e claro com os seus comentários e as dúvidas que me colocaram. Agradeço também à

Flora Teixeira e Costa a leitura e comentários muito pertinentes e úteis do segundo capítulo da Primeira Parte.

À Elsa Simões Lucas Freitas e Sandra Tuna pela revisão do resumo na versão em inglês. À Manuela Sampaio pela revisão do resumo na versão em francês.

À minha irmã a paciente ajuda em algumas tarefas minuciosas a que este trabalho obrigou: contar as cenas para os estudos exploratórios, inverter os resultados de alguns itens no SPSS, rever os resultados apresentados e rever as referências bibliográficas. Na revisão das referências bibliográficas agradeço também a pronta ajuda do Alberto Gomes.

Ao Pedro Carvalho tanto o interesse como o espírito crítico que sempre manifestou em relação à “Era uma vez... Adultos”. Esta reação do Pedro permitiu-me fazer correções e melhorias muito importantes. A “iniciação” do Pedro com a “Era uma vez... Adultos” começou com a aplicação da prova a mim própria, o que foi uma experiência interessante e curiosa para mim; posteriormente, o Pedro aplicou a prova a 15 pessoas. Depois o Pedro esteve presente na introdução de todos os dados dos questionários no SPSS, sendo que a competência e destreza do Pedro fizeram com que a tarefa fosse mais rápida e divertida. Esteve presente na leitura crítica da grelha de análise da “Era uma vez... Adultos”, na complexa e árdua tarefa que foi a análise das histórias e no estudo da precisão intercotadores. As discussões que tivemos, umas em que chegávamos a um consenso, outras em que não chegávamos, foram imprescindíveis para melhorar a grelha de análise e para melhor perceber a complexidade da tarefa que é analisar as histórias da “Era uma vez... Adultos”. E ao longo de cerca de dois meses, em que nos zangamos e rimos um com o outro, foi sendo construída uma amizade.

Ao Pedro Santos, o primeiro desenhador da “Era uma vez... Adultos”, agradeço o esforço que demonstrou na criação e realização dos desenhos.

Ao Pedro Penilo, o segundo desenhador da “Era uma vez... Adultos”, por ter aceitado prosseguir um trabalho que era de outra pessoa. O Pedro muito rapidamente percebeu as categorias da prova e fez algumas sugestões valiosas que melhoraram os desenhos. O profissionalismo, competência e paciência do Pedro foram imprescindíveis para a reformulação e conclusão dos desenhos da prova.

À minha irmã e muito especialmente à Susana Caló a ajuda na observação de todos os desenhos da “Era uma vez... Adultos”. O sábado que passei com a Susana a observar todos os desenhos foi crucial para avançar com as reformulações necessárias.

Ao Pedro Arantes, em cuja gráfica se imprimiu a “Era uma vez... Adultos”. Ao Pedro, agradeço o empenho e sugestões que deu para se conseguir uma excelente impressão.

A aplicação da “Era uma vez... Adultos” implicou a participação de muitas pessoas tanto nos estudos exploratórios como no estudo da prova. Não foi fácil chegar ao contacto de pessoas que se disponibilizassem a participar. Só com a ajuda de várias pessoas é que eu consegui realizar os estudos exploratórios e atingir o número de participantes necessários para o estudo da prova.

No primeiro estudo exploratório, agradeço à Adriana José Oliveira, Cristina, Fernanda Moreira, José Manuel Castro, Margarida Rebelo, Susana.

No segundo estudo exploratório, agradeço à Adriana, David Baltazar, Isabel Cruz, Liliana Abrantes, Luísa Melo, Márcia Monteiro, Rogério Rebelo, Rosa Guimarães, Susana, Vítor Costa.

No estudo da prova várias instituições e pessoas estiveram envolvidas e aqui quero nomeá-las e manifestar o meu profundo agradecimento a todas.

O Colégio Jardim da Cores, em Vila Conde, na pessoa da Diretora Cristina Reis. A organização da Cristina foi absolutamente ímpar e a adesão dos colaboradores do Colégio foi fantástica.

A Escola do Comércio do Porto, na pessoa da Diretora Ana Mendes. E ao Tiago Gomes que organizou a participação das pessoas.

A Igreja Metodista do Mirante, na pessoa do Bispo Sifredo Teixeira. Senti-me sempre bem acolhida na Igreja Metodista do Mirante e agradeço tanto a participação de várias pessoas como esse acolhimento.

O David Baltazar que me abriu as portas da sua empresa, tendo falado aos seus colaboradores do meu trabalho. Tudo correu muito bem, a equipa do David recebeu-me com muita simpatia e humor!

A Junta de Freguesia de Ramalde, nas pessoas do Sr. Presidente, Dr. Manuel Maio, e do Sr. Adjunto Executivo, Dr. Artur Pereira. O Manuel Maio respondeu desde logo positivamente ao meu pedido e o Artur Pereira organizava os tempos dos colaboradores de modo a poderem participar.

A Rádio Renascença, na pessoa do Raul Santos. Agradeço ao Raul a mobilização e organização dos tempos dos seus colegas.

A Maria Purificação dos Anjos, Nana para os amigos, que falou com os colegas da Comissão para a Dissuasão da Toxicoddependência do Porto para participarem no meu estudo. A resposta da Nana ao meu pedido foi desde logo positiva e tudo foi bem organizado.

A Escola Secundária de Vila Verde, nas pessoas da minha prima Ana Paula Matos e da Margarida Dias. A Ana Paula tratou logo de saber se o meu pedido era aceite. E a Margarida foi a mobilizadora e organizadora das pessoas.

O Tribunal Judicial e o Tribunal do Trabalho de Vila Nova de Famalicão. Tudo começou com a autorização do Sr. Álvaro Pinto, Chefe de Divisão da Direção-Geral da Administração da Justiça, que de uma forma célere respondeu ao meu pedido para aplicar a prova nos Tribunais de Famalicão e em poucos dias me deu autorização. Agradeço ao Sr. Secretário Joaquim Dinis do Tribunal Judicial a liberdade e confiança que me deu para circular no Tribunal, a possibilidade de ocupar um espaço do qual tinha a chave, a amabilidade e disponibilidade que teve para mobilizar os trabalhadores do Tribunal para participarem. Agradeço também ao Sr. Secretário Manuel Fernando Marinho do Tribunal do Trabalho a abertura e simpatia com que fui recebida. E aos próprios trabalhadores do Tribunal que foram passando a palavra e que me iam indicando quem estaria mais disponível naquela hora. Todas estas pessoas contribuíram para que no Tribunal de Famalicão eu conseguisse um excelente nível de participação.

A IPSS Asas de Ramalde, na pessoa da Dra. Joana Falcão.

A Junta de Freguesia de Cedofeita, na pessoa do Dr. Rui Martins.

A Junta de Paranhos, na pessoa do Sr. Presidente, Dr. Alberto Machado. E ainda a D. Belquise e a D. Amália que organizaram a participação dos colaboradores da Junta.

Os Agrupamentos de Escuteiros da Areosa, de Pedrouços e da Maia, a quem agradeço a generosidade com que me receberam e a disponibilidade para me ajudar.

Além destas instituições e pessoas, houve ainda familiares, amigos, amigos de amigos que me ajudaram a entrar em contacto com outras pessoas que participaram no meu estudo, só assim se conseguindo as 160 pessoas. Agradeço a ajuda do Carlos Lemos e da Ondina, da Paula Almeida, do Pedro Carvalho, da Lena Vilaça e da minha irmã. E ainda ao Artur Pereira que conheci na Junta de Freguesia de Ramalde. Ao longo da aplicação da prova, o Artur disse-me na sua voz serena, tranquila: “Eu ajudo-a”. E eu percebi que podia confiar naquela voz. O Artur mobilizou familiares, amigos e escuteiros.

E claro que a todos os participantes manifesto o meu profundo agradecimento pela disponibilidade e generosidade em terem participado no estudo da “Era uma vez... Adultos”. Foi uma experiência humana imensamente enriquecedora o contacto que eu tive com todas as pessoas que participarem no estudo. O meu OBRIGADA a todos!

Por fim, o meu agradecimento a algumas pessoas muito especiais, algumas já foram aqui referidas mas que merecem voltar a ser mencionadas.

Ao Peter Clark, que sempre se interessou pelo meu trabalho, ajudando a estabelecer contacto com a Ana Mendes e o Bispo Sifredo. E muito especialmente pelo encorajamento constante: Bambalela!

À Adriana que me deu a ideia de contactar o Tribunal de Vila Nova de Famalicão. Nas minhas idas a Famalicão, esta amiga Maravilha chamada Adriana dava-me sempre de almoçar, uns almocinhos feitos com muita atenção e carinho e numa companhia sempre querida e acolhedora.

À minha família. Aos meus irmãos António Pedro e Rui, por terem aguentado as minhas ausências em encontros familiares, em respostas a *emails*... À minha irmã e à minha afilhada Inês por me terem acolhido em Azurara nos meses de férias de 2011, 2012 e 2013, respeitando as muitas horas de ausência em que eu trabalhava e oferecendo-me uma companhia alegre e carinhosa. Ao meu Pai e à minha Mãe, que continuam a ser aqueles Pais que estão sempre presentes...

E de novo à Adriana, Cristina e Susana que me acompanharam sempre na realização deste trabalho. Ajudaram-me nas muitas dificuldades que tive, apoiaram-me nos momentos difíceis, complicados e ficavam contentes quando eu conseguia e avançava. A sua ajuda e o seu apoio foram imprescindíveis para eu levar este trabalho a bom porto.

E ao Rui, com quem tenho vindo a construir “algo de lindo”. E a solidão a que este trabalho sem dúvida me obrigou foi vivida de uma forma muito mais suave e muito mais produtiva porque o Rui existe na minha vida, eu estava sozinha mas acompanhada.

Resumo Abstract Resumé

Apresenta-se a criação e estudo de uma prova projetiva de completamento de histórias: “Era uma vez... Adultos”. No funcionamento psicológico, combinam-se processos conscientes/racionais e processos inconscientes/emocionais. Para compreender os últimos, são habitualmente utilizadas provas projetivas, que frequentemente levantam problemas de cotação e interpretação. A estrutura e funcionamento desta prova permite minorar essas dificuldades. A situação projetiva “Era uma vez... Adultos” é idêntica à “Era uma vez...” (Fagulha, 1992), utilizada com crianças. Os cartões estímulo apresentam o início de uma história relativa a uma personagem (feminina/masculina) em três cenas em banda desenhada. A história deve ser completada pela escolha e organização em sequência de três entre nove cenas disponíveis para cada cartão. A história assim organizada é depois verbalizada. As cenas escolhidas e a sequência organizada constituem aspetos objetivos na cotação. O funcionamento da prova propicia a criação de um espaço transicional (Winnicott, 1971/1975), que potencializa a elaboração emocional de desejos, ansiedades e defesas. A prova tem como objetivo avaliar representações relacionais: relação com o outro e com o *self*. Estas duas dimensões, nas suas vertentes positiva e negativa, constituem o fundamento das categorias relacionais representadas nas cenas correspondentes a cada cartão. Foi criado o material da prova, incluindo a grelha para análise das respostas. A prova foi estudada numa amostra de 160 adultos, 80 homens e 80 mulheres, que responderam também a três questionários: NEO-FFI (Magalhães et al., 2012), CES-D (Gonçalves & Fagulha, 2003) e QER (Moreira, 2000). As respostas desta amostra constituem uma primeira base de dados normativos. Realizou-se também um estudo de precisão intercotadores: o grau de concordância obtido foi de muito bom a moderado. E foi estudada a relação entre as respostas à prova e aos questionários: obtiveram-se resultados estatisticamente significativos no sentido esperado, o que atesta a validade da prova.

Palavras-chave: Técnicas projetivas, Adultos, Representações Relacionais

This work presents the creation and the study of a projective test of story completion: “Once upon a time... Adults”. Psychological functioning combines both conscious/rational and unconscious/emotional processes. In order to understand the latter, projective tests are commonly used, which often raise problems of scoring and interpretation. The structure and inner functioning of the present test minimizes those difficulties. The projective situation “Once upon a time... Adults” is identical to the “Once upon a time...” structure (Fagulha, 1992) that is used with children. The stimulus cards present the beginning of a story about a character (female/male) in three cartoon vignettes. The story is supposed to be completed by choosing and organizing a sequence of three out of the nine scenes available for each card. The story thus organized is then verbalized. The chosen scenes and the organized sequence are objective aspects for the scoring. The functioning of the test favours the creation of a transitional space (Winnicott, 1971/1975), which enhances the emotional elaboration of desires, anxieties and defenses. The test aims to evaluate relational representations: relationship with others and with the self. These two dimensions, in their positive and negative aspects, are the bases of the relational categories represented in the scenes corresponding to each card. Once the material of the test was created, including a response analysis grid, it was undertaken by a sample constituted by 160 adults, 80 men and 80 women, who also answered three questionnaires: NEO-FFI (Magalhães et al., 2012), CES-D (Gonçalves & Fagulha, 2003) and QER (Moreira, 2000). The responses provided by this sample constitute the first normative database. An inter-rater precision study was also conducted, with a degree of agreement obtained that ranged from very good to moderate. The relationship between the test and the answers to the questionnaires was also analyzed, yielding statistically significant results in the expected direction, which attests the validity of the test.

Keywords: Projective techniques, Adults, Relational Representations

On présente ici la création et l'étude d'une épreuve projective de complèment d'histoires: «Il était une fois... Adultes». En ce qui concerne le fonctionnement psychologique, on combine des processus conscients/rationnels et des processus inconscients/émotionnels. Pour comprendre les derniers, sont couramment utilisées des épreuves projectives, qui posent souvent des problèmes de cotation et d'interprétation. La structure et le fonctionnement de cette épreuve permet de pallier ces difficultés. La situation projective «Il était une fois... Adultes» est identique à «Il était une fois...» (Fagulha, 1992), utilisée avec des enfants. Les cartes stimulus présentent le début d'une histoire sur un personnage (féminin/masculin) dans trois scènes de bande dessinée. L'histoire doit être complétée par le choix et l'organisation en séquence de trois scènes des neuf disponibles pour chaque carte. L'histoire ainsi organisée sera après verbalisée. Les scènes choisies et les séquences organisées sont des aspects objectifs de la cotation. Le fonctionnement de l'épreuve est favorable à la création d'un espace transitionnel (Winnicott, 1971/1975), qui favorise l'élaboration émotionnelle des désirs, angoisses et défenses. L'épreuve a comme objectif d'évaluer des représentations relationnelles: relations avec les autres et avec soi même. Ces deux dimensions, dans ses aspects positifs et négatifs, sont à la base des catégories relationnelles représentées dans les scènes correspondantes à chaque carte. Le matériel de l'épreuve a été créé, y compris la grille d'analyse des réponses. L'épreuve a été étudiée dans un échantillon de 160 adultes, 80 hommes et 80 femmes, qui ont également répondu à trois questionnaires: NEO-FFI (Magalhães et al., 2012), CES-D (Gonçalves & Fagulha, 2003) et QER (Moreira, 2000). Les réponses de cet échantillon sont la première base de données normatives. On a également mené une étude de précision entre juges: le degré d'accord obtenu a été de très bon à modéré. On a étudié la relation entre l'épreuve et les réponses aux questionnaires: on a obtenu des résultats statistiquement significatifs dans le sens attendu, ce qui atteste la validité de l'épreuve.

Mots-clés: Techniques projectives, Adultes, Représentations relationnelles

Índice

Resumo Abstract Resumé	1
Introdução Geral	11
Primeira Parte: Enquadramento Teórico	21
Capítulo 1: Da “Era Uma Vez...” à “Era Uma Vez... Adultos”	23
Introdução	23
1. A “Era Uma Vez...”	24
1.1. Apresentação da “Era uma vez...”	25
1.2. Características específicas e potencialidades da “Era uma vez...”	28
2. A Escolha de uma Situação Projetiva	32
2.1. Qual o significado de projeção?	33
2.1.1. <i>Refletindo sobre a utilização do termo projetivo.</i>	35
2.2. Como se caracterizam as técnicas projetivas?	36
2.2.1. <i>Estímulos.</i>	36
2.2.2. <i>Respostas.</i>	37
2.2.3. <i>Interpretação das respostas.</i>	40
2.3. Valor e atualidade das técnicas projetivas.	42
2.4. Problemas na utilização das técnicas projetivas.	50
3. Avaliando Dimensões Relacionais	55
3.1. Com o Rorschach e o TAT.	55
3.2. Na teoria da vinculação.	58
4. Contar Histórias	60
4.1. Narrações vs. explicações.	62
4.2. Histórias numa situação projetiva e histórias de vida.	63
5. A “Era Uma Vez... Adultos”	65
5.1. Caracterização e utilização da “Era uma vez... Adultos”	66
6. Concluindo	68
Capítulo 2: O <i>Self</i> e os Outros na Vida dos Adultos	71
Introdução	71
1. O <i>Self</i>	72
1.1. <i>Self</i> e emoção.	73
2. Os Outros	77
3. Erik Erikson	80
3.1. Os oito estádios da teoria do desenvolvimento da personalidade.	85

4. Donald Winnicott	91
5. Teoria da Vinculação	97
5.1. Teoria da vinculação: conceitos fundamentais.	97
5.2. Vinculação na infância.	100
5.3. Vinculação no adulto.....	105
5.3.1. <i>A Adult Attachment Interview</i>	106
5.3.2. <i>Modelo do self e modelo do outro</i>	112
5.3.3. <i>O que caracteriza a vinculação no adulto: um modelo interno dinâmico de vinculação ou vários?</i>	114
5.3.3.1. <i>Diferentes modelos internos dinâmicos do self?</i>	117
6. Teoria Relacional	120
7. Stephen Mitchell.....	122
7.1. As duas teses de Mitchell.	123
7.1.1. <i>A vida dos seres humanos alicerça-se numa matriz relacional</i>	123
7.1.2. <i>A matriz relacional caracteriza-se pelo conflito</i>	125
7.1.2.1. <i>Conflito e padrão de vinculação seguro</i>	128
7.2. A imperfeição e complexidade das relações pais-filhos.	131
7.3. Sexualidade na teoria conflito-relacional.	135
7.4. Idealizações vs. relações.	137
8. Sidney Blatt.....	138
8.1. Internalização.....	141
8.2. Modelo de desenvolvimento da personalidade.	143
8.2.1. <i>Dois tipos de personalidade</i>	146
8.2.1.1. <i>Refletindo sobre os dois tipos de personalidade</i>	148
9. Interligando Conceitos e Concluindo	150
Segunda Parte: A Prova “Era uma vez... Adultos”	153
Capítulo 1: Processo de Criação da “Era Uma Vez... Adultos”	155
1. Cartões	155
2. Cenas.....	167
2.1. Processo de conceptualização das oito categorias.	169
2.1.1. <i>Definição das oito categorias</i>	171
2.1.2. <i>Observações às categorias</i>	174
2.2. Processo de criação das cenas.....	176
2.2.1. <i>Apresentação das cenas</i>	179
3. História Inventada	213

4. Aplicação	215
5. Análise e Interpretação das Respostas	218
5.1. Grelha de análise e interpretação.	219
6. Estudos Exploratórios	266
6.1. Estudo com quatro cartões.....	266
6.1.1. Metodologia.	267
6.1.1.1. Participantes.	267
6.1.1.2. Instrumentos utilizados.....	267
6.1.1.3. Procedimento.	268
6.1.2. Resultados.....	268
6.1.2.1. Cenas escolhidas e sua posição.	269
6.1.2.2. Análise das respostas.	270
6.1.3. Alterações suscitadas pelo primeiro estudo exploratório.	271
6.2. Estudo com sete cartões.	273
6.2.1. Metodologia.	274
6.2.1.1. Participantes.	274
6.2.1.2. Instrumentos utilizados.....	274
6.2.1.3. Procedimento.	275
6.2.2. Resultados.....	276
6.2.2.1. Cenas escolhidas e sua posição.	276
6.2.3. Alterações suscitadas pelo segundo estudo exploratório.....	278
7. Concluindo	279
Capítulo 2: Estudo da “Era uma vez... Adultos”	281
1. Estudo 1	281
1.1. Objetivos.....	281
1.2. Amostra.	283
1.3. Instrumentos utilizados.....	283
1.4. Procedimento.	286
1.5. Resultados do Estudo 1.	288
1.5.1. Conteúdos das verbalizações relativas a cada uma das nove cenas dos sete cartões.	288
1.5.2. Tempo total de aplicação da “Era uma vez... Adultos”.	305
1.5.3. Cartão I Trabalho.	306
1.5.4. Cartão II Fim de semana.....	319
1.5.4.1. Cartão II Fim de semana: Diferenças significativas entre sexos.	330

1.5.5. Cartão III Sexualidade.	332
1.5.5.1. Cartão III Sexualidade: Diferenças significativas entre sexos.	343
1.5.6. Cartão IV Aniversário.	346
1.5.6.1. Cartão IV Aniversário: Diferenças significativas entre sexos.	357
1.5.7. Cartão V Filhos.	359
1.5.7.1. Cartão V Filhos: Diferenças significativas entre sexos.	369
1.5.8. Cartão VI Morte.	371
1.5.8.1. Cartão VI Morte: Diferenças significativas entre sexos.	381
1.5.9. Cartão VII Casamento.	383
1.5.10. História inventada.	393
2. Estudo 2.	397
2.1. Objetivos.	397
2.2. Amostra.	398
2.3. Procedimento.	398
2.4. Resultados do Estudo 2.	400
2.4.1. Precisão intercotadores.	400
3. Estudo 3.	401
3.1. Objetivos.	401
3.2. Amostra.	401
3.3. Procedimento.	401
3.4. Resultados do Estudo 3.	402
3.4.1. Resultados com o NEO-FFI.	402
3.4.1.1. NEO-FFI e Cartão I Trabalho.	404
3.4.1.2. NEO-FFI e Cartão II Fim de semana.	405
3.4.1.3. NEO-FFI e Cartão III Sexualidade.	407
3.4.1.4. NEO-FFI e Cartão IV Aniversário.	411
3.4.1.5. NEO-FFI e Cartão V Filhos.	413
3.4.1.6. NEO-FFI e Cartão VI Morte.	415
3.4.1.7. NEO-FFI e Cartão VII Casamento.	418
3.4.1.8. NEO-FFI e História inventada.	421
3.4.2. Resultados com a CES-D.	422
3.4.2.1. CES-D e Cartão I Trabalho.	423
3.4.2.2. CES-D e Cartão II Fim de semana.	423
3.4.2.3. CES-D e Cartão III Sexualidade.	424
3.4.3. Resultados com o QER.	426

3.4.3.1. <i>QER e Cartão I Trabalho</i>	427
3.4.3.2. <i>QER e Cartão II Fim de semana</i>	430
3.4.3.3. <i>QER e Cartão III Sexualidade</i>	433
3.4.3.4. <i>QER e Cartão IV Aniversário</i>	438
3.4.3.5. <i>QER e Cartão V Filhos</i>	439
3.4.3.6. <i>QER e Cartão VI Morte</i>	441
3.4.3.7. <i>QER e Cartão VII Casamento</i>	446
3.4.3.8. <i>QER e História inventada</i>	448
Capítulo 3: Discussão dos Resultados do Estudo da “Era uma vez... Adultos”.....	453
1. Discussão dos resultados do Estudo 1.....	453
1.1. Conteúdos das verbalizações.....	453
1.2. Dados normativos relativos aos sete cartões e à História inventada.....	455
1.2.1. <i>Categorias, conflito e grau</i>	455
1.2.2. <i>Histórias consonantes com as categorias escolhidas</i>	464
1.2.3. <i>Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras e sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras</i>	465
1.2.4. <i>Grau das histórias e conflito nas histórias</i>	467
1.2.5. <i>Diferenças significativas entre sexos nos sete cartões</i>	470
2. Discussão dos resultados do Estudo 2.....	473
3. Discussão dos resultados do Estudo 3.....	474
3.1. NEO-FFI.....	474
3.2. CES-D.....	487
3.3. QER.....	489
3.4. Reflexões finais sobre o Estudo 3.....	503
Conclusão.....	505
Referências Bibliográficas.....	509
Índice de Figuras.....	533

Introdução Geral

Ao colocar as palavras de Pablo Picasso como epígrafe desta dissertação de doutoramento, pretendeu-se evidenciar o caráter criativo e exploratório deste trabalho, em que se apresenta a criação e estudo de uma nova técnica projetiva denominada “Era uma vez... Adultos”. A “Era uma vez... Adultos” é uma prova projetiva de completamento de histórias e tem como objetivo avaliar representações relacionais, especificamente as relações com o *self* e com os outros.

A ideia desta nova prova nasceu de uma pergunta da autora da prova “Era uma vez...” (Fagulha, 1992), prova projetiva destinada a crianças. A pergunta foi sobre a possibilidade de construir uma “Era uma vez...” para adultos. A autora deste trabalho já conhecia a “Era uma vez...”, tendo realizado a sua dissertação de mestrado sobre essa prova (Estrada, 2007). Havia, pois, um conhecimento prévio das especificidades e potencialidades dessa prova.

A proposta deste trabalho é, então, construir uma versão para adultos de uma prova já existente: a “Era uma vez...”. Os aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da situação projetiva mantêm-se.

Em primeiro lugar, trata-se de uma situação projetiva em que se completam histórias, sendo cada história apresentada num cartão com uma tira em banda desenhada. As temáticas apresentadas em cada cartão contemplam acontecimentos comuns na vida de uma criança: cinco cartões correspondem a situações ansiogêneas (e.g., perder-se da mãe, estar doente, ter dificuldades no contexto da sala de aula) e dois a acontecimentos agradáveis (o dia do aniversário, convívio com pares). No final da

apresentação dos sete cartões, é pedido à criança que conte uma história por ela inventada.

A cada cartão correspondem nove cenas desenhadas, das quais a criança deve escolher três para dar continuação ao episódio apresentado. As nove cenas correspondem a três categorias (Fantasia, Aflição e Realidade), havendo assim três cenas para cada uma das categorias. Em cada cartão as cenas são dispostas em filas de três, formando um quadrado, em que as três categorias alternam e ocupam sempre a mesma posição. O episódio apresentado no cartão vai ser continuado pela escolha e organização em sequência de três dessas nove cenas. A história organizada com as três cenas escolhidas é depois verbalizada.

Este processo de resposta permite dois momentos de elaboração sucessivos. O primeiro está centrado nas cenas escolhidas e na sequência organizada. O segundo está centrado na história criada verbalmente, tendo como base a sequência de cenas.

Assim, a análise das respostas terá igualmente dois momentos. O primeiro baseia-se em critérios objetivos, na medida em que as cenas escolhidas representam categorias pré-estabelecidas, o que facilita o processo de análise e interpretação. O trabalho de estabelecimento de normas com esses dados objetivos foi realizado para a “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 1996a, 1996b). O segundo momento corresponde à análise das verbalizações. Se bem que tenha aspetos bastante objetivos (e.g., o grau de correspondência entre a sequência de cenas e a história verbalizada), este segundo momento apresenta maior complexidade ao procurar identificar e integrar a riqueza da informação que decorre das histórias contadas.

Uma outra característica da situação projetiva “Era uma vez...” e que se reproduz na nova prova diz respeito à atitude mais ativa do investigador: é ele próprio

que, quando apresenta cada cartão, descreve a história representada na tira em banda desenhada do cartão. Esta segunda especificidade tem como objetivo organizar a situação projetiva em termos de um diálogo (uma reciprocidade de intervenção) que facilite o envolvimento dos participantes. Existe, assim, uma colaboração por parte do investigador mais ativa do que é habitual nas técnicas projetivas.

Havendo em comum as características referidas, a nova prova, porque destinada a adultos, apresenta aspetos específicos. As referências teóricas em termos de desenvolvimento são diferentes, fazendo-se referência a teorias do desenvolvimento da vida adulta, muito especialmente à teoria do desenvolvimento da personalidade de Erik Erikson. As categorias das cenas da “Era uma vez... Adultos” foram conceptualizadas com base nos conflitos inerentes aos estádios de desenvolvimento da vida adulta de Erikson (e.g., 1963/1995): intimidade *vs.* isolamento, generatividade *vs.* estagnação. Cada um dos quatro polos foi subdividido em duas dimensões: uma representando a relação com os outros (inter-relacional) e outra representando a relação de cada um consigo próprio (intrarrelacional). Há, assim, oito categorias: duas representando situações de intimidade, duas representando situações de isolamento, duas representando situações de generatividade e duas representando situações de estagnação. Fica de fora uma categoria que apresenta uma situação ligada à temática do cartão em questão, não sendo abrangida pelos conflitos intimidade *vs.* isolamento, generatividade *vs.* estagnação; foi designada como Extra.

As categorias pré-estabelecidas são o próprio foco de avaliação da prova: captar aspetos relacionais. É através da escolha das cenas/categorias, sua organização numa sequência e posterior verbalização de uma história baseada nas cenas/categorias escolhidas que se manifestarão representações relacionais internas.

Uma outra diferença entre a “Era uma vez...” e a nova prova tem a ver com o facto de as histórias nos cartões da “Era uma vez...” apresentarem sempre um conflito explícito, o que não acontece na “Era uma vez... Adultos”. Considera-se que o conflito perpassa a vida, tese largamente fundamentada no modelo conflito-relacional de Stephen Mitchell. E um dos aspetos a considerar na análise das histórias é precisamente a presença/ausência de conflito.

Definidos os pressupostos teóricos, procedeu-se ao início da criação do primeiro material da prova (desenhos dos cartões e das nove cenas correspondentes a cada cartão), começando-se por criar somente quatro cartões com as seguintes temáticas: Fim de semana, Casamento, Filhos, Sexualidade. Logo nesta primeira fase se percebeu que um dos maiores desafios na construção da “Era uma vez... Adultos” era precisamente a criação dos desenhos. Pretendia-se imaginar situações que, numa única imagem, transmitissem os conteúdos relacionais e as tonalidades afetivas correspondentes a cada uma das categorias da prova. Consistiu num trabalho criativo, sempre em confronto com a possibilidade/impossibilidade de concretização em desenho. Este trabalho exigiu uma estreita colaboração com os desenhadores, explorando as várias possibilidades de expressão gráfica das situações e da sua tonalidade afetiva. Foi uma tarefa morosa, sujeita a várias reformulações.

Construída a primeira versão do material, e antes de avançar para produzir mais cartões, era necessário perceber se, e como, esta situação projetiva funcionava com adultos. Realizou-se então um primeiro estudo exploratório com os quatro cartões à data existentes (Fim de semana, Casamento, Filhos, Sexualidade). Os resultados deste estudo constituíram um forte incentivo para a prossecução da construção desta nova prova.

Criaram-se mais três cartões e procedeu-se ao segundo estudo exploratório, a partir do qual se criou a grelha de análise das respostas.

A prova estava então em condições de poder ser estudada. O seu estudo contemplou uma análise da descrição das cenas, a descrição das respostas numa amostra de 160 adultos, uma análise de precisão intercotadores e um estudo de validade.

Passa-se de seguida a apresentar a estrutura deste trabalho. Está dividido em duas partes: “Enquadramento Teórico” e “A Prova “Era Uma Vez... Adultos””.

O “Enquadramento Teórico” abrange dois capítulos. No Capítulo 1, procura responder-se à seguinte pergunta: qual é no século XXI o interesse em criar uma prova projetiva com as características da “Era uma vez... Adultos”? A primeira razão apresentada diz respeito às especificidades e potencialidades da “Era uma vez...”, que justificaram o interesse em construir uma versão para adultos. A segunda razão tem a ver com a atualidade e valor das técnicas projetivas, muito especialmente a sua potencialidade para captar aspetos inconscientes/implícitos/emocionais que fazem parte do funcionamento psicológico dos seres humanos, a par dos aspetos conscientes/explicitos/rationais. Enquanto estes aspetos são melhor avaliados através de medidas diretas, aqueles são melhor avaliados através de medidas indiretas (Schmukle & Egloff, 2005; Weiner & Meyer, 2009; Westen et al., 2010; Wilson, 2002), grupo na qual se inclui a “Era uma vez... Adultos”. A terceira razão é a utilização de técnicas projetivas na avaliação de dimensões relacionais, sendo que os resultados obtidos trazem novas informações a este domínio de investigação (e.g., Blatt, 2008). A quarta razão tem a ver com o facto de a “Era uma vez... Adultos” ser uma prova de completamento de histórias e as histórias revelarem explicações pessoais sobre a

realidade, a forma como as pessoas representam e compreendem o mundo interno e externo (e.g., McAdams, 1993). A quinta razão tem a ver com a necessidade de se construírem novos instrumentos de avaliação (Greene, 2006).

O Capítulo 2 reúne as perspectivas teóricas que subjazem à criação da “Era uma vez... Adultos”. Inicia-se o capítulo com algumas ideias essenciais sobre o *self* e sobre a centralidade dos outros nas nossas vidas. Depois são abordados determinados autores e teorias: Erik Erikson, Donald Winnicott, Teoria da Vinculação, Teoria Relacional, Stephen Mitchell e Sidney Blatt. De uma forma muito sintética, as principais ideias apresentadas no Capítulo 2 são as seguintes:

- a vida adulta desenrola-se à volta de dois processos psicológicos e comportamentais: a criação e estabelecimento de relações íntimas (intimidade); a capacidade de criar/construir/cuidar (generatividade);

- esses dois processos reproduzem, em parte, duas linhas de desenvolvimento do ser humano: o estar em relação e a individualidade;

- as relações com o *self* e com os outros caracterizam-se pelo conflito;

- os seres humanos constroem ao longo da sua vida representações relacionais do *self* e dos outros.

A Segunda Parte do trabalho, intitulada “A Prova “Era uma vez... Adultos””, é constituída por três capítulos: no Capítulo 1 apresenta-se o processo de criação da “Era uma vez... Adultos”, no Capítulo 2 apresenta-se o estudo da prova e no Capítulo 3 apresenta-se a discussão dos resultados.

No Capítulo 1, apresenta-se o material da prova: os sete cartões e as nove cenas de cada cartão. A prova é constituída por sete cartões que retratam uma temática da vida adulta: Trabalho, Fim de semana, Sexualidade, Aniversário, Filhos, Morte, Casamento. É também apresentada a grelha de análise das respostas. A análise das respostas contempla alguns aspetos objetivos: categoria das cenas escolhidas e sequência organizada com essas cenas. A grelha de análise inclui ainda um conjunto de itens relativos à reação do participante face à situação projetiva e outro conjunto de itens relativos à história, subdividido em dois subconjuntos: subconjunto de itens relativos à ligação da história com as categorias e subconjunto de itens relativos à elaboração da história. Todos estes itens foram concebidos com o objetivo de contemplar na análise toda a informação que se obtém durante a aplicação da prova.

O Capítulo 1 termina com a apresentação dos dois estudos exploratórios que contribuíram para a construção da prova. O primeiro estudo surge, como já foi referido, logo no início deste trabalho. Foi realizado unicamente com quatro cartões e numa amostra de conveniência constituída por 20 participantes: 10 homens e 10 mulheres. O objetivo principal do estudo foi, como também se referiu, verificar a reação dos adultos a uma situação projetiva com estas características. Pretendia-se também verificar se os desenhos correspondiam à intenção que presidira à sua criação, ou seja, se os participantes os descreviam, ao contar as histórias, de acordo com as categorias criadas. Os resultados obtidos conduziram à necessidade de algumas alterações que facilitaram a criação e desenho das cenas dos restantes três cartões. Pretendia-se ainda verificar se havia variabilidade na escolha das cenas e nas sequências, o que sucedeu.

Um segundo estudo exploratório, já com os sete cartões e utilizando uma amostra com características semelhantes, teve resultados satisfatórios que levaram

apenas a pequenas alterações. A alteração mais importante foi passar a dispor as cenas/categorias de forma diferente em cada cartão. Até esse estudo exploratório, as cenas/categorias eram colocadas sempre na mesma posição em cada cartão, tal como acontecia na “Era uma vez...”. Nesta prova, a cada categoria correspondem três cenas desenhadas, enquanto na “Era uma vez... Adultos” a cada categoria corresponde uma única cena desenhada, representando situações muito semelhantes, se bem que adaptadas à temática de cada cartão. Porque a apresentação sucessiva das cenas desenhadas na mesma posição facilitava o seu reconhecimento, optou-se por organizar as categorias numa disposição diferente para cada um dos sete cartões. Assim, por exemplo, a categoria Generatividade 2 (que representa o investimento no *self*) ocupa diferentes posições no conjunto dos sete cartões: no Cartão I Trabalho está na posição 1, no Cartão II Fim de semana está na posição 6, no Cartão III Sexualidade está na posição 4, no Cartão IV Aniversário está na posição 8, no Cartão V Filhos está na posição 6, no Cartão VI Morte está na posição 9 e no Cartão VII Casamento está na posição 5.

No Capítulo 2, apresenta-se o estudo da “Era uma vez Adultos...” com uma amostra de conveniência extraída da população geral. A amostra é constituída por 160 participantes: 80 homens e 80 mulheres. O capítulo está dividido em três pontos que correspondem a três estudos.

O primeiro ponto corresponde ao Estudo 1. Começa-se pela apresentação dos conteúdos das verbalizações relativas a cada uma das nove cenas de cada cartão. Fica-se, assim, a conhecer os significados atribuídos pelos participantes às cenas e a perceber se os significados atribuídos correspondem à intenção subjacente à criação das cenas. Avança-se depois para um subponto bastante extenso, em que se apresentam os principais dados relativos às respostas em cada um dos sete cartões da “Era uma vez...”

Adultos” e na História inventada. Há aspetos objetivos: cenas/categorias escolhidas e sua sequência. São indicadas as percentagens das categorias de cenas escolhidas em cada posição da sequência e depois na globalidade do cartão. Há depois aspetos relativos às histórias verbalizadas: categorias das verbalizações, histórias consonantes com as categorias escolhidas, sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras, sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras, conflito nas histórias, grau das histórias. Todos estes dados constituem uma primeira base de dados normativos da “Era uma vez... Adultos”. No Estudo 1 são também apresentadas as diferenças estatisticamente significativas entre sexos nas respostas da prova.

O segundo ponto corresponde ao Estudo 2. Consiste num estudo de precisão intercotadores relativo aos seguintes aspetos das histórias verbalizadas: categorias das histórias dos sete cartões, categorias da História inventada, conflito nas histórias, grau das histórias. Estes são os aspetos menos objetivos na análise das respostas, daí a necessidade de comparar a análise de diferentes avaliadores relativamente às mesmas respostas. Dado que, como em qualquer técnica projetiva de contar histórias, a sua análise requer um conhecimento aprofundado das teorias subjacentes e sua operacionalização na situação concreta, só foi possível realizar o estudo com dois avaliadores.

Por fim, o terceiro ponto corresponde ao Estudo 3. Consiste num estudo de validação da prova. Simultaneamente com a “Era uma vez... Adultos”, foram aplicados três questionários: versões portuguesas do NEO-FFI (Magalhães et al., 2012), CES-D (Gonçalves & Fagulha, 2003) e QER (Moreira, 2000)¹. A partir dos resultados desses questionários, formaram-se 24 grupos de acordo com o valor da mediana em cada um dos questionários: 10 grupos relativos às cinco dimensões do NEO-FFI (cinco grupos de

¹ Os três questionários são descritos no Capítulo 2 da Segunda Parte.

participantes com um resultado na mediana ou abaixo e cinco grupos de participantes com um resultado acima da mediana); dois grupos relativos à CES-D (um grupo de participantes com um resultado na mediana ou abaixo e um grupo de participantes com um resultado acima da mediana); 12 grupos relativos aos seis fatores do QER (seis grupos de participantes com um resultado na mediana ou abaixo e seis grupos de participantes com um resultado acima da mediana). Para cada uma das dimensões, compararam-se os resultados dos grupos de participantes com um resultado na mediana ou abaixo com os do grupo de participantes com um resultado acima da mediana. Analisou-se a relação entre os resultados assim dicotomizados e os seguintes aspetos das respostas à prova: categorias escolhidas, categorias das verbalizações, conflito nas histórias, grau das histórias. São apresentados os resultados estatisticamente significativos.

No Capítulo 3, apresenta-se uma discussão dos resultados dos três estudos. Relativamente ao Estudo 1, faz-se uma interpretação dos resultados obtidos nos sete cartões e na História inventada. Discutem-se também as diferenças entre sexos que foram encontradas. Em relação ao Estudo 2, discute-se a diferença de graus de concordância obtidos nos diferentes itens da prova que foram analisados. Os diferentes graus de concordância obtidos são interpretados com base no funcionamento da prova. O Capítulo 3 termina com a discussão do Estudo 3: faz-se uma discussão mais detalhada dos resultados encontrados em cada questionário, seguida de uma apreciação global dos resultados.

Por fim, é apresentada uma avaliação global do trabalho concluído. São apontadas algumas limitações e indicadas direções futuras

Primeira Parte: Enquadramento Teórico

Capítulo 1: Da “Era Uma Vez...” à “Era Uma Vez... Adultos”

Introdução

Como foi referido na introdução geral a este trabalho, o objetivo aqui proposto é a criação e estudo de uma prova projetiva de completamento de histórias para a idade adulta, denominada “Era uma vez... Adultos”.

Não se está a criar uma prova projetiva a partir do vazio, mas sim uma prova equivalente à “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 1994, 2002, 2008), cujas características específicas e potencialidades conduziram ao objetivo de construir uma versão para ser utilizada com adultos.

Assim, a “Era uma vez... Adultos” reproduz a estrutura e funcionamento da “Era uma vez...”, mas o que se pretende avaliar é diferente, sendo também diferentes as histórias, as categorias, os parâmetros de análise. O objetivo da “Era uma vez... Adultos” é avaliar representações relacionais, especificamente as relações com o *self* e com os outros. As histórias que se apresentam para serem completadas dizem respeito a situações da vida dos adultos. Na conceptualização das categorias, parte-se dos estádios de desenvolvimento da vida adulta de Erikson, tendo ainda como base teórica outros autores e teorias. Os parâmetros de análise têm em conta toda a conceptualização da prova, bem como o seu próprio funcionamento. Todos estes pontos serão desenvolvidos ao longo deste trabalho.

Neste capítulo, procurar-se-á responder à seguinte pergunta: qual é no século XXI o interesse em criar uma prova projetiva de completamento de histórias para a

idade adulta, com as características da “Era uma vez... Adultos”? Em resposta, começa-se por apresentar a “Era uma vez...”, salientando as características distintivas do seu funcionamento que justificaram o interesse em construir uma versão para adultos. No segundo ponto do capítulo, fundamenta-se a escolha por uma situação projetiva. Começa-se por explicar o significado de projeção, a seguir avança-se para a caracterização das técnicas projetivas, passando depois para o tópico mais importante que diz respeito ao valor e à atualidade das técnicas projetivas, terminando com a referência a alguns problemas que se colocam à sua utilização. No terceiro ponto, faz-se referência a alguma investigação no campo da avaliação de dimensões relacionais com técnicas projetivas, investigação que influenciou a criação da “Era uma vez... Adultos”. No quarto, analisa-se a importância de contar histórias na vida dos seres humanos e a potencialidade de as histórias nos darem a conhecer as pessoas. No quinto ponto, culmina a justificação da criação da “Era uma vez... Adultos” como instrumento de avaliação na investigação atual. E conclui-se o capítulo expondo algumas reflexões finais sobre a investigação com técnicas projetivas e alguns princípios básicos sobre a avaliação.

1. A “Era Uma Vez...”

Neste ponto, faz-se uma descrição da “Era uma vez...” e mostra-se as suas características específicas e potencialidades, que conduziram ao objetivo de construir uma versão para adultos.

1.1. Apresentação da “Era uma vez...”.

A “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 1994, 2002, 2008) é uma prova projetiva de completamento de histórias. Destina-se a crianças entre os 5 e os 11 anos, tendo como objetivo estudar a forma como as crianças elaboram as suas emoções, especificamente a ansiedade e o prazer. Situa-se no quadro das teorias psicodinâmicas, apoiando-se particularmente nas ideias de Sigmund Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott. Utiliza de uma forma original elementos já presentes em outras técnicas projetivas, tal como desenhos, escolha de desenhos, histórias para organizar e/ou completar (vejam-se as diferentes provas referidas por Fagulha (1992), nas quais se podem encontrar aqueles elementos).

No que diz especificamente respeito à “Era uma vez...”, é uma prova composta por cartões em banda desenhada, que relatam episódios comuns da vida de uma criança. Os cartões apresentam graficamente as histórias numa tira de três desenhos. Em todas as histórias dos cartões há uma personagem principal a quem acontece algo: uma menina na versão feminina e um menino na versão masculina.

Os estímulos não consistem apenas nos cartões sobre episódios da vida de uma criança, já que cada um desses cartões é acompanhado por nove cenas para dar continuidade à história do respetivo cartão. As nove cenas desenhadas com situações diferentes constituem também estímulos que a criança vai escolher e utilizar para construir a sua história.

Esclareça-se que os estímulos não são ambíguos, como acontece, por exemplo, com o Rorschach, uma das técnicas projetivas mais conhecidas e utilizadas (Butcher, 2009). Originalmente concebida no início do século XX pelo psiquiatra suíço Hermann Rorschach, é constituída por um conjunto de 10 cartões com manchas de tinta, sendo

pedido aos participantes para dizerem o que veem naquelas manchas; na interpretação das respostas reconhecem-se características da personalidade (Anzieu & Chabert, 1961/2011; Rabin, 1981; Semeonoff, 1976). Já aquilo que a “Era uma vez...” avalia é de que forma os estímulos são usados para construir uma história (cf. Arnold, 1970).

As nove cenas desenhadas representam diversas maneiras de lidar com as emoções despertadas pelos cartões e integram-se em três categorias: Aflição, Fantasia e Realidade. Cada uma destas categorias engloba três cenas. As cenas da categoria Aflição correspondem a situações emocionais perturbadoras; subdivide-se em cenas de Aflição, em que a emoção negativa permanece, e de Muita Aflição, em que a emoção negativa é intensificada. As cenas da categoria Fantasia dizem respeito a situações em que surge uma fantasia como forma de lidar com a emoção perturbadora; subdivide-se em Fantasia Viável e Fantasia Mágica. Por fim, as cenas da categoria Realidade representam situações em que se lida de forma realista com as emoções, incluindo estratégias de ação. Estas categorias repetem-se em todos os cartões.

Existe ainda um outro cartão – Cartão FIM, em que aparece o retrato da personagem. Mostra-se à criança depois de se terem apresentado os outros cartões e pede-se-lhe que crie ela própria um episódio que pudesse ter acontecido à personagem.

A primeira tarefa que é pedida à criança é para escolher três cenas das nove que lhe são apresentadas para, assim, completar a história do cartão. A criança precisa observar as cenas e depois retirar com a sua mão as três que escolhe. Inicialmente a atividade da criança é apenas visual e motora, só posteriormente é pedido para verbalizar a história com as cenas escolhidas.

Visto que a criança escolhe três cenas para completar a história do cartão, é preciso ter em consideração não só as cenas escolhidas e a sua respetiva categoria, como também a posição em que se encontra cada cena e a sua sequência. Assim,

A forma como [a criança] dá continuação aos diferentes episódios permite-nos descrever os seus mecanismos de regulação da vida afectiva. Estes manifestam-se, não só pela categoria das Cenas que escolhe (Aflição, Fantasia ou Realidade), mas ainda pela sequência em que, num movimento associativo, essa escolha é feita. (Fagulha, 2002, p. 12)

A aplicação da prova processa-se através das seguintes fases (Fagulha, 2002):

- a pessoa que está a aplicar a prova e a criança estão sentadas lado a lado em frente a uma mesa, com a criança à esquerda do investigador;

- apresenta-se o cartão à criança e conta-se a história, apontando para os respetivos desenhos;

- dispõem-se as nove cenas do lado direito do cartão e pede-se à criança para escolher três para completar a história;

- depois de efetuada a escolha, retiram-se as restantes cenas;

- volta-se a contar a história do cartão e pede-se à criança para continuar a sua com as cenas que escolheu;

- depois da exibição de todos os cartões, é apresentado o Cartão FIM.

A aplicação da prova fornece vários dados para serem analisados: as cenas escolhidas que são três, a categoria em que se inserem, a posição das cenas, a sua

sequência, a história verbalizada e as atitudes da criança ao longo da aplicação da prova. Para interpretar todos esses dados, existe uma “Folha de Análise das Respostas”, composta por 87 itens organizados em quatro partes: “Atitude”, “Sequências das cenas”, “Sequência da história”, “Aspectos formais e de conteúdo” (Fagulha, 2002). A “Atitude” (itens 1 a 6) diz respeito a possíveis comportamentos da criança ao longo da prova. Na “Sequência das cenas” (itens 7 a 27), anota-se a categoria e posição das cenas escolhidas, bem como algumas particularidades dessas escolhas. As outras duas partes “Sequência da história” (itens 28 a 41) e “Aspectos formais e de conteúdo” (itens 42 a 87) permitem analisar a história verbalizada.

1.2. Características específicas e potencialidades da “Era uma vez...”.

Feita a descrição da prova, conclui-se que a “Era uma vez...” apresenta algumas características que a distinguem de outras provas projetivas de complemento de histórias. E desenvolve de modo específico características que se encontram noutras provas.

Começa-se pela característica que se considera mais inovadora e interessante da “Era uma vez...”: a existência de cenas às quais estão subjacentes determinadas categorias. Como já foi referido, cada cartão é acompanhado por um conjunto de nove cenas que representam categorias específicas: Aflição, Fantasia e Realidade. Estas categorias configuram diferentes formas de elaborar as emoções, sendo que avaliar a elaboração das emoções constitui o objetivo da prova.

Com as categorias, consegue-se a focagem nas dimensões a avaliar e torna-se mais simples determinar a validade dos resultados. Por exemplo, a existência de

cenar/categorias facilita o estabelecimento de objetivos de validação, que contribuem para verificar a validade de uma técnica projetiva (Macfarlane & Tuddenham, 1961). Um objetivo de validação da “Era uma vez...” podia ser formulado através de uma pergunta como: “As crianças de 11 anos que apresentam dificuldades de socialização escolhem com mais frequência a categoria Fantasia nas respostas à “Era uma vez...”?” (cf. Macfarlane & Tuddenham, 1961). Fica também facilitado estabelecer relações entre as respostas à “Era uma vez...” e resultados de outras escalas, outra forma de validação de uma prova.

Ao mesmo tempo, as cenas/categorias delimitam as respostas possíveis, o que facilita a interpretação, e constituem uma espécie de guia de análise que ajuda a interpretar e classificar as respostas.

Em suma, pode considerar-se que as cenas operam como um mecanismo de seleção de respostas, trazendo algum controlo àquilo que se está a avaliar, contribuindo para ajudar tanto na interpretação como na demonstração da validade dos resultados (cf. Catell, 1961).

Por outro lado, a variedade de resultados não se perde, já que há diferentes possibilidades de escolha – nove cenas – e as suas combinações são múltiplas: 504 (ver Pires (2001) para o estudo e classificação das sequências de cenas da “Era uma vez...”).

Saliente-se ainda que o facto de os participantes terem de fazer uma escolha é uma tarefa a que as técnicas projetivas procuram conduzir (Singer, 1981), já que têm como objetivo avaliar essas escolhas, assumindo-se que elas dizem alguma coisa sobre as pessoas.

Além dessa possibilidade/tarefa de escolha – escolher três cenas –, encontra-se também na “Era uma vez...” a possibilidade/tarefa de organização dessas mesmas cenas. A forma como a criança as organiza está patente na sequência e posteriormente na história que ela constrói. A organização externa revelará a própria organização interna da criança, a forma como ela lida emocionalmente com as situações de ansiedade e prazer (Fagulha, 2002).

Por fim, a existência de cenas é atrativa para as crianças que se mostram curiosas em relação a todos aqueles desenhos que lhes são apresentados. Completar as histórias dos cartões através da escolha de cenas é uma atividade que as cativa. Um estudo realizado com a “Era uma vez...” pela autora deste trabalho (Estrada, 2007, 2008) permitiu observar *in loco* a aceitação e entusiasmo das crianças perante a prova.

Decorrente da existência das cenas, surge uma segunda característica distintiva da “Era uma vez...”: a prova oferece a possibilidade de uma dupla resposta. Primeiro, há a escolha e organização das cenas; depois a verbalização da história. Assim, a prova não está dependente exclusivamente da verbalização (Fagulha, 1994).

Outra característica da “Era uma vez...”, comum às técnicas projetivas, tem a ver com o facto de a prova se fundar na criação de um espaço transicional (Winnicott, 1971/1975)². A prova faz um convite para que a criança entre num mundo que não é uma fantasia criada por ela e também não é a realidade. É um convite ele mesmo envolto em fantasia – a fantasia de uma história que se apresenta, a fantasia de formas para completar essa história – e um convite que incita à fantasia – a fantasia da história que se vai contar.

² O conceito de espaço transicional de Winnicott será retomado e aprofundado no ponto 4. do Capítulo 2 da Primeira Parte deste trabalho.

Como referem Anzieu e Chabert (1961/2011),

on peut considérer que la situation projective est susceptible de solliciter des conduites qui s'apparentent aux phénomènes transitionnels. Comme eux, le test projectif se définit par l'appel à un double mode de fonctionnement: référence au réel, recours à l'imaginaire. Les objets figurés sur les planches sont identifiées comme formes banales, proches du réel et en même temps investis comme support d'un scénario fantasmatique, d'un système de représentations et d'affects dont la connotation subjective et l'appartenance au domaine de l'illusion sont admises par le sujet. (p. 26)

No caso específico da “Era uma vez...”, a existência de cenas, o seu manuseamento (como sublinha Fagulha (1994), existe a possibilidade de manusear o próprio material da prova) e a escolha – características distintivas desta prova – são mais um contributo para a criação de um espaço transicional. Ao escolher as cenas para completar a história, a criança faz com as suas próprias mãos uma história que depois conta com as suas palavras. Neste sentido, pode dizer-se que a “Era uma vez...” reproduz, de certa forma, o brincar de Winnicott, que nos diz que brincar é fazer. E na “Era uma vez...” conjugam-se diferentes modos de brincar: manusear, escolher, construir, contar.

Em suma, as respostas à “Era uma vez...” são, ao mesmo tempo, fantasias lúdicas e criativas, configurando um espaço transicional que é, para Winnicott, a área de elaboração emocional da experiência.

Uma quarta característica da “Era uma vez...” diz respeito à espécie de diálogo que se estabelece entre o investigador e a criança, tanto pelo facto de a criança completar o “diálogo” que o investigador inicia, colaborando na sua continuação, como também pela posição em que ambos se encontram – lado a lado. Assim, a prova adquire um cariz relacional que não é comum nas provas psicológicas, mesmo nas projetivas.

Todas estas características contribuem para a aplicabilidade e utilidade da “Era uma vez...” quer no contexto clínico quer na investigação quantitativa (e.g., Fagulha, 1992, 2002; Fagulha & Silva, 1996; Pires, 2001). Também justificam e incentivam a continuação do seu estudo em diferentes linhas de investigação que se encontram sistematizadas em Fagulha (2008).

É, pois, tendo em conta as potencialidades da “Era uma vez...” que surge a ideia de construir uma versão para ser utilizada com adultos, acrescentando-se ainda outras razões, referidas nos pontos que se seguem.

2. A Escolha de uma Situação Projetiva

Volta-se à pergunta colocada no início deste capítulo: qual é no século XXI o interesse em criar uma prova projetiva de complemento de histórias para a idade adulta? A primeira resposta teve em conta a relação de filiação estabelecida entre a “Era uma vez...” e a “Era uma vez... Adultos”. Acrescenta-se agora outra razão: a utilização das técnicas projetivas como forma de obter informação sobre o que as pessoas sentem, pensam e fazem.

Para explicar essa razão, não se vai traçar a história das técnicas projetivas nem fazer a sua listagem nem apresentar especificamente nenhuma delas (para isso veja-se, por exemplo, Anderson & Anderson (Eds.), 1961; Anzieu & Chabert, 1961/2011; Rabin (Ed.), 1981; Semeonoff, 1976). Vai, sim, começar-se por responder a duas perguntas consideradas importantes para um melhor entendimento do que é uma situação projetiva: qual o significado de projeção e como se caracterizam as técnicas projetivas. Depois avança-se para o tópico mais importante: o valor e a atualidade das técnicas

projetivas. Termina-se com a referência a alguns problemas que se colocam à sua utilização.

2.1. Qual o significado de projeção?

O conceito de projeção é utilizado por Freud para designar a “operação pela qual o indivíduo expulsa de si próprio e localiza no outro, pessoa ou coisa, qualidades, sentimentos, desejos, e mesmo «objectos», que ele desdenha ou recusa em si” (Laplanche & Pontalis, 1975, p. 478). Neste sentido, a projeção é considerada um mecanismo de defesa.

Alguns investigadores do campo das técnicas projetivas partilham esse significado de projeção (Anderson, 1961). No entanto, a maior parte das vezes o conceito de projeção nas técnicas projetivas adquire um significado diferente, sendo utilizado para fazer referência a um processo psicológico distinto do mecanismo de defesa. Esse processo psicológico diz respeito ao facto de os seres humanos percecionarem e responderem às diferentes situações de vida tendo como base as suas emoções, motivações, expetativas, objetivos, fantasias, etc. (e.g., Anzieu & Chabert, 1961/2011; Laplanche & Pontalis, 1975).

Segundo Lawrence K. Frank (1890-1968), um dos primeiros investigadores a escrever de forma mais sistemática sobre as técnicas projetivas, estas oferecem ao indivíduo “the opportunity to invest situations with his own meaning, to impose upon them his own values and significance, especially affective significance” (Frank, 1948, p. 47). Semeonoff (1976) define uma situação projetiva como um “method of inquiry

based on self-revelation through the handling of perceptual or other structured stimulus or situation” (p. vii).

Tendo em conta este segundo significado de projeção, Rabin (1981) considera que o termo poderia ser substituído pelo de *externalização*. Este termo seria mais adequado para descrever aquele processo psicológico, não se confundiria com a projeção freudiana e esta poderia continuar a ser avaliada como mecanismo de defesa nas próprias respostas às técnicas projetivas, sem se confundir com o adjetivo (*projetivas*) que caracteriza as próprias técnicas.

Repare-se também que o segundo significado de projeção é muito abrangente, englobando todas as situações de vida de um ser humano. Por esta razão, Rabin (1981) afirma que: “In the broader sense of projection a person is “projecting” all the time when he perceives and responds to the environment as an individual with personal needs, motivations, and unique tendencies” (p. 10).

A projeção é, então, um processo subjetivamente marcado: tudo aquilo que a pessoa diz sobre o que quer que seja tem a sua marca pessoal. É essa marca que as técnicas projetivas avaliam, aproximando-se assim da perspectiva fenomenológica que se interessa por estudar a percepção que cada ser humano constrói do mundo, a sua percepção subjetiva (cf. Beck, 1981). Como refere Teglassi (1993), “Phenomenology represents the individual’s subjective experiences and has a complex set of determinants, including an individual’s life experiences and all of the factors constituting the capacity to organize those experiences” (p. 58).

Está também presente no significado de projeção a ideia de que as pessoas dão sentido àquilo que as rodeia, organizam e interpretam os estímulos que as circundam.

A ideia da mente humana como criadora de sentido (Mitchell, 1988) está presente numa situação projetiva e na fenomenologia. E, interessantemente, no campo das neurociências têm sido efetuados estudos que mostram que o cérebro é um órgão produtor de sentido, sendo que a emoção detém um papel fundamental nessa produção de sentido (Bretherton & Munholland, 2008).

2.1.1. Refletindo sobre a utilização do termo projetivo.

Recentemente tem sido questionado o uso do termo *projetivo* para classificar as técnicas que se tem vindo a descrever, bem como o termo *objetivo* para classificar os testes de papel e lápis (Bornstein, 1999; Meyer, 1997; Meyer & Kurtz, 2006).

Como já foi referido, a utilização do termo projetivo evoca o sentido freudiano de projeção, que tem pouco a ver com o que se passa numa situação projetiva (ainda que possa surgir como mecanismo de defesa). E mesmo o sentido de projeção de Frank pode levar a pensar que as características da personalidade surgem independentemente do estilo de resposta, quando se tem observado que a forma das respostas também dever ser avaliada (Meyer, 1997; Meyer & Kurtz, 2006).

Além disso, o termo projetivo sugere que o funcionamento destas técnicas está eivado de subjetividade e não é factual, enquanto o termo objetivo já denota precisão e factualidade (Meyer, 1997). Ora, os dois tipos de instrumentos de avaliação são igualmente factuais, ainda que avaliem diferentes aspetos da personalidade³, e ambos são imperfeitos na avaliação dos seus constructos (Meyer, 1997).

³ Este assunto será aprofundado em 2.3.

Meyer e Kurtz (2006) consideram ainda que o termo projetivo se aplica a técnicas que são muito diferentes umas das outras⁴. E defendem que classificá-las como projetivas não permite dar conta dessa diversidade.

Tendo em conta tudo isto, sugere-se que os chamados testes objetivos sejam denominados “self-report inventories” e as chamadas técnicas projetivas sejam apelidadas de “performance tasks” ou simplesmente referidas pelo seu nome (Meyer & Kurtz, 2006, p. 224).

Apesar de se concordar com as críticas à utilização do termo projetivo, pensa-se que substituí-lo por outro é esvaziá-lo da sua história, que está de facto ligada a Freud, à psicanálise, à ideia de que parte do funcionamento mental é resultado de processos inconscientes. Por estas razões, mantém-se ao longo deste trabalho o emprego do termo projetivo.

2.2. Como se caracterizam as técnicas projetivas?

Rabin (1981) considera que há três elementos fundamentais que caracterizam as técnicas projetivas: os estímulos apresentados, as respostas a esses estímulos e a interpretação das respostas.

2.2.1. Estímulos.

Os estímulos podem ser muito variados (Semeonoff, 1976):

- visuais, como um desenho ou uma mancha de tinta;

⁴ Como será exemplificado no ponto 2.2.

- verbais, como o completamento de frases;
- concretos, ou seja, objetos como, por exemplo, um brinquedo;
- de outras modalidades.

Especificamente os estímulos visuais variam no seu grau de representação da realidade, podendo esse grau ser maior, como nas fotografias, ou menor, como nas manchas de tinta (Semeonoff, 1976).

Saliente-se que os estímulos utilizados numa situação projetiva não obrigam o participante a responder de uma determinada forma, antes lhe conferem liberdade (Rabin, 1981), proporcionando respostas abertas e que expressam a individualidade do participante (Teglasi, 1993, 2001). Anzieu e Chabert (1961/2011) chamam a atenção para o facto de a liberdade concedida ao participante ser, ao mesmo tempo, uma imposição, já que “Il est condamné à être libre, c’est à dire à se révéler lui même” (p. 23).

2.2.2. Respostas.

De acordo com Semeonoff (1976), existem quatro tipos de respostas aos estímulos:

- associação, que caracteriza as provas de associação de palavras;
- interpretação, que surge na maior parte das técnicas projetivas, uma vez que o participante é livre de fornecer a resposta que quiser;

- manipulação, o que implica o manuseamento de materiais, podendo a resposta ser uma criação ou construção de um objeto;

- escolha, que envolve escolher e/ou organizar estímulos.

A partir dos estímulos, o participante tem liberdade de associar, interpretar, contar, construir, organizar, escolher – consoante a técnica projetiva (Semeonoff, 1976).

É de salientar que as respostas são afetadas em menor grau pela desejabilidade social, o que constitui uma vantagem das técnicas projetivas (Meyer, 1997). Tal sucede porque as características do estímulo e o tipo de tarefa solicitada levam a que o participante não tenha completa consciência das dimensões que estão a ser avaliadas numa situação projetiva (Meyer, 1997; Rabin, 1981; Semeonoff, 1976).

Por fim, as respostas aos estímulos das técnicas projetivas pressupõem que os participantes aceitem entrar numa espécie de jogo de faz de conta. Aliás, as técnicas projetivas são caracterizadas por Murray (1961) como uma forma de fazer de conta: “in a projective test the subject is obediently playing a game of “make-believe”” (p. xii). Murray também sublinha que as respostas às técnicas projetivas incluem: “imaginative, make-believe projections of constituents that are unrepressed and conscious, and of constituents that are acceptable or even admirable to the subject” (p. xiii).

Esta ideia de que as provas projetivas são uma espécie de fazer de conta evoca o conceito de espaço transicional winnicottiano⁵. Ao mesmo tempo, também evoca o conceito de fantasia. Este conceito, tal como o de projeção, também tem diferentes significados.

⁵ Este conceito foi referido no ponto 1.2. deste capítulo e será retomado no ponto 4. do capítulo seguinte.

Dentro da teorização psicanalítica, existem duas aceções do conceito de fantasia. Uma diz respeito às fantasias que derivam de instintos ou impulsos sexuais e agressivos (Freud, 1914/2000). Outra corresponde ao mecanismo de defesa da fantasia, em que se recorre à fantasia para lidar com situações de ansiedade ou de grande perturbação emocional (A. Freud, 1936/1973; Cramer, 1991; Vaillant, 1992).

Na primeira aceção, a fantasia corresponde a desejos inconscientes/instintos/impulsos, que são considerados inaceitáveis pelo indivíduo e, por isso, não se manifestam diretamente. Assim, essas fantasias surgem na mente do sujeito envoltas em processos defensivos, que as tornam mais admissíveis à consciência (Laplanche & Pontalis, 1975; Sandler, 1994). A fantasia pode, assim, ser definida como uma “Encenação imaginária em que o indivíduo está presente e que figura, de modo mais ou menos deformado pelos processos defensivos, a realização de um desejo” (Laplanche & Pontalis, 1975, p. 228). Um exemplo clássico de fantasia é o desejo edipiano (Bateman & Holmes, 1998; Braconnier, 2000).

Como mecanismo de defesa, surge quando as pessoas lidam com conflitos emocionais ou fatores de stress internos ou externos, elaborando uma fantasia que funciona como refúgio da realidade interna ou externa que as perturba; essa fantasia consiste num substituto de relações interpessoais, de formas efetivas de resolução dos problemas ou de desejos individuais (American Psychiatric Association, 2002; Vaillant, 1992).

De fora destas duas aceções, fica a fantasia que surge no brincar, muito particularmente no brincar ao faz de conta. Aqui a fantasia diz respeito à capacidade de criar, aproximando-se do conceito de imaginação. Aliás Winnicott (1971/1975), opõe o

fantasiar ao imaginar: o fantasiar traduz-se numa fuga à realidade; o imaginar constitui um espaço de experimentação e criatividade.

Em suma, o termo fantasia pode corresponder a um desejo inconsciente, a um mecanismo de defesa ou à capacidade imaginativa/criativa. Todos esses significados de fantasia podem ser encontrados numa situação projetiva.

2.2.3. Interpretação das respostas.

A interpretação constitui a fase mais complexa das técnicas projetivas, sendo também a que tem sido alvo de maior número de críticas.

A complexidade da interpretação está patente na coexistência de vários sistemas de interpretação dos resultados do mesmo instrumento. Exemplificamos com o *Thematic Apperception Test* (TAT). O TAT foi criado por Henry Murray e Christiana Morgan em 1935. É um teste projetivo temático, constituído por estímulos visuais – desenhos com figuras humanas em diferentes situações; é pedido aos participantes para construírem uma história, descrevendo o que se passa no desenho, o que causou aquela situação, o que sentem e pensam as personagens e qual o desfecho da situação (Anzieu & Chabert, 1961/2011; Semeonoff, 1976). Anzieu e Chabert (1961/2011) apresentam seis diferentes sistemas interpretativos do TAT – de Murray, Tomkins, Aron, Piotrowski, Belaak e Shentoub. A esses pode-se acrescentar os de Arnold (1970), Dana (1982), Ávila Espada (1986), sendo que se encontram ainda outras perspectivas de interpretação em Teglassi (1993) e Cramer (1996).

Qual a razão desta multiplicidade? A resposta reside nas próprias características de uma situação projetiva: a liberdade que caracteriza a tarefa do participante e a

riqueza das respostas, nas quais transparecem diferentes variáveis da personalidade (Cramer, 1996; Teglassi, 1993). As duas características permitem que seja possível fazer diferentes leituras das respostas (Cramer, 1996; Teglassi, 1993).

Na interpretação das respostas, é também importante ter em conta o tipo de abordagem – idiográfica ou nomotética – em que se enquadra a utilização da técnica projetiva.

A abordagem idiográfica é utilizada no contexto clínico, sendo que a interpretação mais adequada das respostas será aquela que melhor permite conhecer e ajudar o paciente (Cramer, 1996). Mesmo assim, importa ressaltar que são necessários elementos provenientes de outras fontes de informação – questionários, observações, dados autobiográficos, etc. – para conseguir fazer uma avaliação global da pessoa e, ao mesmo tempo, auxiliar a interpretar as respostas à técnica projetiva (Anzieu & Chabert, 1961/2011; Cramer, 1996; Teglassi, 1993).

Semeonoff (1976) considera que, para fazer uma abordagem idiográfica, é necessário que se disponha já de uma abordagem nomotética, em que foram estabelecidas normas relativamente às respostas, ou seja, em que foram identificadas as respostas mais e menos frequentes. Para Semeonoff, sem estes dados, não teremos nada com que comparar as respostas que obtivermos apenas com um indivíduo.

O ideal seria conciliar as duas abordagens, ressaltando-se que a utilização de uma técnica projetiva numa abordagem nomotética se rege por princípios diferentes. Se utilizarmos uma técnica projetiva para fazer investigação quantitativa (abordagem nomotética), é necessário definir aquilo que queremos medir e, com base nesse objetivo de avaliação, construir um sistema de classificação das respostas (Karon, 1981). Além disso, a adequação de um sistema de classificação está dependente do maior ou menor

sucesso com que esse sistema consiga “passar” determinadas “provas”, nomeadamente aquelas que dizem respeito às características psicométricas⁶.

Por fim, importa acrescentar que a relação que se estabelece entre o participante e o investigador numa situação projetiva tende a interferir nas respostas obtidas (Semeonoff, 1976). Se essa relação favorecer a cooperação do participante e a revelação das suas características individuais, é uma vantagem. Mas se conduzir a que o participante seja pouco cooperante e transmita, consciente ou inconscientemente, informação distorcida de si próprio, é uma desvantagem. Recomenda-se, pois, cautela na interpretação dos resultados.

2.3. Valor e atualidade das técnicas projetivas.

No início deste século, uma técnica projetiva – o Rorschach – figura no grupo dos instrumentos de avaliação de personalidade mais utilizados (Butcher, 2010). É frequentemente utilizado na psicologia clínica e forense (Weiner & Meyer, 2009). E o *Journal of Personality Assessment* de 2007 tem um suplemento especial dedicado ao Rorschach (Shaffer, Erdberg, & Meyer, 2007).

Vê-se, assim, que, apesar das críticas de que essa técnica tem sido alvo, nomeadamente críticas às limitações das suas normas e à sua validade preditiva (Butcher, 2010), continua a ser utilizada. Porquê? Porque fornece “information about an individual’s adaptive capacities, coping style, underlying attitudes and concerns, and dispositions to think, feel, and act in certain ways” (Weiner & Meyer, 2009, p. 278).

⁶ Este assunto será desenvolvido no ponto 2.4. deste capítulo.

E essa informação não poderia ser fornecida através de métodos diretos, fazendo perguntas às pessoas? Não completamente, já que os métodos diretos apresentam duas restrições: as pessoas só respondem aquilo de que têm consciência sobre elas mesmas e aquilo que querem responder (Schmukle & Egloff, 2005; Weiner & Meyer, 2009; Westen, Gabbard, & Ortigo, 2010).

Repare-se que parte do nosso funcionamento mental opera de modo inacessível à nossa consciência (Wilson & Dunn, 2004). O processamento inconsciente está presente em processos mentais tão variados como a percepção, aprendizagem motora, personalidade, atitudes, autoestima (Wilson & Dunn, 2004).

Já a psicanálise clássica considerava que uma grande parte da vida mental dos seres humanos era inconsciente, sendo mesmo esta tese um dos postulados que distinguia a corrente psicanalítica (Westen et al., 2010). Na psicanálise contemporânea, defende-se que é necessário passar para lá deste conceito tão abrangente de inconsciente e investigar os diversos microprocessos inconscientes; por exemplo, na memória implícita, encontramos a memória associativa e a memória procedimental, que têm funções diferentes e também se distinguem ao nível neuroanatômico (Westen et al., 2010).

No momento atual da investigação em psicologia, é consensual que encontramos elementos inconscientes na cognição, memória, motivação e emoção (Westen et al., 2010).

Especificamente na pesquisa dos processos emocionais, LeDoux e Phelps (2004) apresentam exemplos interessantes da atuação de duas áreas do cérebro que intervêm nos processos emocionais – a amígdala e o hipocampo – e das suas consequências ao nível da formação de representações conscientes/explicitas e inconscientes/implícitas.

As funções daquelas duas áreas do cérebro são as seguintes: a amígdala é essencial na atribuição de valores afetivos aos estímulos, na aquisição e expressão de respostas emocionais, revelando ter um papel na aprendizagem e memória emocionais; o hipocampo permite a aquisição de memórias explícitas, memórias que podem ser verbalizadas e que estão disponíveis na consciência.

As influências entre o hipocampo e a amígdala são recíprocas. As representações explícitas dependentes do hipocampo modulam a atividade da amígdala. É o que acontece, por exemplo, quando temos conhecimento de que uma rua é perigosa, apesar de nunca termos estado lá; esse conhecimento não nos faz ter medo, mas, se formos ao local, podemos ter uma resposta emocional de medo, que é gerada pela amígdala.

Por sua vez, a amígdala afeta a formação de memórias dependentes do hipocampo, facilitando ou dificultando o seu armazenamento. Por um lado, acontecimentos stressantes ou indutores de respostas emocionais são dificilmente ou nunca esquecidos. Por outro, uma prolongada exposição a acontecimentos muito stressantes ou ameaçadores prejudica a formação de memórias dependentes do hipocampo.

A influência da atuação da amígdala no hipocampo também se verifica pela via das relações entre a amígdala e os sistemas neuroquímicos. Em situações de grande stress, a amígdala entra em atividade e conduz à libertação de glucocorticoides. Esta substância participa na modulação da força das memórias noutras regiões, nomeadamente no hipocampo. Ora, quando é libertada pela ativação da amígdala (o que acontece em situações de perigo), inibe os processos dependentes do hipocampo e realça os processos dependentes da amígdala. Assim, em situações de grande stress, a

capacidade do cérebro para formar memórias conscientes é diminuída, enquanto a capacidade para formar memórias emocionais inconscientes aumenta.

Ainda no campo das emoções, Damásio (1995) demonstra que emoções e sentimentos são fundamentais na tomada de decisões, especialmente quando se trata de decisões pessoais e sociais, que envolvem sempre um elevado grau de incerteza. Conclui que, sem emoções e sentimentos, estaríamos em permanente deliberação – não seríamos capazes de fazer opções, previsões nem de planejar as nossas ações – e também tomaríamos decisões individual ou socialmente desadequadas. É a consideração emocional, consciente ou inconsciente, decorrente da experiência pessoal relativa a objetos, pessoas, situações, que nos capacita para comprar uma casa, casar com uma pessoa, mudar de emprego e não apenas a análise racional (em termos de ganhos e perdas, por exemplo). Assim, se nos for pedido num questionário para justificar decisões que tomamos, será difícil conseguir dar uma resposta completa, já que aspetos inconscientes e emocionais não são facilmente traduzíveis em respostas a perguntas diretas.

Também na psicologia cognitiva, se verifica que o papel das emoções no processo de decisão é tido cada vez mais em consideração (Wagar & Thagard, 2004).

Além dos aspetos inconscientes e emocionais do funcionamento psicológico dos seres humanos, importa também sublinhar que o conhecimento que as pessoas têm de si próprias pode ser limitado e/ou estar distorcido devido à motivação, consciente e inconsciente, em manter fora da sua consciência determinados pensamentos e sentimentos (Wilson & Dunn, 2004).

Este fenómeno foi originariamente descrito por Freud (1894/2000) na sua conceptualização dos chamados mecanismos de defesa. Desde Freud até à investigação

atual (e.g., Benjamin, 1995; Cramer, 1991, 2000; Haan, 1977; Ihilevich & Gleser, 1986; Vaillant, 1992, 1995), são habitualmente referidas duas características específicas dos mecanismos de defesa: são estratégias que o indivíduo utiliza para lidar com situações de perturbação emocional; são autoenganos, isto é, as pessoas enganam-se a si próprias para responder às situações perturbadoras, aderindo de forma mais ou menos inconsciente a uma distorção da realidade interna ou externa.

Em suma, o que é preciso ter em atenção é que existem dois processos mentais distintos: um consciente/explicito e outro inconsciente/implícito – ambos influenciando a personalidade e comportamento das pessoas de formas diferentes (Wilson, 2002). Na psicologia social, por exemplo, investiga-se como o comportamento social resulta da interação entre processos reflexivos/controlados e de processos impulsivos/não controlados (Strack & Deutsch, 2004).

Ora, enquanto os processos conscientes/explicitos/reflexivos são melhor avaliados através de medidas diretas, os processos não conscientes/implícitos/automáticos são melhor avaliados através de medidas indiretas (Back, Schmukle, & Egloff, 2009; Schmukle & Egloff, 2005; Teglassi, 2001; Weiner & Meyer, 2009; Westen et al., 2010; Wilson, 2002; Wilson & Dunn, 2004). É dentro das medidas indiretas que se encontram as chamadas técnicas projetivas. Assim, a resposta à pergunta de Semeonoff (1976, p. 69) ‘What have projective techniques got that other methods haven’t?’ reside precisamente na possibilidade de as técnicas projetivas acederem a aspetos inconscientes e emocionais do funcionamento mental.

Um estudo clássico que compara resultados dos dois tipos de instrumentos (diretos e indiretos) é o de McClelland, Koestner e Weinberger (1989). Os autores avaliam a motivação através de respostas a questionários e ao TAT, concluindo que os

dois tipos de instrumentos avaliam diferentes tipos de motivação: os questionários avaliam motivações autoatribuídas, enquanto o TAT avalia motivações implícitas. Os dois tipos de motivação distinguem-se psicologicamente e influenciam o comportamento de modo distinto. As motivações autoatribuídas têm origem em constructos cognitivamente mais elaborados, estão associadas a incentivos sociais e preveem comportamento imediatos a ocorrer em situações em que haja um incentivo social. As motivações implícitas têm origem em experiências afetivas, estão associadas a incentivos ligados à atividade e preveem comportamentos espontâneos que se manterão ao longo do tempo, já que se retira prazer da própria atividade.

Mais recentemente, Bornstein (1999) realizou uma meta-análise sobre a validade preditiva de instrumentos diretos e projetivos, que tinham como objetivo avaliar uma personalidade dependente. Os resultados mostraram que os dois tipos de instrumentos avaliam aspetos diferentes de uma personalidade dependente: os testes objetivos avaliam a percepção que as pessoas têm de si próprias e a forma como se mostram aos outros, enquanto os testes projetivos avaliam as necessidades de dependência básicas das pessoas.

Tendo em conta aqueles resultados, Bornstein (1999) é de opinião que:

an interesting strategy both in research and clinical settings might involve administering both types of tests to the same individual. The tester would then be in position to assess directly any inconsistencies that exist between that person's underlying and expressed dependency needs. Exploration of such inconsistencies might reveal important information regarding the testee's personality structure and interpersonal style. (p. 54)

Outro resultado da meta-análise efetuada por Bornstein (1999) mostra correlações modestas entre os *scores* dos dois tipos de medidas e índices externos de comportamento dependente. Este resultado revela um dos problemas dos instrumentos de avaliação que diz exatamente respeito à sua capacidade para prever o comportamento. Este problema é equacionado por Baumeister, Vohs e Funder (2007), que chamam a atenção para o “eclipse of behavior in personality and social psychology, in which direct observation of behavior has been increasingly supplanted by introspective self-reports, hypothetical scenarios, and questionnaire ratings” (p. 396).

Tendo em conta a necessidade de lidar com esse problema, Back et al. (2009) investigam a capacidade de previsão do comportamento das pessoas através de instrumentos de avaliação da personalidade diretos e indiretos. Concluem que os questionários de personalidade conseguem prever o que as pessoas de facto fazem, acrescentando, no entanto, que não o fazem de forma completa, pois, como medidas explícitas que são, preveem sobretudo comportamentos causados por processos explícitos. E acrescentam que são as medidas indiretas de personalidade que, ao captarem processos implícitos, permitem prever comportamentos motivados por esse tipo de processos.

Como tem vindo a ser mostrado, os pensamentos, sentimentos e comportamentos dos seres humanos são resultado de processos conscientes e inconscientes, racionais e emocionais. Ora, as medidas de avaliação diretas e as indiretas fornecem informações relativas a esses dois processos, permitindo, em conjunto, perceber de forma mais completa a personalidade das pessoas, prever com mais acuidade o seu comportamento e ainda compreender melhor como aqueles dois processos se diferenciam e interagem.

Especificamente sobre a previsão do comportamento, as limitações dos instrumentos de avaliação em prever o comportamento das pessoas também se prendem com questões sobre o funcionamento do ser humano.

Uma pergunta essencial que se coloca é: quais as causas do comportamento? Até aqui têm sido referidas as características da personalidade, integrando elementos conscientes e inconscientes. Esta é a perspectiva das teorias que concebem a personalidade como um conjunto de disposições ou traços, tal como a teoria dos Cinco Grandes Fatores (McCrae & Costa Jr., 2010): neuroticismo, extroversão, abertura à experiência, amabilidade e conscienciosidade. Por exemplo, uma pessoa que se integre na dimensão do neuroticismo expressará incerteza na sua comunicação verbal e nervosismo na sua comunicação não verbal (Back et al., 2009).

Outra teoria do funcionamento do ser humano procura integrar tanto a perspectiva de traços ou disposições como a perspectiva dinâmica da personalidade, centrada nos processos psicológicos e na interação entre personalidade e situação (Mischel & Shoda, 2010). Nesta teoria integradora, Mischel e Shoda (2010) salientam, entre outros aspetos, que o comportamento das pessoas varia consoante as situações, mas que é possível encontrar estabilidade na forma como o comportamento varia; esta ideia é traduzida na fórmula “se... então...” (“*if ... then ...*”, p. 208). Usando o exemplo anterior, alguém que se integre na dimensão do neuroticismo expressará incerteza na sua comunicação verbal e nervosismo na sua comunicação não verbal em, por exemplo, situações sociais públicas, mas não, por exemplo, em situações sociais privadas. Esta conceptualização do funcionamento psicológico poderá ter maior capacidade para prever o comportamento (Bornstein, 1999).

Trata-se, claro, de questões complexas, que serão retomadas ao longo deste trabalho, e cuja discussão se gostaria de enriquecer. Neste trabalho, e tendo como apoio diferentes campos de investigação e teorias, considera-se que existem duas variáveis essenciais para compreender a personalidade e o comportamento: uma é a relação com o *self* e com o outro, outra diz respeito aos aspetos inconscientes, especialmente os emocionais.

Para já, considera-se que ficou evidenciado o valor e utilidade das técnicas projetivas, tendo sido apontada a grande mais-valia da sua utilização, especificamente a sua potencialidade para captar aspetos inconscientes e emocionais do funcionamento da personalidade. Por essa razão, são técnicas que permitem conhecer melhor a estrutura e dinâmica da personalidade, esquemas perceptivos, motivações, desejos, fantasias (e.g., Anzieu & Chabert, 1961/2011; Karon, 1981; Meyer, 1997; Simões, 1999). Têm assim um papel importante na recolha de informação diagnóstica e no planejar do processo terapêutico (e.g., Weiner & Meyer, 2009). Outra vantagem foi assinalada em outro ponto deste capítulo: a menor probabilidade de as respostas dos participantes serem afetadas pela desajustabilidade social. Finalmente, são instrumentos que atraem (Singer, 1981), tanto pelo seu próprio funcionamento como pela riqueza da informação obtida. Apesar de todas estas vantagens, alguns obstáculos se colocam à utilização das técnicas projetivas, como se verá já de seguida.

2.4. Problemas na utilização das técnicas projetivas.

As técnicas projetivas apresentam alguns problemas na sua utilização. São problemas apontados pelos investigadores que as criticam (e.g., Garb, Wood, Lilienfeld, & Nezworski, 2005) e também reconhecidos pelos investigadores que as utilizam (e.g.,

Anzieu & Chabert, 1961/2011; Karon, 1981; Weiner & Meyer, 2009). Dizem respeito ao estabelecimento de normas, aos resultados no âmbito da precisão e aos resultados relativos à validade. Apresenta-se de seguida alguns exemplos de estudos em que se procurou verificar esses critérios psicométricos. São estudos realizados com o Rorschach, o TAT e a “Era uma vez...”, sendo que este último instrumento de avaliação interessa particularmente, dado que a “Era uma vez... Adultos” tem a mesma estrutura e funcionamento.

Começa-se pelo estabelecimento de normas. Estabelecer normas significa conhecer as respostas mais frequentes dadas por uma determinada população. Ter dados normativos relativamente a uma técnica projetiva (ou a outro instrumento de avaliação) é fundamental para analisar um protocolo individual.

As provas projetivas, dado o tempo exigido para a sua aplicação e interpretação, não têm sido aplicadas a amostras representativas e, por vezes, nem a um número elevado de participantes, havendo consequentemente limitações nos dados normativos estabelecidos. Por exemplo, com o Rorschach, há uma grande controvérsia no que diz respeito às normas (Garb et al., 2005). Uma forma de minimizar essa limitação é aplicar as técnicas projetivas a diferentes amostras dentro da mesma população e em populações diferentes. É o que tem sido feito, por exemplo, com o Rorschach (Shaffer et al., 2007).

Outra forma é recorrer a dados obtidas por outros estudos empíricos. Por exemplo: nas respostas ao TAT de participantes americanos, conflitos relativamente à masturbação raramente aparecem, contudo, segundo outros estudos empíricos, a maior parte dos americanos experiencia esses conflitos; tendo em conta este enquadramento,

os resultados no TAT são entendidos como uma consequência da vontade consciente dos participantes em não os partilhar (Karon, 1981).

Os resultados obtidos com uma prova projetiva também são vistos à luz da conceptualização teórica subjacente à prova. Na verdade, “a função da teoria é a de organizar e dar sentido ou significado psicológico aos resultados, ou aos dados coligidos” (Simões, 1999, p. 152). Não é, pois, apenas através da identificação das respostas normativas que se consegue perceber os resultados de uma técnica projetiva (ou outro instrumento de avaliação); a teoria ou teorias em que nos apoiamos também o permitem.

Passe-se agora para o problema dos resultados das técnicas projetivas no âmbito da precisão.

A precisão intercotadores, que passa por determinar se diferentes avaliadores atribuem as mesmas classificações às mesmas respostas (Karon, 1981; Teglassi 2001; Trochim, s.d.). Pode ser conseguida através da construção de manuais de cotação dos resultados e do treino dos avaliadores na cotação dos instrumentos de avaliação (Cramer, 1996). Como salienta Teglassi (1993), para que dois ou mais avaliadores possam retirar a mesma conclusão de um protocolo, é necessário que adotem o mesmo sistema de cotação, que estejam à procura da mesma informação e que tenham obtido treino na cotação do instrumento utilizado. Estudos da precisão intercotadores realizados com o Rorschach (Weiner & Meyer, 2009) e com o TAT (Cramer, 1996) têm obtido resultados satisfatórios.

Quanto à consistência temporal, usada para determinar se os resultados se mantêm os mesmos num outro momento temporal, implica voltar a aplicar a prova, o chamado teste-reteste (Karon, 1981; Teglassi 2001; Trochim, s.d.). Resultados obtidos

com o Rorschach foram relativamente satisfatórios, havendo, contudo, necessidade de mais investigação (Weiner & Meyer, 2009). Ao mesmo tempo, também se questiona a aplicabilidade deste critério psicométrico, que pressupõe imutabilidade e rigidez psicológica (Cramer, 1996).

Passe-se, por fim, para o problema da validade dos resultados das técnicas projetivas.

Relativamente à validade preditiva, ou seja, a capacidade de os resultados do instrumento de avaliação preverem algo que teoricamente devem poder prever (Trochim, s.d.), foi realizada uma meta-análise desse tipo de validade em instrumentos de avaliação objetivos e projetivos que procuravam avaliar uma personalidade dependente (Bornstein, 1999). Nessa meta-análise de 51 artigos, Bornstein (1999) relaciona os *scores* dos dois tipos de medidas com índices de comportamento dependente observado. Os resultados mostraram que os instrumentos projetivos permitiam avaliar personalidades dependentes, via previsão de comportamentos dependentes, com uma validade tão ampla quanto a dos testes objetivos.

Também Weiner e Meyer (2009) apresentam vários estudos realizados com o Rorschach, mostrando que a prova tem capacidade para prever comportamentos das pessoas e consequências nas suas vidas. O mesmo sucedendo com o TAT (Cramer, 1996).

No que diz respeito à validade concorrente, isto é, a capacidade de os resultados do instrumento de avaliação distinguirem grupos que teoricamente devem poder distinguir (Trochim, s.d.), foi realizado um estudo com a “Era uma vez...”, em que a prova foi aplicada a cinco grupos diferenciados de crianças: agressivos, ansiosos, isolados, hiperativos e grupo de controlo (Fagulha, 1992). As respostas nos cinco

grupos distinguiram-se estatisticamente, estabelecendo-se, assim, a validade concorrente dos resultados da “Era uma vez...”.

Quanto à validade convergente, em que os resultados obtidos no instrumento de avaliação se assemelham aos resultados de outros instrumentos que estejam a avaliar um constructo que seja teoricamente relacionado (Trochim, s.d.), efetuaram-se, também com a “Era uma vez...”, estudos entre as respostas à prova e as respostas de outros testes psicológicos: Escala de autoconceito para crianças de Susan Harter, teste de Szondi e *Attachment Style Classification Questionnaire for Latency Age Children* (todos estes estudos são referidos em Fagulha, 2008). Os resultados obtidos foram satisfatórios.

Weiner e Meyer (2009) apresentam vários estudos que confirmam a validade convergente dos resultados do Rorschach, bem como a validade discriminante, ou seja, os resultados obtidos no instrumento de avaliação não se assemelham aos resultados de outros instrumentos que estejam a avaliar um constructo que seja teoricamente distinto (Trochim, s.d.). No entanto, Garb et al. (2005) apontam várias lacunas nos estudos que foram realizados para fundamentar a validade dos resultados do Rorschach. Referem, por exemplo, um artigo cuja conclusão apontava para a validade de resultados quer do Rorschach quer do *Minnesota Multiphasic Personality Inventory* (MMPI, um questionário de personalidade frequentemente utilizado – e.g., Butcher, 2010), ainda que essa conclusão se baseasse em cinco estudos do primeiro instrumento e 30 do segundo. Ao mesmo tempo, admitem que alguns *scores* do Rorschach foram de facto validados, ainda que tenham sido uma minoria.

Em suma, os problemas do estabelecimento de normas, da precisão e da validade dos resultados das técnicas projetivas não podem ser minimizados, devendo antes

constituir um desafio para aqueles que com elas trabalham, no sentido de tentar responder cada vez melhor àqueles parâmetros.

Ao mesmo tempo, importa sublinhar que as técnicas projetivas, dadas as suas especificidades e diferenças relativamente aos instrumentos de avaliação diretos, não podem ser julgadas somente pelos critérios psicométricos tradicionais (Cramer, 1996). Por exemplo, as respostas do TAT podem ser consideradas válidas sem apresentar consistência interna (Cramer, 1996), um critério usado para determinar a consistência dos resultados ao longo dos itens de um instrumento de avaliação (Trochim, s.d.).

Por fim, relativamente aos estudos de validade em que se comparem os resultados de técnicas projetivas com questionários, será necessário ter em atenção, como já foi referido, que os dois tipos de medidas podem estar a avaliar aspetos diferentes do mesmo constructo.

3. Avaliando Dimensões Relacionais

Neste ponto, vai referir-se alguma da investigação que tem sido realizada no campo da avaliação das dimensões relacionais com técnicas projetivas. Essa investigação também orientou a criação da “Era uma vez... Adultos”.

3.1. Com o Rorschach e o TAT.

Como já foi referido, a “Era uma vez... Adultos” é uma prova projetiva de complemento de histórias e tem como objetivo avaliar representações relacionais. As duas técnicas projetivas mais utilizadas na investigação atual, o Rorschach e o TAT,

também têm sido utilizadas para avaliar representações do *self* e do outro. Apresenta-se de seguida alguns desses estudos.

Relativamente ao Rorschach, o “study of the representation of the human form in the Rorschach is an ideal data base for assessing an individual’s representational world – his conception of people, including himself, and their actual and potential interactions” (Blatt & Lerner, 1983, p. 8).

Num estudo efetuado com cinco casos clínicos com diagnósticos distintos, Blatt e Lerner (1983) assinalam que as respostas de cada paciente apresentam características distintas relativamente ao grau de diferenciação, articulação e integração do *self* e do objeto⁷. Consideram que cada patologia reúne características que lhe são específicas. Por exemplo, com o paciente que apresentava uma perturbação de carácter narcísico-*borderline*, surgia uma deterioração gradual das representações do objeto e uma diferenciação pobre.

Blatt (1990) salienta que o Rorschach permite avaliar o sentido que os participantes constroem a partir de estímulos ambíguos e, subjacentes a esse sentido, estão representações ou esquemas cognitivos.

Num estudo realizado para avaliar as mudanças nas representações do *self* e do objeto em pacientes em tratamento (Diamond, Kaslow, Coonerty, & Blatt, 1990), é aplicado o Rorschach no início e no fim do tratamento. Os resultados mostraram que as respostas dos pacientes ao Rorschach se diferenciavam: no fim do tratamento, a separação entre o *self* e o outro estava mais definida e a empatia relacional fora desenvolvida.

⁷ O conceito de objeto surge com a teoria das relações de objeto, a que se fará referência no capítulo seguinte. De uma forma simplificada, objeto diz respeito às representações internas do *self* e dos outros.

Em relação ao TAT, foi utilizado para avaliar as duas organizações da personalidade identificadas por Blatt (2008): a anaclítica e a introjetiva⁸. Analisaram-se as narrativas de quatro casos clínicos, dois com uma organização anaclítica e dois com uma organização introjetiva; as narrativas ilustravam as preocupações e mecanismos de defesas das duas organizações de personalidade (Cramer, 1996).

Existem outros estudos realizados com o TAT para avaliar relações de objeto, nomeadamente o grau de autonomia, mutualidade, diferenciação e integração⁹ (e.g., Teglasi, 1993, 2001).

O TAT também tem sido utilizado para avaliar os estádios da teoria de desenvolvimento de Erikson, especificamente os estádios da vida adulta – intimidade vs. isolamento e generatividade vs. estagnação.

Num estudo efetuado com o TAT para avaliar as motivações que presidem à generatividade (McAdams, Ruetzel, & Foley, 1986), foi encontrada uma relação significativa entre generatividade (avaliada através de uma entrevista) e a pontuação do TAT na motivação para o poder e intimidade. Este resultado contribui para fundamentar a ligação entre, de um lado, generatividade e, do outro, agência e comunhão. Para ser generativo é necessário que o adulto se sinta forte e que estabeleça relações de proximidade. É essa também a conclusão a que chegam Peterson e Stewart (1996) num estudo longitudinal, em que a generatividade na meia-idade se encontrava relacionada com as pontuações obtidas no TAT, durante a adolescência, no sucesso, afiliação e motivação para o poder.

⁸ Abordar-se-á a perspetiva de Blatt no ponto 8. do capítulo seguinte.

⁹ Estes conceitos serão explicitados no capítulo seguinte.

Com esta apresentação breve, dispersa e de forma alguma exaustiva, pretendeu-se mostrar como na investigação clínica e na investigação quantitativa se têm utilizado técnicas projetivas, como o Rorschach e o TAT, para avaliar dimensões relacionais. Essa utilização das provas projetivas contribuiu para formular o objetivo da “Era uma vez... Adultos”: avaliar as representações relacionais do *self* e dos outros em diferentes contextos.

3.2. Na teoria da vinculação.

Consistindo numa técnica projetiva, a “Era uma vez... Adultos” permite mais facilmente aceder a aspetos inconscientes e emocionais. Ora, na investigação sobre a vinculação¹⁰, em que também se encontram estudos sobre representações relacionais, constata-se a necessidade de criar instrumentos de avaliação implícitos para captar aspetos inconscientes dos padrões de vinculação (Griffin & Bartholomew, 1994; Pietromonaco & Feldman Barrett, 2000)

Shaver e Mikulincer (2005) referem especificamente que é preciso avaliar “unconscious and defensive aspects of attachment-system functioning” (p. 29). No entanto, os mesmos investigadores defendem que os questionários de vinculação também permitem captar processos mentais inconscientes (Shaver & Mikulincer, 2004).

Já Collins, Guichard, Ford e Feeney (2004), num estudo sobre os modelos dinâmicos internos de vinculação, consideram que as técnicas projetivas são instrumentos que possibilitam aceder a pensamentos e sentimentos inconscientes, que

¹⁰ A teoria da vinculação é umas das teorias subjacentes à conceptualização da “Era uma vez... Adultos”, sendo descrita em profundidade no capítulo seguinte.

também caracterizam os modelos dinâmicos internos de vinculação e que não transparecem nos questionários.

Para avaliar a vinculação na infância, existem duas medidas semiprojetivas (Bretherton & Munholland, 2008): *Separation Anxiety Test* (SAT) e *Attachment Story Completion Task* (ASCT). O SAT é composto por seis cartões em banda desenhada, que retratam separações entre uma criança e os pais, pedindo-se às crianças para dizer o que a criança sentirá e fará em cada situação apresentada. Na ASCT, pede-se às crianças que completem histórias com temas específicos.

O SAT e a ATCP inspiraram, respetivamente, a construção de duas medidas semiprojetivas para avaliar a vinculação no adulto (Bretherton & Munholland, 2008): *Adult Attachment Projective* (AAP) e *Secure Base Scriptedness* (SBP). Na AAP, é pedido aos participantes que construam histórias a partir dos oito cartões em banda desenhada que constituem a prova: os cartões retratam díades pais-criança, casais e figuras solitárias. No SBS, é pedido aos participantes para criarem histórias usando palavras das listas de palavras que lhes são fornecidas; essas listas contêm palavras que, lidas numa sequência, caracterizam o padrão de vinculação seguro; a ideia subjacente é a de que as pessoas com um padrão seguro detetarão essa sequência, enquanto as outras não o conseguirão.

Na teoria da vinculação, também se tem constatado a necessidade de estudar modelos de vinculação específicos. Ora, a “Era uma vez... Adultos” é composta por cartões que retratam diferentes situações relacionais da vida adulta, como, por exemplo, o Cartão Filhos e o Cartão Trabalho. As respostas dos participantes nos vários cartões poderão contribuir para responder à “need to study individual differences in terms of stable person x situation interactions” (Collins et al., 2004, p. 230).

Ainda dentro da teoria da vinculação, surge também a necessidade de estudar a variabilidade individual, que fica de fora dos protótipos de vinculação. Bartholomew e Horowitz (1991), num estudo sobre estilos de vinculação nos adultos, assinalam que “a great deal of individual variability was lost” (p. 241) quando se integram os resultados dos questionários nos quatro protótipos de vinculação (seguro, preocupado, evitante desligado e evitante com medo). Ora, a “Era uma vez... Adultos” pressupõe e implica a existência de variabilidade nas respostas.

Em suma, com a criação e estudo da “Era uma vez... Adultos”, procura-se também trazer novas informações a várias questões colocadas pela teoria da vinculação.

4. Contar Histórias

Como lembra Cramer (1996), os seres humanos contam histórias desde os primórdios da humanidade. Alguns exemplos da cultura ocidental são o *Antigo Testamento*, a *Iliada* e a *Odisseia* de Homero, a *Eneida* de Virgílio. Há exemplos menos formais, como as lendas e os contos que eram transmitidos oralmente. E na cultura africana, as histórias são ainda uma forma de transmitir a História, de conhecer o passado e o presente (e.g, Kapuscinski, 2006). Concorda-se, assim, que “Human beings are storytellers by nature” (McAdams, 1993, p. 27).

Esta condição humana de ser contador de histórias está dependente de capacidades como a linguagem, a memória e a imaginação (Fonseca, 1992). Na verdade, são as palavras que nos permitem construir histórias, sejam elas parte do passado (nosso ou de outros), sejam elas fruto da nossa imaginação.

Muito se tem escrito sobre as razões porque contamos histórias (e.g., Charon, 2006; Howard, 1991; Mair, 1988; Vitz, 1990). Menciona-se aqui algumas: para não esquecer o passado, para ensinar, para transmitir princípios e valores, para divertir, para dar uma explicação do que vimos, pensamos, sentimos, fizemos ou vamos fazer (cf. McAdams, 1993).

A centralidade das histórias na vida das pessoas é descrita desta forma metafórica por Mair (1988):

Stories are habitations. We live in and through stories. They conjure worlds. We do not know the world other than as story world. Stories inform life. They hold us together and keep us apart.

We inhabit the great stories of our culture. We live through stories. We are *lived* by the stories of our race and place. (p. 127)

Uma limitação das histórias é apontada por Stern (2004), sublinhando que as narrativas permitem estruturar temporalmente um acontecimento, mas não dão conta do momento presente: “now has no place in a narrative” (p. 6). No entanto, como também assinala Stern, quando um falante conta uma história, deparamo-nos com três tipos de agora: o agora de estar a traduzir numa forma verbal uma determinada experiência, o agora criado pelo falante quando conta a sua história a um ouvinte, o agora que o falante evoca na sua história. Ora, estes três tipos de momentos surgem numa situação projetiva de complemento de histórias, como é a “Era uma vez... Adultos”, e podem ser não só informativos, mas também terem um efeito terapêutico.

4.1. Narrações vs. explicações.

Os textos narrativos são distintos dos textos explicativos, ainda que incluam os elementos centrais de uma explicação, traduzidos nas palavras *porquê* e *porque* (Adam, 1992). O *porquê* e o *porque* dos textos explicativos surgem nos textos narrativos através da causalidade narrativa (ingrediente básico de um texto narrativo, a par da ação, desfecho, personagens, espaço e tempo). Explicação e causalidade narrativa são formas discursivas que representam o mundo de maneira diferente, correspondendo, respetivamente, a duas formas de conhecer: uma paradigmática e outra narrativa (Bruner, 1986). A paradigmática interessa-se por estabelecer explicações lógicas e universais, independentes do contexto e da subjetividade. Já ao modo de conhecer narrativo, interessam as pessoas, suas intenções, ações, contextos particulares, experiência subjetiva. E, enquanto a paradigmática se rege por critérios de veracidade, a narrativa rege-se por critérios de sentido.

O modo narrativo de conhecer oferece informação importante à psicologia e a outras áreas de conhecimento do ser humano.

No contexto médico, as consultas iniciam-se pela elaboração da anamnese do doente, que inclui uma história oferecida pelo doente; a anamnese é fundamental para perceber o presente do doente. Recentemente, surgiu a chamada medicina narrativa: “a clinical practice informed by the theory and practice of reading, writing, telling, and receiving of stories” (Charon, 2006, p. viii). Charon (2006) assinala a importância de os médicos ouvirem as histórias que os seus pacientes têm para contar. Ouvir as histórias dos pacientes permite não só ver aquele paciente como uma pessoa total e única, como também desenvolver relações de ajuda mais próximas – e tudo isto se revela crucial tanto no tratamento e acompanhamento médicos como na educação para a saúde.

Na investigação em psicologia, observa-se que as histórias das pessoas revelam as suas próprias justificações sobre a realidade, a forma como representam e compreendem o seu mundo interno e externo (Cramer, 1996; McAdams, 1993).

O equilíbrio psicológico passa pela capacidade de contarmos a nossa história, o que significa conseguir integrar os acontecimentos da nossa vida numa causalidade narrativa. Muitas vezes o objetivo do processo psicoterapêutico é precisamente ajudar as pessoas a contarem a sua história (e.g., Fleming, 2001).

4.2. Histórias numa situação projetiva e histórias de vida.

O que se espera das histórias dos participantes numa situação projetiva, nomeadamente na “Era uma vez... Adultos”?

Espera-se que revelem facetas mais internas do ser humano (Cramer, 1996), mais inconscientes e emocionais. Que forneçam informações sobre representações relacionais internas (Teglasi, 2001). Como salienta Westen (1991), as histórias “provide considerable access to cognitive and affective-motivational patterns related to interpersonal functioning in intimate relationships” (p. 56).

Numa situação projetiva, o participante/narrador cria sentido através da construção da sua história, o investigador/ouvinte cria sentido através da interpretação dessa história (Cramer, 1996). Esta situação torna a tarefa de interpretação complexa. De modo a facilitá-la e também a conseguir que a interpretação do ouvinte ofereça de facto algumas informações sobre o mundo interno e vida do participante, é necessário ter em atenção o contexto da própria história: contexto social, pessoal, linguístico, de aplicação da técnica projetiva e dos estímulos do próprio instrumento (Cramer, 1996).

As histórias que surgem numa situação projetiva são diferentes das histórias de vida. McAdams (1993) considera que a identidade pode ser conceptualizada como uma história de vida: é a nossa história de vida que confere unidade e finalidade à nossa própria vida. E, para alguém nos conhecer, terá necessariamente que conhecer essa história.

A perspectiva de McAdams enfatiza algo que, como aponta McCrae (1996), poucos questionam: as pessoas contam histórias sobre a sua vida e essas histórias permitem-lhes dar sentido à própria vida. Por outro lado, para sabermos quem uma pessoa é, precisamos ouvir a sua história. Como assinala Sacks (1985), “Se queremos conhecer alguém, perguntamos-lhe qual é a sua história – a sua história verdadeira e íntima porque cada pessoa é uma biografia, uma história” (p. 142).

Alguns investigadores são críticos da linha de investigação sobre as histórias de vida, por se basear essencialmente no conhecimento consciente¹¹ e nas justificações que as pessoas apresentam sobre a sua vida. Wilson (2002) chama a atenção para a tendência humana de confabular explicações e ainda para o facto de as justificações oferecidas pelas pessoas poderem não representar a sua realidade. Wilson e Dunn (2004) consideram que as limitações da introspeção, que têm origem na motivação para distorcer a realidade ou na inacessibilidade a elementos inconscientes, levam à produção de narrativas incorretas ou incompletas. E McCrae (1996) refere a ausência de suporte empírico da investigação que tem sido realizada sobre as histórias de vida, bem como problemas na precisão e validade dos resultados. Por exemplo, ainda não foi comprovado que pessoas com narrativas coerentes, abertas e credíveis sejam mentalmente mais saudáveis.

¹¹ Este problema foi abordado mais profundamente no ponto 2.3. deste capítulo.

Numa situação projetiva de construção ou completamento de histórias, não é solicitado aos participantes que contem a história da sua vida, mas sim que contem uma história face a um dado estímulo visual e/ou verbal. Nessas histórias, as pessoas projetam os seus sentimentos e pensamentos, condição que subjaz ao funcionamento das técnicas projetivas¹². E numa situação projetiva, espera-se também que surjam elementos inconscientes e emocionais da personalidade e comportamento das pessoas (como tem sido referido ao longo deste capítulo).

5. A “Era Uma Vez... Adultos”¹³

E volta-se mais uma vez à pergunta colocada no início deste capítulo: qual é no século XXI o interesse em criar uma prova projetiva de completamento de histórias para a idade adulta?

Interessantemente, no início deste século, Greene (2006) faz a seguinte chamada de atenção:

it (. . .) behooves us as specialists in assessment to realize that if it were 1940 and we were discussing state of the art in assessment, we would be talking about the MMPI, the Rorschach, and the TAT (. . .). The fact that in 2005 we still are using these same techniques is mind-boggling. There are few fields in which the advances have been so limited. There is a clear need for significant innovation and creativity within the field of assessment. (p. 254)

¹² Ver ponto 2.1. deste capítulo.

¹³ A descrição aprofundada da estrutura e funcionamento da “Era uma vez... Adultos” surge na Segunda Parte deste trabalho.

Vê-se neste comentário um repto à construção de novos instrumentos de avaliação. Para além disso, o panorama português nesta área não é rico (Simões, Almeida, Machado, & Gonçalves, 2007). Com a criação da “Era uma vez... Adultos”, procura-se dar um contributo para enriquecer o campo da avaliação.

Quanto às razões da escolha de uma situação projetiva, foram já referidas. E também foi assinalado que técnicas projetivas, como o Rorschach e o TAT, têm sido utilizadas para avaliar configurações relacionais. Acontece que a “Era uma vez... Adultos” funciona de uma forma muito diferente, sendo essa originalidade mais uma razão que justifica a sua criação. E viu-se também a necessidade de construir instrumentos de avaliação indiretos para melhor descrever e compreender representações internas de vinculação.

5.1. Caracterização e utilização da “Era uma vez... Adultos”.

A “Era uma vez... Adultos” consiste numa técnica eclética. Os estímulos utilizados são visuais – desenhos em banda desenhada – e também verbais, pois a história apresentada em cada cartão é iniciada verbalmente pelo investigador. No que diz respeito à resposta, há a interpretação da história do cartão e das cenas, a escolha das cenas, a manipulação das cenas que são retiradas manualmente pelo participante, a organização das cenas numa sequência, a verbalização da história.

A “Era uma vez... Adultos” poderá ser utilizada num contexto clínico, contribuindo, com outros elementos de avaliação, para formular um diagnóstico. Por outro lado, considera-se que o carácter relacional da prova – investigador e participante lado a lado, numa espécie de diálogo que o primeiro inicia e o segundo continua – a

torna especialmente dotada para ser aplicada na individualização da avaliação psicológica (Fischer, 2008). Individualizar a avaliação psicológica significa utilizar os instrumentos de avaliação para, em conjunto com o paciente, perceber e explorar o seu modo de vida, bem como elaborar propostas de mudanças. A aplicação dos instrumentos e a sua interpretação em conjunto com o paciente têm um valor terapêutico.

Ressalve-se que as técnicas projetivas têm sido caracterizadas como “a means of communication between people” (Semeonoff, 1976, p. vii). Ora, o modo de funcionamento específico da “Era uma vez... Adultos” acentua essa possibilidade.

Além de ser uma técnica projetiva eclética com um marcado caráter relacional, a “Era uma vez... Adultos” também promove, como sucede com a “Era uma vez...” e tal como foi enfatizado anteriormente, a criação de um espaço transicional (Winnicott, 1971/1975). Aos participantes é solicitado uma atitude criativa, um trabalho de elaboração emocional.

Como outros instrumentos de avaliação, nomeadamente técnicas projetivas, a “Era uma vez... Adultos” é também uma prova de comportamento verbal (a história que se constrói e todo o resto da comunicação verbal que ocorre), paraverbal (timbre, ritmo, entoação) e não verbal (facial, corporal). Os três tipos de comportamento trazem informações importantes e podem ser analisados de diferentes perspetivas, contribuindo ainda para uma melhor compreensão das respostas. A análise dos diferentes tipos de comportamento – verbal, paraverbal e não verbal – que surgem na prova poderão contribuir para ajudar a contornar limitações (assinaladas anteriormente neste capítulo) dos instrumentos de avaliação em prever o comportamento real das pessoas.

6. Concluindo

Garb et al. (2005) consideram que as raízes da controvérsia relativamente à utilização do Rorschach, especialmente na prática clínica, residem nas posições dos seus críticos e defensores relativamente ao papel da validação informal e da integração intuitiva da informação. Os críticos do Rorschach, grupo nos quais os próprios autores se incluem, não atribuem nem valor nem credibilidade a uma ou a outra, considerando que só a investigação científica nos pode dar respostas sobre a validade de um instrumento de avaliação ou de qualquer outro assunto da área da psicologia. Ora, Garb et al. pensam que os defensores do Rorschach recorrem à validação informal e à integração intuitiva da informação para apreciarem a validade desse instrumento.

A posição aqui tomada é que se deve fundamentar as posições sobre a utilização de um instrumento de avaliação em argumentação sólida e investigação empírica rigorosa. No entanto, também se pensa que a validação informal e a integração intuitiva da informação são relevantes para a investigação em psicologia, nomeadamente para a avaliação psicológica. Como realça Simões (1999), “é o *exercício da intuição disciplinada* que deve ser usado para explorar aquilo que é psicologicamente significativo” (p. 151).

Tudo aquilo que foi dito no ponto 2.3. deste capítulo sobre a interinfluência de processos conscientes/racionais e de processos inconscientes/emocionais na personalidade e comportamento das pessoas corrobora esse ponto de vista. É que a avaliação ou a tomada de decisão clínica também são determinadas pelos dois tipos de processos e, segundo estudos realizados na área das neurociências, é essa dualidade que nos permite tomar decisões. Em suma, se a própria investigação concluiu que não é apenas a consciência e a razão que explicam o funcionamento do ser humano, também

teremos que admitir a mesma conclusão quando esse ser humano é um investigador na área da psicologia.

E termina-se este capítulo chamando a atenção para quatro princípios que se considera fundamentais no processo de avaliação. O primeiro diz respeito à necessidade de reconhecer as limitações de qualquer instrumento de avaliação, tendo consciência de que nenhum oferece toda a informação sobre a dimensão estudada e de que são sempre necessárias outras fontes de informação para uma melhor compreensão (Fagulha, 1992; Meyer, 1997; Simões, 1999; Smith, 1998). O segundo princípio relaciona-se com a tomada de consciência de que: i) avaliar não é descobrir uma suposta verdade acerca de uma pessoa, mas sim colocar hipóteses para a melhor compreender; ii) as respostas das pessoas podem ter vários significados (Simões, 1999). O terceiro tem a ver com a necessidade de formação, competência científica, pensamento crítico e perspicácia clínica do avaliador (Meyer, 1997; Simões, 1999). Por fim, o quarto princípio diz respeito à indispensabilidade e importância da teoria no processo de avaliação (Simões, 1999; Smith, 1998). E o tema do capítulo seguinte é precisamente a teoria subjacente à conceptualização da “Era uma vez... Adultos”.

Capítulo 2: O *Self* e os Outros na Vida dos Adultos

Introdução

Estudar a vida dos adultos envolve necessariamente conhecer as suas representações relacionais do *self* e dos outros. A noção de representação ou esquema relacional utilizada neste trabalho é comum às teorias psicodinâmicas, do desenvolvimento e da vinculação, a que se fará referência ao longo deste capítulo. As representações relacionais incluem elementos cognitivos e afetivos, conscientes e inconscientes.

Através da prova “Era uma vez... Adultos”, pretende-se entender melhor como essa faixa etária se intrarrelaciona e inter-relaciona. Especificamente saber o que os adultos sentem, pensam, fazem consigo próprios e com os outros perante situações da vida adulta, como, por exemplo, o trabalho, a morte, o casamento. Estes são, entre outros, alguns dos temas dos cartões da “Era uma vez... Adultos” e as respostas à prova mostrarão as representações relacionais das pessoas respeitantes ao *self* e aos outros.

Nos primeiros dois pontos deste capítulo, apresentam-se algumas ideias essenciais sobre o *self* e sobre a centralidade dos outros nas nossas vidas. Nos seis pontos seguintes, são abordados determinados prismas teóricos. Começa-se com Erik Erikson, em cujos estádios da vida adulta se colheu inspiração para criar as categorias da prova. Outro é o de Donald Winnicott, no qual se alicerça o funcionamento particular da “Era uma vez...” e igualmente o da “Era uma vez... Adultos”. A teoria da vinculação, a teoria relacional, o modelo conflito-relacional de Stephen Mitchell e a perspectiva de Sidney Blatt completam o quadro conceptual da prova. O caminho

seguido para apresentar esses prismas teóricos é o de uma combinação entre a sua exposição e o cruzamento com outros autores, tudo acompanhado de uma reflexão pessoal. No último ponto, mostra-se de forma sintética como alguns dos conceitos anteriormente expostos se podem interligar.

1. O *Self*

Utiliza-se o termo *self* para referir a individualidade, identidade, autonomia, a relação que cada pessoa estabelece consigo própria¹⁴. Importa, contudo, sublinhar que o *self* se forma através das interações com outros significativos, representadas em relações internalizadas¹⁵.

A famosa frase de Winnicott (1952/1975) “*There is no such thing as a baby*” (p. 99) podia ser também aplicada ao adulto e seria adequado afirmar: “Não há tal coisa como um adulto”. Claro que na vida adulta não se encontra nem a dependência nem a preponderância de uma única relação, características específicas da díade mãe-bebé que a frase de Winnicott tem como referência. Em cada adulto habitam várias relações: internas e externas, passadas e presentes, reais e imaginárias. E conhecer a vida adulta envolve conhecer essas relações.

Ainda que não seja possível estabelecer uma separação entre o *self* e os outros, é importante manter os dois conceitos, pois eles são distintos não só a nível ontológico, sendo entidades diferentes, como também a nível psicológico.

¹⁴ A definição do termo *self* é complexa e, por vezes, divergente consoante as teorias e os autores (Novo, 2003). Da leitura de alguns autores que formam o enquadramento teórico deste trabalho (Erikson, Winnicott, Blatt), recolheu-se este conjunto de palavras como possíveis formas de definir *self*.

¹⁵ Este tópico será explicitado mais tarde neste capítulo.

Para um bom funcionamento psicológico é indispensável que o *self* não se funda ou confunda com os outros a quem está ligado (Fleming, 2005). Assim, também se considera que “*Separating oneself from embeddedness in a relational matrix is a necessity for psychological development*” (Marcia, 1993, p. 109).

Além disso, reconhecer o outro como sujeito, isto é, reconhecer o outro como separado do *self* e distinto da representação internalizada que temos dele (objeto interno)¹⁶ é a via para a intersubjetividade: a criação de uma relação entre dois sujeitos caracterizada pela mutualidade e pela compreensão empática (Benjamin, 2008).

1.1. Self e emoção.

A pergunta específica que se coloca neste ponto é a seguinte: qual o papel da emoção na formação do *self*?

Numa perspectiva lata sobre a relação entre emoção e identidade, Haviland-Jones e Kahlbaugh (2004) consideram que “emotion “glues” together chunks of experience through processes of emotional magnificence and resonance, and thus creates identity” (p. 294). Mostram, assim, como a emoção é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto: é sujeito porque constrói o puzzle das nossas experiências e é objeto porque caracteriza as experiências que fazem parte daquele puzzle.

Mais especificamente uma teoria da emoção que destaca o papel da emoção na formação do *self* é a teoria das emoções diferenciais (*differential emotions theory*) de Carroll Izard (e.g., Izard, 1991, 2009; Izard & Ackerman, 2004). Izard e Ackerman (2004) observam, em primeiro lugar, que os seres humanos expressam emoções

¹⁶ O conceito de objeto interno será retomado e aprofundado no ponto 4. deste capítulo.

discretas nos primeiros anos de vida – interesse, alegria, tristeza, raiva, nojo e medo –, surgindo depois outras emoções com o desenvolvimento e a socialização – vergonha, culpa, timidez e desprezo. Em segundo lugar, constatam que cada uma dessas emoções serve uma função adaptativa em três áreas: motivação, organização e regulação do comportamento. Concluem, então, que as emoções influenciam a formação da personalidade e as diferenças individuais nas respostas ao ambiente.

Em síntese, a teoria das emoções diferenciais assenta em sete princípios teóricos (Izard & Ackerman, 2004):

- o sistema das emoções é considerado o sistema motivacional primário do comportamento humano;

- cada uma das emoções discretas assume funções diferentes na organização da percepção, da cognição, das ações de *coping*, dos esforços criativos, no desenvolvimento da personalidade e no comportamento;

- situações significativas ativam padrões de emoções (as emoções estabelecem relações entre si, formando padrões);

- as combinações emoções-comportamentos começam a formar-se no início da vida e mantêm-se estáveis;

- a capacidade das emoções para motivar, organizar e sustentar comportamentos influencia o desenvolvimento da personalidade;

- as diferenças individuais, tanto nos limiares de ativação da emoção como na frequência e intensidade com que cada emoção é experienciada e expressa, determinam grandemente os traços e as dimensões da personalidade;

- ainda que cada emoção detenha uma função adaptativa, as emoções podem conduzir a comportamento não adaptativo.

Outra teoria que também defende o papel determinante da emoção na formação e desenvolvimento do *self*, mas que acrescenta uma outra variável – as relações interpessoais –, é a teoria funcionalista das emoções discretas (*discrete emotions functionalist theory*) de Carol Magai (e.g., Magai & Halpern, 2001; Magai & McFadden 1995). Esta teoria procura perceber não só como as emoções atuam na formação da personalidade, mas também como contribuem para mudanças na personalidade.

No que diz respeito ao papel das emoções na formação da personalidade (Magai, 2001; Magai & McFadden 1995), considera-se que os estados emocionais mais frequentemente experienciados no início da vida, tanto no plano intrapessoal como no plano interpessoal (como, por exemplo, os sentimentos de apaziguamento e de contar com os outros ao sermos cuidados em situações de stress) passam a constituir características da personalidade. Os estados emocionais normalmente menos experienciados (como, por exemplo, a ausência de sentimentos de apaziguamento e de contar com os outros por não sermos cuidados em situações de stress) também caracterizam a personalidade, mas agora pela sua ausência. E todos esses estados emocionais passam a influenciar o modo como se processa a informação (percepção, memória, interpretação, avaliação, atribuição), os processos intrapsíquicos e os comportamentos (formas de *coping* e estratégias defensivas), bem como a maneira como nos relacionamos com os outros (Magai & McFadden 1995).

Relativamente à influência das emoções nas mudanças da personalidade, defende-se que são os acontecimentos mais emocionalmente marcantes que podem precipitar mudanças na vida e na personalidade das pessoas (Magai & Halpern, 2001). E

considera-se que são os acontecimentos no campo relacional – seja a ruptura ou o estabelecimento de uma relação íntima, seja outra experiência relacional – os mais emocionalmente marcantes e, conseqüentemente, os que desencadeiam maiores alterações (Magai & Halpern, 2001).

No campo das neurociências, também se encontra investigação sobre a relação entre a formação do *self* e a emoção.

Por exemplo, Panksepp (1994) defende que é com base no sentimento e não no pensamento que as primeiras formas de autoconsciência se formam. Considera que a famosa asserção de Descartes “Penso, logo existo” deveria ser alterada para “I feel, therefore I am”¹⁷ (Panksepp, 1994, p. 397).

Interessantemente, a afirmação de Descartes também é criticada por investigadores na área da psicologia que enfatizam a importância dos outros na formação do *self*, defendendo que “contrary to the Cartesian tradition (. . .) one develops a self-concept not via solitary introspection but by seeing oneself through other’s eyes” (Auerbach & Blatt, 2002, p. 80).

Voltando ao domínio das neurociências, para Damásio (1995), os sentimentos representam a experiência de uma pessoa relativamente àquilo que está a acontecer consigo própria. Damásio (2000) estabelece uma relação entre a consciência e os sentimentos: “A consciência permite que os sentimentos sejam conhecidos, promovendo deste modo o impacto interno da emoção e permitindo que a emoção permeie o processo do pensamento pela mão do sentimento” (p. 77).

Segundo Damásio (2003), ter conhecimento dos sentimentos permite-nos:

¹⁷ Damásio (1995) também põe em causa o pensamento de Descartes, especificamente a relação que o filósofo estabelece entre a mente e o corpo.

- resolver problemas complexos, como por exemplo julgar o outro;
- identificar e analisar situações que causaram emoções, bem como as respostas emocionais e os pensamentos que ocorreram nessas situações;
- recordar acontecimentos importantes da vida pessoal;
- aprender e recordar situações emocionalmente positivas e negativas, que influenciarão pensamentos e decisões futuras.

2. Os Outros

A par da individualidade de cada adulto, do seu *self*, encontram-se os outros com quem são estabelecidas relações. Estabelecer relações é considerado uma necessidade psicológica básica do ser humano (e.g., Ryan & Deci, 2000a, 2000b). Corresponde ao desejo de pertença sentido pelas pessoas, levando-as a procurar formar laços com os outros, aspirando construir relações caracterizadas pela segurança e intimidade (Ryan & Deci, 2000a, 2000b).

Baumeister e Leary (1995) pesquisaram sobre a existência de uma hipótese de pertença (*belongingness hypothesis*), concluindo que essa hipótese se confirmava: as pessoas estão fortemente motivadas para estabelecer e conservar relações interpessoais sólidas e duradouras.

Além da necessidade e motivação para estabelecer relações e da sua centralidade na vida dos seres humanos, as matrizes relacionais construídas ao longo da vida contribuem para o desenvolvimento psicológico dos seres humanos (Marcia, 1993). São as relações com os outros que mais impacto causam na trajetória de vida das pessoas,

bem como na sua personalidade, a começar pela relação de vinculação que se forma na infância¹⁸.

Especificamente na vida adulta, Magai e Halpern (2001) sustentam, como já foi referido, que são as mudanças no campo interpessoal que mais afetam emocionalmente as pessoas, sendo capazes, por isso, de produzir alterações na vida e na personalidade. De facto, vários estudos efetuados com adultos mostraram que as mudanças de personalidade estavam associadas a acontecimentos de natureza relacional íntima, que tinham ocorrido nas suas vidas, fossem eles positivos ou negativos (Magai & Halpern, 2001).

Estabelecer relações também nos conduz a partilhar com os outros a mesma realidade intersubjetiva, ou seja, as características consensualmente atribuídas à realidade e que seguem um princípio básico de racionalidade (Haan, 1977). Comparar as nossas perceções e interpretações da realidade com as dos outros pode levar-nos a questionar e eventualmente rever as nossas (Wilson, 2002).

Ao mesmo tempo, a compreensão que temos da realidade é ela mesma uma construção situada num tempo e num espaço histórico, social e cultural (e.g., Bruner, 1986).

A própria perceção visual parece ser influenciada pela cultura em que estamos inseridos. Investigações recentes mostraram diferenças entre as respostas de americanos e asiáticos a determinados testes perceptivos visuais (Nisbett & Miyamoto, 2005). Nas respostas dos americanos, encontrou-se uma perceção visual mais analítica das situações, focada nos objetos mais salientes, independentemente do contexto em que

¹⁸ Assunto a ser desenvolvido no ponto 5. deste capítulo.

esses objetos estavam inseridos. Nas respostas dos asiáticos, havia uma percepção visual mais holística, sendo estabelecidas relações entre os objetos e os contextos

Os outros funcionam também como uma fonte de conhecimento sobre nós próprios. Não é fácil saber quem somos por vários motivos: devido aos aspetos inconscientes do nosso *self* aos quais não temos acesso (e.g., Westen et al. 2010; Wilson, 2002); pelas incoerências existentes entre as percepções que temos de nós próprios e os nossos comportamentos (Wilson, 2002; Wilson & Dunn, 2004); por causa dos mecanismos de defesa (e.g., Haan, 1977; Ihlevich & Gleser, 1986; Vaillant, 1995) e das ilusões positivas (Baumeister, 1989; Taylor & Brown, 1988) que distorcem a percepção que temos de nós e da nossa realidade. Especificamente no caso dos mecanismos de defesa, os nossos sentimentos, pensamentos e comportamentos defensivos podem originar reações de desacordo por parte dos outros. Podemos ser acusados de estarmos a negar a realidade, a enganarmo-nos ou até a sermos desonestos; por outro lado, podemos também ser ajudados a apercebermo-nos dos mecanismos defensivos que estamos a usar (Vaillant, 1995).

Dado ser difícil conhecermo-nos a nós próprios, revela-se útil saber o que as pessoas pensam e dizem sobre nós. Com essas informações, poderemos traçar com mais acuidade o nosso autorretrato, bem como alterar atitudes e comportamentos (Wilson & Dunn, 2004). Um caminho a seguir é, pois, conhecermo-nos através dos olhos dos outros (Wilson, 2002). No entanto, essa via também contém alguns obstáculos: as pessoas têm dificuldade em aperceber-se de que os outros partilham sobre elas uma visão distinta daquela que elas têm delas próprias e tendem a reter as ocasiões em que a visão delas e dos outros é idêntica; por sua vez, os outros podem não ser sinceros nas suas opiniões para não nos magoarem; por fim, a visão dos outros não é

necessariamente mais correta do que a nossa (Wilson & Dunn, 2004). Em suma, o olhar dos outros é importante, mas importa saber contextualizá-lo e integrá-lo.

A importância das relações interpessoais na vida das pessoas é também observada no contexto psicoterapêutico. Por um lado, são muitas vezes problemas nessa área que levam as pessoas a uma consulta de psicoterapia (e.g., Aron, 2009; Hobson, 1985; Mitchell, 1988). Por outro, a relação estabelecida com o psicoterapeuta é um dos fatores com maior influência na mudança dos pacientes. Ao paciente é oferecida uma nova experiência relacional com a qual pode aprender novas formas de se relacionar consigo e com os outros. A capacidade transformadora da relação terapêutica tem sido assinalada por inúmeros investigadores e clínicos (e.g., Canavarro, 1999; Fonagy, Gergely, & Target, 2008; Hobson, 1985; Mitchell, 1988; Soares, 2002).

3. Erik Erikson

Erik Erikson (1902-1994) constrói uma teoria sobre o desenvolvimento do ser humano desde o nascimento até à morte (Erikson, 1963/1995, 1968/1994, 1982/1997). Trata-se de uma teoria psicossocial, assente na ideia de que o desenvolvimento do ser humano advém da interação entre o indivíduo e o meio social em que está inserido.

Tanto o alargamento até ao término da vida como a influência do contexto social em que se nasce diferenciam a teoria do desenvolvimento da personalidade de Erikson da teoria psicosssexual de Freud, ainda que Erikson estabeleça ligações entre as duas, usando alguns conceitos de Freud para descrever os vários estádios de desenvolvimento que propõe. Por esta razão, encontra-se em Erikson uma linguagem híbrida, que

descreve como o mundo relacional, social, cultural e histórico e o mundo das pulsões se inter-relacionam.

Erikson sublinha sempre a influência da cultura na formação de uma pessoa, começando logo pelo modo como o bebê é cuidado. O autor observa que os cuidados prestados aos filhos por diferentes índios americanos e pelos americanos brancos são influenciados pelas percepções que cada uma dessas comunidades tem sobre quais são as necessidades de uma criança, o que se pode exigir de uma criança, o que se espera dessa criança, etc.. Erikson analisa a relação entre esses cuidados e algumas características culturais dessas comunidades. Por exemplo, os Sioux (Erikson, 1963/1995) amamentam os seus bebês até uma idade tardia – 3 anos –, situação que levava as mães a impedirem os filhos de lhes morderem o peito. Essas mães satisfaziam sempre as necessidades dos bebês, não havendo lugar para a frustração, ao mesmo tempo que suprimiam os desejos de morder por parte dos filhos. Erikson relaciona estes comportamentos com a generosidade e a ferocidade dos Sioux, respetivamente.

Esta perspetiva psicológica e antropológica defendida por Erikson adquire um renovado interesse devido quer à crescente investigação na área da psicologia cultural quer ao recrudescimento de sociedades em que coexistem culturas diferentes (cf. Lonner, 2000). Além disso, em estudos mais recentes sobre os estádios de desenvolvimento propostos por Erikson, nomeadamente sobre a generatividade, constata-se que a motivação para ser generativo decorre também da cultura em que o adulto está inserido, cultura que espera do adulto um comportamento generativo e lhe oferece oportunidades para tal (McAdams & St. Aubin, 1992).

Outra característica da teoria de Erikson é basear-se no processo biológico que regula o desenvolvimento do feto, segundo o qual o crescimento obedece a um plano

geral com o qual se nasce. Esse plano é constituído por etapas que se sucedem num tempo específico e que se influenciam umas às outras, de modo que o que aconteceu na etapa anterior condiciona o que vai suceder nas etapas seguintes. O crescimento termina quando se chega ao resultado previsto no plano. Aplicando, então, esse processo de crescimento à personalidade, encontra-se uma perspectiva da personalidade como algo que se vai formando sequencialmente; esta visão sequencial do desenvolvimento da personalidade está ilustrada nos diagramas de Erikson (1963/1995, p. 245; 1968/1994, p. 94).

Há críticos desta noção de sequencialidade aplicada ao desenvolvimento da personalidade, nomeadamente Mitchell (1988) e Stern (2000). Estes dois autores consideram que existem áreas de dificuldade nas várias fases do desenvolvimento que permanecem ao longo da vida, não sendo específicas de uma etapa e não sendo nunca completamente resolvidas. Mudam as interpretações, atitudes, competências e comportamentos do ser humano para lidar com essas áreas, mas elas não desaparecem. É o que acontece, por exemplo, com a autonomia: é vivida de forma diferente na infância, adolescência ou vida adulta, continuando a ser uma área que vai trazendo novas questões ao longo da vida.

Essas críticas fazem sentido. No entanto, a perspectiva de Erikson acaba por não ser uma simples visão sequencial. Só assim se poderá entender a seguinte afirmação do autor:

The assumption that on each stage a goodness is achieved which is impervious to new inner conflicts and to changing conditions is (...) a projection on child development of that success ideology which can so dangerously pervade our private and public daydreams.... The personality is engaged with the hazards of existence continuously.... (Erikson, 1963/1995, p. 247)

Assim, ainda que a teoria do desenvolvimento de Erikson se baseie no princípio do crescimento biológico do feto, apresenta algumas diferenças importantes. Estas diferenças não são apontadas de forma explícita por Erikson, situação que poderá ter conduzido a algumas interpretações simplistas da sua teoria ou meramente ao esquecimento dessas diferenças (cf. Mitchell & Black, 1995). Uma delas prende-se com a possibilidade, no caso da teoria do desenvolvimento da personalidade, de cada etapa não ser completamente realizada, ou seja, há elementos dessa etapa que permanecem na nova. Outra diferença é a possibilidade de, numa etapa posterior, serem desenvolvidos aspetos específicos de uma etapa anterior. Pode, então, concluir-se que:

Each stage is reworked anew by the struggle with subsequent ego qualities, and Erikson envisioned ego development across the life cycle less in terms of a stepladder and more in terms of a complex set of vital tensions, progressively unfolding and in constant resonance with each other. (Mitchell & Black, 1995, p. 148)

Outro aspeto fundamental na teoria do desenvolvimento da personalidade de Erikson diz respeito à existência de um conflito em todas as etapas, conflito que tem lugar entre dois polos opostos, sendo um positivo e outro negativo. Qual a origem desse conflito ou crise (outra palavra usada por Erikson)? É o próprio desenvolvimento, isto é, a criança, à medida que cresce, vai enfrentando situações novas, que pressupõem a interação com os outros, que apresentam um conflito específico e que surgem num tempo estabelecido.

E como se consegue ultrapassar o conflito/crise e avançar para a etapa seguinte? Através da interação do sujeito com o meio (que engloba os outros significativos,

espaços sociais mais alargados, como algumas instituições, e a cultura), cada indivíduo vai transpondo as crises específicas de cada etapa do desenvolvimento.

Vê-se, assim, que a interação sujeito-meio faz parte do plano de desenvolvimento do ser humano e, ao mesmo tempo, contribui para a superação dos conflitos que o próprio desenvolvimento coloca. Segundo Erikson (1968/1994), os seres humanos estão predispostos para estabelecerem relações com as pessoas e as instituições que os circundam. A relação com os outros é, pois, constitutiva do ser humano e, ao mesmo tempo, possibilita o seu desenvolvimento.

Quando há resolução do conflito ou crise, é o polo positivo que predomina, ainda que o polo negativo não seja erradicado; é, como diz Erikson (1968/1994), uma questão de “*ratio*”:

What the child acquires at a given stage is a certain *ratio* between the positive and the negative which, if the balance is towards the positive, will help him to meet later crisis with a predisposition toward the sources of vitality. (p. 325)

Trata-se de um ponto fundamental para compreender a teoria de Erikson: as crises de cada estágio não são ultrapassadas quando o polo positivo erradica o negativo, pois o polo negativo subsiste. E porquê? Primeiro, porque é necessário, já que há situações na vida das pessoas em que é mais adaptativo reagir, por exemplo, com desconfiança do que com confiança (os polos do primeiro estágio); segundo, porque o desenvolvimento caracteriza-se exatamente pela tensão entre os dois polos e pela procura constante de um equilíbrio (cf. Mitchell & Black, 1995).

3.1. Os oito estádios da teoria do desenvolvimento da personalidade.

É dentro do enquadramento exposto no ponto anterior que Erikson constrói o seu modelo de desenvolvimento da personalidade em oito estádios. Em cada estádio, o sujeito depara-se, como já foi referido, com um conflito entre dois polos, sendo que a superação desse conflito assegura uma passagem para o estádio seguinte. Se o conflito não for resolvido, pode haver uma paragem no desenvolvimento e/ou podem surgir dificuldades na elaboração dos conflitos característicos dos estádios seguintes. Cada estádio é ainda caracterizado por uma virtude que sintetiza a resolução da sua crise específica.

O primeiro estádio de desenvolvimento desenrola-se à volta do conflito *confiança básica vs. desconfiança* e ocorre nos primeiros 12-18 meses de vida. É atribuído um papel fundamental aos cuidadores do bebé, uma vez que a confiança básica emerge consoante a qualidade da relação que se estabelece entre eles e o bebé. Quando a interação que os cuidadores estabelecem com a criança se pauta pela sensibilidade, responsividade, continuidade e confiança, o polo positivo predominará; quando a interação se caracteriza pela não responsividade, negligência ou ausência, será o polo negativo a prevalecer. A confiança básica irá revelar-se na confiança que a criança deposita em si própria e nos outros; Erikson considera-a não só o substrato essencial para o desenvolvimento posterior, como também “the cornerstone of a vital personality” (Erikson, 1968/1994, p. 97). De facto, a confiança básica conduz a um acreditar e investir em si e nos outros, enquanto a desconfiança leva à retirada do mundo das relações, acarreta sentimentos de abandono e de vazio. Entende-se, pois, que a virtude que caracteriza este primeiro estádio seja a *esperança*.

No segundo estágio – entre os 12/18 meses e os 3 anos –, surge o conflito *autonomia vs. vergonha e dúvida*. A autonomia decorre da maturação física da criança, que lhe permite um maior controlo sobre o mundo, a começar pelo seu próprio corpo. Reter e largar são comportamentos que a criança experimenta ao nível do corpo, dos brinquedos, das pessoas. O comportamento por parte dos cuidadores é de novo uma variável essencial neste estágio. É importante que ajudem a criança, não exigindo demasiado dela, protegendo-a quando necessário e, ao mesmo tempo, que a incentivem e lhe deem segurança (Erikson, 1963/1995). Se a criança é superprotegida ou restringida, dificilmente desenvolverá a sua autonomia. A liberdade de autoexpressão e a capacidade de autocontrolo caracterizam a autonomia, promovendo um espírito de boa vontade e um sentimento de orgulho. Por contraste, a vergonha tem a ver com o sentimento de se estar exposto ao olhar do outro sem estar preparado para essa exposição e ainda com uma consciência excessiva de si próprio. Desejar ser invisível, sentir-se pequeno, observar-se a si mesmo e ter medo de perder a face caracterizam a vergonha (Erikson, 1963/1995). A dúvida está ligada à vergonha, revela-se no medo de ser atacado, em medos paranoicos. A virtude deste segundo estágio é a *vontade*.

O terceiro estágio diz respeito ao conflito *iniciativa vs. culpa*: Situa-se entre o 3 e os 6 anos. Neste estágio, a criança torna-se mais ativa e experimenta mais. A ambição e a capacidade de criar objetivos surgem a partir da iniciativa. Faz sentido, assim, que a virtude deste estágio seja designada *objetivo*. Trata-se de uma fase de experimentação que é acompanhada por fantasias onnipotentes, rivalidades e ciúmes em relação aos pais. Como a criança não irá realizar essas fantasias nem fazer desaparecer os seus rivais, sente que falhou e, ao mesmo tempo, também se sente culpada. Para que a criança não fique refém desses sentimentos, é necessário que, na interação com a família, lhe seja passada a mensagem sobre aquilo que é permitido e o que não é, aquilo

que é possível e o que não é. Se deste terceiro estágio resultar o predomínio do polo negativo – a culpa –, podem-se formar adultos com um excessivo moralismo ou com uma grande autorrestricção e inibição.

No quarto estágio, dos 6 anos à puberdade, surge o conflito *realização vs. inferioridade*. Este conflito é vivido no círculo relacional mais alargado da escola. A criança está pronta para aprender coisas novas e tem vontade de aprender coisas novas. Assim, na escola poderá adquirir e dominar novos conhecimentos e novas competências, surgindo daí um sentimento de realização. É também nesta altura que a criança aprende outras formas de socialização, especificamente a fazer coisas ao lado dos outros e com os outros. A virtude deste estágio é a *competência*. Quando o polo negativo predomina, emerge um sentimento de inferioridade; as crianças sentem que não fazem nada bem feito e deixam de se interessar pelas atividades escolares. O sentimento de inferioridade pode ter origem na não resolução do conflito do estágio anterior e a criança ainda luta com essa crise, não estando ainda preparada para a escola. Pode também ter origem na própria escola, que não valoriza o que a criança já consegue fazer.

Poderíamos englobar o segundo, terceiro e quarto estágios na seguinte dicotomia: sentimento de que se é capaz de fazer coisas, sendo essas coisas boas, o que inclui a autonomia, a iniciativa e a realização vs. sentimento de que não se é capaz de fazer coisas e coisas que se querem fazer podem ser más, o que inclui a vergonha/dúvida, a culpa e a inferioridade.

Ao colocar esses três estágios a seguir ao da confiança básica vs. desconfiança, Erikson faz depender esses três do primeiro, mostrando como, de facto, considera a confiança básica uma experiência essencial para o desenvolvimento posterior. Pode-se,

então, estabelecer uma ligação entre o domínio relacional (primeiro estágio) e o domínio do agir (os outros três que se seguem), sendo que aquele surge em primeiro lugar. Essa mesma ligação surge nos estágios da vida adulta, como se verá. Antes, há o quinto estágio.

O quinto estágio é o da *identidade vs. difusão da identidade*, que surge durante a puberdade e termina quando se atinge a fase de jovem adulto. Estamos na adolescência: a fase da vida que constitui uma moratória psicossocial, em que o indivíduo já deixou de ser criança e lhe é socialmente permitido explorar-se e explorar o mundo que o rodeia antes de se tornar um adulto e aí, sim, definir trajetórias e assumir papéis. Erikson dedica uma atenção especial ao quinto estágio, concluindo que “in the social jungle of human existence there is no feeling of being alive without a sense of identity” (Erikson, 1968/1994, p. 130). É a partir da exploração que o adolescente vai criar a sua identidade, vai conseguir responder à pergunta: “Quem sou eu?”. O adolescente vai deixar para trás identificações infantis para se identificar agora com o grupo de pares, o grupo social de maior relevância neste estágio. Vai também reagir ao meio social em que está inserido, que o pressiona a assumir uma identidade e um lugar na sociedade. Se a pergunta: “Quem sou eu?” não obtiver uma resposta satisfatória, resulta a difusão da identidade, que se pode traduzir na assunção de papéis socialmente inaceitáveis ou até desviantes, como também em atitudes de intolerância face àqueles que são diferentes. A virtude do quinto estágio é a *fidelidade*, da qual decorre outro conceito: o de ideologia. A assunção de uma ideologia pode manifestar-se num modo de vida ou numa atitude mais politizada. A introdução da noção de ideologia no quinto estágio revela o caráter eminentemente social da identidade, ou seja, a identidade é uma tomada de posição individual, mas influenciada pelo contexto social em que se está inserido.

Parece que esta perspectiva de Erikson sobre a identidade é suficientemente abrangente para incluir as culturas em que a pergunta “Quem sou eu?” obtém uma resposta menos individual e mais comunitária, sendo que as pessoas se definem mais pelo papel que a comunidade espera delas, do que pelas suas eventuais aspirações individuais – situação que ocorre na cultura africana (e.g., Ikuenobe, 2006). O conceito de identidade, tão caro a Erikson, espelha claramente a marca antropológica da sua teoria do desenvolvimento.

Os restantes três estádios fazem parte da vida adulta, a saber:

- *intimidade vs. isolamento* no adulto jovem, sexto estádio;
- *generatividade vs. estagnação* no adulto de meia-idade, sétimo estádio;
- *integridade vs. desespero* na idade adulta avançada, oitavo estádio.

Os dois primeiros estádios da vida adulta – *intimidade vs. isolamento* e *generatividade vs. estagnação* – serviram de base para a conceptualização das categorias da “Era uma vez... Adultos”. Os dois estádios também remetem para a conhecida afirmação de Freud, referida por Erikson (1963/1995), de que uma pessoa normal deve ser uma pessoa capaz de amar e de trabalhar.

Há, então, o conflito *intimidade vs. isolamento* no sexto estádio, sendo a capacidade de o indivíduo estabelecer relações íntimas que está em causa. É o mundo inter-relacional em que se inclui a *intimidade psicológica e sexual*. Se o conflito for ultrapassado, encontram-se pessoas que conseguem envolver-se em relações próximas, de teor amoroso-sexual ou não, e mantê-las, evidenciando capacidade de compromisso e de sacrifício. Quando o polo oposto predomina, encontram-se pessoas que mantêm

distância e afastamento dos outros, que são vistos como uma ameaça ao seu *self*. A virtude do sexto estágio é o *amor*.

Enquanto o sexto estágio se situa num contexto relacional mais estreito e mais dependente dos afetos, o sétimo estágio – generatividade vs. estagnação – abre o espaço relacional e está ligado não só a afetos, mas também a ações. A virtude deste estágio é o *cuidado*, que abarca não só um sentimento mas também um fazer, um fazer ao outro. Ser generativo é uma necessidade de um adulto maduro: “mature man needs to be needed” (Erikson, 1963/1995, p. 240). A generatividade revela-se em variadas ações: paternidade, preocupação com a geração seguinte, produtividade, criatividade. Quando essa capacidade generativa não é alcançada, assiste-se à regressão a uma falsa intimidade, à estagnação, ao empobrecimento pessoal, a uma autossatisfação.

Tal como as capacidades de autonomia, iniciativa e realização estavam dependentes do sentimento de confiança básica, também a capacidade de ser generativo tem como substrato a intimidade: “intimacy remains (. . .) the power of communal and personal *style*” (Erikson, 1982/1997, p. 71).

Por fim, o oitavo estágio – *integridade vs. desespero* – ocorre no final da vida, quando as pessoas fazem uma retrospectiva do que viveram e encaram a morte que se aproxima. A integridade surge se essa revisão da vida trazer sentimentos positivos e se conseguir aceitar a morte com alguma paz. O desespero emerge quando o balanço da vida está eivado de sentimentos negativos e de arrependimento, então o tempo que resta é visto como muito curto, resultando tudo isto numa grande dificuldade em enfrentar a morte. A virtude do oitavo estágio é a *sabedoria*.

4. Donald Winnicott

Começa-se por referir a oposição *ilusão vs. desilusão*, que é central na teoria de Winnicott (1971/1975), para depois abordar conceitos decorrentes dessa oposição que estão presentes na criação da situação projetiva “Era uma vez...”.

Permitir a *ilusão* da criança é a primeira função da mãe, o que significa adaptar-se às necessidades da criança e, assim, conferir-lhe “a *ilusão* de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar”, ocorrendo “uma sobreposição entre o que a mãe supre e o que a criança poderia conceber” (Winnicott, 1971/1975, p. 27). Por outras palavras: a criança deseja e a realidade obedece. De facto, o comportamento da mãe, ao atender de modo sistemático às necessidades da criança, conduz a que esta julgue ter o poder de criar uma realidade externa sempre gratificante, provocando um sentimento de onipotência. Nesta fase, Winnicott (1956/1975) considera que a mãe sofre de uma espécie de doença temporária, pois revela uma hipersensibilidade para tudo o que se passa com o seu bebé e coloca de lado os seus próprios interesses.

À *ilusão* inicial deve seguir-se a *desilusão*, que corresponde à segunda função da mãe: esta começa gradualmente a não responder nem de imediato nem a todas as necessidades da criança, começando esta a perceber que não detém um controlo mágico sobre a realidade.

A mãe que cumpre as duas tarefas é denominada “mãe suficientemente boa” por Winnicott (1971/1975).

A experiência relacional inicial com uma “mãe suficientemente boa” permite à criança a internalização de bons objetos. A noção de objeto, largamente utilizada pelos

teóricos da escola britânica das relações de objeto (Klein, Fairbairn, Winnicott, Guntrip; para uma síntese do pensamento destes autores, veja-se Greenberg & Mitchell, 2003; Gomez, 2005), pode definir-se como relação com o *self* e com outro.

Fala-se de objetos externos para referir as pessoas da nossa realidade com quem estabelecemos relações e de objetos internos para referir a representação que temos dessas relações na nossa mente. Há um processo de internalização dos objetos quando as relações que estabelecemos com os objetos externos são internalizadas e passam a constituir os nossos objetos internos.

É importante esclarecer que um objeto internalizado não corresponde à pessoa real com quem estabelecemos uma relação, podendo mesmo haver uma grande divergência entre essa pessoa e o objeto interno. Veja-se, a título de exemplo, um caso clínico apresentado por McWilliams (2004): um homem, que tinha uma atitude de frieza e rejeição para com os outros, descrevia a mãe como um bloco de gelo; contudo, a mãe era uma pessoa afetuosa e preocupada com ele; simplesmente aconteceu que, quando o filho era pequeno, ela tinha uma doença contagiosa, impedindo-a de tocar no filho – esta circunstância de vida teve mais influência na representação mental que o filho formou sobre a mãe do que a própria personalidade da mãe.

O processo de internalização¹⁹ e a formação de objetos internos tem origem nas interações que estabelecemos de forma continuada com os outros:

internal objects are constructed from repeated, relatively small interactive patterns.... Such internal objects are not people; nor are they parts or aspects of others. Rather, they are constructed from the patterned experience of self in

¹⁹ Voltar-se-á a este tópico no ponto 8.1. deste capítulo.

interaction with another: What is inside (i.e., represented internally) comprises interactive experiences. (Stern, 2000, p. 25)

Continuam a levantar-se diversas questões sobre todo esse processo. Qual o hiato existente entre as relações que temos com as pessoas reais e as percepções que temos dessas relações? Que parte ou partes das experiências relacionais são internalizadas? Sabendo que a internalização decorre da interação com objetos externos, que outras variáveis estão em jogo? Como é que os objetos internos condicionam futuras relações com objetos externos? É importante considerar estas e outras interrogações (cf. as várias perguntas colocadas por Greenberg & Mitchell, 2003).

Voltando ao processo de perda da ilusão da onnipotência, Winnicott (1971/1975) defende que esse processo é facilitado pela criação de um espaço intermediário, situado entre a realidade interna da criança e o mundo exterior: o chamado *objeto/espço transicional*. Trata-se de um espaço de transição entre o mundo interno e o exterior: nem é uma completa fantasia da criança nem é a estrita realidade, é uma combinação das duas; funciona como um espaço de experimentação e de elaboração emocional.

A criação de um espaço transicional não é apenas uma necessidade das crianças, mas também dos adultos. Também os adultos experimentam dificuldade e tensão em lidar com o confronto entre a realidade interna e a externa, recorrendo à criação de uma área intermediária da realidade para apaziguar essa tensão (Winnicott, 1971/1975).

Pode ver-se, de modo claro e expressivo, a criação de um espaço transicional num exemplo clínico de uma mãe que procura lidar com a morte de um filho com seis anos. Essa mãe estabelece o seguinte diálogo imaginário com o filho:

Fui lá cima, ao miradouro de Penacova, como tantas vezes fazíamos nesta altura, ver as andorinhas voarem. . . . Soube que enquanto as andorinhas voassem tu viverias, embora de uma forma de viver a vida diferente daquela que nós conhecemos. Senti que estarias sempre connosco, que farias sempre parte da nossa família e que te revelarias através de cada um de nós. (Canavarro, 2004, p. 42)

A criatividade está sempre presente no fenómeno transicional. Winnicott (1971/1975) esclarece que emprega essa palavra não para se referir à criação de obras de arte, mas sim para caracterizar a forma como as pessoas lidam com a realidade externa; vemos isso mesmo no exemplo citado anteriormente, na forma como aquela mãe lida com a perda do filho. A criatividade é tão fundamental na vida do ser humano que Winnicott (1971/1975) refere que “é possível estabelecer (. . .) um vínculo entre o viver criativo e o viver propriamente dito” (p. 100).

No conceito de espaço transicional de Winnicott, reconhecem-se duas capacidades distintas do ser humano: a capacidade para ver a realidade e viver o tempo presente; a capacidade para criar uma outra realidade e elaborar de uma forma criativa as necessidades internas.

Justaposto ao conceito de espaço transicional, surge o brincar winnicottiano (Winnicott, 1971/1975). Brincar é uma forma intermediária, transicional de a criança/o adulto se relacionar com o mundo exterior: não é a realidade, mas também não é uma atividade completamente alheia a ela; por sua vez, não é exclusivamente o mundo interno, mas tem algo dele. Winnicott (1971/1975) sublinha ainda que brincar é fazer e, para fazer, é necessário tempo. Estas duas ideias evidenciam como o brincar é um ato de experimentação e de maturação. Como sublinha Valeros (2008), brincar permite compreender, desenvolver e reparar aspetos da vida afetiva pessoal e interpessoal.

Interessantemente, no campo das neurociências, Panksepp (2004) refere que todos os mamíferos possuem um sistema cerebral básico para brincar, mostrando que a capacidade para o brincar tem um caráter inato e é comum a outras espécies. Panksepp integra o brincar no conjunto dos sistemas emocionais básicos (ao lado da raiva, medo, etc.), considerando que ao sistema emocional básico do brincar subjaz o sistema motivacional da alegria.

Os conceitos de espaço transicional e de brincar subjazem à estrutura e funcionamento da “Era uma vez... Adultos”, tal como já acontecia com a “Era uma vez...”. De facto, ambas as provas são um convite à criação de um espaço transicional, “onde se podem elaborar, duma forma criativa, as experiências emocionais” (Fagulha, 1994, p. 511). Pretende-se que seja um espaço em que criar e brincar se fundam através do manuseamento e escolha das cenas, bem como da elaboração de uma história. Trata-se, assim, de um convite a criar um espaço que não é a realidade nem é uma criação estrita do sujeito, mas antes uma área situada entre a realidade e a fantasia, que conduzirá e permitirá a elaboração das emoções suscitadas naquele aqui e agora da aplicação da prova.

Outra ideia de Winnicott subjacente à “Era uma vez... Adultos” diz respeito à capacidade para estar sozinho (Winnicott, 1958/2007). Por detrás da criação de quatro das categorias da “Era uma vez... Adultos” – as quatro categorias que dizem respeito à relação de cada um consigo próprio, construída em larga medida a partir da internalização de relações com outros significativos²⁰ –, encontra-se esta capacidade ou incapacidade de estar sozinho.

²⁰ Este assunto será desenvolvido no capítulo 1 da Segunda Parte.

Winnicott (1958/2007) considera que a capacidade para estar sozinho se desenvolve a partir da relação entre a mãe e a criança, especificamente a partir da possibilidade que a mãe oferece à criança para esta estar sozinha, embora estando simultaneamente junto dela. A mãe que se encontra junto da criança, permitindo, ao mesmo tempo, que a criança fique sozinha, está a comunicar um sentimento de confiança num duplo sentido: a mãe comunica à criança que esta pode confiar na sua disponibilidade, ela está ali; também comunica à criança confiança na própria criança e, concomitantemente, esta também poderá confiar na sua capacidade para estar sozinha sem a mãe. É a partir desta dualidade de estar sozinha e, ao mesmo tempo, com a mãe que progressivamente se desenvolverá a capacidade de a criança estar de facto sozinha. Inicialmente, a criança necessita da presença da mãe, uma presença que não poderá ser invasora, é apenas um estar ali. Assim, a criança consegue numa primeira fase estar sozinha com a mãe presente e depois conseguirá estar mesmo sozinha.

Numa relação íntima de teor amoroso-sexual, também se observa o paradoxo que é o de estar sozinho com o outro. Especificamente “after satisfactory intercourse each partner is alone and is contented to be alone. Being able to enjoy being alone along with another person who is also alone is in itself an experience of health” (Winnicott, 1958/2007, p. 31).

A capacidade de estar sozinho está interligada ao processo de internalização de bons objetos internos, iniciado com uma mãe suficientemente boa. As pessoas conseguem estar sozinhas porque não se sentem sozinhas, já que o seu mundo interior é habitado por bons objetos internos (Winnicott, 1958/2007). Para Winnicott (1958/2007), a capacidade de estar sozinho é uma das maiores provas de maturidade emocional.

5. Teoria da Vinculação

A teoria da vinculação tem sido amplamente investigada, conduzindo à publicação de um número muito vasto de artigos e livros. O conceito de vinculação surge na década de 40 do século XX, passando a constituir um conceito fulcral na psicologia e psicopatologia (Guedeney, 2004). Tem sofrido desenvolvimentos ao longo do tempo, sendo já possível traçar a sua história em três momentos (Soares, 2002). Não se pretende fazer aqui uma revisão da investigação produzida nem relatar a cronologia da teoria da vinculação. O que se fará é recordar os seus precursores, sintetizar os princípios fundamentais e referir alguns estudos sobre a vinculação na infância e mais aprofundadamente nos adultos. E tudo isso é acompanhado por uma reflexão pessoal e enquadrado na criação da “Era uma vez... Adultos”.

5.1. Teoria da vinculação: conceitos fundamentais.

O conceito de vinculação surge originariamente com John Bowlby (1907-1991). O seu primeiro estudo empírico sobre 44 jovens que tinham cometido furtos (Bowlby, 1944) marca decisivamente a teoria da vinculação. Em primeiro lugar, porque mostra o seu carácter eminentemente empírico, que desde logo a acompanhou e tem contribuído para fundamentar a própria teoria. Em segundo lugar, porque revela a importância inicial conferida à disrupção da vinculação (cf. Soares, 2002), uma vez que Bowlby, após um estudo detalhado de cada um dos 44 casos, encontra em 14 jovens, que classificou como “Sem afeto”, uma característica comum a quase todos: a perda do vínculo afetivo com a mãe.

Como se define vinculação? É um conceito abrangente que agrega várias realidades: “a set of infant behaviors, a motivational system, a relationship between mother and infant, a theoretical construct, and a subjective experience for the infant in the form of “working models””²¹ (Stern, 2000, p. 25).

Os comportamentos de vinculação, nomeadamente chorar, sorrir, olhar, agarrar, são considerados inatos ao ser humano e têm como função levar o bebé a aproximar-se da figura de vinculação ou ajudar o bebé a conseguir que a figura de vinculação se aproxime dele (Bowlby, 1969/1982). Essa proximidade é necessária à sobrevivência do ser humano; neste sentido, o sistema de vinculação faz parte do repertório necessário à preservação da espécie humana (e.g., Bowlby, 1969/1982; Scarvalone, Fox, & Safran, 2005).

A relação de vinculação caracteriza-se sobretudo pela procura de cuidados, especialmente proteção e segurança (Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978; Bowlby, 1969/1982). A criança necessita de proteção em situações ameaçadoras; nestas situações procura a figura de vinculação, funcionando esta como um porto seguro (*safe haven*). Ao mesmo tempo, a criança também precisa de uma base segura (*secure base*) para explorar o meio ambiente; a figura de vinculação constitui essa base segura da qual a criança se afasta, sabendo que a ela pode voltar caso necessite.

O sistema de vinculação estabelece conexões com mais dois sistemas: o sistema do cuidado (*caregiving*) e o sistema de exploração (George & Solomon, 2008). O sistema do cuidado diz respeito às funções do progenitor em proteger, tratar e confortar a criança (e.g., George & Solomon, 2008). O sistema de exploração caracteriza-se pela

²¹ O conceito de *working model* será explicitado mais adiante.

crecente necessidade e capacidade da criança para explorar o meio que a rodeia (Bowlby, 1969/1982).

O desenvolvimento do sistema de vinculação é largamente influenciado pela relação estabelecida entre a figura de vinculação e a criança nos primeiros anos de vida. Essa relação caracteriza-se pela mutualidade quando o cuidador se apercebe das necessidades da criança e responde a essas mesmas necessidades, sendo que a criança vai aprendendo que essa resposta surgirá (e.g., Newman & Newman, 2003). Neste caso, o sistema de vinculação desenvolve-se com base em representações e expectativas positivas que a criança detém em relação ao outro. Quando, pelo contrário, a relação entre a criança e a figura de vinculação se caracteriza pela ausência de mutualidade, a criança forma uma imagem negativa da relação com o outro. Neste caso, o sistema de vinculação desenvolve-se com base nisso mesmo, passando a integrar estratégias da criança, umas mais adaptativas e outras menos, para lidar com essa realidade adversa.

E, assim, com base nas interações estabelecidas com a figura de vinculação, bem como nas expectativas criadas relativamente ao comportamento da figura de vinculação e ao seu próprio comportamento, a criança constrói modelos internos dinâmicos (*internal working models*, Bowlby, 1969/1982; Bretherton & Munholland, 2008; Main, Kaplan, & Cassidy, 1985).

A noção de modelos internos dinâmicos é uma noção fundamental da teoria da vinculação. Os modelos internos dinâmicos consistem em representações mentais relativas ao *self*, aos outros e ao que se pode esperar deles, bem como à forma como o *self* e os outros se relacionam (Bowlby, 1973; Beckett, 2002; Bretherton & Munholland, 2008; Main et al. 1985). Essas representações são de cariz cognitivo e afetivo, integrando elementos conscientes e inconscientes (Main et al. 1985; Rholes & Simpson,

2004; Shaver & Mikulincer, 2005). Os modelos internos dinâmicos influenciam os sentimentos, comportamentos, atenção, memória, cognição e linguagem respeitantes à vinculação (Main et al. 1985).

Pietromonaco e Feldman Barrett (2000) consideram fundamental a tonalidade afetiva dos modelos internos dinâmicos, alertando para a necessidade de estudar o papel da emoção na forma como as pessoas veem as suas relações e se comportam nelas.

Aliás, é a partir da relação de vinculação e, concomitantemente, dos modelos internos dinâmicos, que se desenvolve a regulação das emoções (e.g., Bigras, Paquette, & LaFrenière, 2001; Cassidy, 1994; Diamond & Aspinwall, 2003; Fox & Calkins, 2004; Keiley, 2002; Sroufe, 1997; Veríssimo, Monteiro, Vaughn, & Santos, 2003). Como já foi referido, é através da relação de vinculação primária que a criança vai internalizando o padrão de interação característico daquela relação. Quando o padrão de vinculação se caracteriza pela responsividade, mutualidade, reciprocidade e cooperação, bem como pela capacidade de modular a tensão da criança, esta internaliza sentimentos de segurança. Especificamente sente que os outros cuidam dela, que o mundo é seguro, que o seu *self* tem valor e que ela própria tem um efeito no mundo. Ora, todos esses sentimentos estão na base da formação da capacidade de regulação das emoções (Sroufe, 1997).

5.2. Vinculação na infância.

Foi Mary Ainsworth (1913-1999), colaboradora de Bowlby e a outra precursora da teoria da vinculação, quem procedeu a uma classificação de padrões de vinculação. Esta classificação baseou-se na observação do modo como as crianças se comportavam

num procedimento laboratorial designado por *Situação Estranha*: as crianças eram colocadas numa sala com um observador e com a mãe, depois a mãe ausentava-se e, passado algum tempo, voltava a aparecer (Ainsworth et al., 1978; Bretherton, 1992).

Foram encontrados três padrões de vinculação (e.g., Ainsworth et al., 1978; Canavarro, 1999; Machado, 2004; Soares, 2002; Weinfield, Sroufe, Egeland, & Carlson, 2008):

- *inseguro-evitante* (ou tipo A): na presença da mãe, há uma exploração independente da mãe; no reencontro, a criança ignora-a ou evita-a;

- *seguro* (ou tipo B): na presença da mãe, a criança explora o ambiente, “utilizando” a mãe como base de segurança; no reencontro, a criança procura o contacto com a mãe e é facilmente confortada;

- *inseguro-ambivalente/resistente* (ou tipo C): na presença, o comportamento de exploração é pobre; no reencontro, a criança tem dificuldade em estabelecer contacto com a mãe, mostrando-se ora colérica e irritada, ora agitada e ansiosa.

Posteriormente, Main e Solomon (1986) introduziram um quarto padrão de vinculação na classificação de Ainsworth: o *desorganizado-desorientado* (ou tipo D), cuja característica principal é a ausência de uma estratégia de vinculação coerente. Já os outros três padrões são considerados estratégias de vinculação organizadas e subjacente a elas está uma adaptação à figura de vinculação (Main, 1990; Miljkovitch, 2004; Shaver & Mikulincer, 2005).

Main (1990) explora o conceito de estratégias condicionais para explicar a adaptação à figura de vinculação. O conceito de estratégias condicionais surge nas teorias da evolução: para alcançar determinados objetivos biológicos, os seres humanos

têm ao seu dispor diferentes estratégias que utilizam consoante as circunstâncias. Existem as chamadas estratégias primárias, que englobam o conjunto de comportamentos característicos de um determinado sistema comportamental, como, por exemplo, o sistema de vinculação. E as estratégias secundárias, que modificam aqueles comportamentos quando eles não se adaptam à situação.

Assim, quando a figura de vinculação é sensível e constitui um porto seguro e uma base segura para a criança, esta utiliza os comportamentos de vinculação inatos, consideradas estratégias condicionais primárias, sendo estas as encontradas no padrão seguro. Quando a figura de vinculação quer promover a independência da criança ou, pelo contrário, a sua dependência, a criança vai adaptar-se a essas circunstâncias, empregando estratégias condicionais secundárias: uma hipoativação dos comportamentos de vinculação, que encontramos no padrão inseguro-evitante; uma hiperativação, que encontramos no padrão inseguro-ambivalente/resistente.

As estratégias secundárias não se sobrepõem completamente às primárias, criando-se dificuldades e problemas: a criança insegura tem que lidar, ao mesmo tempo, com a figura de vinculação e com o ambiente; por outro lado, pode viver alguma conflitualidade entre as estratégias utilizadas e as necessidades que tem (Main, 1990).

A conceptualização dos padrões de vinculação como resultante de adaptações da criança à figura de vinculação levanta uma questão: o padrão de vinculação resulta somente dessa adaptação por parte da criança ou é antes o resultado da relação que ambas, criança e figura de vinculação, vão, em conjunto, construindo.

Van den Boom (1997) verbaliza a sua resposta de forma criativa num dos subtítulos de um seu artigo: “It takes two to become attached” (p. 593), fazendo uma associação com a famosa frase “It takes two to tango”.

E, segundo a teoria interpessoal, “two interacting people reciprocally influence each other’s behavior as they interact” (Horowitz, Rosenberg, & Bartholomew, 1993, p. 550). Aceitando este princípio, julga-se que seria importante tentar perceber melhor se também se aplica à relação de vinculação primária e como se aplica.

Ainda sobre a relação criança-figura de vinculação, outra questão que se coloca diz respeito à identificação da variável que exerce mais influência no estabelecimento do padrão de vinculação: o temperamento da criança ou sensibilidade da figura de vinculação.

Foram estudadas determinadas características da figura de vinculação que promovem a qualidade da relação: a sensibilidade e a responsividade (veja-se o estudo pioneiro de Ainsworth et al., 1978).

Por sua vez, Pietromonaco e Feldman Barrett (2000) consideram que não se pode ver de forma separada o padrão de vinculação, o temperamento (sendo que este se manifesta na reatividade emocional) e os comportamentos de proximidade ou evitamento usados pelas pessoas para lidarem com situações emocionais. Ao mesmo tempo, alertam para o facto de a reatividade emocional ser um produto da interação de características inatas e do ambiente.

Relativamente à classificação dos padrões de vinculação em quatro tipos, pode também ser colocada uma questão. Essa questão tem a ver com o facto de os quatro tipos de vinculação funcionarem, de certa forma, como protótipos (cf. Bartholomew & Horowitz, 1991), não permitindo dar conta da variabilidade individual.

Ora, no estudo inicial de Ainsworth et al. (1978), com base nos resultados obtidos na Situação Estranha, é proposto que a classificação em três grupos seja

subdividida em subclassificações. Assim, o tipo A e o tipo C integram cada um dois subgrupos (A1, A2, C1 e C2), o tipo B integra quatro subgrupos (B1, B2, B3 e B4), apresentando cada subgrupo as suas características específicas. Não é comum encontrar referência às subclassificações em estudos posteriores, embora Ainsworth et al. (1978) tenham afirmado que “refinements of classification offered by distinctions among subgroups will in time prove even more useful than classification into the three major group themselves” (p. 251). Esta consideração justifica-se em parte pelo seguinte: quando se usam categorias para descrever a realidade, retira-se complexidade a essa mesma realidade (Solomon & George, 2008). E parece que, quanto menor for o número de categorias, mais redutora ficará a imagem da realidade. Assim, enriquecer-se-ia a compreensão da vinculação se trabalhássemos também com as referidas subclassificações e não apenas com as classificações maiores.

Um outro aspeto também interessante é a circunstância de ser no padrão seguro que se encontram mais subgrupos. Parece, assim, haver mais pluralidade e variabilidade no padrão seguro do que nos inseguros. Interessantemente, Main et al. (1985) também encontraram maior variabilidade e imprevisibilidade no discurso das díades classificadas como as mais seguras; era um discurso que não apresentava características estilísticas relevantes, sendo também mais livre de regras.

Em suma, ao refletir sobre esta questão das subclassificações dos padrões de vinculação, pretende-se enfatizar os seguintes pontos:

- é importante que um instrumento de avaliação permita dar conta da variabilidade individual;

- um modelo constituído por um conjunto mais alargado de categorias está mais apto a dar conta dessa variabilidade do que um modelo constituído por um conjunto mais restrito;

- deve-se ter em atenção que se encontra mais variabilidade no padrão seguro do que nos padrões inseguros.

Para concluir, salienta-se que a investigação sobre a vinculação na infância tem mostrado a influência das experiências relacionais dos primeiros anos de vida. Mesmo assim, efetuaram-se estudos (referidos em Rutter, 2006) que mostraram que a vinculação segura na infância, tomada isoladamente, constituía um frágil preditor de um bom funcionamento relacional no adulto. Já quando se tiveram em conta outras medidas, de relações sociais e da vinculação segura em idades mais tardias, encontrou-se uma correlação positiva com a competência interpessoal na vida adulta. Importa também sublinhar que os padrões de vinculação podem mudar ao longo da vida (Weinfield et al., 2008).

5.3. Vinculação no adulto.

A ideia de que a vinculação acompanha a vida humana está patente na frequentemente citada afirmação de Bowlby sobre “the vital role it [attachment] plays in the life of man from the cradle to the grave” (Bowlby, 1969/1982, p. 208). Importa, assim, perceber como se caracterizam as relações de vinculação ao longo da vida²², sendo que aqui apenas se fará referência à vinculação no adulto.

²² Sobre a vinculação na adolescência, veja-se, por exemplo, um estudo feito em Portugal por Fleming (1997).

5.3.1. A Adult Attachment Interview.

Começa-se por referir um instrumento de avaliação construído para avaliar o padrão de vinculação dos adultos: a *Adult Attachment Interview (AAI)*. A *AAI* foi concebida por Carol George, Nancy Kaplan e Mary Main em 1984 (Hesse, 2008; Main et al. 1985; Soares, 2002). Consiste numa entrevista estruturada e é composta por 20 perguntas, questionando-se os participantes sobre as experiências de vinculação na infância e os seus efeitos na sua vida presente (George, Kaplan, & Main, 1996). É dito aos participantes para justificarem as suas respostas: por exemplo, na pergunta em que se pede para se escolher cinco adjetivos para descrever a relação com a mãe, é também pedido que se apresentem acontecimentos biográficos que ilustrem os adjetivos escolhidos.

Aquilo que a *AAI* avalia não é um comportamento de vinculação, tal como sucede na maior parte da investigação sobre a vinculação na infância, mas sim um estado mental relativamente à vinculação (George et al., 1996).

Para analisar as respostas dos participantes, a *AAI* baseia-se na teoria das máximas de Grice (1975). Segundo Grice, a interação verbal é orientada pelo princípio cooperativo e aderir ao princípio cooperativo significa obedecer a quatro máximas (Grice, 1975; Gouveia, 1996):

- *máxima da quantidade*: oferecer a informação necessária para a compreensão da mensagem, mas não mais do que a necessária;

- *máxima da qualidade*: dizer o que pensamos ser a verdade e sermos capazes de o comprovar;

- *máxima da relevância*: produzir um discurso que esteja em consonância com o assunto tratado;

- *máxima do modo*: produzir um discurso claro e organizado.

As justificações oferecidas pelas pessoas para fundamentarem as suas respostas às 20 perguntas da AAI são o que permite avaliar o respeito por aquelas máximas ou, usando outra palavra, a coerência. Trata-se de um parâmetro de análise considerado fundamental porque a coerência do discurso dos participantes diz mais sobre o seu estado mental relativamente à vinculação do que as percepções, negativas ou positivas, que as suas respostas revelem.

Participantes com percepções negativas da vinculação na infância podem relatá-las de uma forma coerente e serem classificados como seguros-autónomos (um dos padrões de vinculação propostos). Veja-se o seguinte extrato da AAI de um falante que escolhe o adjetivo *troublesome* para descrever a relação com a mãe na infância:

Troublesome. Well, she was troublesome for me when I was young, no question. She yelled a lot of the time, I remember that, and she also – she could spank really hard, and she got angry a lot. But like I said, my father left when I was 4, and she was trying to make enough of an income to support us, and trying hard to keep us on the straight and narrow at the same time that she was away such long hours. I didn't like it, what she did – like one time she slapped me in the face over something my sister had done, but she never apologized. I hated the yelling when my report card wasn't up to par. Yes, troublesome, or maybe I should have said it was a troubled relationship. But while I wish it had been different, it wasn't. (Hesse, 2008, p. 560)

Claro que apenas este excerto não permitiria classificar este falante como sendo um indivíduo seguro-autónomo, mas permite apontar para essa classificação.

Resultados semelhantes ao exemplo anterior conduziram os investigadores sobre a vinculação no adulto a introduzirem o conceito de segurança adquirida (*earned security*), característico dos casos de pessoas que, tendo uma infância insegura, apresentam um padrão seguro na vida adulta. Como é que esse processo se desencadeia e desenvolve permanece uma questão ainda em aberto (Bretherton, 1990; Bretherton & Munholland, 2008; Hesse, 2008).

É também uma questão que se insere no debate sobre a maior ou menor probabilidade de continuidade ou descontinuidade entre padrões de vinculação na infância e no adulto. Em estudos longitudinais efetuados tem-se encontrado uma coincidência entre padrões de vinculação na infância e relações afetivas na vida adulta, contudo também se encontraram mudanças nos padrões de vinculação ao longo da vida (Canavarro, 1999; Pietromonaco & Feldman Barrett, 2000).

Voltando de novo às respostas na *AAI*, veja-se agora um outro extrato em que, contrariamente ao anterior, as máximas são violadas, resultando num discurso incoerente. O falante escolheu o adjetivo *loving* para caracterizar a relação que tinha tido com a mãe:

I don't remember.... Well, because she was caring and supportive. / Well..., I guess like, well, you know, she was really pretty, and she took a lot of care with her appearance. Whenever she drove me to school, I was always really proud of that when she pulled me up at the playground. (Hesse, 2008, p. 558)

Todas as máximas são violadas: a da quantidade, já que não é oferecida informação suficiente para perceber a resposta; a da qualidade, pois aquilo que se diz não demonstra o adjetivo escolhido, sendo apenas usados sinónimos de “loving”:

“caring” e “supportive”; a da relação, porque dizer que a mãe era gira e se preocupava com a sua aparência não se relaciona com o assunto em questão (apontar um acontecimento que mostrasse que a mãe era “loving”); a de modo, pois não se produz um discurso organizado e claro. Claro que apenas este excerto não permitiria classificar este falante como sendo um indivíduo inseguro, mas permite apontar para essa classificação.

Importa referir que no primeiro estudo realizado com a AAI (George et al., 1996; Soares, 2002), compararam-se, de um lado, os resultados obtidos com um conjunto de adultos na AAI e, do outro, os resultados obtidos na Situação Estranha com esse mesmo conjunto de adultos e os seus filhos. Dessa comparação, concluiu-se que havia uma correspondência entre os padrões de vinculação em que os pais se enquadravam e os padrões de vinculação em que os filhos se integravam. Esta conclusão permitiu mostrar que havia uma transmissão intergeracional de padrões de vinculação.

Dessa comparação, foram também concebidos três padrões de vinculação no adulto (e.g., Canavarro, 1999; George et al., 1996; Soares, 2002; Hesse, 2008):

- *seguro-autónomo* (categoria F): as relações e experiências de vinculação tanto são valorizadas como percecionadas de forma objetiva e coerente, havendo capacidade para integrar os seus aspetos positivos e negativos;

- *inseguro-desligado* (categoria D): as relações e experiências de vinculação não são valorizadas e delas se tem uma perceção ora idealizada, ora difícil de comprovar;

- *inseguro-preocupado* (categoria E): as relações e experiências de vinculação passadas e presentes são motivo de preocupação, havendo dificuldades em ter delas uma perceção objetiva e coerente e também em refletir sobre elas.

Posteriormente foi proposto um quarto padrão – *não resolvido/desorganizado* (categoria U) –, que se caracteriza por raciocínio e discurso confusos, sem rumo, entrecortados; tende a surgir em indivíduos que tenham sofrido experiências traumáticas de perda ou abuso na infância (George et al., 1996; Hesse, 2008; Soares, 2002). E surge ainda um quinto padrão – não classificável (*cannot classify*, categoria CC) –, que inclui, como a própria designação indica, os casos que não se conseguem classificar, uma vez que se caracterizam por uma oscilação entre mostrar-se desligado e preocupado face às relações de vinculação, traduzindo-se ora num discurso idealizado, ora num discurso preocupado e encolerizado (George et al., 1996; Hesse, 2008; Soares, 2002).

Tal como acontece com o sistema de classificação da Situação Estranha, também na *AAI* se encontram subclassificações. Hesse (2008) menciona que Main e Goldwyn num dos seus estudos com a *AAI* “began to note what were at times striking differences between transcripts that had been placed in a given major classification theory” (p. 567).

Essas diferenças são assinaladas em 12 subclassificações que caracterizam subgrupos dentro dos três padrões de vinculação (Hesse, 2008; Main, Hesse, & Goldwyn, 2008). Assim, o padrão seguro-autónomo (F) é subdividido em cinco subgrupos (F1, F2, F3, F4, F5), sendo no subgrupo F3 que se encontram os falantes mais coerentes e que melhor correspondem ao padrão seguro-autónomo. O padrão inseguro-desligado (D) é subdividido em quatro subgrupos: D1, em que os falantes manifestam uma idealização extrema das figuras de vinculação e fazem referências a falta de memória; D2, em que os falantes apresentam a reação contrária, denegrindo as figuras de vinculação; D3, em que surgem as características de D1 mas de forma moderada; D4 cuja característica principal é recearem a morte da criança com quem

tinham sido observados na Situação Estranha²³. Por fim, o padrão inseguro-preocupado (E) é subdividido em três subgrupos; em todos eles os falantes mostram-se preocupados (daí incluem-se no padrão inseguro-preocupado), sendo essa preocupação acompanhada de reações diferentes: passividade no subgrupo E1, ira no E2 e medo no E3.

Quando se indicou as subclassificações da Situação Estranha²⁴, chamou-se a atenção para a circunstância de haver mais subgrupos no padrão seguro (quatro) do que nos padrões inseguros (dois em cada) e interpretou-se esse resultado como indicador de maior variabilidade individual nas situações de vida em que há precisamente maior segurança relacional. Com as subclassificações da *AAI*, volta-se a encontrar mais subgrupos no padrão seguro-autônomo (cinco), seguido do padrão inseguro-desligado (quatro) e, por fim, do inseguro-preocupado (três). Perante estas subclassificações, a interpretação mantém-se, uma vez que continua a haver mais variabilidade no padrão com mais segurança relacional.

E mantém-se também a ideia de que, se quisermos apreender a variabilidade individual, é necessário um sistema de classificações mais lato, que abranja mais possibilidades. É neste enquadramento que se entende a pretensão de Hesse (2008): “I hope that both scales scores and subcategory placement will appear in print far more frequently, thereby providing a more refined understanding of processes related to attachment” (pp. 590-591).

²³ Relembra-se que no primeiro estudo com a *AAI* se comparava os resultados obtidos com adultos na *AAI* e com os filhos desses adultos na Situação Estranha.

²⁴ Ver o ponto 5.2.

5.3.2. Modelo do self e modelo do outro.

Uma configuração diferente da vinculação no adulto é proposta por Bartholomew e Horowitz (1991). Baseando-se em Bowlby (1973), sublinham que o conceito de vinculação integra dois modelos dinâmicos internos: um modelo do *self* e um modelo do outro. E consideram que cada modelo pode apresentar um polo positivo e um polo negativo, extraíndo-se assim quatro possíveis estilos de vinculação.

Bartholomew e Horowitz (1991) integram também duas dimensões no seu modelo: dependência e evitamento da intimidade. A dependência subjaz ao modelo do *self* e tem a ver com a internalização ou não internalização do valor próprio: o valor próprio está internalizado ou, pelo contrário, depende de valorização externa, isto é, dos outros. O evitamento da intimidade subjaz ao modelo do outro: caracteriza-se por uma reação de afastamento dos outros, pois teme-se que as relações com os outros tragam consequências negativas.

Apresenta-se de seguida o esquema que utilizam para ilustrar a sua proposta.

Figura 1 – Modelo da vinculação do adulto

(adaptado de Bartholomew & Horowitz, 1991, p. 227)

		Modelo do <i>self</i>	
		Positivo (Baixa)	Negativo (Alta)
Modelo do outro (Evitamento)	Positivo (Baixo)	Seguro	Preocupado
	Negativo (Alto)	Evitante Desligado	Evitante Com Medo

No estilo de vinculação *seguro*, há um modelo do *self* positivo, havendo o sentimento de que se tem valor e se é apreciado, e um modelo do outro também positivo, havendo a expectativa que o outro é aceitante e responde às nossas necessidades. São pessoas que apresentam uma dependência baixa e um evitamento baixo, sentindo-se bem quer com a autonomia quer com a intimidade.

O estilo *preocupado* caracteriza-se por um modelo do *self* negativo, pois há o sentimento de que não se tem valor e não se é gostado, e por um modelo do outro positivo, pois há uma valorização dos outros. Só conseguindo a aceitação por parte dos outros significativos é que o indivíduo passa a aceitar-se a si próprio. Compreende-se, assim, que a dependência em relação aos outros seja alta e haja uma extrema preocupação com as relações, sendo o evitamento baixo.

No estilo *evitante desligado*, encontra-se um modelo do *self* positivo, havendo uma valorização de si próprio, e um modelo do outro negativo, havendo a expectativa que o outro irá desapontar. Estas pessoas não investem em relações próximas, manifestando um evitamento alto, e assumem uma imagem de independência excessiva, logo a dependência é baixa.

O estilo *evitante com medo* caracteriza-se por ambos os modelos – do *self* e do outro – serem negativos: há o sentimento de que o próprio não tem valor e de que não se pode confiar nos outros. Estas pessoas têm dificuldades com a autonomia e com a intimidade, a preocupação é alta e o evitamento também.

5.3.3. O que caracteriza a vinculação no adulto: um modelo interno dinâmico de vinculação ou vários?

Até agora referiram-se classificações e estudos sobre a vinculação no adulto em que as pessoas são classificadas num único padrão de vinculação, caracterizado por uma determinada representação mental da vinculação ou, usando outra expressão, por um modelo interno dinâmico. As pessoas caracterizam-se, assim, por um determinado estilo de vinculação que marca todas as suas relações significativas e que as acompanha ao longo da vida.

Acontece que outras investigações têm questionado se a vinculação no adulto se caracteriza pela existência de um único modelo interno dinâmico ou por diferentes modelos, que são ativados consoante os distintos domínios relacionais (parental, filial, amoroso, entre pares) e as próprias relações (Collins et al., 2004).

No domínio das relações com pares, Pierce e Lydon (2001) encontraram diferentes modelos relacionais e defendem que as relações com pares não podem ser caracterizadas por um único modelo.

Baldwin e Dandeneau (2005) referem estudos cujos resultados mostraram que uma percentagem de participantes mudava as suas respostas relativamente ao seu estilo de vinculação em diferentes momentos de avaliação e que os participantes apresentavam diferentes estilos de vinculação para descrever as suas 10 relações mais significativas. Qual a razão de toda esta variabilidade? É provável que “most people actually have multiple relational schemas representing a wide range of relationship experiences and expectancies” (Baldwin & Dandeneau, 2005, p. 42). Sendo assim, “Attachment orientation... might best be understood as a matter of which model

becomes activated, as a function of partner characteristics, chronic tendencies, situational variables, and so on” (Baldwin & Dandeneau, 2005, p. 42).

Pietromonaco, Greenwood e Feldman Barrett (2004) salientam que os comportamentos de vinculação surgem numa relação constituída por duas pessoas, cada uma com o seu estilo de vinculação. Será pois necessário perceber quer como o estilo de cada pessoa influencia o do outra – os “partner effects” – quer como os estilos de ambas se combinam e funcionam em conjunto – os “couple effects”. Os dois tipos de efeitos têm consequências nos padrões de vinculação das pessoas envolvidas na relação.

Feeney (2008) reconhece a importância desta nova perspectiva ao considerar que a “recognition of the dyadic nature of attachment effects has been a hallmark of recent research” (p. 468).

Relacionada com a questão sobre a existência de vários modelos internos, está uma outra questão: o modelo interno dinâmico de vinculação é uma variável individual ou uma variável relacional (e.g., Feeney, 2008; Pietromonaco & Feldman Barrett, 2000). Se é uma variável individual, deverá manter-se constante em diferentes relações interpessoais, apresentando-se como uma característica da personalidade; se é uma variável relacional, será influenciada pela especificidade da própria relação. Acontece que se encontram investigações que validam tanto uma como outra possibilidade (Feeney, 2008; Pietromonaco & Feldman Barrett, 2000). Por esta razão, Pietromonaco e Feldman Barrett (2000) defendem a substituição do termo estilo de vinculação pelo de trajetória de vinculação. Este novo termo já abarcaria as mudanças no modelo interno dinâmico de vinculação quer ao longo da vida quer numa relação particular.

A investigação sobre a existência de diferentes modelos dinâmicos internos realça a importância do que podemos designar como variável contextual, concretamente

as circunstâncias e a especificidade de cada relação. Introduzir uma variável contextual na teoria da vinculação lembra a forma de compreender o desenvolvimento defendida pela perspectiva dos sistemas dinâmicos (Thelen & Smith, 1994), segundo a qual é necessário entender como se interinfluenciam, de um lado, princípios globais e, do outro, aspetos relativos a um determinado contexto. Por outras palavras, entender como estabilidade e variabilidade se conjugam.

Se essa perspectiva for aplicada à teoria da vinculação, pode-se manter a coexistência de um modelo global de vinculação – que diz respeito à estabilidade – e de modelos específicos – que integram a variabilidade. Há três formas de entender como os dois modelos se interinfluenciam (Collins et al., 2004):

- o modelo global e o modelo específico influenciam de forma independente a relação, produzindo efeitos cumulativos que podem não ser convergentes;
- o modelo específico opera como variável moderadora sobre o modelo global, sendo os efeitos deste moderados pelos efeitos daquele;
- o modelo global influencia o modelo específico e daí resulta a relação.

Interessantemente, Bretherton (1990) menciona que Bowlby escolheu o termo *working model* porque lhe sugeria a ideia de estruturas mentais dinâmicas. E Bretherton (1990) defende que “internal working models are best conceptualized as systems of hierarchical organized schemas” (p. 247).

5.3.3.1. *Diferentes modelos internos dinâmicos do self?*

Uma vez que os modelos dinâmicos internos integram um modelo do *self* e um modelo do outro e se, como se tem vindo a referir, têm sido observados distintos modelos de vinculação, haverá também diferentes modelos do *self*. Neste sentido, poder-se-á falar de múltiplos *selves*, associados a vários modelos do outro (Andersen & Chen, 2002; Baldwin, 1992). Segundo Andersen e Chen (2002), “individuals possess multiple selves in relation to the various significant others in their lives” (p. 638).

Em Harter (1997), encontra-se outra forma de abordar a questão: o *self* é uno e nem todos os *selves* são autênticos – existe um falso *self* que se opõe a um verdadeiro *self*; sendo ambos, em parte, construídos com base nas experiências relacionais.

No falso *self*, podem estar incluídas perceções dos outros sobre o *self* que não correspondem à experiência subjetiva do próprio *self*. Ou, então, as exigências dos outros significativos, associadas à necessidade do *self* em obter a sua aprovação, podem conduzir a que o *self* não comunique nem aja de forma autêntica, mostrando de si o que os outros querem ver. Harter et al. (1997) investigaram, no contexto de uma relação amorosa, a relação entre mostrar o verdadeiro *self* e ser validado pelo parceiro, concluindo que as pessoas mostravam o seu autêntico *self* quando se sentiam validadas pelo parceiro.

Existe uma tensão entre o falso *self* e o verdadeiro *self*, sendo que no primeiro encontra-se a “perception that one is compromising who one really is” (Harter, 1997, p. 88). O falso *self* resulta de uma adaptação excessiva à forma como os outros nos veem ou à necessidade de lhes agradar. Já uma adaptação saudável do *self* pressupõe uma integração entre, de um lado, a nossa orientação para a autonomia ou individualidade e,

do outro, a nossa orientação para a conexão, para estar em relação com os outros (Harter, 1997).

Em Winnicott (1952/1975, 1960/2007), também surgem os conceitos de falso *self* e verdadeiro *self*, ainda que num enquadramento conceptual diferente. Winnicott defende que o bebé desenvolve o seu verdadeiro *self* ao experienciar uma interação com uma mãe suficientemente boa: esta permite ao bebé manter a ilusão onipotente de que é ele que cria o mundo à sua volta, ilusão gradualmente perdida através da criação de um espaço transicional²⁵. A mãe que não é suficientemente boa não satisfaz as necessidades onipotentes da criança, sendo o bebé obrigado a adaptar-se ao meio externo que o circunda, sem estar preparado para essa experiência excessivamente precoce de desilusão. Sem a mediação da mãe suficientemente boa, o bebé sente o mundo externo como uma invasão (*impingement*) do seu mundo mágico. E, assim, se desenvolve um falso *self* como resposta de adaptação forçada ao mundo externo e também como forma de proteção do verdadeiro *self*.

Já sobre a origem do verdadeiro *self*, Winnicott não nos oferece uma resposta muito clara. Diz que “The True Self appears as soon as there is any mental organization of the individual at all, and it means little more than the summation of sensory-motor aliveness” (Winnicott, 1960/2007, p. 149). Mas qual o papel dos outros na formação do *self*, nomeadamente o da mãe suficientemente boa? Será apenas o papel de proteção contra a invasão do mundo externo? Se se pensar na forma como Winnicott descreve a capacidade de estar sozinho, haverá que concluir que a mãe contribui de outras formas para a formação do *self*.

²⁵ Todos os conceitos aqui mencionados foram explicitados no ponto 4. deste capítulo, referente a Winnicott.

Ainda que saindo do mundo da investigação, mas permanecendo no mundo das pessoas, traz-se para este debate o final de uma história de vida que ficou universalmente conhecida no século XX, a história de Anne Frank que termina assim o seu diário: “e continuo a procurar um meio para vir a ser aquela que gostava de ser, que era capaz de ser, se... sim, se não houvesse mais ninguém no Mundo.” (Frank, s.d., p. 350). Neste pensamento de Anne Frank, vê-se a impossibilidade de se assumir o verdadeiro *self* na presença dos outros. Ora, talvez Anne Frank tivesse outra perceção se tivesse lido Winnicott (1963/2007) quando afirma que: “At the centre of each person is an incommunicado element, and this is sacred and most worthy of preservation” (p. 187). Talvez ficasse a pensar que aquele seu pensamento apenas se aplicasse a esse “incommunicado element”, podendo manifestar as outras faces do seu *self* na presença dos outros, sendo enriquecida com essa experiência e ficando menos sozinha.

É precisamente a influência dos outros na formação do *self* e o facto de nos relacionarmos de modos diferentes em diferentes domínios relacionais, bem como em relações particulares, que fundamentam, como foi referido anteriormente, a perspetiva do *self* como múltiplo. Já Harter e Winnicott defendem a ideia de haver um *self* autêntico, verdadeiro, privado, situado no nosso interior, correspondendo a quem é que de facto somos, podendo ou não ser revelado aos outros. Será possível conciliar a perspetiva do *self* como múltiplo e descontínuo com uma visão do *self* como unitário e contínuo?

Mitchell (1993) defende que sim. Mitchell começa por assinalar que a perspetiva do *self* como múltiplo e a perspetiva do *self* como unitário se baseiam, respetivamente, numa metáfora temporal e numa metáfora espacial do *self*. Assim, considerar o *self* como múltiplo é ter em conta quer as mudanças do *self* ao longo da vida quer as

mudanças do *self* em diferentes contextos relacionais – o *self* manifesta-se na multiplicidade, pois vive no tempo e vive com os outros. Já ter uma visão do *self* como unitário é pensar no *self* como um espaço constituído por várias camadas, sendo umas mais profundas e outras mais superficiais, correspondendo as mais profundas ao autêntico *self*, a quem de facto somos. Ora, para Mitchell nós somos feitos, de igual forma, de tempo e de espaço, de descontinuidade e de continuidade, de multiplicidade e de unicidade.

6. Teoria Relacional

A teoria relacional não corresponde a nenhuma teoria específica, antes engloba um conjunto diversificado de perspectivas psicanalíticas que partilham a mesma tese (Aron, 2009; Fonagy et al., 2008). Essa tese pode ser enunciada da seguinte forma: “Mind is composed of relational configurations” (Mitchell, 1988, p. 3). Neste ponto do capítulo, apresentar-se-á de forma sucinta a teoria relacional.

Para melhor enquadrar e caracterizar a teoria relacional, utiliza-se a separação, estabelecida por Greenberg e Mitchell (2003), entre o modelo pulsional e o modelo relacional para agrupar as correntes da psicanálise.

No modelo pulsional (Greenberg & Mitchell, 2003), incluem-se as orientações psicanalíticas que definem o ser humano como um ser constituído por pulsões, isto é, necessidades psico-orgânicas de dois tipos – libidinais e agressivas. Satisfazer essas pulsões é a motivação principal dos indivíduos. O mundo pulsional caracteriza a instância psíquica denominada *Id*, que se rege pelo princípio do prazer. Existem obstáculos à satisfação das pulsões: a realidade externa e as instâncias psíquicas

designadas superego e ego. No superego, estão incluídas as exigências e interdições que foram veiculadas pelos progenitores e que foram internalizadas (ver também Laplanche & Pontalis, 1975). O ego constitui-se como mediador entre o *Id* e a realidade externa e entre o *Id* e o superego (ver também Laplanche & Pontalis, 1975).

O conflito marca as relações entre o princípio do prazer e o princípio da realidade, bem como entre as várias instâncias. E cabe ao ego a difícil tarefa de reconciliar as várias partes:

o ego, pressionado pelo id, confinado pelo superego, repellido pela realidade, luta por exercer eficientemente (. . .) a harmonia entre as forças e as influências que atuam nele e sobre ele; e podemos compreender como é que com tanta frequência não podemos reprimir uma exclamação: ‘A vida não é fácil!’ (Freud, 1933/2000, para. 31)

Pode-se concluir que no modelo pulsional a saúde mental depende largamente da forma como cada ser humano lida com todos aqueles conflitos. O modelo pulsional corresponde às ideias originárias de Freud.

No modelo relacional (Greenberg & Mitchell, 2003), incluem-se as orientações psicanalíticas que defendem que a principal motivação humana é o estabelecimento e a manutenção de relações. Neste modelo, as relações passadas e presentes, reais e imaginárias constituem os principais elementos da vida mental. Os teóricos das relações de objeto, nomeadamente Winnicott (referido no ponto 4. deste capítulo), inserem-se no modelo relacional.

O conflito também existe no modelo relacional: conflito intrapessoal, por exemplo, na motivação para estabelecer relações e na necessidade de autonomia (e.g.,

Fleming, 1997; Mitchell, 1988); conflito interpessoal, por exemplo, nas expectativas do *self* e nas expectativas do outro (Mitchell, 1988, 2009).

Além das diferenças apontadas, o modelo pulsional e o modelo relacional inserem-se em tradições filosóficas distintas sobre o ser humano: no modelo pulsional, encontra-se a orientação filosófica que vê o sujeito como predominantemente autónomo e cujos objetivos são sobretudo individuais; no modelo relacional, encontra-se a orientação filosófica que vê o sujeito como marcadamente social, cujos objetivos se realizam com e na comunidade em que está inserido (Aron, 2009).

7. Stephen Mitchell

Stephen Mitchell (1946-2001) foi um psicanalista norte-americano defensor da teoria relacional. Nas suas obras, encontra-se uma conceção do ser humano baseada nas relações reais e imaginárias, externas e internas que cada um de nós estabelece com os outros e consigo próprio, sendo essas relações caracterizadas pelo conflito²⁶. Dada a importância conferida às duas variáveis – relações e conflito –, Mitchell (1988) constrói um modelo de compreensão do funcionamento psicológico que denomina modelo conflito-relacional (*relational-conflict model*).

A perspetiva de Mitchell fundamenta-se em teorias de outros autores, no próprio pensamento de Mitchell e na sua experiência como psicanalista, não havendo referência a investigação quantitativa. Esta ausência pode constituir uma fragilidade da sua obra, ainda que seja compensada pela capacidade do autor em contextualizar histórica e socialmente as diferentes orientações teóricas, pela apresentação de casos clínicos e

²⁶ A ideia de conflito também está presente na teoria do desenvolvimento de Erikson (como ficou explicitado no ponto 3. deste capítulo).

pelas suas afirmações penetrantes, que ajudam a entender melhor o funcionamento psicológico dos seres humanos.

Passa-se a apresentar algumas ideias de Mitchell que foram importantes para a construção da “Era uma vez... Adultos”. São estabelecidas associações com teorias e conceitos de outros autores.

7.1. As duas teses de Mitchell.

Duas teses fundamentais caracterizam a perspectiva conflito-relacional de Mitchell (1988, 2009): a vida dos seres humanos alicerça-se numa matriz relacional e essa matriz relacional caracteriza-se pelo conflito.

7.1.1. A vida dos seres humanos alicerça-se numa matriz relacional.

Ao defender que a vida dos seres humanos se alicerça numa matriz relacional, Mitchell baseia-se em três assunções: as relações são constitutivas das pessoas, a principal motivação dos seres humanos é estabelecer e manter relações, a nossa personalidade forma-se nas experiências relacionais. Mitchell (1988) afirma, então, que “To be human means to be in relation to others, to be embedded in a relational matrix” (p. 170).

E porque seremos nós seres relacionais, motivados para estabelecer relações, moldados por experiências relacionais? Segundo Mitchell (1988), há pelo menos três respostas a essa pergunta, que se passam a apresentar de forma sucinta. Uma dessas respostas é “*because we are built that way*” (Mitchell, 1988, p. 21), em que se invocam

razões inatas, biológicas, evolutivas. Outra é “because we *crave relatedness*” (Mitchell, 1988, p. 26), resposta baseada num facto fenomenológico e numa dedução clínica. Por fim, a resposta que assenta numa característica distintiva do ser humano: a capacidade de refletir sobre si próprio, de ter uma consciência do seu *self*; essa capacidade desenvolve-se ao longo da vida dos seres humanos e está, em parte, dependente das relações que criamos com os outros, começando logo pela relação com a mãe. Conquistar essa capacidade de reflexão sobre si é uma necessidade inata e conduz o ser humano a relacionar-se com os outros.

Mais recentemente, a questão da capacidade reflexiva tem sido investigada por Fonagy (2008; Fonagy et al., 2008), que define capacidade reflexiva ou de mentalização como a capacidade que permite imaginar a existência de estados mentais no *self* e nos outros, ou seja, imaginar o que o *self* e os outros pensam e sentem, interpretando o comportamento à luz desses estados mentais. Esta capacidade é essencial quer no domínio intrapessoal quer no domínio das relações sociais.

Fonagy (2008) defende a existência de uma relação entre o sistema de vinculação e a capacidade de mentalização. Quando o sistema de vinculação é ativado e obtém uma resposta por parte do cuidador, a criança não tem necessidade de o manter ativado e fica cognitiva e emocionalmente disponível para desenvolver a capacidade de mentalização. Numa situação inversa, ou seja, quando a criança não obtém uma resposta por parte do cuidador, o sistema de vinculação mantém-se ativado, pois a criança vai tentar encontrar formas para atrair mais a atenção ou para lidar com a ausência de cuidados, ficando assim bloqueada a possibilidade de desenvolver a capacidade de mentalização. Além disso, na segunda situação, a mentalização também provocaria mais

sofrimento à criança, pois isso significaria imaginar o que ela e o seu cuidador estariam a sentir.

Voltando a Mitchell, nas configurações relacionais, distinguem-se três componentes: o *self*, o outro e o espaço entre os dois (Mitchell, 1988). Olhando para as três respostas que justificam porque somos seres relacionais, Mitchell (1988) considera que na primeira resposta (porque nascemos assim) se dá mais importância à componente do espaço entre os dois, na segunda (porque desejamos estabelecer relações) se dá mais importância à componente do outro e, por fim, na terceira (porque queremos ter consciência do nosso *self*) se dá mais importância ao *self*. Ora, para Mitchell (1988), as três componentes são interdependentes e as três integram as configurações relacionais.

Pode dizer-se que a primeira tese de Mitchell – a vida dos seres humanos alicerça-se numa matriz relacional – não é propriamente inovadora; quer dentro da psicanálise quer dentro da psicologia em geral, encontram-se autores e teorias a defenderem o mesmo. Ao longo deste capítulo, tem-se mostrado isso mesmo.

7.1.2. A matriz relacional caracteriza-se pelo conflito.

Segundo Mitchell, “*Conflict is inherent in relatedness*” (1988, p. 160). É recuperada uma ideia central da psicanálise clássica – exatamente a de conflito²⁷: “Like the drive model, it [the relational-conflict model] regards the central psychodynamic struggle in human experience as involving conflicts among powerful desires, wishes, and fears” (Mitchell, 1988, p. 10).

²⁷ A noção de conflito proveniente da psicanálise freudiana é considerada por Westen et al. (2010) como uma das principais contribuições da psicanálise para entender o funcionamento psicológico do ser humano.

Diferentes áreas de investigação têm evidenciado a existência de conflito na vida dos seres humanos.

Na investigação sobre atitudes na psicologia social, defende-se que os estudos sobre atitudes deviam deixar de obedecer a uma visão bipolar, que se estende num *continuum* do muito positivo ao muito negativo, e passem a considerar que as duas dimensões – positiva e negativa – podem coexistir (Cacioppo, Gardner, & Berntson, 1997). Esta proposta fundamenta-se na observação de que uma dada situação pode causar, ao mesmo tempo, sentimentos negativos e positivos.

A existência de conflito na vida dos seres humanos também se mostra pelo facto de os nossos pensamentos, sentimentos e comportamentos serem o resultado de processos tanto conscientes/reflexivos/explícitos como inconscientes/impulsivos/implícitos²⁸ que podem entrar em conflito entre eles mesmos (esta conclusão lembra o modelo pulsional de Freud, especificamente o conflito entre o ego e o *Id*). Na análise do comportamento social, Strack e Deutsch (2004) constataam que o sistema reflexivo e o sistema impulsivo “may also compete if they activate incompatible schemata or if the reflective system inhibits the execution of a behavior that is impulsively activated” (p. 230).

No campo das neurociências, identificou-se uma área específica no cérebro – o córtex cingulado anterior caudal – que é ativada face a estímulos incongruentes, sejam esses estímulos não salientes emocionalmente, como, por exemplo, a palavra *vermelho* em letras azuis, sejam salientes emocionalmente, como, por exemplo, um rosto triste acompanhado da palavra *festa* (Haas, Omura, Constable, & Canli, 2006).

²⁸ A existência destes dois tipos de processos que influenciam a personalidade e comportamento das pessoas foi referida no Capítulo 1 da Primeira Parte.

Também investigação efetuada no domínio da genética revelou que os genes herdados do nosso pai entram, por vezes, em conflito com os genes que herdamos da nossa mãe, pois perseguem objetivos diferentes: de uma forma simplificada, o lado materno do nosso *self* leva a comportamentos mais gregários, enquanto o lado paterno do nosso *self* leva a comportamentos mais ligados a questões de sobrevivência e de descendência (Trivers, 1997). Um exemplo: perante a possibilidade de uma ligação sexual consanguínea, o lado maternal do nosso *self* pode estar interessado em investir nessa ligação, pois é confortável aproximarmo-nos de uma pessoa com quem já estamos relacionados, enquanto o lado paternal do nosso *self* não está, pois pode ser prejudicial para a descendência. Interessantemente, o nosso esqueleto tem mais genes e células paternas ativas e o nosso cérebro tem mais maternas, com exceção do hipotálamo que regula o crescimento e o apetite. Pode imaginar-se um conflito interno entre o neocórtex e o hipotálamo num diálogo metafórico: o primeiro diria “I like family” e o segundo “I’m hungry” (Trivers, 1997, p. 393). Este tipo de conflito é experienciado a nível fisiológico e psicológico, estando ligado à evolução da espécie.

Regressando ao modelo conflito-relacional de Mitchell, o conflito pode surgir no domínio intrapessoal, como, por exemplo, entre a necessidade de estarmos ligados aos outros e a necessidade de nos diferenciarmos deles (Mitchell, 1988). E também no domínio interpessoal como, por exemplo, entre a disponibilidade desejada pelo *self* e aquela que é oferecida pelo outro – trata-se de um conflito que surge logo entre a criança e o seu cuidador (Mitchell, 1988).

Para lidar com o conflito, é quase sempre necessário haver uma negociação, o que frequentemente obriga a um compromisso entre perdas e ganhos. Tanto em Mitchell como em Bowlby se encontra a perceção de que há um preço a pagar pelas nossas

relações, as relações comportam sempre alguma perda. Mitchell (1988) afirma que “Connection with another always both actualizes and expands the self and also inevitably exacts a price in the narrowing of other options” (p. 277). E Bowlby (1969/1982) constata que:

partnership is bought at a price. Since each partner has his own personal set-goals to attain, collaboration between them is possible only so long as one is prepared, when is necessary, to relinquish, or at least to adjust, his own set-goals to suit the other's. (p. 355).

Na análise das respostas à “Era uma vez... Adultos” (como se verá mais detalhadamente na Segunda Parte), será assinalado se as histórias apresentam ou não um conflito.

7.1.2.1. Conflito e padrão de vinculação seguro.

Ao ter em conta que o conflito faz parte da vida dos seres humanos, questiona-se aquilo que parece ser uma excessiva idealização das pessoas encontrada, por vezes, em alguns artigos sobre a vinculação, especialmente quando se caracteriza o padrão seguro. Atentem-se nas seguintes afirmações sobre as pessoas classificadas no padrão seguro:

- na vida em geral são “individuals who thrive emotionally and socially and who make the most of their opportunities” (Feeney & Collins, 2004, p. 307);

- lidam com a realidade sem recorrer a mecanismos defensivos: “people with security-supporting mental representations of attachment experiences tend to fell

generally safe and protected without having to activate defensive strategies” (Mikulincer & Shaver, 2005, p. 241);

- estão abertos a novas informações mesmo que colidam com as suas estruturas de conhecimento, pois conseguem acomodar-se, já que esse trabalho de acomodação não põe em perigo “the solid foundation of their general sense of competence, lovability, and control” (Mikulincer & Shaver, 2005, p. 249);

- na relação com o trabalho “secure individuals approach their work with confidence, enjoy working, and are not burdened by fears of failure. Although they value work, they do not allow it to interfere with their relationships” (Feeney & Collins, 2004, p. 328);

- nas relações com os outros manifestam uma “passionate, loving attitude toward others, even those who are different from oneself” (Mikulincer & Shaver, 2005, p. 253);

- em suma, os aspetos essenciais da vida estão consolidados, uma vez que as pessoas com um padrão seguro apresentam “a stable sense of self-efficacy and self-esteem, and reliance on constructive ways of coping, which in turn facilitates emotional strength and stability even in times of stress” (Mikulincer & Shaver, 2005, p. 241).

Este conjunto de afirmações é bem diferente da seguinte descrição:

Because of the pervasive relationality of our emotional lives, we have much less control over our own affective experience than is generally comfortable for us. Our emotions and behaviors have, to some degree, a messy life of their own, in the gaps, the spaces, between oneself and others. (Mitchell, 2009, p. 69)

E devido a essa “messy life”, as nossas relações não se caracterizam por uma harmonia e um equilíbrio constantes; há sempre ambivalência, frustração, incomunicabilidade, rufuras quer no domínio intrapessoal quer no interpessoal.

Mesmo em relações amorosas, que poderiam ser qualificadas como maduras, nunca seremos “felizes para sempre”:

Surely we might define “mature love” as a relationship characterized by mutuality. ... Such mutuality, though, seems an ideal, not a normative practice. No matter how mature and healthy, all love relationships are characterized by periodic retreats from mutuality to self-absorption and demands for unconditional sensitivity and acceptance. (Mitchell, 1988, p. 141)

Se, como foi referido anteriormente, se encontra algumas vezes descrições idealizadas do estilo de vinculação seguro, outros estudos sobre a vinculação reconhecem a existência de conflito nas relações próximas, mesmo naquelas em que ambos os parceiros apresentam um padrão seguro. E o que se procura compreender é a relação que se estabelece entre os diferentes tipos de vinculação e a forma como se lida com o conflito. Uma das conclusões a que se chega é que as pessoas com um estilo seguro conseguem lidar com o conflito de uma forma mais construtiva e, a partir do conflito, aprofundar a intimidade (e.g., Pietromonaco et al., 2004; vejam-se também os vários estudos referidos pelos autores).

7.2. A imperfeição e complexidade das relações pais-filhos.

Outro ponto interessante na teoria conflito-relacional de Mitchell, que também se afasta daquilo que se considera por vezes idealizado na literatura sobre a vinculação, diz respeito aos cuidadores. Para Mitchell (1988), “We have all been born of imperfect parents” (p. 199). Já segundo Bowlby (1973), os pais das crianças seguras caracterizam-se por “unfailing parental support when called upon but also by a steady yet timely encouragement towards increasing autonomy, and by frank communication” (p. 323).

A descrição de Bowlby terá de ser considerada como uma idealização, uma vez que vários estudos têm mostrado que a interação entre pais e filhos é, de facto, imperfeita.

Por exemplo, Fonagy (2008) refere que mesmo os pais mais sensíveis não acompanham ou não entendem o estado da mente da criança em mais de 50 % do tempo que estão com ela.

E Tronick e Cohn (1989) estudaram a interação criança-mãe e observaram que em mais de 70% do tempo não havia coordenação entre as duas. Observaram também que os momentos de descoordenação eram seguidos por tentativas para restabelecer a coordenação. Consideram, assim, que a qualidade da interação criança-mãe não deve ser avaliada apenas pela existência de coordenação, mas também pelo movimento de momentos de descoordenação para momentos de coordenação. Interpretam os momentos de descoordenação como erros interativos e as tentativas de restabelecer a coordenação como processos de reparação. Esta combinação erro-reparação permite que a criança desenvolva tanto a sua competência para interagir com o outro como a sua capacidade de *coping*; oferece também à criança o sentimento de realização.

Num estudo de Jaffe, Beebe, Feldstein, Crown e Jasnow (2001), encontra-se uma correlação positiva entre, de um lado, a vinculação segura e, do outro, a interação criança-mãe caracterizada por um grau intermédio de coordenação. Já um grau elevado ou reduzido de coordenação estava correlacionado com uma vinculação insegura. Os autores interpretam esses resultados com base nos efeitos positivos de uma coordenação intermédia: maior dependência do contexto (tempo, espaço, interlocutor), conduzindo a maior iniciativa e flexibilidade na interação.

Em suma, a ausência de coordenação entre a criança e a mãe não é algo de negativo, pelo contrário: desenvolve as competências comunicativas da criança, ajuda-a a regular os seus estados emocionais, mostra-lhe que é capaz de influenciar as suas relações e torna-a mais tolerante aos momentos de ausência de coordenação (Jaffe et al., 2001; Tronick, 1990; Tronick & Cohn, 1989).

Mitchell (1988) também questiona a visão do “parent as the villain of the piece” (p. 275). Esta maneira algo caricatural de se referir ao papel dos progenitores consegue chamar a atenção para a excessiva responsabilidade que, por vezes, se atribui ao cuidador, sem considerar outras variáveis. É o caso do temperamento da criança (e.g., Greenberg & Mitchell, 2003) e, sobretudo, das características próprias da vida infantil: uma grande dependência, que faz com que a criança encontre sempre falhas na disponibilidade do progenitor, aliada a experiências diversas como separação, doença, exclusão da relação parental, comparação e competição com irmãos (Mitchell, 1988).

As experiências diversificadas vividas pelas crianças estão bem patentes no estudo empírico desenvolvido por Mahler, Pine e Bergman (1975/2000). O acompanhamento continuado e profundo que fizeram de um grupo de mães e dos seus filhos ao longo de 15 anos mostra claramente como o desenvolvimento de um ser

humano é complexo – englobando diferenças individuais, a matriz relacional e as circunstâncias da vida – e também como tão facilmente entra em desequilíbrio em consequência daquelas variáveis. Apresenta-se aqui um resumo de uma das díades observadas: Matthew era uma criança que tinha uma relação harmoniosa com a mãe, mostrando-se esta disponível quando era precisa e, ao mesmo tempo, encorajando a autonomia do seu filho; entretanto, o nascimento de um irmão e um período de tempo em que Matthew esteve no hospital, devido a uma operação, transformam Matthew numa criança com alguma perturbação, que, por sua vez, dificultou a sua relação com a mãe. Este é apenas um exemplo entre vários e do conjunto dos casos estudados, conclui-se que “smooth and consistently progressive personality development, even under ordinary favorable circumstances, is difficult, if not impossible” (Mahler et al. 1975/2000, p. 227).

A crítica de Mitchell à ideia de fazer dos pais a origem dos problemas do desenvolvimento dos filhos também encontra algum eco em alguns autores na área da vinculação, que chamam a atenção para a forma como a teoria da vinculação tem investigado o papel da mãe: esta é vista como uma variável (George & Solomon, 2008). Ora, segundo George e Solomon (2008), é necessário começar a ver a mãe como um ser individual total e que se movimenta num contexto de vida específico. Os autores preocupam-se especificamente em investigar o sistema de cuidado, concluindo que este pode entrar em competição com outros sistemas comportamentais, como, por exemplo, o sexual, o exploratório e o de vinculação. Na verdade, os cuidadores costumam assumir outros papéis e estabelecer outras relações: são o parceiro sexual numa relação amorosa, investem na profissão, procuram apoio das suas figuras de vinculação. Pode também haver competição dentro do próprio sistema de cuidado, quando o progenitor cuida de mais de uma criança. Esta situação caracteriza parte da história de Matthew referida

anteriormente, uma vez que nasce um irmão que também tem necessidade de ser cuidado.

Esta condição de competição entre o sistema de cuidado e outros sistemas configura formas de conflito intrapessoal e também interpessoal, constituindo mais um dado empírico a fundamentar a teoria conflito-relacional de Mitchell.

Interessantemente, no campo das teorias da evolução, encontra-se uma perspectiva que aborda a questão do conflito entre mães e filhos: a teoria do conflito progenitora-descendência (*parent-offspring conflict theory*) de Trivers (1974). Segundo este investigador, existem várias áreas em que mães e filhos têm interesses divergentes, entrando, assim, em conflito.

Uma dessas áreas tem a ver com o investimento maternal: os filhos desejam por parte das mães um investimento maior do que aquele que as mães, via seleção de comportamentos ao longo da evolução, têm para oferecer. Isto acontece porque mães e filhos têm interesses reprodutivos diferentes. Quando os filhos são bebés e muito dependentes das mães, ambas as partes coincidem nos seus interesses reprodutivos, uma vez que está em causa a própria sobrevivência da descendência. Quando os filhos crescem, as mães podem querer investir noutros descendentes, sendo assim levadas a diminuir o investimento oferecido ao filho que já tinham e isso para se preocuparem com a nova descendência; porém, os filhos já existentes desejam continuar a obter o mesmo grau de investimento de forma a maximizar o seu sucesso reprodutivo futuro.

Uma variável que altera a duração e quantidade do investimento por parte da mãe é a altura do nascimento dos filhos: os que nascem mais tarde irão obter maior investimento, pois a idade reprodutiva da mãe está a terminar. Outra variável é a condição física da mãe: se está debilitada, irá diminuir o investimento no filho.

Compreende-se facilmente que a descrição de Trivers (1974) se torna mais complexa na espécie humana, ainda que pareça importante ter em conta a sua perspectiva quando se olha para o investimento dos pais nos filhos, para as diferenças nas relações com os filhos mais velhos e os filhos mais novos e ainda para as relações entre irmãos.

Outra área de conflito referida por Trivers (1974) diz respeito à possibilidade e altura de filhos se reproduzirem. É uma área estudada nos humanos, em que surgem situações em que os pais desejam que um filho fique em casa a cuidar deles e nunca assuma o papel de progenitor.

7.3. Sexualidade na teoria conflito-relacional.

Westen et al. (2010) sublinham que um dos contributos da psicanálise para o entendimento da personalidade é a consideração do papel central que a sexualidade ocupa na vida das pessoas. Os autores chamam a atenção para o facto de esta componente ser, por vezes, esquecida.

Também para Mitchell a sexualidade, tal como acontece com a noção de conflito, é considerada uma dimensão fundamental do ser humano. Mitchell (1988) considera que a sexualidade tem um lugar preponderante na vida das pessoas devido a quatro fatores:

- as experiências iniciais de uma criança são corporais, sendo os outros e o mundo vistos como causadores de sensações físicas de agrado ou desagrado;

- a sexualidade implica uma interpenetração de corpos e de necessidades do *self* e do outro, o que a torna uma área eminentemente relacional, com tudo o que isso implica de conflitos, negociações, limites, intimidade;

- a sexualidade é também biológica e fisiológica, sendo que essa característica influencia a forma como a percebemos e vivemos;

- o facto de se estar excluído da vida sexual dos progenitores torna a sexualidade num espaço em que se vive o permitido e o não permitido, o estar incluído e excluído.

Da mesma forma que fez com o conflito, Mitchell recoloca a sexualidade num contexto relacional. Para Mitchell (1988), a sexualidade é uma expressão da matriz relacional e do conflito que caracteriza a matriz relacional. E o conflito existente entre estar ligado ao outro *vs.* estar separado dele, que tem sido referido ao longo deste capítulo, ganha maior proeminência na relação sexual, devido à proximidade física e à resposta fisiológica envolvidas.

Sexualidade e intimidade estão conectadas, uma vez que "the mutual exchange of intense pleasure and emotional responsiveness is perhaps the most powerful medium in which emotional connection and intimacy is sought, established, lost, and regained" (Mitchell, 1988, p. 107).

A relação sexual pode conduzir a um momento de indiferenciação entre o *self* e o outro, quando, em nome da intimidade, a necessidade de diferenciação se esbate. Esses momentos de indiferenciação podem ocorrer porque se cria um espaço de ilusão partilhado por duas pessoas, porque ambas têm a capacidade para brincar (no sentido que Winnicott dá a este termo²⁹). Como sublinha Mitchell (1988), a capacidade para

²⁹ Ver o ponto 4. deste capítulo.

brincar é um aspeto essencial, não só nas relações entre adultos e crianças, mas também nas relações entre adultos.

E é essa capacidade para brincar no contexto da sexualidade, que passa por permitir-se criar em conjunto com o outro um tempo e espaço de ilusão por um determinado período, que permite ultrapassar dois obstáculos à criação de intimidade: o medo de fusão com o outro e o medo de ser abandonado pelo outro (Alperin, 2001; vejam-se também todas as referências sobre esta questão nesse artigo). Para Mitchell (1988), a permanência nesses dois medos caracteriza modos relacionais patológicos, enquanto a capacidade para lidar com eles de diferentes maneiras surge no modo relacional saudável.

7.4. Idealizações vs. relações.

Para concluir a abordagem à teoria conflito-relacional de Mitchell, salienta-se que, como foi referido anteriormente, as interações na infância são caracterizadas, em grande parte, pela ausência de coordenação e por esforços de reparação. Tendo essa realidade em consideração, torna-se difícil aceitar que a seguinte descrição da vinculação nos adultos possa ser uma realidade frequente:

Sensitive caregivers may function as a secure base for their relationship partners by facilitating exploration, responding to exploratory successes and difficulties in a way that is helpful and encouraging, promoting open communication regarding personal goals and desires, and variously fostering autonomy and providing assistance, depending on the partner's state of mind. In addition, sensitive caregivers promote the other's welfare by facilitating personal growth, encouraging the partner to take initiative, and recognizing the times when they should wait and not interfere versus step in and provide guidance. (Feeney & Collins, 2004, pp. 307, 308)

Mais uma vez pensa-se que há aqui uma idealização, que outros estudos sobre a vinculação não adotam (e.g., Pietromonaco et al., 2004; Feeney, 2008).

Também Tronick (1990) é crítico das imagens que enfatizam a perfeição da coordenação, como, por exemplo, Fred Astaire e Ginger Rogers a dançarem. Tronick considera que a qualidade de uma interação, seja na infância, seja na vida adulta, não se avalia pelo tempo em que a interação entre os dois elementos da relação está coordenada, mas sim pela capacidade que cada elemento tem de reparar os erros interativos e de regressar a um estado afetivo positivo. E é essa capacidade de reparação, cujo desenvolvimento se inicia na infância, que nos torna mais tolerantes e capazes para lidar com os momentos negativos de qualquer relação, bem como mais confiantes em nós próprios e no outro.

E termina-se com as seguintes palavras de Tronick (2003): “there are only relationships that are inherently sloppy, messy, and ragged, and individuals in relationships that are better able, or less able, to co-create new ways of sloppily being together” (p. 477).

8. Sidney Blatt

Sidney Blatt é um psicanalista que também se pode inserir na teoria relacional, tendo em conta o seu enfoque nas relações interpessoais e intrapessoais.

Blatt (2008) defende que o desenvolvimento psicológico ao longo da vida assenta na interação dialética entre o relacionamento interpessoal (*relatedness*) e a definição do *self* (*self-definition*). O relacionamento interpessoal diz respeito à necessidade e capacidade das pessoas para formar e manter relações interpessoais

satisfatórias e que tenham significado para elas. A definição do *self* diz respeito à necessidade e capacidade das pessoas para formar e manter um sentido do *self* que se caracterize pela coerência, realismo, diferenciação, integração e autovalorização.

Repare-se que com Mitchell, abordado no ponto anterior, referiu-se o conflito entre estabelecermos uma relação com os outros e diferenciarmo-nos deles, entre responder às necessidades dos outros e manter a nossa individualidade. Já Blatt, ao utilizar a expressão *interação dialética* e não *conflito*, oferece uma perspectiva mais positiva do que Mitchell sobre a ligação entre o relacionamento interpessoal e a definição do *self*, salientado ainda que ambas as experiências dialogam entre si e o que acontece numa tem efeitos na outra. Esta perspectiva não é incompatível com a tese de Mitchell de que o conflito caracteriza as relações com o *self* e com os outros. Ambas as situações – de conflito e de interação dialética – caracterizam a vida adulta.

Blatt (2008) preocupa-se em demonstrar que o relacionamento interpessoal e a definição do *self* são duas dimensões básicas da experiência dos seres humanos. Demonstra isso baseando-se na própria história da humanidade, em diferentes teorias da personalidade e em investigação empírica sobre a personalidade, bem como na teoria social e na teoria da evolução.

Ao situar as duas dimensões ao longo da história da humanidade, reconhece que a cultura ocidental tende a privilegiar a definição do *self*, enquanto noutras culturas se dá mais valor ao relacionamento interpessoal (Blatt, 2008; Guisinger & Blatt, 1994). Blatt (2008) defende que o bom funcionamento de uma sociedade se vê na capacidade que a própria sociedade tem para promover o equilíbrio entre as duas dimensões, seja nas pessoas a nível individual, seja na sociedade em geral.

E em Portugal, qual é a dimensão mais valorizada? Se é verdade que o nosso país se inclui na civilização ocidental, também é verdade que somos uma sociedade mais comunitária do que os países da Europa do norte ou os Estados Unidos. Considera-se que os estudos psicológicos ou sociológicos que façamos não podem ignorar que há diferenças entre o nosso país e outros do mundo ocidental nas formas como aquelas duas dimensões são vividas pelas pessoas a nível individual, bem como a nível coletivo. Será interessante ver o que os resultados da “Era uma vez... Adultos” poderão trazer sobre esta questão.

Investir mais numa ou noutra dimensão também tem sido perspetivado como uma questão de género: as mulheres tendem a valorizar mais o relacionamento interpessoal, enquanto os homens se preocupam mais com a definição do *self* (Blatt, 2008).

Blatt (2008) emprega, então, a expressão *interação dialética* para se referir à ligação que se estabelece entre a dimensão do relacionamento interpessoal e a dimensão da definição do *self*, bem como ao modo como se interinfluenciam ao longo da vida de uma pessoa. Propõe um modelo de desenvolvimento da personalidade que dê conta da:

synergistic dialectal transaction of relatedness and self-definition throughout life in which interpersonal experiences lead to the formation and refinements of self-definition and, conversely, in which revisions of self-definition facilitate the capacity to establish and sustain more mature forms of interpersonal relatedness. (Blatt, 2008, p. 41)

8.1. Internalização.

Com base em estudos sobre o desenvolvimento nos primeiros anos de vida, nomeadamente nas investigações de Jaffe et al. (2001) e Tronick e colaboradores (e.g., Tronick & Cohn, 1989), Blatt (2008) considera que são as experiências de conexão (*engagement*) e de quebra dessa conexão (*disengagement*) na interação criança-mãe que conduzem à formação das representações do *self* e dos outros, à capacidade de autorregulação e de inter-regulação, bem como à consciência da possibilidade de reparação.

Para perceber como é que isso acontece é necessário ter em conta um processo fundamental do desenvolvimento psicológico que acompanha aquelas duas experiências de conexão e desconexão: a internalização³⁰ (Behrends & Blatt, 1985; Blatt, 2008). A internalização ocorre, numa primeira fase, em momentos de conexão em que a interação criança-mãe se caracteriza por um envolvimento gratificante. Um envolvimento gratificante é aquele que satisfaz necessidades fundamentais, mesmo que não seja positivo, como, por exemplo, uma mãe que seja excessivamente punitiva. Numa segunda fase, quando surgirem momentos de quebra dessa conexão ou, por outras palavras, experiências de incompatibilidade, aspetos daquele envolvimento gratificante estarão internalizados. Assim, a criança suportará os momentos de disrupção na sua relação com a mãe, já que aspetos dessa relação estão internamente representados dentro dela. Não se internaliza o objeto, como, por exemplo, a mãe, mas sim aspetos da relação que incluem elementos do *self* e do outro, contribuindo para a formação de representações do *self* e do outro

³⁰ Veja-se também o que foi referido sobre este assunto no ponto 4. dedicado a Winnicott.

Além de conduzir ao desenvolvimento de representações mentais, o processo de internalização também explica a interação dialética das duas dimensões psicológicas básicas do ser humano (Blatt, 2008). Tal como há um vai e vem entre um envolvimento gratificante e uma rutura desse envolvimento (as duas condições que conduzem à internalização), também há um vai e vem entre o relacionamento interpessoal e a definição do *self*.

O processo de internalização acompanha-nos ao longo de toda a nossa vida, contribuindo para o desenvolvimento psicológico, ocorrendo sempre da mesma forma, ou seja, através daquelas duas fases (Behrends & Blatt, 1985). Há, contudo, muitas diferenças nas internalizações, seja devido à fase de desenvolvimento em que ocorrem, como, por exemplo, em criança ou adulto, seja devido às próprias características das internalizações, como, por exemplo, os aspetos da relação que são internalizados.

A formação de representações mentais ou esquemas afetivo-cognitivos do *self* e dos outros tem, então, na sua origem, o processo de internalização (Blatt, 2008; Blatt et al., 1997). As representações mentais contêm elementos afetivos, cognitivos e experienciais quer conscientes quer inconscientes, condicionando a forma como nos relacionamos com o *self* e com os outros. As representações mentais são, então, eminentemente interativas: formam-se com base em experiências relacionais, começando, como foi referido, com a relação com a mãe; influenciam o que sentimos, pensamos e fazemos na esfera intrarrelacional e na inter-relacional.

O desenvolvimento das representações mentais é avaliado em cinco parâmetros (Blatt et al., 1997):

- *constância da fronteira (boundary constancy)*, significa que tanto o *self* e o outro como o *self* e o não-*self* são vistos como entidades separadas;

- *constância emocional (emotional constancy)*, significa ser capaz de manter um vínculo emocional constante com uma determinada pessoa;

- *constância do objeto (object constancy)*, significa ser capaz de manter um vínculo emocional positivo com outro significativo na ausência ou em conflito com esse outro significativo;

- *constância do self (self constancy)*, significa que existe uma representação coesa e estável do *self* como diferente dos outros e independente dos estados emocionais do *self*;

- *pensamento operacional (operational thought)*, significa ser capaz de coordenar relações diferentes e em contextos variados.

8.2. Modelo de desenvolvimento da personalidade.

O desenvolvimento da personalidade decorre, como foi referido, dos processos de internalização de aspetos das relações que vamos estabelecendo e mantendo com outros significativos ao longo da nossa vida (Blatt, 2008, Behrends & Blatt, 1985). E decorre ainda do processo de integração, que surge com a adolescência, “when various aspects of self-development – expressive modes of self and self-feelings – and aspects of interpersonal relatedness merge and become integrated in the formation of a self-identity” (Blatt, 2008, p. 126).

Assim, a internalização e a integração, bem como as duas linhas de desenvolvimento – o relacionamento interpessoal e a definição do *self* – estão presentes no modelo de desenvolvimento da personalidade proposto por Blatt (2008).

É um modelo que se baseia no de Erikson, acrescentando-se um novo estágio e reformulando-se alguns aspetos. O novo estágio introduzido é denominado *cooperação vs. alienação* e fica situado depois do terceiro estágio de Erikson – *iniciativa vs. culpa*. A *cooperação vs. alienação* surge entre os 4 e os 6 anos de idade. Diz respeito à capacidade que se desenvolve nessa idade para estabelecer relações com outros membros da família e com pares. A inserção deste novo estágio é justificada por Blatt (2008) por considerar que o modelo de Erikson privilegia a linha da definição do *self*, sendo então necessário introduzir um estágio que remeta para a linha de desenvolvimento do relacionamento interpessoal (o novo estágio denominado *cooperação vs. alienação*).

Um dos aspetos reformulados por Blatt tem precisamente a ver com a inclusão dos vários estágios nas duas linhas de desenvolvimento: relacionamento interpessoal e definição do *self*. Assim, a *confiança básica vs. desconfiança*, a *cooperação vs. alienação* (estágio introduzido por Blatt) e a *intimidade vs. isolamento* inserem-se na linha do relacionamento interpessoal. Todos os outros estágios – *autonomia vs. vergonha e dúvida*, *iniciativa vs. culpa*, *realização vs. inferioridade*, *identidade vs. difusão da identidade*, *generatividade vs. estagnação*, *integridade vs. desespero* – inserem-se na linha da definição do *self*. Entre as duas linhas e, concomitantemente, entre os estágios estabelece-se uma interação dialética.

Os dois estágios da vida adulta – *intimidade vs. isolamento* e *generatividade vs. estagnação* – ficam, então, incluídos, respetivamente, na linha do relacionamento interpessoal e na linha da definição do *self* (Blatt, 2008; Guisonger & Blatt, 1994).

Inserir o estágio *intimidade vs. isolamento* apenas na linha de desenvolvimento do relacionamento interpessoal traz um problema: é que a *intimidade* pressupõe a

diferenciação entre o *self* e o outro, aspecto já da linha de desenvolvimento da definição do *self*.

Também a inclusão do estágio generatividade *vs.* estagnação apenas na linha da definição do *self* traz um problema, uma vez que ser generativo implica dar alguma coisa ao outro. Lembra-se que, no modelo de Erikson, a virtude deste estágio é o cuidado³¹. Também Novo (2003) é crítica da inserção da generatividade na linha da definição do *self*. O próprio Blatt (2008) reconhece que “contributions associated with generativity are those that extend beyond self-interest and contribute to the well-being of society or others” (p. 115).

Uma forma de resolver a dificuldade em decidir em que linha de desenvolvimento se incluem aqueles dois estágios é considerar, como faz Blatt (2008), que os estágios da vida adulta se caracterizam pela integração. Como já foi referido, o processo de integração surge na adolescência, o estágio da construção da identidade, e está presente nos estágios subsequentes. E no processo de integração, a dimensão do relacionamento interpessoal e a dimensão da definição do *self* unem-se.

Pode-se, então, como propõe Novo (2003), concluir que nos estágios intimidade *vs.* isolamento e generatividade *vs.* estagnação está representada a convergência das duas linhas de desenvolvimento: linha do relacionamento interpessoal e linha da definição do *self*.

³¹ Ver ponto 3.1. deste capítulo.

8.2.1. Dois tipos de personalidade.

Um outro ponto da investigação de Blatt (2008) diz respeito à sua proposta de diferenciar as pessoas em dois tipos de personalidade, consoante elas invistam mais na polaridade do relacionamento interpessoal ou na polaridade da definição do *self*. Investigação neste domínio tem mostrado que há pessoas para quem o relacionamento interpessoal ocupa um lugar mais central na sua vida, possuindo uma organização anaclítica da personalidade. Por sua vez, há também pessoas para quem a definição do *self* ocupa esse lugar central, possuindo uma organização introjetiva da personalidade.

Cada um destes dois tipos de personalidade é caracterizado segundo sete critérios: processos de pensamento, foco cognitivo, estilo cognitivo, relações de objeto, foco dos instintos, defesas primárias e estilo de carácter (Blatt, 2008).

Assim, nas pessoas com uma personalidade anaclítica (Blatt, 2008):

- os processos de pensamento são figurativos e impressionistas, estão focados nos sentimentos, relações interpessoais, afetos e imagens visuais;

- o foco cognitivo caracteriza-se por ser sintético, privilegiando-se a reconciliação, integração e coesão;

- o estilo cognitivo é dependente do campo, minimizando-se as diferenças;

- nas relações de objeto procura-se proximidade e intimidade;

- o foco dos instintos é libidinal, sendo que a sexualidade serve para se conseguir afeto e intimidade;

- as defesas primárias utilizadas são, por exemplo, a negação e a repressão;

- no estilo de caráter, caracterizam-se por ser sensíveis a temas interpessoais, distraídas, intuitivas, passivas, dependentes, emocionalmente ingênuas, confiantes, vivendo o presente, sensuais.

Nas pessoas com uma personalidade introjetiva (Blatt, 2008):

- os processos de pensamento são literais, críticos e focados no comportamento observável, nas formas manifestas, na lógica, consistência e causalidade;

- o foco cognitivo é analítico, havendo uma avaliação crítica dos pormenores e dos elementos dispersos;

- o estilo cognitivo é independente do campo, maximizando-se as diferenças;

- nas relações de objeto são assertivas, preocupam-se com o controlo, autonomia, poder e prestígio;

- o foco dos instintos é agressivo, sendo a agressão usada para a definição do *self*;

- as defesas primárias utilizadas são, por exemplo, a projeção e a intelectualização;

- no estilo de caráter, caracterizam-se por ser organizadas, críticas, estáveis, responsáveis, de confiança, não emocionais, cautelosas, metódicas, privilegiando o controlo e a razão.

Blatt (2008) também defende que os dois tipos de personalidade demonstram vulnerabilidade a distintos acontecimentos stressantes e reagem de modo diferenciado a esses mesmos acontecimentos.

Para Blatt (2008), as pessoas com um funcionamento psicológico muito bom integram as características dos dois estilos de personalidade. Ao mesmo tempo, considera que, mesmo no quadro de um funcionamento psicológico normal, há pessoas com um estilo de personalidade anaclítico e pessoas com um estilo introjetivo.

Quando nos deparamos com um predomínio excessivo de uma das polaridades, entramos no domínio da psicopatologia (Blatt, 2008). Há uma configuração anaclítica de psicopatologia: é a que caracteriza as pessoas excessivamente preocupadas com a esfera relacional, não investindo no desenvolvimento do seu *self*. E há também a configuração introjetiva de psicopatologia, que caracteriza as pessoas ocupadas de forma excessiva com aspetos ligados à definição do *self*, não investindo nas relações com os outros.

É importante identificar o tipo de psicopatologia para melhor perceber a origem da perturbação manifestada e encontrar a psicoterapia mais adequada. A ação psicoterapêutica tem como objetivos desenvolver uma maior capacidade de empatia e uma maior diferenciação do *self*, sendo que os dois objetivos se influenciam mutuamente (e.g., Blatt, Wiseman, Prince-Gibson, & Gatt, 1991; Diamond et al., 1990; Gruen & Blatt, 1990).

8.2.1.1. Refletindo sobre os dois tipos de personalidade.

Blatt defende, como já foi referido, que o desenvolvimento da personalidade se desenrola na interação dialética entre o relacionamento interpessoal e a definição do *self*. As relações pessoais que vamos estabelecendo ao longo da vida conduzem a uma maior capacidade de diferenciação e individuação do *self*, ao mesmo tempo que um *self*

mais diferenciado permite ao indivíduo estabelecer relações mais empáticas e caracterizadas pela mutualidade (Blatt, 2008; Blatt, Auerbach, & Levy, 1997; Guisonger & Blatt, 1994).

Ora, como conciliar essa posição com a de que existem, no quadro de um funcionamento psicológico normal, dois tipos de personalidades, consoante o investimento de uma pessoa seja mais no campo relacional ou na definição do *self*? A tese da interação dialética não se perde? Não haverá fases do desenvolvimento em que se privilegia mais a polaridade do relacionamento interpessoal e outras em que se privilegia a polaridade da definição do *self*? Repare-se que o próprio modelo de desenvolvimento da personalidade de Blatt (2008) aponta para isso. Há estádios de desenvolvimento que se encontram na linha de desenvolvimento do relacionamento interpessoal, como, por exemplo, o da confiança *vs.* desconfiança. Há outros estádios que se encontram na linha de desenvolvimento da definição do *self*, como, por exemplo, o da autonomia *vs.* vergonha. Sendo depois na vida adulta que essa interação atinge a fase mais madura: a fase da integração.

A ideia de haver etapas de desenvolvimento em que predomina o relacionamento interpessoal e noutras a definição do *self* está também presente no modelo de desenvolvimento em dupla hélice de Fleming (2005). Nesse modelo, uma hélice é a vinculação e outra a separação, sendo que ambas estão sempre presentes ao longo da vida, ainda que haja um maior predomínio de uma ou outra consoante as fases de desenvolvimento.

A existência de dois tipos de personalidade levanta ainda mais duas questões. Uma tem a ver com a variabilidade individual – não se perde com uma classificação apenas com dois tipos? Outra tem a ver com a variável situação – será que uma pessoa

com uma personalidade anaclítica ou introjetiva mantém sempre as mesmas características da sua personalidade independentemente da situação em que se encontra?

9. Interligando Conceitos e Concluindo

Termina-se este capítulo mostrando, de forma sumária, como os conceitos provenientes das diferentes teorias que foram abordadas ao longo do capítulo se podem interligar.

Começa-se pelos conceitos de confiança básica de Erikson e porto seguro da teoria da vinculação. Ambos remetem para a relação que se estabelece entre a criança e a mãe nos primeiros anos de vida. É a partir dessa relação que a confiança/o sentimento de que a mãe representa um porto seguro são criados. E ambos são basilares na formação de uma personalidade psicologicamente equilibrada.

Por sua vez, pode associar-se a capacidade de estar sozinho de Winnicott e o padrão seguro da teoria da vinculação. São também construídos com base na relação primária: a experiência de estar sozinha com a mãe vai permitir à criança estar mesmo sozinha; no caso do padrão seguro, “support that was originally provided from outside, by another person, can eventually be provided by the self and be represented mentally as part of the self” (Shaver & Mikulincer, 2005, p. 37)

Pode também estabelecer-se uma ligação entre o conceito de objeto interno dos teóricos das relações de objeto, como Winnicott, e o conceito de modelo interno dinâmico de Bowlby. Ambos se referem às representações mentais do *self* e dos outros que se vão internalizando e formando através da interação com outros significativos. Bretherton (1990), bem como Mikulincer e Shaver (2004) reconhecem também que os

dois conceitos estão interligados. Por sua vez, estes dois conceitos são afins do conceito de representações mentais ou esquemas afetivos-cognitivos de Blatt (Blatt et al., 1997).

Como observa McWilliams (2004), vários investigadores de diversos quadrantes utilizam diferentes termos, incluindo os referidos no parágrafo anterior, para designar a mesma realidade: somos constituídos pelo modo como nos relacionamos com o *self* e com os outros, que fomos internalizando através da interação com outros significativos. Esse modo de nos relacionarmos engloba elementos conscientes e inconscientes, bem como aspetos cognitivos e emocionais. E foram os aspetos emocionais e a sua influência na formação do *self* que se abordaram no início deste capítulo.

Considera-se também que se pode estabelecer uma interligação entre os estádios da vida adulta no modelo de desenvolvimento da personalidade de Erikson e os sistemas comportamentais da teoria da vinculação. Assim, interliga-se a intimidade com o sistema de vinculação: os comportamentos de vinculação no adulto surgem no contexto das relações íntimas, nomeadamente nas relações amorosas. Interliga-se a generatividade, simultaneamente, com o sistema de cuidado e com o sistema de exploração: a generatividade manifesta-se através de ações que beneficiem os outros, implicando ao mesmo tempo uma ação do *self*. Como refere McAdams (2001), a generatividade engloba tanto sentimentos de comunhão como de realização.

Erikson e teóricos da vinculação também estabelecem associações semelhantes: Erikson relaciona a intimidade com o amor na vida adulta e a generatividade com o trabalho; Hazan e Shaver (1990) concluem que a vinculação e a exploração na infância encontram paralelo, respetivamente, no amor e no trabalho na vida adulta.

É, pois, com este quadro conceptual rico, abrangente e com pontos de contacto que se passa para a Segunda Parte deste trabalho: a apresentação da criação e estudo da “Era uma vez... Adultos”.

Segunda Parte: A Prova “Era uma vez... Adultos”

Capítulo 1: Processo de Criação da “Era Uma Vez... Adultos”

Ficou exposto nos dois capítulos anteriores o enquadramento teórico da “Era uma vez... Adultos”. Agora descreve-se o processo de criação da prova. Para facilitar a compreensão da estrutura e funcionamento da “Era uma vez... Adultos”, apresenta-se em primeiro lugar o material da prova: no ponto 1. os cartões e no ponto 2. as cenas. Depois no ponto 3. faz-se uma breve referência à História inventada. Segue-se o ponto 4. com as instruções para a aplicação da prova e o ponto 5. com os parâmetros para a análise e interpretação das respostas. Por fim, no ponto 6. apresentam-se os dois estudos exploratórios que contribuíram para a construção da prova.

1. Cartões

A “Era uma vez... Adultos” é constituída por sete cartões que apresentam sete histórias numa tira de três cenas em banda desenhada. As tiras são apresentadas na parte superior de uma folha de cartolina tamanho A4 na horizontal, as cenas são a preto e branco. Por sua vez, a cada cartão correspondem nove cenas de tamanho semelhante às da tira. A história apresentada em cada cartão é para ser continuada com a escolha de três das respetivas nove cenas, sua colocação numa sequência e posterior verbalização da história organizada com as cenas escolhidas. Para já são apresentados os cartões da prova, no ponto seguinte serão apresentadas as cenas de cada cartão.

Cada cartão tem um tema que diz respeito a uma determinada situação da vida adulta: trabalho, fim de semana, sexualidade, aniversário, filhos, morte, casamento. Os temas são apresentados na tira com três cenas, sendo o investigador a dar início à história retratada em cada cartão.

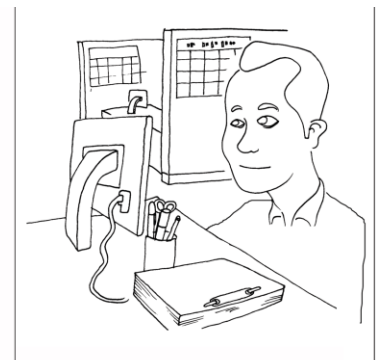
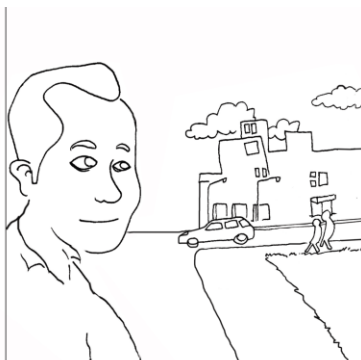
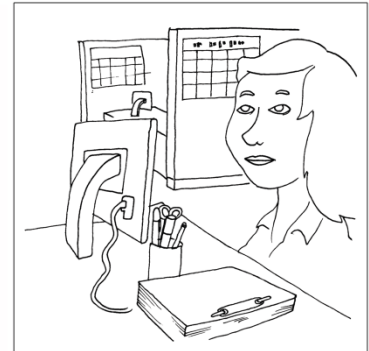
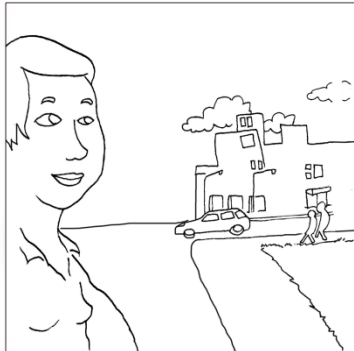
Todos os cartões apresentam a mesma personagem vivendo uma daquelas situações. Existe uma versão feminina, personagem mulher, e uma versão masculina, personagem homem, para facilitar a identificação do participante com a personagem das histórias. E ambas têm um nome: Joana e João, que serão alterados caso o participante tenha o mesmo nome.

As histórias para completar são simples e comuns; no seu conteúdo manifesto, as situações apresentadas nos cartões não contêm em si uma dificuldade. Acontece que os temas dos cartões podem suscitar associações a conflitos e ansiedades, expectativas positivas e negativas, relacionadas com vivências pessoais dos participantes. As temáticas propostas englobam a possibilidade de desencadear associações a ansiedades, desejos e fantasias menos conscientes, latentes (cf. Shentoub & Col., 1999), que poderão ser reveladas e entendidas no conteúdo da história. Também pode acontecer que a pessoa que conta a história se defenda dessas associações, prendendo-se ao conteúdo manifesto do cartão e/ou evitando introduzir qualquer tipo de conflito ou experiência emocional negativa na sua história.

Passa-se de seguida à apresentação de todos os cartões³², seguindo a ordem pela qual são apresentados na aplicação da prova. Em primeiro lugar, mostra-se a versão feminina e depois a versão masculina.

³² Todos os desenhos apresentados neste capítulo foram reduzidos, na versão real da prova os desenhos são maiores. A redução dos desenhos também prejudica a sua qualidade.

Cartão I Trabalho



Descrição do cartão:

- a personagem está na rua, há edifícios, uma rua com candeeiros e um carro, um passeio, uns pássaros;

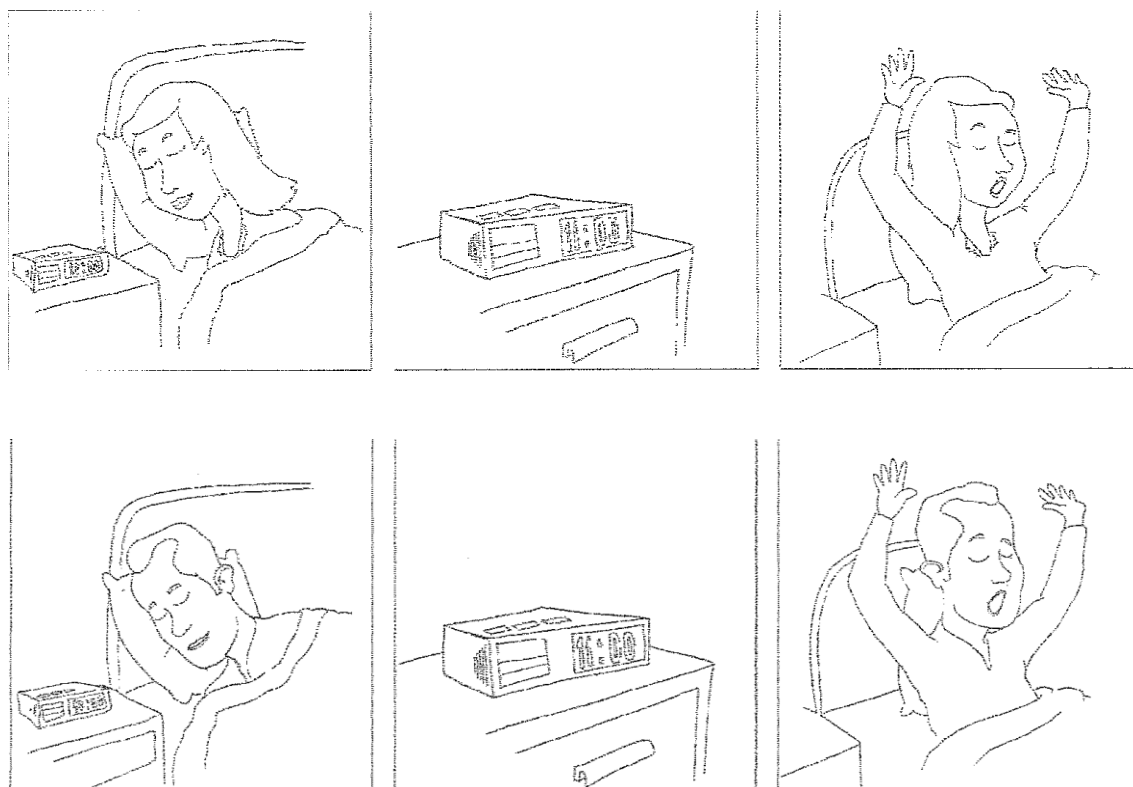
- a personagem está a entrar para um transporte público, metro ou comboio, há outra figura que já está dentro do transporte;

- a personagem está num escritório, sentada em frente a uma secretária com um computador em frente, um caderno, um recipiente com canetas, mais atrás está outra secretária separada por uns placards em que estão afixados quadros com linhas.

Colarusso e Nemiroff (1981) salientam que “Work (. . .) is a central, definitive activity of adulthood and an important component of the self” (p. 98). De facto,

enquanto atividade importante na definição do *self*, o trabalho fornece uma oportunidade significativa para que a pessoa se experimente com capacidade e valor, se sinta reconhecida, possa partilhar aptidões e conhecimentos, bem como dificuldades e dúvidas. Ou, num extremo oposto, a pessoa pode experienciar algum grau de incompetência ou desvalor, sentir-se rejeitada, isolada – uma experiência negativa que afeta a avaliação do próprio *self*.

Cartão II Fim de semana



Descrição do cartão:

- a personagem está deitada de lado numa cama, está por baixo da roupa de cama, tem a cabeça em cima de uma almofada, está de olhos fechados; ao lado da cama

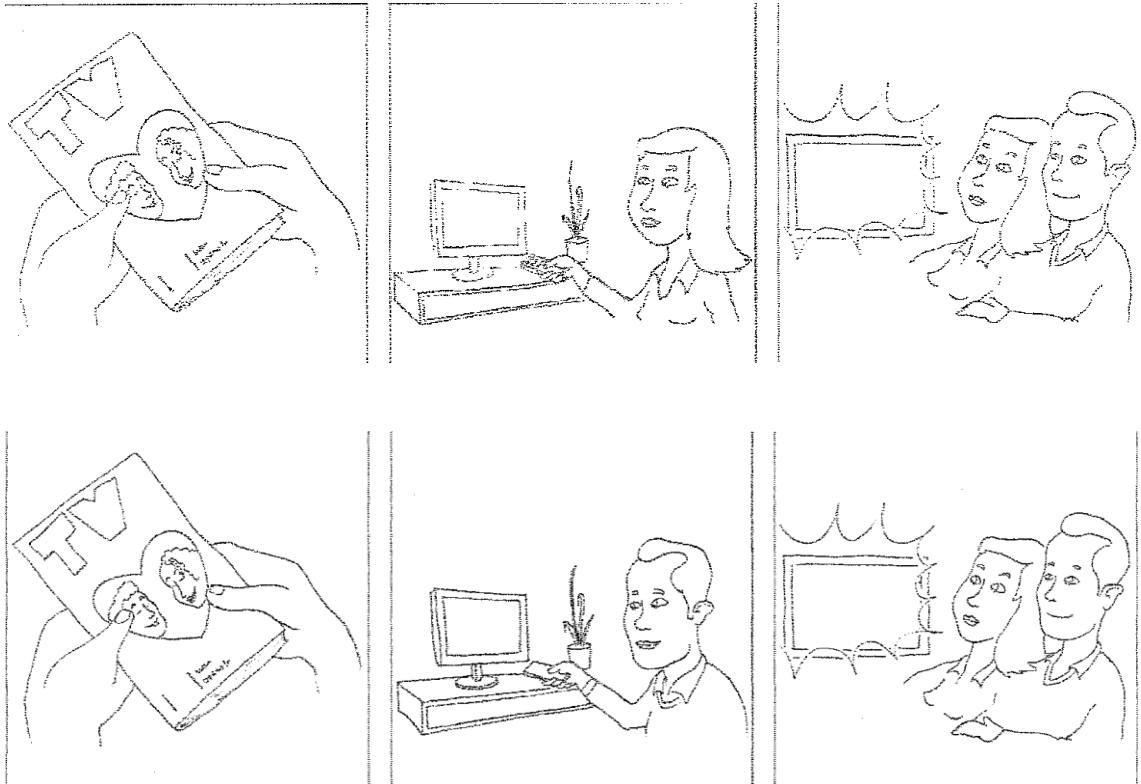
está uma mesinha de cabeceira que tem por cima um relógio digital, que marca 10 horas;

- uma mesinha de cabeceira que tem por cima um relógio digital que marca 11 horas;

- a personagem está a soerguer-se da cama e a espreguiçar-se.

Tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992), também foram criados cartões que apresentam situações que são geralmente consideradas como agradáveis. Este cartão é um deles: o primeiro dia do fim de semana, com a expectativa de tempo livre das ocupações semanais, com a possibilidade de atividades de lazer e convívio, de fruição de um tempo de liberdade. Supõe-se que, para a maioria das pessoas, a tonalidade emocional seja positiva. No entanto, esta expectativa poderá ser diferente quando a pessoa está sem ânimo, deprimida. Quando está sem capacidade para se organizar, dependendo de uma estrutura de funcionamento que a compele a viver o dia a dia com exigências e horários impostos, sentindo-se perdida e incapaz de se organizar quando essa estrutura não existe. De um ponto de vista diagnóstico, a impossibilidade de experimentar prazer no tempo livre – pela falta de iniciativa para o organizar, pelo vazio que o tempo livre pode constituir, nomeadamente um vazio relacional quando as relações fora do âmbito do trabalho são escassas ou repletas de conflito – proporciona uma informação relevante.

Cartão III Sexualidade



Descrição do cartão:

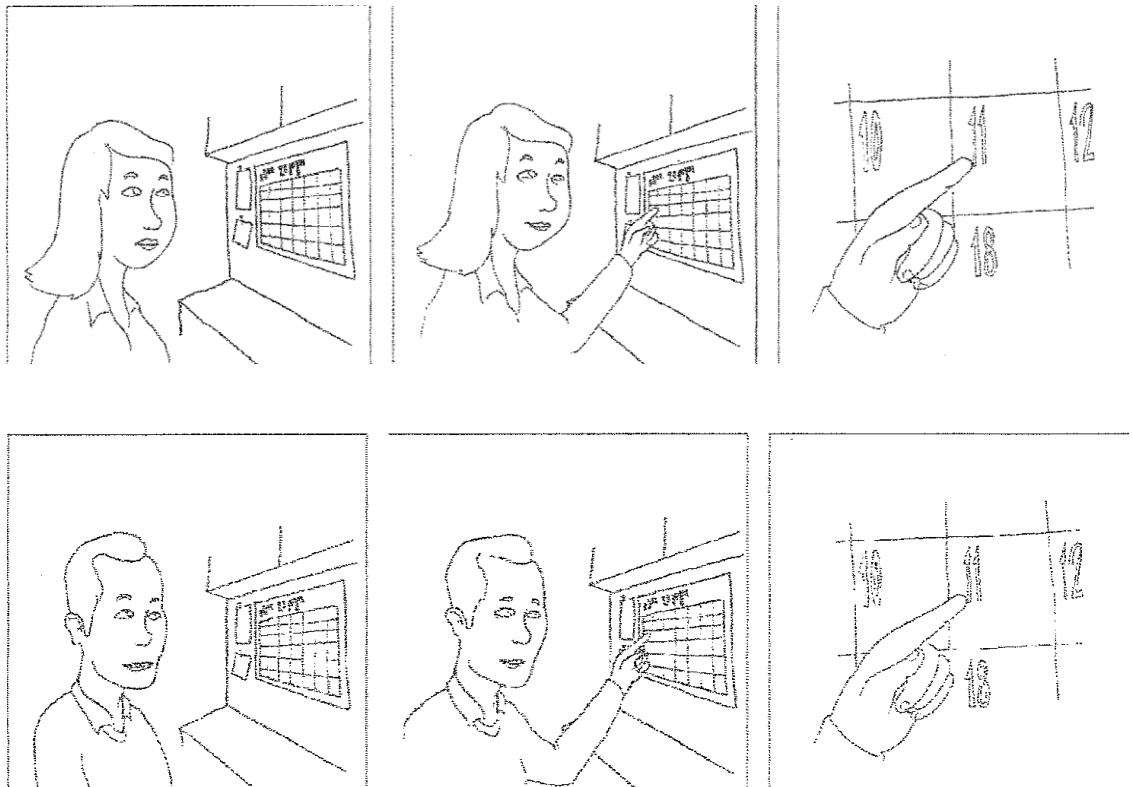
- umas mãos seguram uma revista com a palavra “TV” e um coração com um rosto de um homem e um rosto de uma mulher;

- a personagem está de pé, com um comando na mão, em frente a um televisor, que está em cima de um armário, de um dos lados do televisor está um vaso com uma planta;

- a personagem está sentada junto a uma figura do sexo oposto, estão ambas em frente a um televisor que está ligado.

A relação íntima de teor amoroso, especificamente na sua vertente sexual, é o tema deste cartão. As respostas irão proporcionar o entendimento sobre como cada pessoa se percebe nesta relação física/erótica com um parceiro, em termos da intimidade partilhada, da capacidade de entrega, de dar/receber prazer e afeto. As respostas permitirão ainda entender até que ponto a pessoa se sente mais ou menos segura da sua imagem de homem/mulher enquanto desejável pelo outro. As dúvidas e ansiedades em relação a essa capacidade constituirão elementos de avaliação diagnóstica, bem como as defesas em relação ao medo de não ser aceite na sua imagem masculina/feminina. As expectativas de não ser bem-sucedido, com os medos e fantasias associados, podem ser difíceis de reconhecer e de expressar – o que será indicado pelo evitar dessas mesmas ansiedades, ou seja, pelas defesas.

Cartão IV Aniversário



Descrição do cartão:

- a personagem está de pé a olhar para um calendário afixado numa parede, em que também estão afixados dois papéis, em cima e em baixo do calendário estão armários;

- a personagem aproxima-se do calendário, tem o braço erguido e toca com o indicador num dia do calendário;

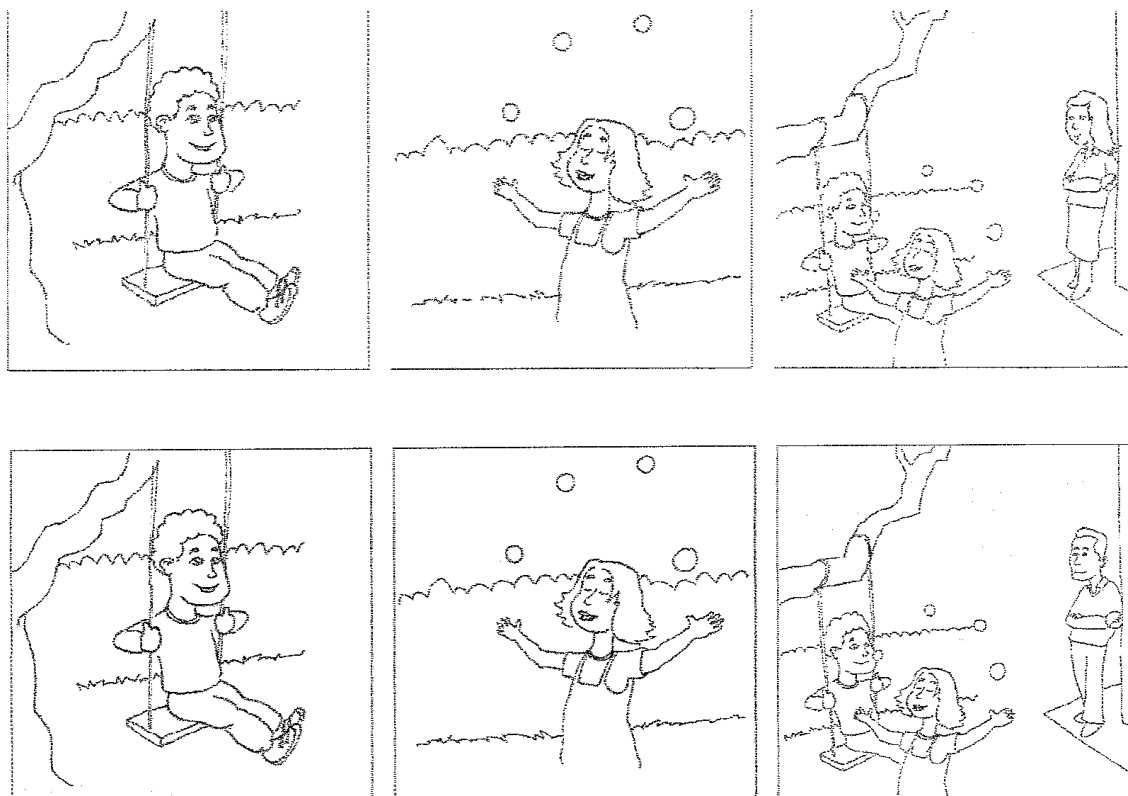
- a mão da personagem toca com o indicador no dia 11.

Tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992), há um cartão cujo tema é o dia do aniversário. Dia único para o próprio, em que se é o motivo da celebração, supõe-se que este cartão apresente uma situação boa, prazerosa. Para os adultos, tal como para as crianças, ser o centro das atenções pode ser gratificante para quem tem a expectativa de receber as atenções, os afetos que necessita e que nesse dia lhe são especialmente devidos. No entanto, se a necessidade de afeto e reconhecimento for demasiado intensa e/ou se as expectativas forem negativas face à possibilidade de receber o que se necessita e não se experimentou como um direito, este tema pode ser particularmente ansiogéneo.

Outro aspeto deste cartão é a passagem do tempo. Para as crianças, o tempo que passa é um sinal de esperança face ao desejo de crescer e vir a ter ganhos: os poderes imaginados que os adultos detêm. Já na vida adulta um ano que passa pode ser o sinal do envelhecimento, com as diversas perdas que se lhe reconhecem associadas. Também se prevê que a reação face ao percurso da vida possa denotar um balanço de vida positivo face aos sucessos, realizações e conquistas ou um balanço negativo, em que

predominam as limitações e insucessos, havendo falta de esperança face ao tempo que passa.

Cartão V Filhos



Descrição do cartão:

- uma criança do sexo masculino num jardim a andar de baloiço que está pendurado numa árvore;
- uma criança do sexo feminino num jardim a atirar umas bolinhas de uma mão para a outra;
- as duas crianças no jardim nas mesmas atividades e a personagem junto a uma esquina de um edifício a observá-las.

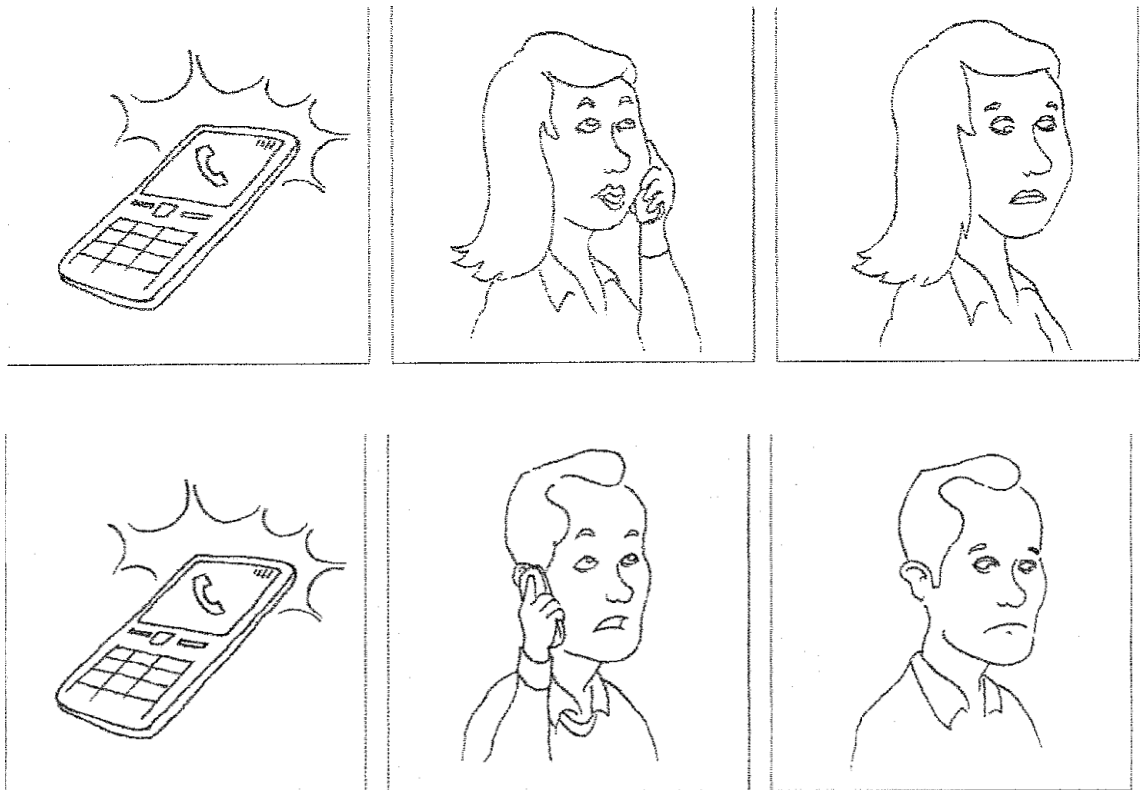
Ter filhos é uma forma de generatividade, sendo que uma característica fundamental da generatividade é precisamente constituir e guiar gerações futuras (Erikson, 1963/1995)³³. Apesar disso, como salienta Erikson (1963/1995), o simples facto de ter filhos não assegura que se seja generativo, pois uma mãe ou um pai podem não conseguir desempenhar aquele papel de guia nem cuidar dos seus descendentes.

Os filhos estão presentes enquanto desejo e fantasia desde sempre – desde que em criança se brinca com bonecos e/ou peluches. Por outro lado, ter na realidade filhos dá novos contornos à função materna/paterna potencial. Alguns adultos não são efetivamente pais, por opção ou percurso de vida. A forma como cada um lida com essa circunstância, assumindo uma escolha ou lamentando a oportunidade perdida, dá informações que podem ser de interesse na possibilidade de olhar a realidade pessoal e as suas implicações no desenvolvimento do *self*.

A função materna/paterna tem ainda um aspeto desenvolvimental: vai sofrendo alterações em função do crescimento dos filhos e das próprias vivências dos pais. Numa versão futura da “Era uma vez... Adultos”, pode-se pensar em introduzir um cartão que represente filhos adolescentes, que colocam diferentes desafios à função parental.

³³ Sobre o conceito de generatividade, ver também o ponto 3.1. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

Cartão VI Morte



Descrição do cartão:

- um telemóvel a tocar;
- a personagem atende o telemóvel;
- a personagem está com os olhos e os lábios descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Muitos adultos já terão vivido a morte de alguém próximo. Que sentimentos predominam, que formas de *coping* se utilizam, que reflexões surgem num momento como esse, que esquemas relacionais se atualizam face a essa perda, são pontos de análise importantes. A outro nível, está presente a questão de olhar a própria vida como

tendo um fim, encarar a própria finitude. Esta perspetiva estará eventualmente mais ligada à fase da meia-idade, em que alguns sinais de envelhecimento vão surgindo, experimentando-se alterações, perdas, limites e também, por vezes, mudanças de objetivos.

Cartão VII Casamento



Descrição do cartão:

- a personagem de costas para as caixas de correio da entrada de um edifício e com um envelope na mão;
- duas mãos a retirar de um envelope um papel em que está escrito “Convite” e que tem umas alianças e uns corações;

- duas mãos a segurar um papel em que está escrito “Convite” e que tem umas alianças e uns corações.

O conteúdo deste cartão remete para a celebração da festa do casamento, ou seja, a forma como a pessoa encara o casamento como acontecimento social. A um nível mais profundo, poderá revelar a reação pessoal face ao casamento: as expetativas, as ansiedades, os medos, as ambivalências. Pode também surgir a revelação de experiências pessoais, ilusões, frustrações, desejos, expetativas.

Concluída a apresentação dos sete cartões da “Era uma vez... Adultos”, apresentar-se-á as cenas no ponto que se segue. Sublinha-se que os cartões são indissociáveis das nove cenas que lhes dão continuidade. Aliás, os aspetos avaliados em cada cartão são eles mesmos indissociáveis das nove cenas, concebidas para revelarem representações relacionais suscitados pela temática de cada cartão.

2. Cenas

A continuação das histórias apresentadas nos sete cartões da “Era uma vez... Adultos” não é totalmente livre, uma vez que a cada cartão correspondem nove cenas distintas, sendo que as pessoas têm de escolher três, organizá-las numa sequência e depois verbalizar a história que formaram.

Semeonoff (1976) alerta para uma desvantagem das técnicas projetivas que solicitam uma escolha: o participante pode não expressar o que na realidade experiencia, já que tem de escolher entre determinados estímulos.

É verdade que as cenas de cada cartão da “Era uma vez... Adultos” são um limite com que cada participante se depara, mas importa assinalar dois pontos. Primeiro, o limite não é estreito: existem nove cenas que representam diversas formas de estar em relação com o outro e com o *self*, sendo múltiplas as possibilidades de as organizar numa sequência. Segundo, o que se procura avaliar é o que cada pessoa faz com aquele limite, como usa a sua liberdade (cf. Anzieu & Chabert, 1961/2011), sendo a sua liberdade traduzida na escolha de três cenas entre nove e na sua organização numa sequência que viabilize a continuação do episódio de cada cartão.

As cenas são como propostas feitas aos participantes, que aceitam umas e rejeitam outras. E mais importante do que a escolha individual das cenas, é a forma como os participantes as organizam numa sequência e como, posteriormente, narram essa sequência. A partir das nove cenas, é possível organizar 504 sequências, o que permite uma grande variabilidade de opções³⁴.

Oito das nove cenas que acompanham cada cartão integram-se em oito categorias, que consistem em formas distintas de representar a relação com o outro e a relação com o *self*. As oito categorias repetem-se em todos os sete cartões, sendo as cenas que as ilustram adaptadas ao episódio de cada cartão. E a outra cena integra-se numa problemática não abrangida pelas categorias definidas; é designada por categoria Extra.

Salienta-se que enquanto os cartões contemplam determinadas situações de vida, as cenas/categorias traduzem mais disposições da personalidade. Consegue-se, assim, uma interação situação x pessoa (cf. Collins et al., 2004; Mischel & Shoda, 2010).

³⁴ Este assunto foi abordado no ponto 1.2. do Capítulo 1 da Primeira Parte, quando foram apresentadas as características específicas e potencialidades da “Era uma vez...”.

2.1. Processo de conceptualização das oito categorias.

As oito categorias integram-se essencialmente na dimensão relacional do comportamento interpessoal (Horowitz et al., 1993) e intrapessoal. A perspetiva defendida neste trabalho é semelhante à de Baumeister e Leary (1995), que incluem as necessidades de poder, realização, intimidade, aprovação e relação na necessidade global de nos relacionarmos com os outros, de estabelecermos um sentimento de pertença. Sendo que a essa dimensão da relação com os outros, acrescentou-se a dimensão da relação com o *self*.

As oito categorias formam dois conjuntos. Um conjunto tem a ver com a relação com os outros, com a capacidade ou incapacidade de nos relacionarmos, de dar e receber, com os afetos positivos e negativos que essas relações comportam. Este conjunto integra as seguintes categorias: Intimidade 1, Isolamento 1, Generatividade 1 e Estagnação 1. Designamos este conjunto como Conjunto Outro.

Outro conjunto diz respeito à individualidade, à forma como nos relacionamos com o *self* na ausência dos outros, à nossa relação com o *self* através de pensamentos e sentimentos, aos afetos positivos e negativos que caracterizam diferentes representações da relação com o *self*, como investimos ou não em nós mesmos. Inclui as seguintes categorias: Intimidade 2, Isolamento 2, Generatividade 2 e Estagnação 2. Designamos este conjunto como Conjunto *Self*.

Ressalve-se, desde já, que o segundo conjunto não está desligado do primeiro, uma vez que as relações com os outros são constitutivas do *self*³⁵. No entanto, o foco de avaliação é mais a forma como a pessoa se sente consigo própria e o que faz ou não faz

³⁵ Este assunto foi largamente explorado no Capítulo 2 da Primeira Parte.

para si, ainda que esse sentimento e comportamento sejam influenciados pelas relações com os outros.

A criação das oito categorias foi baseada, em parte, nos polos dos estádios da teoria do desenvolvimento de Erikson, como as próprias designações o mostram. No entanto, as oito categorias não correspondem exatamente aos estádios que Erikson concebe para a fase adulta da vida quer porque à conceção das categorias subjaz uma integração de teorias quer ainda porque cada um dos polos dos conflitos de Erikson foi subdividido em duas vertentes: a vertente da relação com outros (inter-relacional) que está presente nas categorias do Conjunto Outro e a vertente da relação de cada um consigo próprio (intrarrelacional) que está presente nas categorias do Conjunto *Self*.

A subdivisão operada nas categorias de Erikson foi, em parte, fundamentada na teoria de Blatt sobre as duas linhas de desenvolvimento da personalidade: o relacionamento interpessoal e a definição do *self*³⁶. Ao mesmo tempo, a subdivisão das categorias de Erikson permite ir um pouco mais além da proposta de Blatt, que inclui a generatividade na linha de desenvolvimento da definição do *self*³⁷. Com a subdivisão, é a Generatividade 2 que se insere nessa linha, enquanto a Generatividade 1 se inclui na linha do relacionamento interpessoal. Enquanto à Generatividade 2 subjaz o desejo de realização, à Generatividade 1 subjaz o desejo de comunhão. Esses são os dois desejos que caracterizam a Generatividade (McAdams, 2001) e considera-se que aquela subdivisão corresponde à existência desses dois desejos.

A teoria da vinculação também permite fundamentar as categorias. A categoria Intimidade liga-se ao sistema de vinculação, correspondendo a Intimidade 1 às relações de vinculação efetivas, reais, enquanto a Intimidade 2 corresponde aos modelos internos

³⁶ Ver o ponto 8.2. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

³⁷ Esta questão foi discutida no ponto 8.2. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

dinâmicos de vinculação. A Generatividade 1 liga-se ao sistema de cuidado. E a Generatividade 2 relaciona-se muito especialmente com o sistema de cuidado do *self*, isto é, “one’s relation to and treatment of oneself” (Mikulincer & Shaver, 2004, p. 180). Tanto a Intimidade 2 como a Generatividade 2 se ligam ao sistema de exploração. Por sua vez, os polos negativos das categorias – Isolamento 1 e 2, Estagnação 1 e 2 – relacionam-se com os mesmos três sistemas (vinculação, cuidado e exploração), agora em situações em que esses sistemas apresentam fragilidades e problemas.

As representações relacionais contêm aspetos afetivos, sendo que às categorias também está subjacente uma emoção. Foi utilizada a classificação das emoções proposta por Damásio (2000, 2003):

- emoções primárias ou básicas: medo, zanga, nojo/repugnância, surpresa, tristeza, alegria;

- emoções sociais: simpatia, compaixão, embaraço, vergonha, culpa, orgulho, ciúme, inveja, gratidão, admiração e espanto, indignação e desprezo.

2.1.1. Definição das oito categorias.

Quatro categorias representam o estar em relação com os outros, seja no plano do convívio, seja mais no plano do cuidar. Em duas categorias, o convívio e o cuidar estão presentes, em outras duas estão ausentes; são as quatro que se integram no Conjunto Outro.

A **Intimidade 1** representa a relação em que se está bem com os outros que estão fisicamente presentes, é um bem-estar expresso na partilha e convívio com os outros. A emoção predominante é a alegria.

O **Isolamento 1** representa a relação em que, estando na presença física de outros, não se está ligado: o *self*, por alguma razão, não estabelece uma interação com o outro, mantém-se isolado. A emoção predominante é a tristeza.

A **Generatividade 1** representa a relação de cuidado, em que se cuida do outro, se dá qualquer coisa ao outro. As emoções predominantes são a simpatia e a alegria.

A **Estagnação 1** representa a relação em que não se cuida do outro, há uma recusa em dar alguma coisa ao outro. As emoções predominantes são a zanga e o desprezo.

Há uma relação positiva com o outro na Intimidade 1 e Generatividade 1, uma relação negativa com o outro no Isolamento 1 e Estagnação 1 – estabelecendo-se as seguintes dicotomias: Intimidade 1 vs. Isolamento 1, Generatividade 1 vs. Estagnação 1.

As outras quatro categorias representam a individualidade, a relação com o *self*, seja no plano das representações das relações internas, seja no cuidar de si. Em duas categorias, as representações das relações internas e o cuidar de si estão presentes, em outras duas estão ausentes. São as quatro que se integram no Conjunto *Self*.

A **Intimidade 2** representa a relação de cada um consigo próprio, fruto da internalização de relações com os outros. Está-se sozinho, na medida em que não há a presença física de outras pessoas, mas está-se acompanhado por representações internas

de experiências relacionais. Na Intimidade 2 está patente a capacidade de estar sozinho³⁸. A emoção predominante é a alegria.

O **Isolamento 2** representa a relação com o *self* caracterizada pela solidão não só externa, mas também interna. Há um vazio relacional: uma ausência quer dos outros quer de representações internas dos outros. Pode também ser definido como uma ‘Intimidade 2 negativa’, na medida em que se caracteriza pela ausência de relações internas positivas. O sentimento desta categoria podia ser assim resumido: “Estou só, não tenho ninguém ao pé de mim nem dentro de mim”. A emoção predominante é a tristeza.

A **Generatividade 2** representa o *self* que cuida de si, investe em si próprio, representa um narcisismo saudável. As emoções predominantes são a alegria e o orgulho.

A **Estagnação 2** representa um *self* que não cuida de si, que não investe em si. As emoções predominantes são a zanga ou a tristeza. Além da expressão emocional da personagem (zangada ou triste), a personagem surge num cenário de desarrumação (cartões Trabalho, Fim de semana, Filhos, Morte e Casamento) ou com uma reação de desvalorização do *self* (cartões Sexualidade e Aniversário), o que contribui para transmitir a ideia de um mundo estagnado e estragado³⁹ (cf. Fagulha, 1992).

Há uma relação positiva com o *self* na Intimidade 2 e Generatividade 2, uma relação negativa com o *self* no Isolamento 2 e Estagnação 2 – estabelecendo-se as seguintes dicotomias: Intimidade 2 vs. Isolamento 2, Generatividade 2 vs. Estagnação 2.

³⁸ Sobre esta capacidade, ver o ponto 4. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

³⁹ Pense-se, por exemplo, na água estagnada que fica estragada.

As diferentes categorias comportam emoções diferentes. Assim, as categorias podem agrupar-se pela sua tonalidade emocional positiva ou negativa:

- emoções positivas: Intimidade 1 e 2, Generatividade 1 e 2;
- emoções negativas: Isolamento 1 e 2, Estagnação 1 e 2.

Se também for tido em conta os dois conjuntos em que se agrupam as categorias, temos:

- Conjunto Outro Positivo: Intimidade 1 e Generatividade 1;
- Conjunto Outro Negativo: Isolamento 1 e Estagnação 1;
- Conjunto *Self* Positivo: Intimidade 2 e Generatividade 2;
- Conjunto *Self* Negativo: Isolamento 2 e Estagnação 2.

Avaliar as representações relacionais com o outro e com o *self*, tal como se expressam através das oito categorias, é o objetivo da “Era uma vez... Adultos”. A escolha e organização das cenas/categorias, bem como a história verbalizada mostrarão essas representações relacionais.

2.1.2. Observações às categorias.

A primeira observação tem a ver com a distinção entre Intimidade 1 e Generatividade 1. Em ambas as categorias há uma relação positiva com o outro. A diferença reside no seguinte: na Intimidade 1 está patente uma relação com o outro mais simétrica, enquanto na Generatividade 1 a relação caracteriza-se pelo cuidar do outro, por dar alguma coisa ao outro. Acontece que, quando estamos numa relação simétrica

de convívio, também estamos, de certa forma, a dar alguma coisa ao outro. No entanto, o sentimento de cuidar do outro está mais presente na Generatividade 1, havendo uma diferença de grau relativamente à Intimidade 1.

Outra observação diz respeito à distinção entre Isolamento 2 e Estagnação 2. Ambas as categorias mostram uma relação negativa com o *self* e em ambas não existe a presença de outros, seja fisicamente, seja em pensamento. E estas semelhanças podem conduzir a que os respetivos polos opostos se possam eventualmente trocar, ou seja, o polo oposto do Isolamento 2 poder ser a Generatividade 2 (e não a Intimidade 2) e o polo oposto da Estagnação 2 poder ser a Intimidade 2 (e não a Generatividade 2)⁴⁰.

Ao mesmo tempo, também é verdade que as categorias Isolamento 2 e Estagnação 2 se distinguem. Distinguem-se nas emoções: no Isolamento 2 surge apenas a tristeza e na Estagnação 2 surgem a tristeza e a zanga. E enquanto no Isolamento 2 há sobretudo uma internalização do mal-estar, na Estagnação 2 há também uma externalização. Assim, apesar de haver semelhanças entre as duas categorias, considera-se que a Estagnação 2 tem uma tonalidade emocional ainda mais negativa que o Isolamento 2.

Otras relações se estabelecem entre as categorias. Por exemplo, a Generatividade 2, que mostra a capacidade de investimento em nós próprios, sendo distinta da Intimidade 2, está relacionada com ela. Na verdade, como se viu no Capítulo 2 da Primeira Parte, várias teorias e estudos empíricos mostram como o termos sido cuidados e termos internalizado boas experiências relacionais conduzem à capacidade para cuidar de nós, investir em nós próprios. Ao mesmo tempo também foi referido que na perspetiva de Blatt, perspetiva que também serviu de base à conceptualização das

⁴⁰ Relembrem-se as dicotomias: Intimidade 1 vs. Isolamento 1, Generatividade 1 vs. Estagnação 1, Intimidade 2 vs. Isolamento 2, Generatividade 2 vs. Estagnação 2.

categorias, a linha de desenvolvimento do relacionamento interpessoal e a linha de desenvolvimento da definição do *self* estabelecem entre si uma relação dialética.

Em suma, as categorias representam diferentes modos de nos relacionarmos com os outros e com o *self*, ainda que haja semelhanças e também relações entre algumas delas. Essas semelhanças e relações podem levar a que as categorias não se diferenciem nas histórias que os participantes contam, ou seja, Intimidade 1 e Generatividade 1, por exemplo, podem não se distinguir nas histórias. Isto pode constituir uma desvantagem na medida em que se perde aquela distinção. Ainda assim, a emoção positiva mantém-se sempre, o que permite evidenciar uma linha de escolha por parte das pessoas: uma linha mais positiva quando existe Intimidade 1, Generatividade 1, Intimidade 2 ou Generatividade 2; uma linha mais negativa quando existe Isolamento 1, Estagnação 1, Isolamento 2 ou Estagnação 2.

2.2. Processo de criação das cenas.

O processo de criação das nove cenas correspondentes a cada um dos sete cartões consistiu num trabalho criativo e de reflexão, sempre em confronto com a possibilidade/impossibilidade de concretização em desenho. Implicou um contacto estreito com os artistas desenhadores. E foi frequente a necessidade de alterações. Por todas estas razões, foi um trabalho muito exigente e moroso. A criação das cenas constituiu um dos maiores desafios deste trabalho.

Cada cena integra-se, como já foi referido, numa categoria. Esta circunstância faz com que as cenas da “Era uma vez... Adultos” não sejam estímulos ambíguos.

Subjacente à sua criação está uma intenção: a categoria em que cada cena se insere. Esta característica da “Era uma vez... Adultos” levanta dois tipos de questões.

Primeira, quanto menos ambíguos forem os estímulos, maior a probabilidade de as respostas dos participantes poderem ser uma reação às características do estímulo e não uma projeção do seu mundo interno (Frank, 1948). Este facto é conhecido como “stimulus pull” (Semeonoff, 1976, p. 306). E também há mais consciência do que é pedido, o que pode levar a que as respostas sejam afetadas pela desejabilidade social.

Tendo em conta esta primeira questão, admite-se que as respostas dos participantes na “Era uma vez... Adultos” possam ser uma simples reação às características dos estímulos, tal como podem ser afetadas pela desejabilidade social. Conta-se é que na organização das cenas numa sequência e na verbalização esses fenómenos venham a ser minimizados.

A segunda questão é a existência de uma correspondência entre i) a categoria e a cena criada para representar essa mesma categoria num determinado cartão e ii) a categoria e a perceção por parte dos participantes.

A categoria em que cada cena se integra é um constructo teórico, baseado em teorias sobre o desenvolvimento do ser humano numa perspetiva relacional. Ora, representar um constructo através de um desenho – cada uma das cenas – não é fácil. Por um lado, um constructo e um desenho são entidades diferentes, o que impossibilita uma tradução total (tal como não é possível traduzir um livro num filme). Por outro lado, há sempre abertura no que diz respeito ao significado do desenho, nunca há objetividade. Por estas duas razões, a correspondência entre a categoria e a cena nunca é absoluta. Mesmo assim, a orientação que presidiu à criação das cenas foi sempre esta: conseguir representar graficamente as oito categorias e a categoria Extra no contexto de

cada cartão. Implicou, pois, a tarefa de imaginar situações desenhadas que, numa única imagem, transmitissem os conteúdos relacionais e as tonalidades afetivas correspondentes a cada uma das oito categorias definidas, bem como à categoria Extra. Para ajustar os critérios, pediu-se a ajuda de três juízes⁴¹ a quem foram fornecidas as categorias e as cenas de cada cartão, solicitando que categorizassem as cenas. Tendo em conta as suas respostas, alguns desenhos foram alterados, nomeadamente no que diz respeito à expressão gráfica das emoções.

Os estudos exploratórios ajudaram a perceber se o que as pessoas viam nos desenhos correspondia à intenção desejada. As respostas permitiram melhorar essa correspondência.

Salienta-se ainda que, além dos traços definidores de cada categoria, os temas dos cartões também determinaram o modo como cada cena foi criada para representar a categoria na qual se integra. É que às categorias definidas de forma lata acrescentou-se as particularidades relativas a cada situação de vida – os sete cartões –; essas particularidades estão representadas nas cenas específicas de cada cartão. Por exemplo, a Generatividade 2 no Cartão Fim de semana é representada por uma ida da personagem ao cinema, enquanto no Cartão Sexualidade é representada pela personagem a pôr perfume.

E esclareça-se desde já que, relativamente à categoria Intimidade 2, se optou por representar as relações internas através de balões de pensamento e fotografias.

⁴¹ Professor Doutor Bruno Gonçalves, Professora Doutora Maria Eugénia Duarte Silva e Professora Doutora Rute Pires, professores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, a quem manifesto o meu profundo agradecimento.

2.2.1. Apresentação das cenas.

Passa-se seguidamente a apresentar as cenas de cada cartão⁴². Começa-se pelas cenas da categoria Intimidade 1, depois Isolamento 1, Generatividade 1, Estagnação 1, Intimidade 2, Isolamento 2, Generatividade 2 e Estagnação 2.

Intimidade 1

Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está de pé com uma figura feminina e uma figura masculina, a figura feminina está no meio e tem um papel na mão, os três conversam entre si; todos têm um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

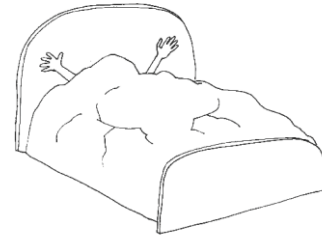
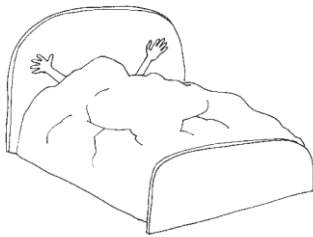
⁴² Relembra-se que todos os desenhos apresentados neste capítulo foram reduzidos, na versão real da prova os desenhos são maiores. A redução dos desenhos também prejudica a sua qualidade.

Cartão II Fim de semana



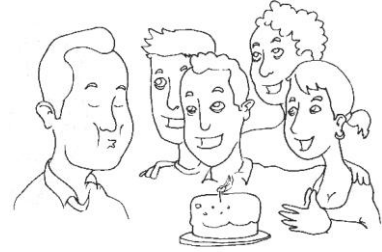
Descrição: a personagem está à mesa, sobre a qual estão pratos, à mesma mesa estão duas crianças de sexos diferentes, uma figura mais velha do sexo masculino e uma figura da mesma idade do sexo oposto, todos a comer; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão III Sexualidade



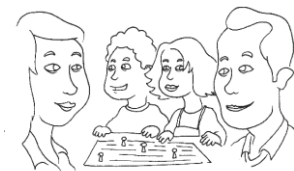
Descrição: uma cama em que a roupa sugere a presença de volume, vendo-se dois braços fora da roupa, junto à cabeceira da cama.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem está a soprar as velas de um bolo de aniversário, junto dela estão quatro figuras de sexos diferentes, todas com um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está com duas crianças de sexos diferentes e uma figura adulta do sexo oposto, estão todos à volta de uma mesa, em que está um jogo; as quatro com um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem apresenta uma expressão emocional negativa e está junto a um grupo de figuras, uma das figuras tem o braço à volta da personagem e ambas dão as mãos; um caixão com flores à volta, outras figuras perto do caixão, atrás há uma parede de um edifício e o signo cruz.

Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem vestida com um vestido (versão feminina) ou um fato (versão masculina) dá a mão a uma figura do sexo oposto com um vestido (versão masculina) ou um fato (versão feminina); as duas com um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Isolamento 1

Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está num escritório, sentada em frente a uma secretária com um computador em frente, um caderno, um recipiente com canetas; afastados, junto a um placard do escritório, estão uma figura masculina e uma figura feminina a conversarem; a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa, enquanto as outras duas figuras estão com uma expressão emocional positiva.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está de pé, de costas voltadas para um grupo de figuras, tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional

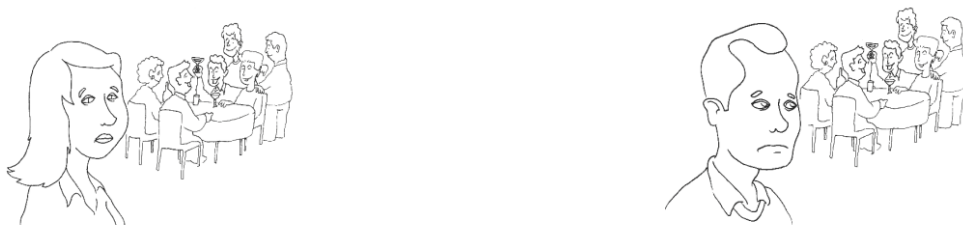
negativa; separado dela está o grupo de figuras que conversam e apresentam uma expressão emocional positiva.

Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem está deitada na cama, com a cabeça de lado, em cima de uma almofada, está virada de costas para uma figura do sexo oposto, que está soerguida da cama e que tem o braço esquerdo por fora da roupa de cama; a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa; afastado dela está um grupo de cinco figuras a uma

mesa, todas têm uma expressão emocional positiva, uma delas tem um copo na mão erguida.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa; afastado dela está uma figura adulta do sexo oposto e duas crianças de sexos diferentes à volta de uma mesa, as três têm uma expressão emocional positiva, a criança do sexo masculino tem o braço erguido em direção à figura adulta do sexo oposto.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa; a personagem está de costas voltadas para um grupo de vultos de figuras que estão junto a um caixão com flores à volta, atrás há uma parede de um edifício e o signo cruz.

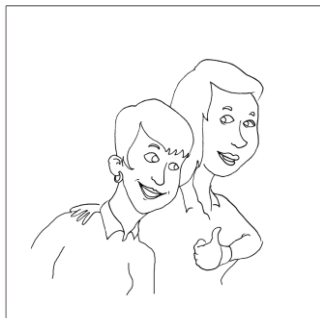
Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa; de costas para ela e sentada a uma mesa em frente a um computador, com as mãos no teclado do computador, está uma figura do sexo oposto.

Generatividade 1

Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está de pé e ao lado de uma figura do mesmo sexo; tem o braço direito por cima dos ombros dessa figura, o polegar da mão esquerda na vertical; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está junto de uma figura mais velha do sexo feminino que está a entrar num automóvel; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem coloca o seu braço em volta da figura de sexo oposto, que tem os olhos fechados, a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem está de pé com uma garrafa na mão, que ergue junto de um grupo de seis figuras a uma mesa; a personagem e as outras figuras têm uma expressão emocional positiva, uma das figuras tem um copo na mão, que está erguida.

Cartão V Filhos



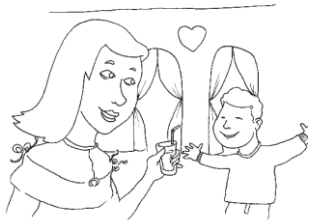
Descrição: a personagem está a ler um livro e está uma criança do sexo masculino deitada numa cama; a personagem tem uma expressão emocional positiva.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem está no meio de outras duas figuras de sexos diferentes, a personagem tem os braços por cima de cada uma dessas figuras.

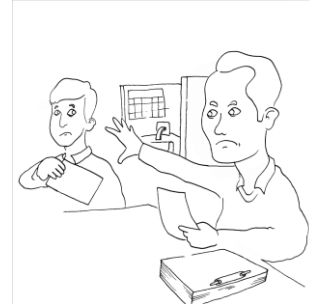
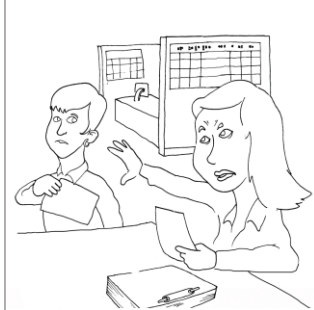
Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem está vestida com um vestido (versão feminina) ou um fato (versão masculina), tem um copo com uma palhinha na mão; em frente a ela está uma figura do sexo masculino com os braços abertos e com um sorriso; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva; atrás estão umas cortinas e uns corações.

Estagnação 1

Cartão I Trabalho



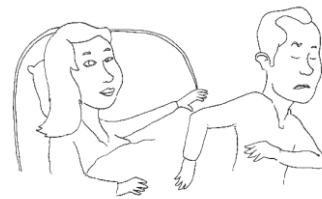
Descrição: a personagem está num escritório, sentada em frente a uma secretária que tem um caderno por cima, mais atrás está outra secretária separada por uns placards em que estão afixados quadros com linhas; a personagem segura na mão esquerda um papel na horizontal e tem o braço e a mão direita esticados em direção a uma figura do mesmo sexo que está a olhar para a personagem e segura um papel junto a si com a mão direita; a personagem tem a boca e a testa franzidas, apresentando uma expressão emocional negativa; a outra figura apresenta uma expressão emocional também negativa.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está de pé, em frente uma figura do sexo oposto; a figura tem o braço e a mão direita semierguidos, da sua boca sai um balão, dentro está um menu e a palavra “MENU”; a personagem está a olhar para o lado, tem a boca e a testa franzidas, os braços semierguidos e as palmas das mãos esticadas em direção à outra figura, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem está de pé, de costas viradas para a figura do sexo oposto que está numa cama, por baixo da roupa de cama; essa figura tem o braço direito pousado na roupa da cama e o braço esquerdo erguido em direção à personagem; a personagem tem o braço direito na vertical com a palma da mão virada para a figura que está atrás e com o braço esquerdo em frente ao corpo na horizontal, boca e a testa franzidas, tudo sinais que mostram uma expressão emocional negativa.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem está de pé e em frente a uma figura do mesmo sexo, a figura tem os braços estendidos em direção à personagem e tem uma prenda nas mãos; a personagem tem os olhos fechados, boca e testa franzidas, os braços semierguidos e as palmas das mãos esticadas em direção à figura, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está de costas voltadas para uma criança do sexo feminino que está a chorar e que aponta com a mão direita uma ferida que tem na mão esquerda; a personagem tem um braço semierguido e a palma da mão esticada contra a figura, boca e testa franzidas, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem está de costas voltadas para uma figura do sexo feminino que está a chorar; a personagem tem os braços cruzados, boca e testa franzidas, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem, de costas para as caixas de correio da entrada de um edifício, amassa um papel com a mão; a personagem tem a boca e a testa franzidas, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Intimidade 2

Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está num escritório, sentada em frente a uma secretária com um computador em frente, um caderno, um recipiente com canetas, segura na mão direita um papel enrolado; a personagem tem um balão de pensamento com duas figuras: a própria personagem e outra figura do mesmo sexo, a personagem e a outra figura estão com uma cartola na cabeça; a personagem e as figuras do balão têm um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está com os olhos fechados, tem um balão de pensamento com quatro rostos mal definidos; a personagem tem um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão III Sexualidade



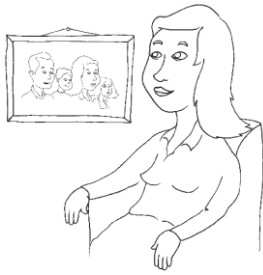
Descrição: a personagem está deitada na cama, com a cabeça de lado, em cima de uma almofada; há uma outra almofada na cama; a personagem tem um balão de pensamento com ela própria e a figura do sexo oposto abraçadas; a personagem tem um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem tem um balão de pensamento, em que surge ela própria em criança, adolescente e adulto; a personagem tem um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está sentada num sofá, do seu lado direito tem uma fotografia colocada na parede, em que se encontram uma figura do sexo oposto e duas crianças de sexos diferentes; a personagem tem um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem tem um balão de pensamento em que surge uma figura do sexo masculino mais velha, essa mesma figura está numa fotografia que a personagem tem na sua mão.

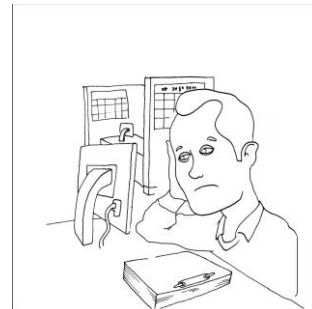
Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem tem um balão de pensamento em que está desenhado um par de alianças, a personagem tem a mão por baixo da face; a personagem tem um sorriso na cara, apresentando uma expressão emocional positiva.

Isolamento 2

Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está num escritório, sentada em frente a uma secretária com um computador em frente, um caderno por cima; mais atrás está outra secretária separada por uns placards em que estão afixados quadros com linhas; a personagem tem a cabeça ligeiramente inclinada para baixo e apoiada na mão direita, estando o braço direito apoiado na secretária; tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está deitada numa cama, com o corpo por baixo da roupa de cama, as mãos por cima, com a cabeça em cima de uma almofada; ao lado da cama está uma janela com uma cortina, da janela vê-se o sol e arbustos; a personagem tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem está sentada numa cadeira, em frente a um televisor, que está em cima de um armário, em cima do armário está um vaso com uma planta; a personagem tem os braços cruzados em cima do colo, tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem está sentada a uma mesa, tem um copo na mão e está uma garrafa na mesa; a personagem tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está num jardim junto a uma esquina de um edifício, há uma árvore; a personagem tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem está de pé, com a cabeça inclinada para o chão, tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

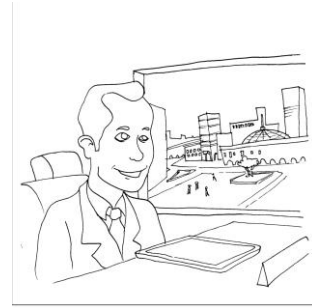
Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem está sentada no assento do condutor de um automóvel, está inclinada para o volante, com os braços por cima do volante e o queixo apoiado nos braços; tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

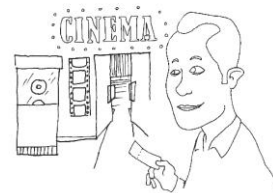
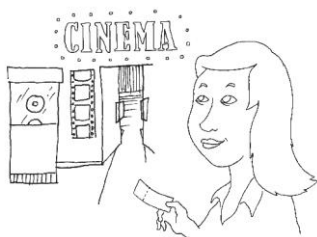
Generatividade 2

Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está sentada numa cadeira com costas altas, em frente a uma secretária que tem por cima um conjunto de folhas e uma placa para colocar o nome, tem vestido um fato; ao lado esquerdo está uma janela com vista para edifícios; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está com um pequeno papel na mão direita e atrás uma bilheteira e uma entrada, dizendo por cima “CINEMA”; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem está a ver-se a um espelho e a perfumar-se, tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão IV Aniversário



Descrição: na versão feminina, a personagem está a arranjar o cabelo, com uma figura do mesmo sexo com um secador; na versão masculina, a personagem está a fazer a barba, tem espuma na barba, com uma figura do mesmo sexo com uma navalha de barbear; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está sentada num sofá a ler um livro ou uma revista; a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem, apresentando uma expressão emocional positiva, está junto ao mar, no horizonte há nuvens e pássaros, há um farol.

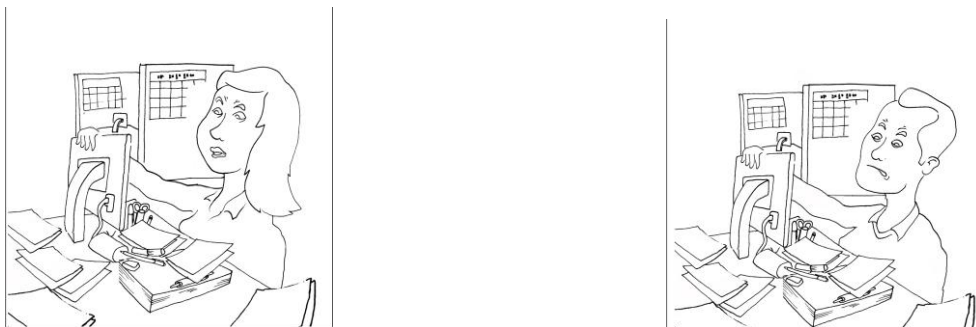
Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem tem um balão de pensamento em que está ela própria com um vestido (versão feminina) ou um fato (versão masculina); a personagem tem um sorriso nos lábios, apresentando uma expressão emocional positiva.

Estagnação 2

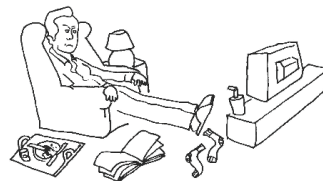
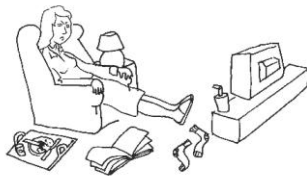
Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem está num escritório, sentada em frente a uma secretária com um computador em frente, com papéis espalhados pela secretária, um recipiente com canetas está caído na secretária; mais atrás está outra secretária separada por uns placards em que estão afixados quadros com linhas; a personagem tem o braço direito

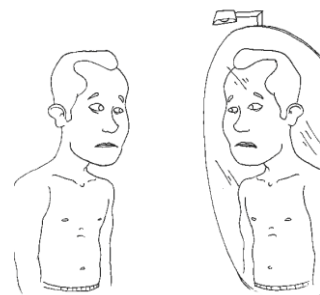
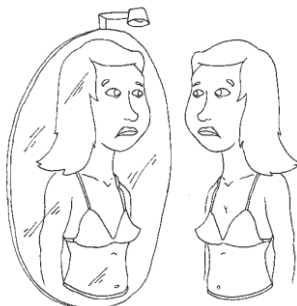
esticado para a frente e a mão agarra o ecrã do computador; a personagem tem a boca e a testa franzidas, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem está sentada num sofá, com as pernas estendidas, em frente a um televisor que está em cima de um armário, estando ao lado do televisor um copo com uma palhinha; de um dos lados do sofá está um pequeno armário com um candeeiro por cima; à volta dela no chão está um tabuleiro de comida, um livro aberto e um par de meias; a personagem tem a boca e a testa franzidas, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem está a ver-se a um espelho, vemos o corpo da personagem nu a partir da cinta, na versão feminina a personagem tem um sutiã; a personagem tem os lábios e os olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem está em frente ao calendário e na mão amassa um papel, tem a boca e a testa franzidas, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está soerguida da cama, com os braços de lado e esticados, a boca e a testa franzidas, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa; na cama há um livro aberto, um tabuleiro com um copo tombado e algum líquido no tabuleiro.

Cartão VI Morte



Descrição: a personagem está deitada no chão, descalça, com a cabeça na ponta de um sofá; à sua volta e espalhados pelo chão há: livros abertos, um prato com comida e talheres, uma garrafa, uma caixa vazia, pequenos objetos.

Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem está sentada frente a uma mesa, em que está um prato, um talher no prato, outro talher caído na mesa, um arranjo de flores tombado na mesa; atrás estão umas cortinas e uns corações; a personagem tem um braço esticado em cima da mesa, na mão do outro braço segura um copo, tem a boca e a testa franzidas, tudo sinais faciais e corporais que mostram uma expressão emocional negativa.

Passa-se agora a apresentar a categoria Extra de cada cartão.

Categoria Extra

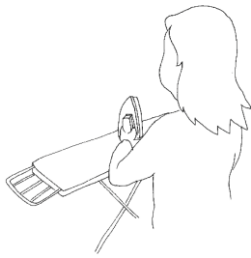
Cartão I Trabalho



Descrição: a personagem tem um balão de pensamento em que surge uma figura do mesmo sexo, com uma expressão emocional positiva, a rodear essa figura estão três pares de mãos a baterem palmas; a personagem tem os lábios descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Esta cena pretende representar o aspeto do reconhecimento social pelo trabalho.

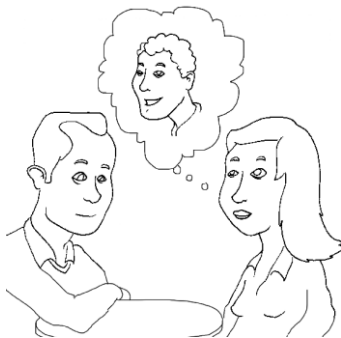
Cartão II Fim de semana



Descrição: a personagem feminina está de pé e de costas em frente a uma tábua de passar a ferro, com um ferro na mão esquerda; a personagem masculina está de costas, sentada em frente a uma mesa, que tem uns papéis por cima, a personagem tem os dedos numa máquina de calcular.

Esta cena pretende representar tarefas que podem corresponder a trabalhos a realizar no fim de semana. A diferença entre a versão feminina e a versão masculina baseia-se em estudos que mostram como as tarefas da casa não se dividem de forma paritária quer nos tipos de tarefas quer no número de horas despendido, entre homens e mulheres na sociedade portuguesa (Wall & Guerreiro, 2005).

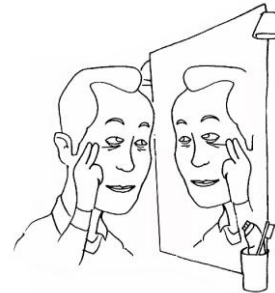
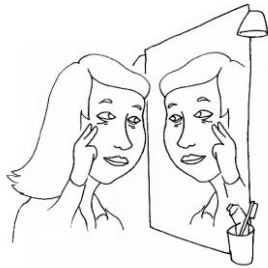
Cartão III Sexualidade



Descrição: a personagem está sentada a uma mesa, em frente está a figura do sexo oposto, a personagem tem um balão de pensamento com uma outra figura do sexo oposto.

Esta cena pretende representar uma fantasia relacionada com um outro ou uma outra no contexto de uma relação.

Cartão IV Aniversário



Descrição: a personagem está a ver-se ao espelho e tem dois dedos da mão direita junto dos olhos, tem umas rugas.

Esta cena pretende representar a imagem do envelhecimento físico, simbolizando as ameaças do envelhecimento.

Cartão V Filhos



Descrição: a personagem está sentada frente a uma mesa, que tem em cima um computador e um recipiente com canetas; a personagem tem um balão de pensamento em que estão duas crianças de sexos opostos a lutar com almofadas nas mãos, a personagem tem os lábios e olhos descaídos, apresentando uma expressão emocional negativa.

Esta cena pretende representar um acontecimento comum na vida com os filhos – uma zanga entre eles – recordada/imaginada no tempo/local de trabalho, o que pode apontar para a dificuldade de conciliar o trabalho e a vida de família.

Cartão VI Morte



Descrição: a própria personagem num caixão.

Esta cena pretende representar a morte da própria personagem.

Cartão VII Casamento



Descrição: a personagem tem dois balões de pensamento: num está ela própria e outra figura do sexo oposto a olhar um para o outro com uma expressão emocional positiva; no outro balão está ela própria e outra figura do sexo oposto de costas voltadas e com uma expressão emocional negativa.

Esta cena pretende representar a ambivalência/dúvida sobre a relação de casal.

As categorias foram dispostas de modo a haver uma alternância das circunstâncias relacionais e tonalidade emocional das mesmas. Além disso, a disposição das categorias é diferente em cada cartão. Na “Era uma vez...”, isso não acontece: as três categorias da prova têm a mesma posição em todos os cartões (Fagulha, 1992). Na “Era uma vez... Adultos”, optou-se por mudar a disposição em cada cartão⁴³, tal como se pode verificar na Figura 2.

⁴³ Esta opção foi tomada após a realização do segundo estudo exploratório – ver o ponto 6.2. deste mesmo capítulo.

Figura 2 – Disposição das categorias nos sete cartões

Cartão I Trabalho

Generatividade 2	Estagnação 1	Intimidade 2
Isolamento 1	Intimidade 1	Estagnação 2
Isolamento 2	Extra	Generatividade 1

Cartão II Fim de semana

Isolamento 2	Extra	Estagnação 1
Generatividade 1	Isolamento 1	Generatividade 2
Intimidade 2	Estagnação 2	Intimidade 1

Cartão III Sexualidade

Isolamento 2	Generatividade 1	Estagnação 1
Generatividade 2	Isolamento 1	Extra
Intimidade 2	Estagnação 2	Intimidade 1

Cartão IV Aniversário

Isolamento 1	Isolamento 2	Intimidade 2
Estagnação 2	Extra	Generatividade 1
Intimidade 1	Generatividade 2	Estagnação 1

Cartão V Filhos

Intimidade 2	Isolamento 1	Estagnação 2
Estagnação 1	Isolamento 2	Generatividade 2
Generatividade 1	Extra	Intimidade 1

Cartão VI Morte

Estagnação 2	Generatividade 1	Isolamento 1
Extra	Intimidade 2	Estagnação 1
Intimidade 1	Isolamento 2	Generatividade 2

Cartão VII Casamento

Estagnação 1	Isolamento 1	Intimidade 2
Extra	Generatividade 2	Estagnação 2
Intimidade 1	Isolamento 2	Generatividade 1

3. História Inventada

No fim da apresentação dos sete cartões, tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 2002), é pedido aos participantes que imaginem uma outra história que pudesse ter

acontecido à personagem. É uma tarefa semelhante ao Cartão Branco do TAT (e.g., Teglassi, 2001).

A História inventada tem a função de permitir elaborar alguns aspectos que permaneceram abertos ou de permitir a elaboração de ansiedades, desejos, expectativas, no momento em que várias áreas da vida foram tocadas pela experiência da prova.

Por vezes, os participantes retomam um dos temas dos cartões, normalmente o tema que causou mais ansiedade. É o que acontece, por exemplo, com a seguinte história:

Então o João depois sai desfeito do casamento. Sai. Pronto, sabe que tem de pôr um ponto final naquela maneira de estar. Para não continuar a lutar contra uma muralha e decide emigrar, também não estava muito simples no país onde estava em termos de trabalho, não estava com muita facilidade. Já estava sozinho e já e decide emigrar, decide ir para outro país. Vai para... pode ser para África. Vai para África. É difícil, há momentos que não gosta, detesta, gosta, detesta. Mas vai crescendo outro João, vai aparecendo outro João, as memórias vão ficando mais desvanecidas.

E... pronto, passaram uns anos já e o João mais velho, mais maduro, já com a paixão mais apagada, volta, à sua cidade. Começa a viver na sua cidade outra vez. Começa outra vez a sentir o seu espaço, a sentir, a recriar as relações que tinha. E pronto, vem inevitavelmente, porque é uma cidade pequena, a saber notícias da rapariga que se tinha casado e que tinha gostado tanto. E... e pronto apercebe-se que, que a vida não é estática, aconteceram coisas na vida dela. E... quer voltar a falar com ela, saber como é que está e, já pacificamente para saber e para a ver.

Outras vezes, as histórias criadas ajudam a interpretar melhor o significado das respostas dadas nos cartões. É o que acontece, por exemplo, num protocolo de uma participante em que todas as respostas, com exceção do Cartão VI Morte, apresentam

emoções apenas positivas. A história criada pela participante parece justificar essa exigência que ela faz a si própria de estar bem:

Acho que ela teve sempre uma vida feliz e conseguiu os objetivos dela, teve sempre um marido maravilhoso, uns filhos maravilhosos, tanto o marido como os filhos eram tudo na vida dela e ela sabia que tinha de estar a... sei lá sempre eh... ter sempre forças e ter forças e muita coragem para a vida. [silêncio] Tinha que ter também saúde para estar sempre ao lado da família.

4. Aplicação

A “Era uma vez... Adultos” é, como já foi referido, composta por sete cartões em banda desenhada, sendo cada cartão acompanhado por nove cenas.

Os cartões devem estar organizados segundo a ordem da sua apresentação: Cartão I Trabalho, Cartão II Fim de semana, Cartão III Sexualidade, Cartão IV Aniversário, Cartão V Filhos, Cartão VI Morte, Cartão VII Casamento. Os cartões estão numerados na parte de trás em algarismos romanos, para facilitar a tarefa de quem aplica a prova.

Junto a cada cartão devem estar as nove cenas correspondentes, também ordenadas. As cenas estão numeradas na parte de trás em algarismos árabes, de acordo com a ordem em que são dispostas, para também facilitar a tarefa de quem aplica a prova.

O participante e o investigador sentam-se lado a lado numa mesa, com o participante à esquerda.

Inicia-se a aplicação da prova, dizendo o seguinte:

- “Agora tenho aqui umas histórias que não estão acabadas. São umas histórias de banda desenhada e vai ter uns desenhos para as completar. São histórias do dia a dia da vida de uma Joana/de um João (caso o participante tenha esse nome, será mudado para Paula, Paulo, Pedro). No entanto, mesmo as coisas mais simples têm os seus problemas..., as suas alegrias..., as suas dificuldades... Vou então mostrar-lhe a primeira história da Joana/do João”.

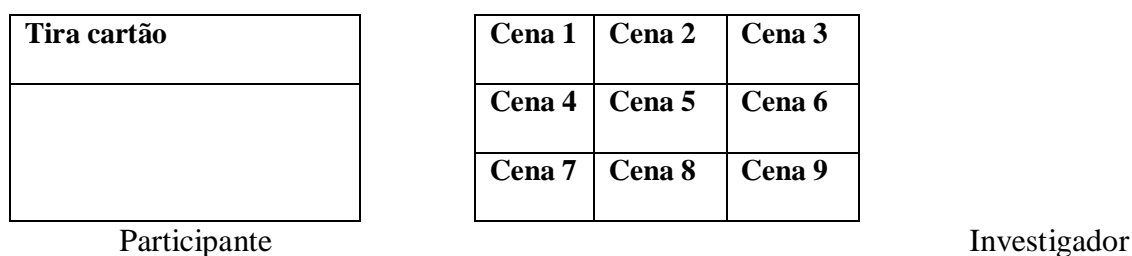
Coloca-se na mesa o Cartão I Trabalho e conta-se a história: “Era uma vez a Joana/o João que estava a sair de casa para o trabalho, apanhou o transporte e chegou ao trabalho”.

Depois diz-se: “Agora tem aqui nove desenhos e vai escolher três para continuar a história”.

Colocam-se as cenas.

A disposição do cartão e das cenas deve ser a que segue em baixo.

Figura 3 – Disposição do cartão e das cenas



Depois diz-se: “Agora escolhe três e coloca-os aqui (apontando a parte abaixo da tira do cartão) e depois conta-me a história que fez”.

Finda a história, retira-se o cartão e as cenas e diz-se: “Vamos agora passar para outras coisas que acontecerem à Joana/ao João ”.

Os outros cartões são apresentados sem explicações, apenas fazendo o seguinte:

- coloca-se na mesa o cartão e conta-se a história,
- colocam-se as cenas,
- finda a história, retira-se o cartão e as cenas.

As frases usadas para descrever as situações dos outros seis cartões são as seguintes:

- Cartão II Fim de semana: “A Joana/o João estava a dormir. Eram 11h. E acordou, era sábado”;

- Cartão III Sexualidade: “A Joana/o João viu o anúncio deste filme. Ela/ele e o Paulo/a Paula (ou outros nomes, como João, Joana, Susana, caso se utilizem aqueles como os nomes da personagem) ficaram a ver o filme”;

- Cartão IV Aniversário: “A Joana/o João estava a olhar para o calendário e era o dia do aniversário dela/dele”;

- Cartão V Filhos: “Os filhos da Joana/do João estavam a brincar no jardim e ela/ele estava aqui”;

- Cartão VI Morte: “A Joana/o João recebeu uma chamada e atendeu o telemóvel. Tinha morrido uma pessoa de quem ela/ele gostava muito”;

Cartão VII Casamento: “A Joana/o João recebeu uma carta. Abriu o envelope e era um convite para um casamento”.

No final da apresentação do sétimo cartão, é pedido ao participante o seguinte: “Agora gostava que imaginasse uma outra história que pudesse ter acontecido à Joana/ao João”. É um pedido inesperado para o participante, por isso é importante dar tempo e pode ser necessário fazer de novo o pedido através de outra frase, como: “Eu contei-lhe estas histórias que completou com os desenhos, agora gostava que imaginasse uma outra situação, uma outra coisa que tivesse acontecido à Joana/ao João”.

Ao longo da aplicação da prova, deve ser feito registo do seguinte:

- cenas escolhidas e sua sequência,
- substituições de cenas ou mudanças na posição das cenas,
- histórias,
- reações verbais, paraverbais e não verbais.

Como em todas as situações de avaliação, nomeadamente com provas projetivas, perguntas sobre o funcionamento da “Era uma vez... Adultos”, tal como pedidos de explicações ou dúvidas, devem ser respondidas, enquanto perguntas sobre as escolhas, interpretações e histórias dos próprios participantes não devem ter resposta.

5. Análise e Interpretação das Respostas

Para analisar e interpretar as respostas da “Era uma vez... Adultos” dispõe-se já das categorias constitutivas da prova. Como já foi referido em diferentes momentos deste trabalho, as oito categorias – Intimidade 1, Isolamento 1, Intimidade 2, Isolamento

2, Generatividade 1, Estagnação 1, Generatividade 2 e Estagnação 2 – e a categoria Extra constituem elas mesmas parâmetros de classificação das respostas da prova. As categorias escolhidas e sua sequência são parâmetros objetivos de análise das respostas da “Era uma vez... Adultos”.

Decidiu-se analisar as histórias recorrendo a essas mesmas categorias, sendo que pode haver ou não uma coincidência entre a categoria da cena escolhida e a categoria da verbalização (esta situação será explicitada e exemplificada ao longo deste ponto).

Criou-se depois uma série de itens de análise e interpretação, tanto das histórias como de outros dados obtidos durante a aplicação da prova. Esses itens foram concebidos a partir de alguns parâmetros de análise das respostas do TAT (Ávila Espada, 1986; Teglassi, 1993; Shentoub & Col, 1999). Tendo em conta a especificidade da “Era uma vez... Adultos”, especialmente a escolha das cenas/categorias, alguns dos parâmetros de análise do TAT foram adaptados. E também se recorreu à grelha de análise da “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 2002), ainda que haja várias diferenças nas grelhas das duas provas.

5.1. Grelha de análise e interpretação.

A construção da grelha de análise foi resultado de um trabalho em conjunto⁴⁴, em que houve ampla reflexão, discussão e teste da própria grelha. Testar a grelha significou analisar protocolos e verificar se os itens que constituíam a grelha permitiam analisar as respostas, bem como verificar a clareza e objetividade da grelha. À medida que se ia testando a grelha, percebia-se quais os itens que era necessário acrescentar ou

⁴⁴ Esse trabalho em conjunto envolveu a autora deste trabalho, a orientadora e o psicólogo Pedro Carvalho.

eliminar, bem como os itens que era preciso definir com maior clareza. Com o objetivo de verificar a clareza da versão final da grelha de análise, solicitou-se a dois psicólogos que a utilizassem na análise independente de três protocolos⁴⁵. Com base na sua apreciação, foram clarificados alguns dos itens.

De todo este trabalho, resultou uma grelha de análise composta por 57 itens reunidos em três grupos.

O primeiro grupo de itens diz respeito às reações dos participantes face à prova, incluindo reações verbais e não verbais. São reações face à situação de avaliação e ao próprio instrumento de avaliação, o que é considerado uma informação relevante (Schaffer, 1967; Simões, 1999). Pode haver reações que sejam constantes ao longo da prova ou específicas de um cartão. Esclareça-se, desde já, que se inclui nas reações verbais tudo aquilo que os participantes comunicam ao longo da prova, exceto a história. Considera-se a história como uma produção verbal particular, analisada segundo um conjunto específico de itens.

O segundo grupo de itens diz respeito à escolha das cenas/categorias e sua organização numa sequência: primeira, segunda e terceira posição.

O terceiro grupo de itens tem a ver com a história. Este terceiro grupo é subdividido em dois: um diz respeito à ligação da história às cenas e outro diz respeito à elaboração da história.

Relativamente à História inventada, é analisada a partir dos itens 7 a 10, 14 a 18, 26 a 47, 49, 52 a 55, sendo apenas necessário acrescentar dois novos itens: 56 e 57.

⁴⁵ Professor Doutor Bruno Gonçalves e Professora Doutora Rute Pires, a quem manifesto de novo o meu agradecimento.

Nas páginas que se seguem serão indicados os 57 itens da grelha de análise. Sempre que se considere necessário, esses itens serão explicados e/ou exemplificados⁴⁶. Nos exemplos, sempre que se considere útil, surge entre parênteses a indicação do cartão do qual se retirou o exemplo ou se foi retirado da História inventada⁴⁷.

1º Grupo – Reações face à prova: itens 1) a 19)

1) O participante fala sobre si no início, durante e/ou no fim da aplicação dos questionários⁴⁸ e/ou no fim da aplicação da prova.

Esclareça-se desde já que este item se distingue do item 17) Observações pessoais/aspetos da vida pessoal, o item 17 assinala-se quando surge durante a aplicação da prova.

2) Observações/Perguntas sobre o investigador e/ou o seu trabalho.

Estas observações ou perguntas podem surgir a qualquer momento da aplicação dos questionários e da prova, ainda que sejam mais frequentes no início ou no final.

⁴⁶ Os exemplos de histórias não são tratados como citações e, por isso, não seguem as regras gráficas para citações com mais de 40 palavras (American Psychological Association, 2010). Esta opção tem como justificação tornar o texto mais claro e compreensível.

⁴⁷ Surge também entre parênteses o número do participante do qual se retirou o exemplo quando faz parte do estudo da prova, quando faz parte dos estudos exploratórios não se indica. Essa indicação é útil para poder rapidamente identificar o protocolo de onde se retirou o exemplo.

⁴⁸ Antes da aplicação da “Era uma vez... Adultos” são apresentados quatro questionários – estes quatro questionários são descritos no Capítulo 2 desta Segunda Parte.

3) Refere continuidade da vida da personagem ao longo da prova.

Há participantes que referem continuidade na vida da personagem ao longo da prova. Esclareça-se desde já que este item é diferente do item 56) Continuação da temática de um cartão/cartões, que se aplica apenas à História inventada. O item 3 pode estar assinalado e o item 56 não.

Exemplos – ver partes sublinhadas:

- “Pensou no seu casamento com o Paulo. Saiu para ir às compras. Comprar a roupinha. Que é sempre o meu problema, mas pronto [ri-se]” (11: Casamento).

- “Quando os filhos acabam de brincar a Joana foi-lhes ler uma história. Entretanto o Paulo chegou a casa e foram todos jogar um jogo e por fim a Joana leu uma história aos miúdos para eles todos dormirem” (15: Filhos).

4) Tempo total de aplicação da prova: desde o início da aplicação até o participante dar por terminada a História inventada.

5) Tempo de latência alterado: alteração no tempo que se demora a escolher a primeira cena a partir do segundo cartão inclusive.

6) Tempo total alterado: alteração no tempo que se demora a escolher a sequência completa e a contar a história a partir do segundo cartão inclusive. Pode haver pausas a seguir à escolha de uma cena, pausas ao longo da história. Pode haver

expressões que mostrem hesitação. Pode ainda haver redundâncias ao longo da história, isto é, repetição da mesma ideia ou das mesmas palavras sem avanço na progressão da história. Frequentemente quando este item é assinalado, também se assinala o item 14) Observações/Perguntas que mostram dificuldade/ansiedade na escolha das cenas e/ou em contar a história.

Os itens 5 e 6 ajudam a perceber o impacto da temática. Tal impacto pode ser revelado tanto quando a pessoa demora muito tempo a escolher como quando a pessoa quase nem olha para as cenas, decidindo rapidamente.

7) Indecisão na escolha e/ou organização das cenas.

Este item deve ser assinalado quando um ou todos os comportamentos que se seguem ocorrem: i) pegar numa cena e tê-la na mão durante alguns segundos mas depois não a escolher; ii) substituir cenas que já tinham sido escolhidas; iii) mudar a posição de cenas que já tinham sido colocadas numa determinada posição. Quando este item é assinalado também poderá ser assinalado o item 6) Tempo total alterado.

O item não deve ser assinalado quando os participantes escolhem uma cena, contam e depois escolhem outra, contam e por fim fazem o mesmo com a terceira.

Esclareça-se ainda que na investigação quantitativa haverá que restringir a análise às cenas que ficam como resultado final. Em contexto terapêutico ou num estudo de caso, todas as cenas que forem escolhidas, mesmo que depois tenham sido substituídas, deverão ser assinaladas. Como também interessa assinalar se a substituição tem um determinado significado: se, com a substituição, a situação fica mais positiva, mais negativa, sem conflito, com conflito, etc..

8) Comportamentos vocais: rir, chorar, suspirar, assobiar.

9) Atividade motora: movimentos na cadeira, movimentos do corpo, movimentos das mãos, mexer nos cartões para lá da simples ação de escolher as cenas.

Porquê registar os dois tipos de reações dos itens 8 e 9? Porque dão informação sobre o estado emocional dos participantes face à prova e face às temáticas dos cartões. As reações não verbais podem estar ou não em contradição com a resposta verbal, o que constitui uma informação importante para interpretar as respostas. Além disso, mostram emoções de que a própria pessoa pode não ter consciência.

10) Rejeita/Afasta cenas que expressam emoção negativa e/ou História inventada negativa.

Alguns participantes rejeitam as cenas negativas dizendo, por exemplo, “Esta não” ou algo mais elaborado como “Eu não queria que ela ficasse triste, havia imagens tristes” (16: Trabalho).

Estas observações podem ou não ser acompanhadas pelo afastamento das cenas negativas, que são colocadas de parte.

Exemplo:

- “Esta aqui [4 Extra] não suporto” (Morte), sendo que a participante a retira do conjunto das nove cenas e coloca-a à parte.

Quanto à História inventada, há participantes que começam por dizer algo do género: “Só então coisas felizes” (18: História inventada).

11) Observações/Perguntas sobre a prova.

Exemplos:

- “É a história da Joana, posso pensar que eu sou a Joana?” (15: Fim de semana);
- “Engraçadas estas coisas da psicologia” (18: Trabalho).

Também podem ser observações/perguntas que mostrem dificuldade/ansiedade (neste caso também se assinala o item 14, ver mais abaixo).

Exemplos:

- “Há mais histórias. Coitadinha da Joana” (9: Trabalho);
- “Ainda falta muito?” (18);
- “Isto [a prova] não é muito bom para mim, que eu não sou muito imaginativa” (22);
- “Há mais? Vai ter muitas histórias?” (24: Fim de semana).

12) Observações/Perguntas sobre o cartão.

Exemplos:

- “Ah, ela tem filhos, que engraçado!” (Filhos);

- “Oh, Diabo, esta...” (Casamento);
- “O casamento não está aqui bem retratado” (24: Casamento).

13) Observações/Perguntas sobre uma ou mais cenas.

Exemplos:

- “Ora que coisa fofa, ora os edredons a mexer [9 Intimidade 1]” (1: Sexualidade);
- “O bolinho é um bocado óbvio [7 Intimidade 1]” (21: Aniversário);
- “Presumivelmente é essa pessoa. Não é por ter o cabelo à João...” [4 Extra] (21: Morte).

14) Observações/Perguntas que mostram dificuldade/ansiedade na escolha das cenas e/ou em contar a história.

Exemplos:

- “Ah, vamos lá ver como se vai fazer isto. Estou mesmo perdida. Vai ser uma coisa muito simples” (9: Trabalho);
- “Estas imagens são difíceis” (11: Fim de semana);
- “E agora? Não sei agora” (19: Morte);
- “É um bocado difícil este” (20: Casamento).

15) Observações à atuação pessoal na prova.

Frequentemente, as observações à atuação pessoal na prova são negativas e também revelam dificuldade/ansiedade na escolha das cenas e/ou em contar a história (o item 14 também é assinalado).

Exemplos:

- “O meu marido é fácil, que ele sabe contar histórias, eu não, nem por isso”;
- “Sou pouco criativa para histórias” (23);
- “Estas coisas das histórias, é mais complicado do que se pensa, pode haver quem faça isto rapidinho, eu não” (24: Filhos);
- “As minhas histórias são muito curtas, pode ser assim não pode?” (28).

Por vezes são observações com outro conteúdo.

Exemplos:

- “Cada um interpreta à sua maneira, não quer dizer que os outros vejam o que eu vejo aqui” (3);
- “Vou pelo lado mais fácil desta vez, sem dar azo a grandes deambulações” (29: Filhos).

16) Identificação com a personagem.

A identificação com a personagem pode ser uma constante ao longo da prova, como também pode surgir em alguns cartões ou apenas num.

A identificação com a personagem pode também surgir de várias formas. A forma mais evidente é quando o participante conta a história na primeira pessoa.

Exemplo:

- “Recebi o convite para o casamento. Fiquei a pensar. Já fui casado, não é. Nas vantagens e desvantagens do casamento. Preparei-me para ir ao casamento. Vesti-me como normalmente. E os meus filhos acompanharam-me no casamento” (Casamento).

Outra forma também evidente é quando o participante fala na primeira pessoa ainda que não esteja a contar a história.

Exemplo:

- “Eu aqui sinto-me já um bocado dividido porque... Eu não tenho filhos, não é, mas eu vejo os filhos... Eu às vezes tenho vontade de ter filhos, apesar de já não ser muito novo” (Filhos).

Outras formas consistem em observações do participante que mostram essa identificação. Essas observações podem ocorrer durante a escolha das cenas e/ou ao longo da história e podem ser feitas na primeira pessoa ou não.

Exemplos – ver partes sublinhadas:

- “Pode ter reunido com os colegas, fazer o trabalho em grupo, depois no fim do trabalho pode convidar a amiga e depois podem ir jantar ou almoçar. Sou muito de trabalho em equipa” (3: Trabalho);

- “Está aqui, está muito feliz. Depois a felicidade passa-lhe. Depois ele quer sair dali para fora. Está a ver como eu adoro o trabalho!...” (49: Trabalho);

- “Se fosse domingo era o que eu faria” (15: Fim de semana; a observação é feita depois da escolha das cenas e antes de começar a contar a história, quando começa a contar a história diz: “A Joana...”, deixando de haver identificação);

- “Depois de ver o filme, embora a gente já tenha uma certa idade, a noite ideal seria isto, namorar um bocadinho” (109: Sexualidade).

17) Observações pessoais/aspectos da vida pessoal.

É um item que pode surgir ao longo da aplicação da prova ou apenas em alguns cartões. Pode surgir antes e durante a escolha das cenas e ainda no decorrer da história.

Podem ser juízos de valor, observações um pouco vagas.

Exemplos:

- “A vida é tão cinzenta e eu estou a pô-la toda cor de rosa” (3: Sexualidade);

- “Essa é a minha veia romântica” (6: História inventada);

- “Nunca se esqueceram do meu aniversário” (12: Aniversário).

Ou observações com mais informação.

Exemplos:

- “Eu estas situações vejo-as de outra maneira. Nos funerais vou lá um bocadinho e depois... Agora estar na igreja, aquele quadro deprimente, não, não faço o luto, percebe? A minha família usa cinzento, não usa luto. Nunca vou aos cemitérios no dia 1, vou quando me apetece” (93: Morte);

- “Não sou muito de casamentos, vou dizer-lhe porquê. Nós na minha família falamos baixo. Depois as pessoas falam muito alto, passado meia hora estou meio zozzo. Se me perguntarem se é melhor um jantar com meia dúzia de amigos do que um casamento, sim, é só por isso, mais nada” (93: Casamento);

- “Quando amo uma pessoa gosto de transmitir, para já, segurança de que gosto dessa pessoa. Sou extremamente romântico, estou sempre perfumado” (98: Sexualidade);

- “Por acaso os meus filhos nunca me pediram para ler uma história, eu contava e às vezes eles diziam que eu estava a contar diferente [ri-se]” (109: Filhos);

- “Eu normalmente no dia do meu aniversário passo numa florista e ofereço um ramo a mim própria. E gosto muito de festejar a vida. O meu pai ensinou-me a ser muito positiva” (127: Aniversário).

18) Observações à história que se conta.

Estas observações surgem com maior frequência no fim da história, mas também podem surgir no meio ou no início, como ainda na altura em que se está a escolher as cenas. São uma espécie de juízo pessoal sobre a história e/ou temática a ela associada.

Exemplos:

- “Isto de tristezas, não se dá muitas tréguas, é resolver o mais rápido possível. De tristezas já chega a vida” (9: Morte, final da história);

- “Se calhar vai ficar mais preocupado quase de certeza [ri-se] mas atingiu os seus objetivos” (21: Trabalho, final da história);

- “O João depois levanta-se, foi-se arranjar e viu que – é nestas alturas que nos lembramos que passa a idade, não é só nestas alturas mas... – que estava a ficar um bocadinho lá para o velhote mas não desanimou, foi ao barbeiro, fez a barba” (21: Aniversário, parte sublinhada);

- “Ora o filme era romântico. Deitou-se a sonhar com o Paulo no fim do filme e acabou por não conseguir dormir porque só conseguia sonhar com o Paulo” (36: Sexualidade, parte sublinhada);

- “Dava para fazer uma história engraçada” (22: Casamento, observação feita durante a escolha das cenas).

Os itens Observações pessoais/aspetos da vida pessoal (item 17) e Observações à história que se conta (item 18) surgem muitas vezes ao longo da própria história (início, meio ou fim) e enriquecem a história, sendo por isso entendidos como verbalizações que fazem parte da história, categorizadas de acordo com os critérios estabelecidos para as diferentes categorias. Quando a atribuição de categoria não é possível (porque as verbalizações são demasiado vagas ou não se integram em nenhuma das categorias estabelecidas), verifica-se frequentemente que a informação que essas verbalizações veiculam pode contribuir para decidir qual o grau de elaboração da história (item 46), se é uma história com conflito (item 49) e ainda como se lida com o conflito (itens 52 a 55).

Relativamente aos itens 1 a 16, a informação veiculada por esses itens também pode contribuir para se decidir se é uma história com conflito (item 49) e ainda como se lida com o conflito (itens 52 a 55).

Por fim, esclareça-se que frequentemente os participantes fazem observações que são ao mesmo tempo 11) Observações/Perguntas sobre a prova, 14) Observações/Perguntas que mostram dificuldade/ansiedade na escolha das cenas e em contar a história, 15) Observações à atuação pessoal na prova, etc.. Isso mesmo pode ser visto nos vários exemplos que foram dados.

19) Ajuda a arrumar os desenhos.

2º Grupo – Categorias escolhidas e posição na sequência: itens 20) a 22)

20) Primeira categoria: indica-se a categoria da cena escolhida na primeira posição.

21) Segunda categoria: indica-se a categoria da cena escolhida na segunda posição.

22) Terceira categoria: indica-se a categoria da cena escolhida na terceira posição.

Tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 2002), a primeira categoria indica-nos a reação imediata à situação apresentada no cartão; a segunda constitui uma forma de ligar a primeira e a última; a terceira mostra se houve possibilidade de a situação se tornar positiva, se se manteve positiva, negativa, etc.. Salienta-se que, mais do que a escolha individual das categorias, é a sua organização numa sequência que mostra o processo de elaboração emocional do participante.

3º Grupo – História: itens 23) a 57)

Tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 2002), um ponto fundamental da análise das histórias é a sua interligação com as cenas escolhidas. Havendo uma correspondência, as verbalizações correspondentes às cenas escolhidas serão enquadradas nas mesmas categorias atribuídas às cenas.

Esclareça-se que se entende por verbalização a parte de uma frase, frase ou conjunto de frases que se referem a uma cena e que será categorizada tendo por base o seu conteúdo. Ou a parte de uma frase, frase ou conjunto de frases que se referem a uma situação nova (não dizendo diretamente respeito às cenas escolhidas) introduzida na história pelo participante e que será categorizada tendo por base o seu conteúdo.

Tal como na “Era uma vez...”, surgem também nos adultos histórias curtas, simples e confinadas às cenas. No entanto, três características diferenciam as respostas da “Era uma vez... Adultos”: extensão, elaboração e liberdade. As histórias dos adultos tendem a ser mais extensas, o que faz com que a verbalização correspondente a uma cena possa ser composta por várias frases, podendo também haver mais verbalizações na história do que as três que correspondem às cenas escolhidas. As histórias são muitas

vezes mais elaboradas, sendo enriquecidas pela criatividade pessoal. E os adultos manifestam mais liberdade: reduzem duas ou mesmo as três cenas escolhidas a uma só verbalização, alteram o significado das cenas, fazem diferentes tipos de observações (veja-se os itens do 1º Grupo – Reações face à prova).

Destas três características surgem três situações distintas:

i) a história é composta por três verbalizações que correspondem ou não às cenas escolhidas;

ii) a história é composta por um número inferior de verbalizações;

iii) a história é composta por um número superior de verbalizações.

Tendo em conta tudo isto, subdividiu-se os itens de análise da história em dois subgrupos: um diz respeito à ligação da história com as cenas e o outro diz respeito à elaboração da história.

A) Ligação da história com as categorias: itens 23) a 31)

23) História consonante com as categorias.

Este item é assinalado se a história for consonante com as categorias. Uma história é consonante com as categorias quando as categorias das três verbalizações correspondem às categorias das cenas escolhidas. Para verificar isso é imprescindível ter em conta a definição das categorias e a sua representação no cartão em causa⁴⁹.

Exemplo de uma história consonante com as categorias:

⁴⁹ Ver o ponto 2. deste capítulo.

- Cenas escolhidas: 7 Isolamento 2 / 2 Estagnação 1 / 9 Generatividade 1 (10: Trabalho)

História: “Ela chegou ao trabalho e olhou para o computador e viu algo que não lhe agradava Isolamento 2. Um colega foi falar com ela e ela foi um pouco mal-educada com ele Estagnação 1 mas depois reconheceu que tinha sido mal-educada e foi pedir desculpas ao colega e ficaram bem-dispostos os dois Generatividade 1”.

Considera-se ainda que a história é consonante com as categorias quando as categorias das três cenas escolhidas surgem pela mesma ordem na história, mesmo que haja outras verbalizações que se integrem noutras categorias antes, no meio ou no fim da história, pois, apesar de haver outras observações que enriquecem a história, as cenas escolhidas foram integradas na história de acordo com a sua intenção inicial.

Exemplo:

- Cenas escolhidas: 7 Isolamento 2 / 5 Intimidade 1 / 1 Generatividade 2 (28: Trabalho)

História: “Depois de ela chegar ao trabalho viu que não tinha, que era um dia com pouco trabalho, ficou um bocado triste Isolamento 2 e **pensou “Vou tomar um café”** Generatividade 2. Esteve com os colegas e teve um momento de descontração com eles Intimidade 1. Depois voltou de novo para o trabalho e estava muito mais contente para enfrentar o seu dia Generatividade 2”.

A verbalização que está a negrito enquadra-se na categoria Generatividade 2, mas a verbalização anterior e as duas seguintes correspondem às categorias das cenas escolhidas, logo a história é consonante.

Uma história não é consonante com as categorias quando as categorias das verbalizações não coincidem com as categorias das cenas escolhidas.

i) Isso pode acontecer porque as histórias dos participantes têm um número de verbalizações inferior a três, havendo uma fusão de categorias. Nestes casos, categorizam-se as verbalizações existentes.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 8 Generatividade 2 / 7 Intimidade 1 / 6 Generatividade 1 (3: Aniversário)

História: “Ia-se arranjar, ficar gira Generatividade 2, **depois ia festejar com os amigos Intimidade 1**”.

- Cenas escolhidas: 5 Isolamento 2 / 6 Generatividade 2 / 7 Generatividade 1 (7: Filhos)

História: “Estava ali, estava a pensar quando era miúda, estava a ver nos filhos aquilo que ela tinha sido em miúda, em criança, as brincadeiras que ela fazia Intimidade 2. [pausa] **Entretanto, ela chamou os miúdos para dentro para lhes contar uma**

história até que finalmente eles adormeceram a ouvir a mãe contar a história Generatividade 1".

ii) Outras vezes, as histórias dos participantes são mais uma espécie de comentário às cenas escolhidas do que propriamente uma história com base nas três cenas. Nestes casos, esses comentários são categorizados de acordo com a(s) categoria(s) mais apropriada(s).

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 4 Generatividade 2 / 9 Intimidade 1 (36: Sexualidade)

História: “**Sendo um filme romântico é sempre inspirador. Isto traz ao de cima os afetos. É evidente que não podiam deixar de ficar insensíveis à história Intimidade 1**”.

- Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 3 Estagnação 1 / 9 Intimidade 1 (103: Sexualidade)

História: “É um filme de... de..., um filme romântico. **Só se presta a que a gente mostre o carinho à pessoa que está ao lado e é isto que está aqui demonstrado Intimidade 1**”.

- Cenas escolhidas: 7 Intimidade 2 / 2 Generatividade 1 / 9 Intimidade 1 (113: Sexualidade)

História: “Eu punha assim. **Uma sequência normal de um casal que se entende Intimidade 1**”.

Nas situações i) e ii) pode também ocorrer a situação que se segue.

iii) Pode haver também uma alteração do significado da cena, o que implica que a verbalização seja enquadrada noutra categoria (neste caso também se assinala o item 24).

Para compreender melhor esta situação, apresentam-se duas histórias do Cartão Fim de semana. A categoria em análise é a **Generatividade 2** (ver partes a negrito) que surge como **Generatividade 2** na primeira história, em consonância com a cena/categoria escolhida, e como **Generatividade 1** na segunda história, já não estando em consonância com a cena/categoria escolhida.

- Cenas escolhidas: 7 Intimidade 2 / 9 Intimidade 1 / 6 Generatividade 2 (Fim de semana)

História: “Ela olha para o despertador e vê que são 11 horas, não tem grande pressa, o grande programa que ela tem é rever a família, faz questão de quebrar a rotina no fim de semana porque durante a semana não tem tempo de estar com as pessoas que ela mais gosta Intimidade 2. Eh... prepara-se para um belo almoço em família, vai ter com o pai, com o irmão que... e com os sobrinhos, almoçam, divertem-se, riem-se, contam as histórias que lhes aconteceram durante a semana toda Intimidade 1. **E por**

fim já mais à tardinha resolve ir ver um filminho e ir tranquila para casa
Generatividade 2”.

- Cenas escolhidas: 7 Intimidade 2 / 6 Generatividade 2 / 9 Intimidade 1 (Fim de semana)

História: “Como era sábado se calhar decidiu. Pensou na família Intimidade 2. **Levá-la ao cinema** Generatividade 1. E depois... Esta pessoa pode ser o pai dela. Sei lá decidiram ir jantar todos Intimidade 1”.

Em suma, as cenas/categorias impõem significado, porém esse significado pode ser organizado de múltiplas formas e enriquecido, alterado com as histórias criadas pelas pessoas.

24) Altera o significado de uma ou mais cenas.

O conteúdo da verbalização altera o significado da cena escolhida, impossibilitando que se mantenha a mesma categorização da cena e, ao mesmo tempo, conduzindo à integração da verbalização numa outra categoria. O significado da cena que é alterado é geralmente o significado emocional e geralmente quando se trata de uma emoção negativa.

Exemplos (ver partes a negrito):

- Cenas escolhidas: 8 Estagnação 2 / 9 Intimidade 1 / 7 Intimidade 2 (28: Fim de semana)

História: “**Que bom, sábado, finalmente, descansar e relaxar, ver um bocadinho de televisão, ler uma revista**” Generatividade 2. Almoçou com a família Intimidade 1. E depois já só pensou no final do dia em sair com os seus amigos Intimidade 2”.

- Cenas escolhidas: 8 Generatividade 2 / 9 Estagnação 1 / 7 Intimidade 1 (20: Aniversário)

História: “Resolveu ir ao cabeleireiro nesse dia para se pôr mais arranjadinha Generatividade 2, **recebeu prendas** Intimidade 1 e no fim reuniu com pessoas mais próximas, comprou um bolinho Intimidade 1 [ri-se].

Há também participantes que deliberadamente alteram o significado da cena, seja esse significado emocional ou não.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 3 Intimidade 2 / 4 Extra / 7 Intimidade 1 (Casamento)

História: “Recebeu o convite. Começou logo a pensar no casamento, na festa, nas pessoas que ia encontrar. E ficou toda feliz Intimidade 2. **E imaginou uma pessoa especial, que ela ia rever no casamento e ficou toda contente** Intimidade 2. No dia do

casamento ela encontrou essa pessoa, ficou muito contente e conversaram Intimidade 1”.

Nesta história é omitido parte do significado da cena que está na segunda posição (categoria Extra): a parte da cena em que o casal está de costas voltadas, com uma expressão emocional negativa. Esta participante hesita na escolha desta mesma cena e quando se decide faz a seguinte observação: “Depois faço a minha história”.

- Cenas escolhidas: 7 Intimidade 2 / 9 Intimidade 1 / 8 Estagnação 2 (54: Fim de semana)

História: “Já que excepcionalmente este dia acordei tarde, apesar de só neste almoço ou jantar, como era tarde se calhar era jantar, se não estivesse marcado para aquele dia, porque dificilmente tenho um fim de semana que não sei o que pretendo fazer, porque normalmente tenho o fim de semana programado, pensava em duas ou três pessoas que não via há muito tempo Intimidade 2 perante as pessoas que habitualmente almoço comigo, os meus filhos, a minha namorada Intimidade 1. **Isto pode simbolizar o final do dia, embora tenha aqui coisas desarrumadas que eu não gosto muito e também não com aquela cara de insatisfeito, mas estaria a desfrutar algum tempo comigo mesmo Generatividade 2. Atrair-me-ia mais este cenário”.**

- Cenas escolhidas: 9 Intimidade 1 / 7 Intimidade 2 / 6 Generatividade 2 (6: Fim de semana)

História: “Acordou, depois combinou com a família e foi almoçar a casa da família Intimidade 1. Depois de almoçar em casa da família, lembrou-se de ir ao cinema com os amigos Intimidade 2 e **aqui está ela no cinema, não estão os amigos mas a minha ideia é ela estar com os amigos Intimidade 1**. Pelo menos é aquilo que eu faria”.

25) Referência a cenas não escolhidas.

Em algumas histórias há referência a cenas não escolhidas que os participantes assumem como fazendo também parte das suas histórias. Nestes casos as respetivas verbalizações devem ser categorizadas.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 4 Estagnação 2 / 7 Intimidade 1 / 6 Generatividade 1 (17: Aniversário).

História: “Era o dia do seu aniversário, ele ficou chateado porque estava mais velho Estagnação 2 – tal como eu. Depois foi os colegas que cantaram os parabéns Intimidade 1 e depois em casa com a família festejaram o aniversário dele Intimidade 1. **Também podia ser com as rugas Extra**”.

A verbalização sublinhada corresponde à cena 5 Extra.

- Cenas escolhidas: 6 Generatividade 2 / 9 Intimidade 1 / 7 Generatividade 1 (11: Filhos)

História: “Leu um livro Generatividade 2. Brincou com os filhos Intimidade 1. E depois foi deitá-los Generatividade 1. **Às vezes também é isto [aponta a cena 8 Extra], também acontece com as minhas Extra”.**

A verbalização sublinhada corresponde à cena 8 Extra.

Já em outras histórias há também referência a cenas não escolhidas, mas os participantes não as assumem como fazendo parte das suas histórias, funcionando mais como observações, pelo que não devem ser categorizadas.

Exemplo – ver partes a negrito

Cenas escolhidas: 8 Generatividade 2 / 7 Intimidade 1 / 6 Generatividade 1 (75: Aniversário)

História: “Foi ao barbeiro ajeitar-se, ficar mais bonito, para se preparar Generatividade 2. De seguida cantaram os parabéns com um bolo Intimidade 1. De seguida foram todos conviver com os amigos, beber Intimidade 1. **Aqui [cenas 1 e 2] é mais a solidão”.**

Há depois um conjunto de itens para analisar o conteúdo da história. Quando se assinala o item 23) História consonante com as categorias escolhidas, os itens abaixo indicados, 26 a 31, podem coincidir com as categorias escolhidas (itens 20, 21 e 22). Quando não se assinala o item 23, haverá diferenças.

Além disso, como já foi anteriormente referido, podem surgir três situações distintas:

i) a história é composta por três verbalizações que correspondem ou não às cenas escolhidas;

ii) a história é composta por um número inferior de verbalizações;

iii) a história é composta por um número superior de verbalizações.

Para dar conta daquelas três situações, existem os seis itens que seguem em baixo. Os itens são assinalados consoante o número de verbalizações existentes.

26) Primeira verbalização: indica-se a categoria da primeira verbalização.

27) Segunda verbalização: indica-se a categoria da segunda verbalização.

28) Terceira verbalização: indica-se a categoria da terceira verbalização.

29) Quarta verbalização: indica-se a categoria da quarta verbalização.

30) Quinta verbalização: indica-se a categoria da quinta verbalização.

31) Sexta verbalização⁵⁰: indica-se a categoria da sexta verbalização.

A categorização das verbalizações envolve sempre um conhecimento profundo da prova, sendo imprescindível ter em conta tanto a definição das categorias como as cenas escolhidas (estes dois pontos já foram referidos anteriormente sobre o item 23). Além disso, obriga a uma análise ponderada de toda a história e exige treino.

Para a categorização das verbalizações, estabeleceu-se ainda três critérios para três situações específicas.

Crítérios para a categorização das verbalizações

i) Quando a verbalização relativa à categoria Isolamento 2 no Cartão Filhos expressa a ideia de ficar a ver os filhos deve ser categorizada como Generatividade 1. A razão desta opção é a seguinte: um comportamento de cuidado está presente.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 5 Isolamento 2 / 6 Generatividade 2 / 9 Intimidade 1 (3: Filhos)

História: “**Estava a ver os filhos a jogar** Generatividade 1. Depois enquanto ela estava a ler um livro Generatividade 2 eles brincavam. E depois eles ficaram em família a jogar um jogo Intimidade 1”.

⁵⁰ Para analisar a História inventada é necessário, por vezes, introduzir uma sétima e uma oitava verbalização.

Cenas escolhidas: 5 Isolamento 2 / 4 Estagnação 1 / 8 Extra (17: Filhos)

História: “**Ele continua a ver os filhos no jardim a brincar** Generatividade 1. Pelos vistos os filhos desentenderam-se, a Maria ficou a chorar Estagnação 1. E ele ficou a pensar que os filhos não se entendiam – irmãos... Extra”.

ii) As verbalizações referentes à cena 4/categoria Extra no Cartão Morte raramente têm em conta que se trata da representação da personagem no caixão. Assim, surgem frequentemente duas possibilidades de categorização.

Uma possibilidade é a Intimidade 2, quando a verbalização expressa a ideia de ir ver a pessoa que morreu, de se ir despedir, de prestar a última homenagem. A razão para categorizar verbalizações deste género como Intimidade 2 é a seguinte: está presente tanto a memória da pessoa que morreu como a valorização da relação com essa pessoa.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 8 Isolamento 2 / 4 Extra / 7 Intimidade 1 (4: Morte)

História: “A Joana ficou por uns momentos sozinha Isolamento 2. **Foi ver a pessoa que morreu** Intimidade 2 e depois foi cumprimentar a família, dar os pêsames Generatividade 1.”

- Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 4 Extra / 7 Intimidade 1 (58: Morte)

História: “Coloco este em primeiro por motivo de companhia Intimidade 1. Depois coloco este, **que é mesmo vê-lo pela última vez** Intimidade 2. E depois o funeral Intimidade 1.

Cenas escolhidas: 5 Intimidade 2 / 4 Extra / 9 Generatividade 2 (66: Morte)

História: “Ora bem, quando soube da comunicação refletiu durante uns momentos os tempos que passaram juntos Intimidade 2. Posteriormente **fez uma visita à... ao amigo defunto** Intimidade 2 para cumprimentar familiares Intimidade 1 e **despedir-se pela última vez** Intimidade 2. E depois refletir um pouco sobre a vida, como é curta a vida para não se viver em condições Generatividade 2”.

Outra possibilidade é a sua categorização consoante o conteúdo expresso na história.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 9 Generatividade 2 / 4 Extra / 2 Generatividade 1 (7: Morte)

História: Então ela resolve ir até à praia chorar sozinha Isolamento 2. [pausa] Chora sozinha... mm Esta [cena 2] é a mãe? **Ela foi até à praia porque tinha morrido uma amiga dela, uma grande amiga** Isolamento 2. E entretanto ela resolve, sentia-se tão só, que resolve ligar aos amigos mais próximos também para lhes dar a notícia Intimidade 1”.

- Cenas escolhidas: 8 Isolamento 2 / 4 Extra / 9 Generatividade 2 (33: Morte)

História: “Então... recebeu a chamada, ficou muito triste, sentiu-se sozinha Isolamento 2, mas claro, **tratou de... das cerimónias do enterro e de estar presente com a família** Generatividade 1 e depois... tentou estar bem e pensar no futuro Intimidade 2, que é o que os nossos amigos querem para nós Intimidade 1”.

iii) Quando há uma verbalização referente a ser convidado para madrinha/padrinho no Cartão Casamento, deve ser categorizada como Generatividade 2. A razão desta opção é a seguinte: é interpretado como um prémio que se recebe, semelhante à promoção no Cartão Trabalho, há um sentimento de mérito associado a expectativas sociais

B) Elaboração da história: itens 32) a 55)

Nos itens que se seguem recorreu-se às características das categorias⁵¹. Decidiu-se analisar as verbalizações e não as cenas escolhidas, dado poder não haver consonância entre as categorias da história e as categorias escolhidas. Quando há consonância, o que surge nestes itens será válido para as categorias escolhidas.

32) Sequência de verbalizações só negativas e/ou neutras.

São negativas as verbalizações que se enquadram nas categorias Isolamento 1, Estagnação 1, Isolamento 2 e Estagnação 2. Por vezes algumas verbalizações são

⁵¹ Ver o ponto 2. deste capítulo.

classificadas como neutras. Os casos mais frequentes em que isso sucede são três, que são exemplificados mais abaixo no item 36.

33) Sequência de verbalizações só positivas e/ou neutras.

São positivas as verbalizações que se enquadram nas categorias Intimidade 1, Generatividade 1, Intimidade 2 e Generatividade 2.

34) Começa com verbalização negativa.

35) Começa com verbalização positiva.

36) Começa com verbalização neutra.

Os casos mais frequentes de verbalizações neutras são três.

i) As verbalizações relativas a categorias de emoção negativa quando essa mesma emoção está ausente na verbalização.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 7 Isolamento 2 / 5 Intimidade 1 / 3 Intimidade 2 (1: Trabalho)

História: “**Chega ao trabalho, põe-se a pensar** Isolamento 2 Neutra. Fala com o chefe dela, e depois o chefe dá-lhe a notícia de que ela vai ser finalista Intimidade 1 e ela fica muito feliz Generatividade 2”.

- Cenas escolhidas: 4 Generatividade 2 / 8 Estagnação 2 / 2 Generatividade 1
(18: Sexualidade)

História: “Depois então ela vai e perfuma-se Generatividade 2. **Vê-se ao espelho** Estagnação 2 Neutra e depois fica com ele e fazem carinhos Intimidade 1”.

Este procedimento diz apenas respeito às categorias de emoção negativa, pois considera-se que a ausência da emoção negativa é suficientemente marcante para classificar a categoria como neutra. O mesmo não se passa com as categorias de emoção positiva, em que se considera que, na grande maior parte dos casos, apenas a integração na categoria é suficiente para impor a emoção. Por exemplo, dizer apenas “Almoçar” (Intimidade 1 Fim de semana) ou “Um bolo” (Intimidade 1 Aniversário) não torna as verbalizações neutras, pois considera-se que culturalmente essas situações são genericamente consideradas positivas.

ii) As verbalizações que se integram numa categoria oposta à categoria da cena escolhida e em que a emoção positiva ou negativa da categoria em que a verbalização se enquadra não está presente.

Exemplos – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 3 Estagnação 1 / 9 Intimidade 1 / 2 Extra (1: Trabalho)

História: **Está a pensar no que vai fazer para o almoço para o marido e para os filhos** Generatividade 1 Neutra. Vai toda a família almoçar Intimidade 1, vão embora Isolamento 2. No fim do almoço ela põe-se a passar a ferro, a adiantar as coisas da casa Extra Neutra.

- Cenas escolhidas: 3 Estagnação 1 / 4 Generatividade 1 / 8 Estagnação 2 (59: Trabalho)

História: “A Joana acordou, o amigo telefonou, ele queria almoçar, ela disse que não Estagnação 1 porque tinha de ir visitar a tia Generatividade 1. **Quando chegou a casa deitou-se no sofá a ver televisão e a ler** Generatividade 2 Neutra – também é uma coisa que eu faço bastante.

iii) As verbalizações relativas às categorias Extra não têm por vezes qualquer emoção. Isso acontece frequentemente com as Extra do Cartão Fim de semana.

Exemplo – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 2 Extra / 9 Intimidade 1 / 6 Generatividade 2 (4: Fim de semana)

História: “**Pôs-se a fazer as tarefas de casa** Extra neutra, fez o almoço para a família Generatividade 1 e à noite foi ao cinema Generatividade 2”.

- Cenas escolhidas: 2 Extra / 7 Intimidade 2 / 6 Generatividade 2 (57: Trabalho)

História: “Acordou, 11 horas, espreguiçou-se, fez as contas Extra Neutra, lembrou-se dos amigos Intimidade 2 e foi ao cinema Generatividade 2”.

37) Termina com verbalização negativa.

38) Termina com verbalização positiva.

39) Termina com verbalização neutra.

40) Sequência de verbalizações só Conjunto Outro.

O conjunto Outro integra as categorias Intimidade 1, Isolamento 1, Estagnação 1 e Generatividade 1⁵².

Quando houver uma verbalização que se integre na categoria Extra deve ser classificada como Outro ou *Self* consoante a perspetiva que é dada na história.

Extra Outro – Exemplo – ver partes a negrito:

- Cenas escolhidas: 6 Generatividade 2 / 8 Extra / 9 Intimidade 1 (5: Filhos)

⁵² Ver o ponto 2. deste capítulo.

História: “Os filhos estão a brincar no jardim. Vê que estão todos sossegados a brincar Generatividade 1 e vai sentar-se a ler um bocadinho Generatividade 2. **Entretanto vai ao computador mas vê que já estão a discutir os filhos, ou com brincadeiras disparatadas Extra Outro**. Então resolve chamá-los e jogar um jogo com o pai e com a mãe, foi a maneira de terminarem as desavenças Intimidade 1”.

41) Sequência de verbalizações só Conjunto *Self*

O conjunto *Self* integra as categorias Intimidade 2, Isolamento 2, Estagnação 2 e Generatividade 2⁵³.

Extra *Self* – Exemplo – ver partes a negrito:

Cenas escolhidas: 8 Extra / 9 Intimidade 1 / 7 Generatividade 1 (24: Filhos)

História: “**Entretanto teve que vir para casa para começar a trabalhar mas não se concentrava porque estava a pensar nos filhos a brincar e pensava que devia ter mais tempo para lhes dedicar Extra Self**. Por isso resolveu... Resolveu o quê? Fazer um convívio familiar Intimidade 1. E ao fim do dia ler uma história para o filho Generatividade 1. Teve um problema de consciência grave, lembrou Extra Self – às vezes é assim”.

42) Começa com verbalização Conjunto *Outro*.

⁵³ Ver o ponto 2. deste capítulo.

43) Começa com verbalização Conjunto *Self*.

44) Termina com verbalização Conjunto *Outro*.

45) Termina com verbalização Conjunto *Self*.

46) Grau de elaboração da história.

A história é classificada em graus:

- Grau 1: História convencional;
- Grau 2: História com alguma elaboração;
- Grau 3: História criativa.

Estes três graus permitem avaliar tanto as histórias dos cartões como as histórias inventadas.

Grau 1: História convencional.

Histórias próximas das cenas (esta característica não se aplica à História inventada), simples, banais, sem criatividade, frequentemente marcadas pela desejabilidade social. Outra característica frequente é a ausência de envolvimento e

investimento na elaboração emocional face às temáticas apresentadas nos cartões ou pelo próprio participante na História inventada.

Exemplos:

- Cenas escolhidas: 7 Intimidade 2 / 9 Intimidade 1 / 4 Generatividade 1 (Fim de semana)

História: “São 11h. Ele acorda. Levanta-se, espreguiça-se, pensa na família, que é fim de semana. Entretanto almoça, vai ter com a família, com os pais, com os sogros, com alguém que é mais velho do que ele. E passou o domingo”.

Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 7 Intimidade 1 / 5 Intimidade 2 (3: Morte)

História: “Contava aos filhos. Ia ao funeral, qualquer coisa assim. Depois resta-lhe as saudades, de recordar”.

Pode haver conflitos, mas são conflitos pouco elaborados.

Exemplos – ver partes sublinhadas:

- Cenas escolhidas: 7 Intimidade 1 / 8 Isolamento 2 / 5 Generatividade 2 (11: Casamento)

História: “Pensou no seu casamento com o Paulo. Saiu para ir às compras. Comprar a roupinha. Que é sempre o meu problema, mas pronto [ri-se]”.

- Cenas escolhidas: 5 Extra / 8 Generatividade 2 / 6 Generatividade 1 (15: Aniversário)

História: “Depois olha para o espelho e pensa que já tinha umas rugas a mais. Para contrariar isso foi ao cabeleireiro para se pôr bonita e depois foi festejar com os amigos, a garrafa”.

Grau 2: História com alguma elaboração.

Histórias próximas das cenas (esta característica não se aplica à História inventada), mas com enredos mais elaborados, com causalidade narrativa, podendo surgir também alguma elaboração emocional.

Exemplos:

- Cenas escolhidas: 3 Estagnação 1 / 4 Generatividade 1 / 9 Intimidade 1 (10: Fim de semana)

História: “Ela acordou por volta das 11 horas, pensou em ir almoçar com o irmão e com a mãe, ou com a avó, uma senhora de idade. O irmão falou-lhe em ir ao restaurante mas ela achou que ao restaurante seria melhor não, mas a uma cafetaria. Entrou no carro com a mãe, foi com o irmão e com a mãe e sentaram-se todos bem-dispostos a conversar e a almoçar”.

- Cenas escolhidas: 3 Intimidade 2 / 5 Extra / 7 Intimidade 1 (40: Aniversário)

História: “O João pensa na evolução da sua vida, no que fez, no que correu bem, mal, na evolução que teve. O João sente o peso da idade. E o João festeja com a família o seu aniversário”.

Grau 3: História criativa.

História com enredos criativos e que enriquecem a elaboração emocional da história.

Exemplos:

Cenas escolhidas: 8 Isolamento 2 / 4 Extra / 7 Intimidade 1 (116: Morte)

História: “Como era um homem que não tinha ódios, ficou cabisbaixo, foi refletir. Foi à família, observou o homem e depois apresentou aos familiares as devidas condolências. O que tinha de menos bom dessa pessoa esqueceu e foi dar as condolências. Demonstrou acima de tudo que não tinha rancor. Foi uma atitude cristã. Ao pronunciar o Pai Nosso não se esquecia que devia perdoar sempre, que é difícil mas que devia ser feito”.

- Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 4 Generatividade 2 / 3 Estagnação 1 (7: Sexualidade)

História: “Durante o filme, como era um filme de amor, eles trocaram beijos e carícias. E entretanto ela resolveu convidá-lo para ele ficar em casa dela a dormir e foi-se preparar para a casa de banho, pôr-se toda cheirosinha. E entretanto as coisas

correram mal, tocou o telemóvel e era uma amiga dele a convidá-lo para sair porque era fim de semana e ela não gostou e deixou-o sozinho. Não achou bem a ação dele, estar com ela e atender o telemóvel, podia não ter atendido se estavam os dois bem, não gosta da atitude dele, ficou aborrecida e ficou por ali”.

47) Uso de discurso direto: confere mais expressividade à história.

Exemplo – ver partes sublinhadas:

- “Ela chamou os meninos: “Meninos, vamos jogar um jogo todos, está o pai, o pai chegou, vamos jogar”. Estiveram a jogar um jogo. Passado um bocado, a mãe disse: “Está na hora de vocês irem dormir”. O filho pediu para a mãe ler uma história, ele adormeceu. E no final a mãe, para relaxar, descansar um bocadinho, foi ler um livro” (Filhos).

48) A temática do cartão é abordada.

Quase sempre a temática do cartão é abordada, ainda que isso possa não suceder.

Exemplos:

- Cenas escolhidas: 3 Intimidade 2 / 1 Generatividade 2 / 2 Estagnação 1 (7: Trabalho)

História: “Chegou ao trabalho e recebeu uma notícia dos filhos que já tinham acabado o curso e ela ficou muito feliz. Entretanto a Joana, a mãe, começa a pensar em

comprar uns bilhetes para irem ao cinema e passou lá um senhor, para depois irem ao cinema”.

- Cenas escolhidas: 5 Isolamento 1 / 3 Estagnação 1 / 4 Generatividade 2 (111: Sexualidade)

História: “Foram-se deitar. Depois de manhã pôs-se a pé para ir para o emprego e preparou-se para a vida dele”.

49) História com conflito.

Relembra-se que uma ideia enfatizada ao longo deste trabalho é a de que a relação com os outros e a relação com o *self* causam, inevitavelmente, conflitos⁵⁴.

50) História com conflito referente à temática do cartão.

Cartão I Trabalho: dúvidas sobre se se é valorizado e competente no trabalho; existência de conflitos na relação com os colegas de trabalho e com o *self*; trabalhar mas não gostar do trabalho; excesso de trabalho.

Cartão II Fim de semana: o fim de semana ser ou não um tempo livre; ter prazer ou não num tempo marcado pela ausência de tarefas; ser capaz ou não de organizar um dia sem uma organização imposta externamente.

⁵⁴ Ver especialmente o ponto 7.1.2. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

Cartão III Sexualidade: dar e receber prazer e afeto na relação sexual, ou não; existência de dúvidas e inseguranças face à imagem de homem/mulher enquanto desejável pelo outro.

Cartão IV Aniversário: o aniversário ser ou não percebido como um dia em que se vai ser o centro das atenções, em que se tem o direito de receber ou não; o envelhecimento é aceite ou não; o balanço que se faz da vida é positivo ou negativo.

Cartão V Filhos: decidir ter filhos ou não; aceitar a oportunidade perdida; gostar de ter filhos mas ter que lidar com o trabalho e responsabilidade de os ter; ter tempo para os filhos e ter tempo para si e/ou para o trabalho; lidar com o crescimento dos filhos; relação mãe/pai e filhos.

Cartão VI Morte: aceitar ou não o processo de luto; fazer um luto mais interno ou mais externo; permanecer no luto; aceitar ou não a finitude da própria vida.

Cartão VII: Casamento: ter satisfação ou não com o ato social do casamento; ambivalência face ao casamento; expectativas negativas ou positivas face ao casamento.

51) História com conflito diferente da temática do cartão.

Exemplo:

- Cenas escolhidas: 5 Intimidade 1 / 3 Intimidade 2 / 8 Extra (34: Trabalho)

História: “A Joana no intervalo da manhã conversa com os amigos, os colegas de trabalho, a dizer-lhes que nesse dia à noite tem uma reunião de antigos colegas de

curso mas que tem também uma despedida de solteira e que está um bocado indecisa a qual deve dar prioridade”.

O conflito não diz respeito à temática do Trabalho, mas sim à existência de dois convites que se realizam na mesma altura e à dificuldade em decidir qual aceitar.

Os quatros itens que se seguem consistem em formas diferentes de lidar com o conflito. Caso a história termine em conflito, nenhum dos itens é assinalado.

52) Elaboração/resolução do conflito.

Exemplo:

Cenas escolhidas: 8 Extra / 1 Intimidade 2 / 9 Intimidade 1 (9: Filhos)

História: “A Joana estava a ver os filhos, depois foi para dentro sentar-se no computador e começou a pensar nas zaragatas que eles tinham, que era um bocado confuso tentar acalmar. Depois sentou-se no sofá e olhou para o quadro de família e pensou que tudo o que se passou tem sempre os seus momentos também bons. E juntaram-se os quatro a jogarem, num momento bom. Os filhos são sempre preocupações mas também dão alegrias, dores de cabeça mas a seguir passa tudo pouco tempo depois”.

53) Resignação/aceitação da realidade.

Exemplo:

- Cenas escolhidas: 4 Generatividade 2 / 8 Estagnação 2 / 9 Intimidade 1 (34: Sexualidade)

História: “Então ela foi-se preparar, fazer a higiene pessoal dela, teve um momento de tristeza pois achou-se extremamente gorda. Mesmo assim teve uma noite romântica”.

54) Idealização/refúgio na fantasia.

Exemplo:

- Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 8 Estagnação 2 / Intimidade 2 (Sexualidade)

História: “Pronto, ela está com o Paulo. Eh... entretanto chega a hora do Paulo ir embora, despedem-se. Ela antes de ir para a cama vai olhar para a imagem dela ao espelho, talvez a pensar “Porque é que ele não ficou comigo?” E deita-se a sonhar com ele. Que era o que ela gostaria que tivesse acontecido. É isto. Claramente é isto”.

55) Negação do conflito.

Exemplo:

- Cenas escolhidas: 1 Isolamento 2 / 9 Intimidade 1 / 2 Extra (116. Fim de semana)

História: “Levantou-se. Falta saber se foi a esposa que o chamou ou não. Estão ambos a conversar, ele está com cara de poucos amigos [cena 3 que depois substituí].

Estão à mesa ao almoço. Dever ser um colecionador de alguma coisa, está a organizar as suas coisas, é o hobby dele. A sensação que fica é que vive para a família, a vertente familiar. Não gosta de ver televisão [cena 8]. [substitui a cena 3 pela cena 1] A vertente familiar. Conviveu com a família. Percebeu a minha mensagem? Vive para a família”.

Quando a história acaba em conflito, não se assinala nenhum dos quatros itens anteriores.

Exemplo:

- Cenas escolhidas: 2 Generatividade 1 / 6 Extra / 3 Estagnação 1 (5: Sexualidade)

História: “Pelo que eu depreendo. Eles iam ver o filme, era de manhã, ficaram a ver o filme na cama. Entretanto estavam muito contentes com o filme, a falar dos autores do filme, e que tinham visto outros filmes com o mesmo ator. Quando termina o filme ela sai acelerada para se arranjar e ele fica deitado para lhe pedir para ficar mais um bocadito, mas ela está determinada e já gastou muito tempo a ver o filme”.

56) Continuação da temática de um cartão/cartões: este item só se aplica à História inventada.

Exemplo:

- “Eh, imagino que a Joana eh depois de ter este casamento, oficializou a sua relação com o Paulo. Casou. Manteve os seus filhos e teve mais filhos. Mudou de

emprego, para um emprego onde ela se sentisse mais realizada. Continuou a ter os filhos e a socializar-se com os amigos de quem ela tanto gosta e dá importância. Ah, e teve uma vida relativamente boa, feliz”.

57) Hesitação ao longo da história: este item só se aplica à História inventada.

Assinala-se este item quando há pausas e/ou expressões de hesitação ao longo da História inventada.

Os outros itens que se aplicam à História inventada são os itens 7 a 10, 14 a 18, 26 a 47, 49, 52 a 55.

Considerou-se pertinente analisar a História inventada fazendo recurso às oito categorias da prova. Também houve necessidade de definir alguns critérios, que seguem em baixo.

Importa também esclarecer que a História inventada é sempre analisada do ponto de vista da personagem, ou seja, analisa-se aquilo que a personagem faz e os efeitos daquilo que os outros lhe fazem, e não as ações de outras figuras que eventualmente façam parte da História inventada. Quando há uma outra figura que tem um determinado comportamento para com a personagem, o que é preciso analisar é qual o efeito na personagem dessa atuação do outro para com ela e a partir daí categorizar a verbalização.

Crêterios para a categoriza o das verbaliza es da História inventada

i) Quando surgir uma problemática que não seja passível de ser integrada numa das oito categorias,   categorizada como Extra,   semelhança da categoria Extra dos sete cartões.

Exemplos – ver partes a negrito:

- “Um dia a Joana levanta-se, vai   casa de banho para se arranjar Generatividade 2 e entretanto olha para o calendário, olha para o calendário e apercebe-se que o período está atrasado, sai de casa e dirige-se   primeira farmácia que encontra para comprar um teste de gravidez [ri-se]. De volta a casa, faz o referido teste. Tinha que dizer se   positivo ou negativo? Fica em suspenso. E fica a aguardar o resultado. Já lhe aconteceu tudo, agora aconteceu isto Extra” (12: História inventada).

- “A Joana recebeu uma mensagem que o Pedro ia viajar e passar a viver fora de Portugal Extra. Como gosta muito de arranjar coisas, tratou logo de pensar numa festa e numa oferta para levar de forma a que ele se sentisse bem e tivesse os amigos sempre por perto Generatividade 1. No dia da festa tudo foi um sucesso, correu tudo bem e o Pedro gostou muito da prenda Intimidade 1. Vai ser difícil continuar sem ele Isolamento 2” (28: História inventada).

ii) Tal como na história do Cartão Casamento, quando há uma verbaliza o referente a ser convidado para madrinha/padrinho, deve ser categorizada como Generatividade 2.

6. Estudos Exploratórios

Foram realizados dois estudos exploratórios com a “Era uma vez... Adultos”. Ambos foram indispensáveis para a construção da prova, pois ficou a perceber-se quais as opções que eram de manter, rejeitar e também experimentar. E, mais especificamente, quais os elementos dos desenhos que precisavam de ser reformulados.

6.1. Estudo com quatro cartões.

Foi realizado um primeiro estudo exploratório, unicamente com quatro cartões da “Era uma vez... Adultos”: Fim de semana, Casamento, Filhos e Sexualidade.

Os objetivos foram os seguintes:

- i) avaliar a reação dos adultos à prova;
- ii) verificar se os desenhos correspondiam à intenção que presidira à sua criação, ou seja, se os participantes os descreviam, ao contar as histórias, de acordo com as categorias criadas, especificamente se a expressão desenhada das emoções era compreendida pelos participantes;
- iii) verificar se todas as cenas eram escolhidas;
- iv) verificar se havia variabilidade na escolha das cenas e das sequências.

6.1.1. Metodologia.

6.1.1.1. Participantes.

Recorreu-se a uma amostra de conveniência de 20 participantes: 10 homens e 10 mulheres, com idades compreendidas entre os 33-56 anos. Relativamente ao seu estado civil, havia 11 casados, cinco divorciados, três solteiros e um viúvo. Seis dos participantes eram amigos ou conhecidos da autora deste trabalho. Os outros 14 eram amigos ou conhecidos de amigos da autora deste trabalho.

6.1.1.2. Instrumentos utilizados.

Utilizaram-se os seguintes questionários: um questionário sociodemográfico, a CES-D (Gonçalves & Fagulha, 2003) e o QER (Moreira, 2000)⁵⁵.

Os resultados dos questionários não serão analisados, já que estão fora dos objetivos deste primeiro estudo exploratório. Foram utilizados com dois objetivos: um, uniformizar as condições de aplicação da “Era uma vez... Adultos”, uma vez que no estudo da prova esses questionários também são aplicados; dois, haver outros instrumentos antes da aplicação da prova.

E utilizou-se a “Era uma vez... Adultos”, constituída, no momento deste primeiro estudo exploratório, por quatro cartões respeitantes aos seguintes temas: fim de semana, casamento, filhos e sexualidade.

⁵⁵ Todos estes questionários serão descritos no Capítulo 2 desta Segunda Parte do trabalho.

6.1.1.3. Procedimento.

Os participantes foram informados de que se tratava de um estudo no âmbito do doutoramento em psicologia da autora deste trabalho. Foi garantida a confidencialidade e anonimato das respostas.

Foi pedido aos participantes que preenchessem um questionário sociodemográfico, a CES-D e o QER.

Depois foi aplicada a “Era uma vez... Adultos”. Foram seguidas as instruções de aplicação da prova⁵⁶.

Tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992), a disposição das cenas em cada cartão manteve uma posição fixa. O critério de disposição foi a existência de uma alternância das cenas no sentido horizontal e no sentido vertical. A disposição das cenas está apresentada no Figura que se segue.

Figura 4 – Disposição das cenas

Isolamento 1 Cena 1	Intimidade 2 Cena 2	Estagnação 1 Cena 3
Estagnação 2 Cena 4	Extra Cena 5	Generatividade 2 Cena 6
Generatividade 1 Cena 7	Isolamento 2 Cena 8	Intimidade 1 Cena 9

6.1.2. Resultados.

Os estudos da “Era uma vez...” (Fagulha, 1992, 2002, 2008; Estrada, 2008) mostraram que a prova era recebida com aceitação e interesse pelas crianças. Mas como

⁵⁶ Ver o ponto 4. deste capítulo.

seria a reação dos adultos à “Era uma vez... Adultos”? Responder a esta questão foi um dos objetivos deste primeiro estudo exploratório. Antes de investir mais na prova, era necessário saber se funcionava ou não com adultos. Globalmente, a reação dos participantes deste primeiro estudo foi semelhante à das crianças: aceitação e interesse. Além disso, observou-se em alguns participantes envolvimento e investimento na elaboração emocional face às temáticas apresentadas nos cartões, envolvimento e investimento revelados na criatividade e grau de elaboração das histórias. Também se observou uma reação mais distante e defensiva por parte de outros. A diversidade de reações mostrara que a “Era uma vez... Adultos” funcionava com adultos, dado fundamental para avançar com o objetivo da construção e estudo da “Era uma vez... Adultos”.

6.1.2.1. Cenas escolhidas e sua posição.

Como se pode observar nas Figuras apresentadas em baixo, todas as cenas foram escolhidas, havendo variabilidade na escolha das cenas e nas sequências.

Figura 5 – Frequência de escolha de cada cena

Cartões / Cenas	Fim de semana	Casamento	Filhos	Sexualidade
Cena 1	4	3	3	5
Cena 2	6	11	6	1
Cena 3	4	6	7	5
Cena 4	5	3	4	2
Cena 5	3	5	3	4
Cena 6	9	14	11	9
Cena 7	12	6	10	12
Cena 8	6	3	5	7
Cena 9	11	9	11	15

Figura 6 – Frequência de escolha de cada cena na 1ª, 2ª e 3ª posição

Cartões / Cenas	Fim de semana	Casamento	Filhos	Sexualidade
Cena 1 1ª	2	2	3	4
Cena 1 2ª	1	0	0	1
Cena 1 3ª	1	1	0	0
Cena 2 1ª	3	9	5	1
Cena 2 2ª	0	2	0	0
Cena 2 3ª	3	0	1	0
Cena 3 1ª	1	4	3	2
Cena 3 2ª	1	1	3	3
Cena 3 3ª	2	1	1	0
Cena 4 1ª	4	0	2	1
Cena 4 2ª	0	2	1	0
Cena 4 3ª	1	1	1	1
Cena 5 1ª	0	1	0	3
Cena 5 2ª	2	3	2	1
Cena 5 3ª	1	1	1	0
Cena 6 1ª	2	4	3	3
Cena 6 2ª	6	8	6	4
Cena 6 3ª	1	2	2	2
Cena 7 1ª	1	0	2	3
Cena 7 2ª	3	1	1	6
Cena 7 3ª	8	5	7	3
Cena 8 1ª	3	0	2	2
Cena 8 2ª	3	0	2	4
Cena 8 3ª	0	3	1	1
Cena 9 1ª	4	0	0	1
Cena 9 2ª	4	3	5	1
Cena 9 3ª	3	6	6	13

6.1.2.2. Análise das respostas.

A análise das respostas dos participantes do sexo masculino e do sexo feminino, relativas ao Cartão Casamento e ao Cartão Sexualidade, revelou diferenças de género interessantes, as quais foram apresentadas no 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Saúde, Sexualidade e Género (Estrada & Fagulha, 2010).

A análise dos conflitos presentes nas histórias dos participantes do sexo masculino, relativas ao Cartão Casamento e ao Cartão Sexualidade, foi tema de uma

comunicação apresentada no 1º Congresso Internacional “Construir a Paz” (Estrada & Fagulha, 2011).

6.1.3. Alterações suscitadas pelo primeiro estudo exploratório.

Em determinadas cenas, a emoção não estava expressa de forma clara, havendo a necessidade de acentuar a expressão gráfica das emoções.

Verificou-se também que os desenhos nem sempre correspondiam à intenção que presidira à sua criação, havendo necessidade de melhorar a correspondência entre as cenas e as respetivas categorias. No início da criação dos desenhos da “Era uma vez... Adultos”, houve alguma liberdade na criação das cenas de acordo com a temática do cartão. Agora, à variabilidade das situações imaginadas, preferiu-se uma sistematização que melhor permitisse veicular de forma sistemática o significado pretendido. Optou-se, então, por apresentar sistematicamente certas características gráficas das categorias – as mesmas em todos os cartões – para que o significado da categoria ficasse claro e equivalente.

Assim,

- na categoria Intimidade 2 em que se pretende representar as relações internas, optou-se por colocar sempre balões de pensamento ou fotografias;

- na categoria Estagnação 1, não bastava que a personagem tivesse uma expressão de zanga e desprezo; a expressão facial passou a ser complementada com a expressão corporal: a personagem estar de costas para uma outra figura ou ter os braços e as mãos contra uma outra figura;

- por vezes, não se fazia a distinção entre a categoria Estagnação 2 e a categoria Isolamento 2, em ambas a personagem é representada só e com uma expressão emocional negativa; tal facto conduziu a criar na categoria Estagnação 2 de alguns cartões um cenário de desarrumação, que expressasse o mundo estagnado e estragado que a categoria Estagnação 2 representa.

Outras alterações disseram respeito a aspetos específicos de determinadas cenas. Por exemplo, na categoria Isolamento 1 do Cartão Casamento, estava uma figura do sexo oposto à personagem a pregar um prego na parede na versão masculina e a lavar louça na versão masculina. Percebeu-se que ambas as situações levantavam dúvidas e diferentes interpretações, perdendo-se, por vezes, a intenção principal da cena/categoria. Isto aconteceu com outras cenas. Procurou-se, então, simplificar ao máximo os desenhos, colocando apenas os elementos essenciais para transmitir a intenção que lhes estava subjacente.

Uma outra alteração, de ordem diferente, teve a ver com a necessidade de criar uma Joana e um João mais velhos. No primeiro estudo exploratório, apresentavam um ar jovem, o que criou problemas de identificação com a personagem em alguns dos participantes mais velhos. Por esta razão, todos os desenhos dos quatros cartões utilizados tiveram que ser reformulados.

Havendo uma versão masculina e uma versão feminina, procedeu-se ainda à análise comparativa das cenas de cada uma destas versões, de modo a garantir que fossem idênticas, em termos de expressão emocional das personagens. Este trabalho foi realizado pela autora deste trabalho e pela sua orientadora. E também por um professor

de psicologia⁵⁷ e por uma licenciada em psicologia⁵⁸, a quem foi pedido isso mesmo. Das observações destas quatro pessoas, várias alterações foram solicitadas ao desenhador.

Todas estas alterações suscitadas pelo primeiro estudo exploratório facilitaram a criação e desenho das cenas dos restantes três cartões.

6.2. Estudo com sete cartões.

Foi realizado um segundo estudo exploratório, já com os sete cartões da “Era uma vez... Adultos”: I Trabalho, II Fim de semana, III Sexualidade, IV Aniversário, V Filhos, VI Morte, VII Casamento.

Mantiveram-se os objetivos do primeiro estudo, já que agora havia mais três novos cartões e era necessário voltar a:

i) verificar se todas as cenas eram escolhidas;

ii) verificar se havia variabilidade na escolha das cenas e das sequências;

iii) verificar se os desenhos correspondiam à intenção que presidira à sua criação, ou seja, se os participantes os descreviam, ao contar as histórias, de acordo com as categorias criadas, especificamente se a expressão desenhada das emoções era compreendida pelos participantes.

E pretendeu-se também:

⁵⁷ Professor Doutor Bruno Gonçalves, da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, a quem manifesto de novo o meu profundo agradecimento.

⁵⁸ Susana Caló, cuja capacidade de observação foi extremamente útil para perceber as alterações que eram necessárias.

- iv) testar a ordem de apresentação dos cartões;
- v) testar as frases que introduziam as situações retratadas em cada cartão;
- vi) determinar a duração mínima e máxima de aplicação da “Era uma vez... Adultos”;
- vii) determinar a duração mínima e máxima da aplicação conjunta dos questionários e da “Era uma vez... Adultos”.

6.2.1. Metodologia.

6.2.1.1. Participantes.

Recorreu-se a uma amostra de conveniência de 23 participantes: 10 homens e 13 mulheres, com idades compreendidas entre os 34-53 anos. Relativamente ao seu estado civil, havia 10 casados, cinco divorciados e oito solteiros. Seis dos participantes eram amigos ou conhecidos da autora deste trabalho. Os outros 17 eram amigos ou conhecidos de amigos da autora deste trabalho.

6.2.1.2. Instrumentos utilizados.

Foram novamente utilizados os três questionários do primeiro estudo exploratório: questionário sociodemográfico, CES-D (Gonçalves & Fagulha, 2003) e QER (Moreira, 2000). Introduziu-se um novo questionário: NEO-FFI (Magalhães et al., 2012)⁵⁹. Considerou-se que seria importante e interessante para os estudos de validade

⁵⁹ Este questionário será descrito no Capítulo 2 desta Segunda Parte do trabalho.

da “Era uma vez... Adultos” poder comparar-se as respostas à prova com características de personalidade, além da intensidade da sintomatologia depressiva e dos estilos relacionais, avaliados, respetivamente, pela CES-D e pelo QER. Os resultados destes quatro questionários não serão analisados, já que estão fora dos objetivos deste estudo.

E utilizou-se a “Era uma vez... Adultos” constituída por sete cartões: I Trabalho, II Fim de semana, III Sexualidade, IV Aniversário, V Filhos, VI Morte, VII Casamento.

6.2.1.3. Procedimento.

Os participantes já estavam informados que iriam participar num estudo que a autora deste trabalho estava a realizar.

Assim, começava-se por comunicar que as respostas eram anónimas e confidenciais. Depois era pedido aos participantes para preencherem os seguintes questionários: questionário sociodemográfico, CES-D, QER, NEO-FFI.

Depois a “Era uma vez... Adultos” era aplicada pela autora deste trabalho, seguindo as instruções da sua aplicação.

Tal como no primeiro estudo exploratório, a disposição das cenas era igual em todos os cartões, correspondendo à que se apresentou na Figura 4.

6.2.2. Resultados.

6.2.2.1. Cenas escolhidas e sua posição.

Como se pode observar na Figura que se segue, quase todas as cenas foram escolhidas.

Figura 7 – Frequência de escolha de cada cena

Cartões / Cenas	I Trabalho	II Fim de semana	III Sexualidade	IV Aniversário	V Filhos	VI Morte	VII Casamento
Cena 1	7	<u>0</u>	3	3	2	5	4
Cena 2	5	12	9	11	9	12	10
Cena 3	3	2	<u>0</u>	2	1	3	2
Cena 4	7	2	4	<u>0</u>	1	1	3
Cena 5	6	9	2	9	5	6	5
Cena 6	15	16	14	12	12	14	14
Cena 7	11	9	20	13	11	7	12
Cena 8	6	1	4	<u>0</u>	10	7	3
Cena 9	9	18	13	19	18	14	16

As categorias/cenas que não foram escolhidas (zero sublinhado na Figura) são as seguintes: Isolamento 1 no Cartão II Fim de semana, Estagnação 1 no Cartão III Sexualidade, Estagnação 2 e Isolamento 2 do Cartão IV Aniversário.

As temáticas dos cartões Fim de Semana e Aniversário são, à partida, prazerosas, sendo expectável que as cenas negativas sejam pouco escolhidas. Mesmo assim, espera-se que com uma amostra maior aquelas categorias sejam escolhidas. O mesmo se pensa relativamente à categoria Estagnação 1 do Cartão Sexualidade.

Comparando os resultados dos dois estudos exploratórios nos cartões Fim de Semana, Sexualidade e Filhos, são encontradas diferenças na frequência de escolha das categorias Isolamento 1 e Isolamento 2 no Cartão Fim de semana, Estagnação 1 e

Estagnação 2 nos cartões Sexualidade e Filhos. Ter ficado mais clara a comunicação dos conteúdos daquelas cenas pode explicar a diferença de resultados. Como se referiu anteriormente, o primeiro estudo exploratório conduziu a algumas alterações nos desenhos, nomeadamente tornar mais clara a emoção subjacente à categoria em que cada cena se integra, sendo acompanhada pela expressão corporal e por um cenário específico. Isso aconteceu com as categorias Isolamento 1 e 2, Estagnação 1 e 2.

No Figura seguinte, apresenta-se a frequência de escolha de cada cena em cada posição da sequência.

Figura 8 – Frequência de escolha de cada cena na 1ª, 2ª e 3ª posição

Cartões / Cenas	I Trabalho	II Fim de semana	III Sexualidade	IV Aniversário	V Filhos	VI Morte	VII Casamento
Cena 1 1ª	5	0	2	2	1	1	2
Cena 1 2ª	2	0	0	1	0	2	1
Cena 1 3ª	0	0	1	0	1	2	1
Cena 2 1ª	3	7	3	10	3	9	8
Cena 2 2ª	1	2	3	1	4	3	2
Cena 2 3ª	1	3	3	0	2	0	0
Cena 3 1ª	1	2	0	0	1	2	2
Cena 3 2ª	0	0	0	2	0	1	0
Cena 3 3ª	2	0	0	0	0	0	0
Cena 4 1ª	4	0	2	0	0	0	0
Cena 4 2ª	2	1	1	0	0	1	2
Cena 4 3ª	1	1	1	0	1	0	1
Cena 5 1ª	2	7	1	3	0	4	2
Cena 5 2ª	3	2	0	5	4	0	2
Cena 5 3ª	2	0	1	1	1	2	1
Cena 6 1ª	4	2	9	6	2	1	5
Cena 6 2ª	4	5	3	6	5	1	8
Cena 6 3ª	7	9	2	0	5	12	1
Cena 7 1ª	1	2	4	1	0	2	0
Cena 7 2ª	4	5	14	4	6	3	3
Cena 7 3ª	6	2	2	8	5	2	9
Cena 8 1ª	2	1	2	0	9	1	1
Cena 8 2ª	3	0	1	0	1	5	1
Cena 8 3ª	1	0	1	0	0	1	1
Cena 9 1ª	2	2	0	1	6	3	3

Cena 9 2 ^a	4	8	1	4	4	5	4
Cena 9 3 ^a	3	8	12	14	8	6	9

6.2.3. Alterações suscitadas pelo segundo estudo exploratório.

Da versão utilizada no segundo estudo exploratório para a versão final, procedeu-se a alterações em 10 cenas, sempre com o objetivo de melhorar a comunicação da intenção subjacente à categoria, como também diferenciar as categorias.

A ordem de aplicação dos três questionários que se seguiam ao sociodemográfico foi mudada, ficando NEO-FFI, CES-D e QER. Considerou-se que seria mais adequado terminar com o questionário que mais se liga à “Era uma vez... Adultos”: o QER avalia estilos relacionais, a “Era uma vez... Adultos” avalia representações relacionais com o *self* e com o outro com base em determinadas categorias. E também se considerou que seria mais adequado começar com um questionário mais abrangente e menos negativo como é o NEO-FFI, em comparação, respetivamente, com o QER e a CES-D.

No que diz respeito à ordem de apresentação dos cartões, considerou-se que funcionava, começando com o Cartão Trabalho e alternando os cartões com temáticas mais prazerosas com os que à partida sugerem temáticas mais ansiogéneas.

Relativamente às frases que introduzem as situações de cada cartão, resolveu fazer-se a seguinte alteração: as frases estavam todas no presente e foram todas colocadas no passado, pois o tempo passado é que é o tempo das histórias.

O tempo de aplicação da “Era uma vez... Adultos” oscilou entre os 20-45 minutos. O tempo total da aplicação conjunta dos questionários e da “Era uma vez... Adultos” oscilou entre os 30 minutos e uma hora e 30.

Uma mudança suscitada pelo segundo estudo exploratório que não tinha sido equacionada anteriormente teve a ver com a disposição das categorias/cenas. O facto de se ter procedido a uma sistematização na representação gráfica das cenas correspondentes às mesmas categorias (os balões de pensamento na categoria Intimidade 2, um cenário de desarrumação na Estagnação 2) traduziu-se numa repetição de cenas muito semelhantes no mosaico da sua distribuição. Tal situação poderia conduzir a uma escolha mais sistemática das cenas, menos espontânea e com menor variabilidade. Por esta razão, decidiu-se que na versão final da “Era uma vez... Adultos” a disposição das cenas seria única para cada cartão, deixando de se repetir.

7. Concluindo

Os dois estudos exploratórios permitiram perceber melhor alguns problemas no funcionamento da prova, que surgiram tanto nos desenhos como na aplicação. Essa compreensão conduziu a reformulações e a novas opções.

Os dois estudos também ofereceram à autora do trabalho um contacto direto com a situação real de funcionamento da prova, com o comportamento dos participantes e a sua variabilidade, nomeadamente no modo mais espontâneo ou mais defensivo como elaboram as histórias. Este conhecimento foi fundamental para a construção da grelha de análise e interpretação das respostas.

Considerou-se que “Era uma vez... Adultos” estava suficientemente testada para se avançar com o seu estudo que surge no capítulo seguinte.

Capítulo 2: Estudo da “Era uma vez... Adultos”

Este capítulo está dividido em três pontos:

1º Estudo 1: apresentação do conteúdo das verbalizações das cenas da “Era uma vez... Adultos”, dos principais dados relativos às respostas da prova e das diferenças estatisticamente significativas entre sexos nas respostas à prova;

2º Estudo 2: estudo de precisão intercotadores;

3º Estudo 3: estudo de validação.

Importa desde já esclarecer que são apresentados os principais resultados do estudo da “Era uma vez... Adultos”, mas não todos os resultados obtidos. Dado que se obteve uma quantidade muito elevada de dados (relativos a todos os itens da grelha de análise da prova), não é possível nem pertinente apresentar todos os resultados neste primeiro estudo da “Era uma vez... Adultos”.

1. Estudo 1

1.1. Objetivos.

O primeiro objetivo é apresentar os conteúdos das verbalizações das nove cenas de cada um dos sete cartões, ficando-se assim a conhecer os significados que os participantes atribuíram às cenas que escolheram.

O segundo objetivo é apresentar os principais dados relativos às respostas da “Era uma vez... Adultos”. Começa-se por apresentar dados sobre os sete cartões da prova. Esses dados são os seguintes: categorias escolhidas (1ª, 2ª e 3ª posição e na globalidade do cartão), categorias das verbalizações (1ª, 2ª e 3ª e na globalidade do cartão), histórias consonantes com as categorias escolhidas, sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras, sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras, conflito nas histórias, grau das histórias, relação entre grau das histórias e conflito. Depois são apresentados os principais dados relativos à História inventada: categorias das verbalizações, sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras, sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras, conflito nas histórias, grau das histórias, relação entre grau das histórias e conflito.

O terceiro e último objetivo é identificar diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres nas respostas à prova. Em relação aos sete cartões, procurar-se-á ver se há diferenças nos seguintes resultados: categorias escolhidas (1ª, 2ª e 3ª posição e na globalidade do cartão), categorias das verbalizações (1ª, 2ª e 3ª e na globalidade do cartão), conflito nas histórias, grau das histórias. Em relação à História inventada, procurar-se-á ver se há diferenças nos seguintes resultados: categorias das verbalizações na globalidade (a verbalização Extra não é analisada, uma vez que corresponde a uma problemática específica da História inventada em causa), conflito nas histórias, grau das histórias.

Todos os resultados apresentados dizem respeito ao todo da amostra, constituindo uma referência para a análise de um caso individual.

Com exceção do tempo total de aplicação da prova, os resultados são apresentados cartão a cartão e, por fim, os resultados relativos à História inventada.

1.2. Amostra.

Trata-se de uma amostra de conveniência extraída da população geral, constituída por 160 participantes, 80 do sexo feminino e 80 do sexo masculino. Tinham idades compreendidas entre os 30 e os 62 anos, sendo a média de idades 45,1 anos. Relativamente ao estado civil, 102 eram casados ou viviam em união de facto, 30 eram divorciados ou separados, 27 eram solteiros e um era viúvo. Independentemente do estado civil, 129 estavam numa relação amorosa, 26 não estavam e cinco nunca tiveram uma relação amorosa. Dos 160, 121 tinham filhos e 39 não tinham filhos. No que diz respeito às habilitações escolares, 68 tinha o Ensino Superior, 59 tinham 12 anos de escolaridade, 23 tinham nove, quatro tinham seis e seis tinham quatro anos de escolaridade.

A maior parte dos participantes (140) pertenciam ou trabalhavam em variadas instituições e organizações dos distritos de Braga e do Porto (Agrupamentos de escuteiros, Comissão para a Dissuasão da Toxicodependência, uma Comunidade religiosa, Escolas, uma Empresa de *software*, uma Estação de rádio, uma Instituição Particular de Solidariedade Social, Juntas de freguesia, Tribunais). Apenas 20 participantes eram amigos de amigos da autora deste trabalho e vizinhos de amigos da autora deste trabalho.

Não se tratando de uma amostra representativa, considera-se que possui a desejável variedade no que diz respeito ao nível educacional e profissional.

1.3. Instrumentos utilizados.

Foram utilizados quatro questionários e a “Era uma vez... Adultos”.

1. Questionário sociodemográfico construído para este estudo. Este questionário comporta cinco secções de itens:

- a primeira secção é sobre dados pessoais básicos: idade, sexo, escolaridade, situação profissional, estado civil, situação relacional atual;

- a segunda secção é sobre a composição do agregado familiar;

- a terceira secção é sobre o falecimento de alguém próximo;

- a quarta secção é sobre o estado geral de saúde;

- a quinta secção é sobre o professar alguma crença religiosa.

2. Versão portuguesa do *NEO-Five Factor Inventory*⁶⁰ (NEO-FFI, Magalhães et al., 2012). O NEO-FFI é uma versão reduzida de um outro questionário que surgiu previamente: o *NEO-Personality Inventory* (NEO-PI), que entretanto foi revisto, existindo agora o *Revised NEO Personality Inventory* (NEO-PI-R; a história dos questionários NEO é relatada em Costa Jr. & McCrae, 2009). O NEO-PI-R, do qual existe uma versão portuguesa (Lima & Simões, 2003), avalia traços da personalidade com base na teoria dos Cinco Grandes Fatores (e.g., McCrae & Costa Jr., 2010): abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo. A abertura à experiência inclui traços de personalidade como sensibilidade estética, curiosidade intelectual, espírito analítico. A conscienciosidade inclui traços como sentimento de competência, luta pela realização, autodisciplina. A extroversão inclui

⁶⁰ O acrónimo NEO surgiu no primeiro questionário a ser construído e referia-se aos traços *Neuroticism, Extroversion, Openness* (Neuroticismo, Extroversão, Abertura à experiência), dado que apenas esses traços eram avaliados (Costa Jr. & McCrae, 2009). Nas versões posteriores, manteve-se o acrónimo mas já sem esse significado inicial, fazendo agora parte do nome do questionário.

traços como sociabilidade, procura de excitação, emoções positivas. A amabilidade inclui traços como confiança nos outros, altruísmo, sensibilidade. O neuroticismo compreende traços como ansiedade, autoconsciência, vulnerabilidade.

O NEO-FFI, sendo então uma versão reduzida do NEO-PI, é composto por 60 itens, sendo que cada um dos cinco fatores é avaliado por 12 itens. Usa um formato de resposta *Likert* de cinco pontos, que se estende do “Discordo Fortemente” (0) ao “Concordo Fortemente” (4).

3. Versão portuguesa da Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (CES-D; Gonçalves & Fagulha, 2003), que avalia o nível atual de sintomatologia depressiva. A CES-D é composta por 20 itens e usa um formato de resposta *Likert* de quatro pontos, que se estende do “Nunca ou muito raramente” a “Com muita frequência ou sempre”. Os 20 itens representam as componentes mais importantes da sintomatologia depressiva: humor depressivo, sentimentos de culpa e desvalorização, sentimentos de desamparo e desespero, lentificação psicomotora, perda de apetite e perturbações do sono. No estudo realizado com a CES-D, os resultados obtidos na análise no âmbito da precisão foram globalmente satisfatórios.

4. Questionário de Estilo Relacional (QER; Moreira, 2000), que avalia os estilos de vinculação no adulto⁶¹. O QER é composto por 33 itens e usa um formato de resposta *Likert* de seis pontos, que se estende do “Não tem nada a ver comigo” (1) a “Tem muito a ver comigo” (6). O QER pode ser cotado usando uma solução de seis fatores –

⁶¹ Ver o ponto 5.3. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

preocupação, desconforto com proximidade, outro negativo, competência e conforto com a proximidade, conforto com o apoio e autossuficiência – ou de três fatores – preocupação, conforto com a proximidade e autossuficiência.

Os resultados do NEO-FFI, CES-D e QER serão apresentados no Estudo 3.

1.4. Procedimento.

Para realizar o estudo da “Era uma vez... Adultos” com 160 participantes, diferentes instituições e organizações foram contactadas pela autora deste trabalho no sentido de autorizarem a aplicação da prova nos seus espaços. Em algumas dessas instituições e organizações, a autora deste trabalho tinha algum contacto a quem dirigia o pedido, noutras isso não aconteceu. A escolha das instituições teve sobretudo em conta a possibilidade de as pessoas poderem dispensar algum tempo para participar no estudo e a existência de um espaço reservado onde se pudesse estar individualmente com as pessoas que aceitassem participar.

Algumas das instituições e organizações não responderam ou responderam negativamente, outras responderam positivamente. Naquelas em que a resposta foi positiva, era depois necessário combinar o espaço onde a aplicação da prova teria lugar (no primeiro contacto com as instituições/organizações, era sempre dada a informação que era necessário um espaço reservado em que estivessem apenas o participante e autora deste trabalho) e os dias em que se poderia ir lá. Era também necessário organizar a participação das pessoas; essa organização da participação era feita consoante o tipo de instituição/organização, o número de pessoas e a sua

disponibilidade. Era frequente os participantes falarem sobre si no início, durante e/ou no fim da aplicação dos questionários e/ou no fim da aplicação da prova (63,8% fizeram-no), o que levava a organizar a participação das pessoas sempre com algum intervalo de tempo entre cada aplicação.

Quando se estava já em contacto direto com cada um dos participantes, comunicava-se que iria participar num estudo que a autora deste trabalho estava a realizar, agradecendo a participação. Em segundo lugar, comunicava-se que as respostas eram anónimas e confidenciais. Depois era pedido para preencher os seguintes questionários por esta ordem: questionário sociodemográfico, NEO-FFI, CES-D, QER. Por fim, era aplicada a “Era uma vez... Adultos”, seguindo as instruções da sua aplicação.

As aplicações decorreram entre 18 de dezembro de 2012 e 13 de maio de 2013. Dos 160 participantes, a autora deste trabalho aplicou os questionários e a prova a 145, aos outros 15 foi um psicólogo que teve formação e treino com a “Era uma vez... Adultos”⁶².

As respostas da “Era uma vez... Adultos” foram analisadas através da grelha de análise da prova⁶³.

Todas as análises estatísticas foram realizadas através do *software* SPSS (v.20, IBM SPSS). Para analisar as diferenças entre sexos em todos os cartões e na História inventada, efetuou-se o Teste do Qui-Quadrado. Em duas situações, as condições de aplicabilidade do Qui-Quadrado não se verificavam (havia células com frequência

⁶² Pedro Carvalho, a quem agradeço o empenho e seriedade com que realizou essa tarefa.

⁶³ Ver o ponto 5.1. do Capítulo 1 desta Segunda Parte.

esperada inferior a cinco) e foi utilizado o Teste de Fisher; essas duas situações estão assinaladas.

1.5. Resultados do Estudo 1.

1.5.1. Conteúdos das verbalizações relativas a cada uma das nove cenas dos sete cartões.

Tal como na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992), torna-se necessário conhecer os significados que os participantes atribuíram às cenas e perceber se as cenas foram percebidas pelos participantes de acordo com a intenção que estava subjacente à sua criação.

Para realizar este objetivo foi necessário, em primeiro lugar, transcrever todas as histórias. Posteriormente, reuniram-se as verbalizações relativas às cenas dos sete cartões, retirando-as das histórias em que estavam inseridas e agrupando-as por cartão e por cena/categoria (ver Anexo 1).

Nas Figuras que se seguem são apresentados os conteúdos atribuídos às cenas e respetivas frequências. Esclareça-se que os conteúdos não correspondem a verbalizações concretas; para chegar aos conteúdos apresentados, sintetizaram-se e tornaram-se mais abstratas as verbalizações, dado existir uma grande diversidade lexical e sintática nas verbalizações. Esclareça-se que, por vezes, há cenas que foram escolhidas, mas não há nenhuma verbalização sobre elas. Por esta razão, as frequências que são indicadas apenas dizem respeito às cenas sobre as quais houve uma verbalização na história criada.

Figura 9 – Cartão I Trabalho: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 5 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 111

Conteúdos e sua frequência:

- a) Socializar com os colegas de trabalho: 67
- b) Conversar com os colegas de trabalho sobre o trabalho/trabalhar em equipa/ter uma reunião: 40
- c) Falar com o chefe: 2
- d) Falar com os pais: 1
- e) Receber um documento: 1

Cena 4 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 26

Conteúdos e sua frequência:

- a) Estar a trabalhar: 12
- b) A personagem trabalha e os outros não trabalham/falam dela: 7
- c) Com ciúmes do colega que conversa com a figura feminina: 3
- d) Ver os outros colegas: 3
- e) O supervisor diz algo à personagem: 1

Cena 9 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 91

Conteúdos e sua frequência:

- a) Sair do trabalho e socializar fora do trabalho com colegas/família: 53
- b) Socializar dentro do trabalho: 16
- c) Trabalhar com outro colega/em grupo, acrescentando-se na maior parte das vezes o ser bem-sucedido: 13
- d) Sucesso pelo trabalho bem feito: 9

Cena 2 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 25

Conteúdos e sua frequência:

- a) A personagem comunica à outra figura que está desagradada com a sua presença: 13

- b) Dar/receber tarefas: 6
- c) A personagem é ajudada pela outra figura: 4
- d) Supervisor veio falar com a personagem: 1
- e) Um senhor com bilhetes de cinema: 1

Cena 3 Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 43

Conteúdos e sua frequência:

- a) Pensar nos tempos da universidade/pensar que tem um curso ou quer ter um curso/comunicar com os colegas da universidade: 29
- c) Pensar nos filhos: 7
- d) A pensar/sonhar: 3
- e) Ter um projeto: 2
- f) Recolher opiniões de outros: 1
- g) Pensar na sua religião: 1

Cena 7 Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 31

Conteúdos e sua frequência:

- a) Estar mal por alguma razão: 22
- b) Estar a pensar: 8
- c) Trabalhar: 1

Cena 1 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 92

Conteúdos e sua frequência:

- a) Estar a trabalhar/estar a pensar: 27
- b) Estar a trabalhar e estar satisfeito: 23
- c) Ter sido promovido/desejar ser promovido/ter tido sucesso no trabalho: 15
- d) Estar a pensar/sonhar no que vai fazer depois do trabalho: 14
- e) Estar a olhar pela janela/olhar a paisagem para se preparar para um dia de trabalho/para relaxar: 8
- f) Ter uma reunião: 3
- g) Personagem a contar algo: 1

h) Regressar a casa: 1

Cena 6 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 42

Conteúdos e sua frequência:

a) Ter muito trabalho/problemas que surgem no trabalho, mal-estar com tudo isso: 30

b) Estar a trabalhar: 11

c) Colega chega maldisposta ao trabalho: 1

Cena 8 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 13

Conteúdos e sua frequência:

a) Ser reconhecido pelo trabalho: 6

b) Pensar/sonhar com a própria personagem/com a outra figura em contextos variados: 5

c) Estar a alegrar a figura: 1

d) Ter uma despedida de solteira: 1

Existe variedade nos significados atribuídos às cenas. Além disso, verifica-se que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdos a), d) e e) da Cena 4 Isolamento 1; conteúdos b), c), d) e e) da Cena 2 Estagnação 1, sendo que a expressão corporal da figura também é ignorada; conteúdos b) e c) da Cena 7 Isolamento 2; conteúdo b) da Cena 6 Estagnação 2. Apenas no conteúdo a) da Cena 1 Generatividade 2 está ausente a emoção positiva.

Figura 10 – Cartão II Fim de semana: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 9 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 132

Conteúdos e sua frequência:

a) Estar numa refeição/convívio com família/amigos: 131

b) Apoiar os pais: 1

Cena 5 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 13

Conteúdos e sua frequência:

- a) Conviver: 12
- b) Estar aborrecida à espera: 1

Cena 4 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 48

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ir buscar/visitar/sair com avó/mãe: 36
- b) Levar a família a algum lado/sair com a família: 9
- c) Ir buscar uma colega: 1
- d) Ser levada pela filha: 1
- e) Desempenhar as suas funções nos Escuteiros: 1

Cena 3 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 26

Conteúdos e sua frequência:

- a) Pensar/combinar/tomar a refeição: 16
- b) Desentendimento entre a personagem e a outra figura: 10

Cena 7 Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 77

Conteúdos e sua frequência:

- a) Pensar/lembrar-se/estar com família/amigos: 69
- b) Pensar/sonhar: 6
- c) Acordar: 1
- d) Rezar: 1

Cena 1 Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 23

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ficar mais tempo na cama, acrescentando-se por vezes uma referência ao mau tempo: 14

b) Referência ao tempo: 5

c) Levantar-se: 2

d) Olhar pela janela: 1

e) Deitar-se: 1

Cena 6 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 76

Conteúdos e sua frequência:

a) Ir ao cinema: 73

b) Ter uma diversão: 3

Cena 8 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 31

Conteúdos e sua frequência:

a) Ficar a ver televisão/relaxar a ver televisão: 28

b) Estar aborrecido a ver televisão: 3

Cena 2 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 50

Conteúdos e sua frequência:

a) Realizar as tarefas domésticas (mulheres): 34

b) Fazer contas/trabalhar (homens): 15

c) *Hobby* da personagem é ser colecionador: 1

Mantém-se a variedade nos significados atribuídos às cenas. E verifica-se de novo que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdo a) da Cena 5 Isolamento 1; conteúdo a) da Cena 3 Estagnação 1, sendo que a expressão corporal da figura também é ignorada; conteúdos a), b), c), d) e e) da Cena 1 Isolamento 2; conteúdo a) da Cena 8 Estagnação 2.

Figura 11 – Cartão III Sexualidade: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 9 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 86

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ter relações sexuais: 66
- b) Dormir sozinho/acompanhado: 15
- c) Não conseguir dormir por ficar a pensar/sonhar com a outra figura: 3
- d) Personagem fica sozinha e fica agradada/desagradada: 2

Cena 5 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 23

Conteúdos e sua frequência:

- a) Existência de um afastamento entre a personagem e a outra figura: 18
- b) Deitar-se: 4
- c) Passar a noite juntos: 1

Cena 2 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 130

Conteúdos e sua frequência:

- a) Manifestações de afeto entre a personagem e a outra figura: 122
- c) Ficar a ver o filme: 3
- d) A outra figura vai embora: 2
- d) Estar com sono: 2
- d) Ir jantar: 1

Cena 3 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 16

Conteúdos e sua frequência:

- a) Desentendimento entre a personagem e a outra figura: 9
- b) Ir deitar-se: 6
- c) Pôr-se a pé: 1

7 Cena Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 68

Conteúdos e sua frequência:

- a) Pensar/sonhar com a outra figura/com o par personagem e outra figura: 63
- b) Estar com a outra figura: 4
- c) Adormecer: 1

Cena 1 Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 11

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem sozinha/aborrecida: 6
- b) Ver televisão/computador: 4
- c) O filme acabou: 1

Cena 4 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 65

Conteúdos e sua frequência:

- a) Arranjar-se/perfumar-se: 62
- b) Estar confiante: 2
- c) Ter dúvidas sobre a sua imagem: 1

Cena 8 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 15

Conteúdos e sua frequência:

- a) Desagrado com a própria imagem: 10
- b) Ver-se ao espelho/tomar banho/lavar os dentes: 5

Cena 6 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 35

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem está a pensar noutra pessoa/no ator do filme/a falar de outra pessoa com a outra figura: 17
- b) Personagem e a outra figura estão a conversar sobre o filme/os atores do filme, sendo uma das verbalizações sobre relações passadas: 10

- c) Sair: 6
- d) Estar a ver o filme: 1
- e) Estar a conversar: 1

Mantém-se a variedade nos significados atribuídos às cenas. E verifica-se novamente que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdos b) e c) da Cena 5 Isolamento 1; conteúdos b) e c) da Cena 3 Estagnação 1; conteúdos b) e c) da Cena 1 Isolamento 2; conteúdo b) da Cena 8 Estagnação 2.

Figura 12 – Cartão IV Aniversário: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 7 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 122

Conteúdos e sua frequência:

- a) Festejar o aniversário com família/amigos/um bolo: 122

Cena 1 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 11

Conteúdos e sua frequência:

- a) Festejar o aniversário com família/amigos: 6
- b) Personagem está triste/sozinha/aborrecida: 5

Cena 6 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 91

Conteúdos e sua frequência:

- a) Festejar o aniversário com família/amigos/brindar: 91

Cena 9 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 24

Conteúdos e sua frequência:

a) Receber prendas: 19

b) Rejeitar prendas: 5

Cena 3 Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 70

Conteúdos e sua frequência:

a) Fazer uma retrospectiva: 40

b) Pensar/estar com família/amigos para convidar para o aniversário/pensar em família/amigos: 28

c) Pensar no futuro da família: 1

d) Receber mensagens dos amigos: 1

2 Cena Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 8

Conteúdos e sua frequência:

a) Beber sozinho: 6

b) Abrir uma garrafa para festejar o aniversário: 1

c) Fazer uma coisa de que gosta mas que não é a bebida: 1

Cena 8 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 91

Conteúdos e sua frequência:

a) Ir ao cabeleireiro/arranjar-se (mulheres): 58

b) Ir ao barbeiro/arranjar-se (homens): 32

c) Filho a secar o cabelo: 1

Cena 4 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 7

Conteúdos e sua frequência:

a) Estar aborrecido/zangado: 7

Cena 5 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 45

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ver as rugas/ver que está a ficar mais velho: 32
- b) Estar a arranjar-se: 10
- c) Pensar numa coisa boa: 2
- c) Estar a chorar de emoção: 1

Mantém-se a variedade nos significados atribuídos às cenas. E verifica-se de novo que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdo a) da Cena 1 Isolamento 1; conteúdo a) da Cena 9 Estagnação 1, sendo que a expressão corporal da figura também é ignorada; conteúdo b) da Cena 2 Isolamento 2. Uma alteração global do significado surge no conteúdo b) da Cena 5 Extra.

Figura 13 – Cartão V Filhos: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 9 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 135

Conteúdos e sua frequência:

- a) Jogar um jogo/divertir-se/conviver com a família: 129
- b) Pensar que se tem uma família feliz: 3
- c) Tomar uma refeição com a família: 2
- d) Os filhos divertiram-se sozinhos: 1

Cena 2 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 25

Conteúdos e sua frequência:

- a) Conviver com a família/tomar uma refeição com a família: 18
- b) Sentimento de que a outra figura adulta está mais próxima das crianças do que a personagem: 4
- c) Gostar muito de crianças mas não ter filhos: 1
- d) Estar triste porque não passa tempo suficiente com os filhos e tem de sair: 1
- e) Estar triste porque está a pensar que o ex-marido vem buscar os filhos: 1

Cena 7 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 101

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ler uma história aos filhos/deitar os filhos: 96
- b) Pensar nos filhos: 2
- c) O primo está doente: 1
- d) Levantar-se: 1
- e) Estar a ensinar a ler: 1

Cena 4 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 20

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem aborrece-se com reação da criança/minimiza reação da criança: 18
- b) Ir ver os filhos: 1
- c) Mulher zangada porque personagem não trouxe os filhos para dentro: 1

Cena 1 Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 55

Conteúdos e sua frequência:

- a) Olhar para a fotografia da família/pensar na família com satisfação: 38
- b) A descansar/ver televisão: 12
- c) Personagem pensa na sua própria infância: 3
- d) Personagem sente-se mal pelo comportamento que teve com a filha: 1
- e) Conversar com a família: 1

Cena 5 Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 38

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ficar a observar os filhos: 22
- b) Personagem lembra-se da sua própria infância: 3
- c) Sentimento de solidão por já não ser preciso estar com os filhos pois eles já não são pequenos/por se estar a envelhecer: 3
- d) Personagem não está/não quer estar com os filhos: 3
- e) Os filhos já não estão no jardim: 2

- f) Personagem pensativa: 2
- g) Ficar no exterior: 1
- h) Deixar os filhos a brincar: 1
- i) Personagem aborrecida: 1

Cena 6 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 68

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ter um tempo para si/ler: 65
- b) Ler para os filhos: 2
- c) Ver um álbum de fotografias da família: 1

Cena 3 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 1

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem stressada e sem tempo para estar com os filhos: 1

Cena 8 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 26

Conteúdos e sua frequência:

- a) Sentimento de insatisfação ao pensar/ver as zangas dos filhos: 23
- b) Pensar que devia ter mais tempo para os filhos: 1
- c) Lembrar-se do tempo em que brincava com a irmã: 1
- d) Recordar partes alegres dos filhos: 1

Mantém-se a variedade nos significados atribuídos às cenas. E verifica-se mais uma vez que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdo a) da Cena 2 Isolamento 1; conteúdo b) da Cena 4 Estagnação 1; conteúdos a), g) e h) da Cena 1 Isolamento 2; conteúdos c) e d) da Cena 8 Extra.

Figura 14 – Cartão VI Morte: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 7 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 122

Conteúdos e sua frequência:

- a) Estar presente nas cerimónias fúnebres: 121
- b) Dar a notícia da morte a outras pessoas: 1

Cena 3 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 21

Conteúdos e sua frequência:

- a) Estar presente nas cerimónias fúnebres: 17
- b) Sair do local das cerimónias fúnebres: 3
- c) Impotência perante a morte: 1

Cena 2 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 98

Conteúdos e sua frequência:

- a) Confortar/ser confortado pelos filhos/família: 69
- b) Comunicar a notícia da morte aos filhos/família: 29

Cena 6 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 2

Conteúdos e sua frequência:

- a) A personagem ficou triste, a outra figura ficou a chorar: 1
- b) Comunicar a notícia da morte à mulher: 1

Cena 5 Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 77

Conteúdos e sua frequência:

- a) Pensar na pessoa que morreu/olhar para a fotografia da pessoa que morreu: 73
- b) Receber a notícia que morreu o avô/pai: 3
- c) Pensar que o pai vai ficar sem a mãe pois a mãe morreu: 1

Cena 8 Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 25

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem está triste e só: 24
- b) Personagem foi ver a pessoa que morreu: 1

Cena 9 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 80

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem vai até à praia/beira-mar passear para apaziguar o sofrimento/refletir sobre a vida: 53
- b) Personagem fica a pensar/recordar a pessoa que morreu/vai para o sítio onde costumava estar com essa pessoa: 25
- c) Personagem está triste e sozinha: 1
- d) A pessoa que morreu foi para o céu: 1

Cena 1 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 6

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem está muito perturbada: 6

Cena 4 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 42

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ver/despedir-se da pessoa que morreu/a pessoa que morreu: 28
- b) Ir ao velório/funeral: 12
- c) A personagem no caixão: 2

Mantém-se a variedade nos significados atribuídos às cenas. E verifica-se outra vez que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdo a) da Cena 3 Isolamento 1; conteúdo b) da Cena 6 Estagnação 1. Uma alteração global do significado surge nos conteúdos a) e b) da Cena 4 Extra.

Figura 15 – Cartão VII Casamento: Conteúdos das verbalizações das cenas

Cena 7 Intimidade 1

Frequência de escolha/verbalização: 116

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ir com o respetivo par ao casamento: 44
- b) Dar a notícia do convite de casamento ao respetivo par: 29
- c) Pensar no seu próprio casamento/casar com o respetivo par: 26
- d) O casamento dos noivos: 9
- e) Ir ao casamento: 5
- f) Ir ao casamento uma pessoa com quem a personagem não quer estar: 1
- g) Convite de um ex-namorado: 1
- h) Dar a notícia do convite de casamento a uma amiga: 1

Cena 2 Isolamento 1

Frequência de escolha/verbalização: 22

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem desagradada por variadas razões: 10
- b) Responder ao convite em conjunto com o respetivo par: 7
- c) Dar a notícia do convite de casamento ao respetivo par: 4
- d) Receber um convite de casamento do noivo: 1

Cena 9 Generatividade 1

Frequência de escolha/verbalização: 89

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem está divertida na festa do casamento, acrescentando-se frequentemente que está com o respetivo par/filhos: 68
- b) Dar a notícia do convite de casamento: 10
- c) Felicitar os noivos: 8
- d) Estar na despedida de solteiro: 1
- e) Olha para um jovem: 1
- f) Do casamento houve um filho: 1

Cena 1 Estagnação 1

Frequência de escolha/verbalização: 16

Conteúdos e sua frequência:

- a) Personagem rejeita o convite: 14
- b) Levantar dinheiro para ir comprar a prenda de casamento. 2

Cena 3 Intimidade 2

Frequência de escolha/verbalização: 76

Conteúdos e sua frequência:

- a) Pensar no casamento de uma forma mais abstrata/no casamento da própria personagem/dos noivos: 56
- b) Pensar em oferecer as alianças: 16
- c) Ser madrinha/padrinho do casamento: 3
- e) Ter uma ideia: 1

Cena 8 Isolamento 2

Frequência de escolha/verbalização: 25

Conteúdos e sua frequência:

- a) Ir ao casamento/ir de carro ao casamento: 11
- b) Pensamentos de insatisfação causados pelo convite de casamento: 8
- c) Sair para ir comprar uma prenda/roupa para o casamento: 5
- d) Ir ter com o noivo: 1

Cena 5 Generatividade 2

Frequência de escolha/verbalização: 88

Conteúdos e sua frequência:

- a) Referência à roupa que a personagem vai levar ao casamento: 65
- b) Pensar na amiga/amigo que vai casar: 12
- c) Pensar no seu próprio casamento: 9
- d) Personagem pede conselho a uma amiga sobre o seu próprio casamento: 1
- e) Dar a notícia a uma amiga que foi convidada para madrinha: 1

Cena 6 Estagnação 2

Frequência de escolha/verbalização: 12

Conteúdos e sua frequência:

- a) A festa do casamento: 9
- b) Personagem embriaga-se/está insatisfeita: 3

Cena 4 Extra

Frequência de escolha/verbalização: 27

Conteúdos e sua frequência:

- a) As pessoas que se vão encontrar/com quem se está no casamento: 13
- b) Pensar sobre os altos e baixo do casamento: 11
- c) Pensar em outros amigos que estão casados: 2
- d) Pensar em convidar uma pessoa para o casamento mas não saber se ela vai aceitar: 1

Mantém-se a variedade nos significados atribuídos às cenas. E verifica-se de novo que a emoção negativa não está presente nos conteúdos das seguintes cenas/categorias: conteúdos b), c) e d) da Cena 2 Isolamento 1; conteúdo b) da Cena 1 Estagnação, sendo que constitui também um significado incomum; conteúdos a), c) e d) da Cena 8 Isolamento 2; conteúdo a) da Cena 6 Estagnação 2. Uma alteração global do significado surge no conteúdo a) da Cena 4 Extra.

1.5.2. Tempo total de aplicação da “Era uma vez... Adultos”.

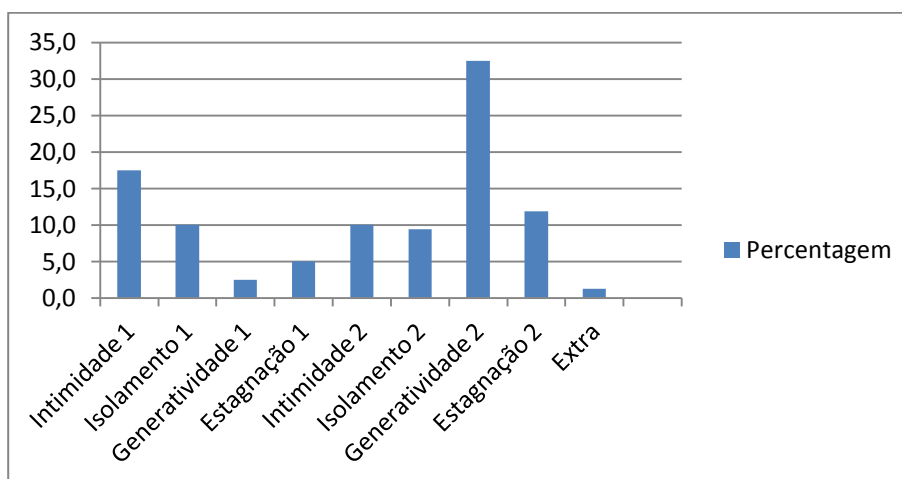
O tempo mínimo de aplicação da “Era uma vez... Adultos” foi de 10 minutos e o tempo máximo foi de 86 minutos. A média é de 24,36 minutos e a moda é de 20 minutos.

1.5.3. Cartão I Trabalho.

i) Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

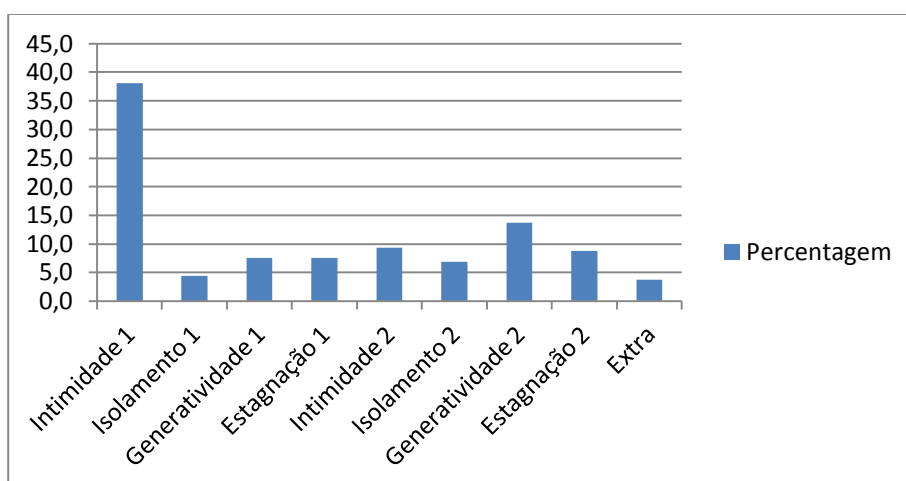
Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

Figura 16 – Cartão I Trabalho: Categoria 1ª Posição



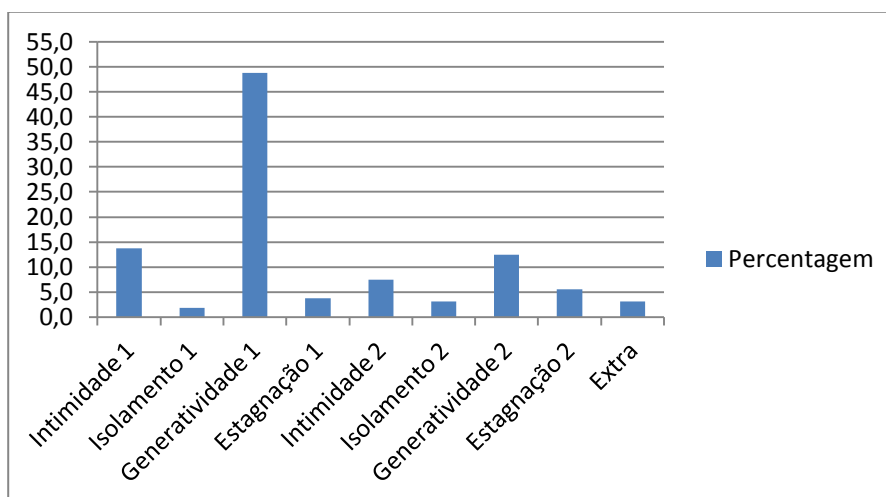
Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 1ª posição se situam entre os 32,5% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 2 (32,5%). A seguir surge Intimidade 1 (17,5%) e Estagnação 2 (11,9%). Entre 10% e 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Intimidade 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 2. Entre 5% e 1,3% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1, Generatividade 1 e Extra.

Figura 17 – Cartão I Trabalho: Categoria 2ª Posição



Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 2ª posição se situam entre os 38,1% e os 3,8%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (38,1%). Depois surge com uma percentagem bastante mais inferior Generatividade 2 (13,8%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2, Estagnação 2, Generatividade 1 e Estagnação 1 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 2. Abaixo dos 5% surgem Isolamento 1 e Extra.

Figura 18 – Cartão I Trabalho: Categoria 3ª Posição



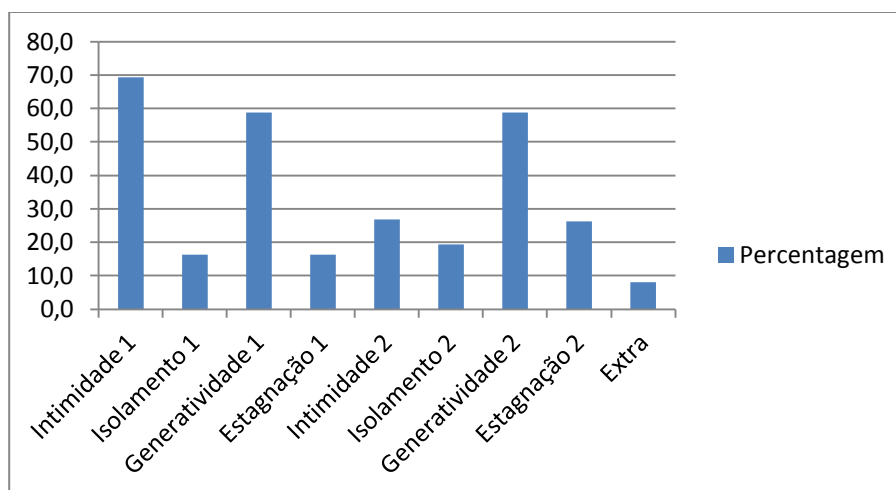
Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 3ª posição se situam entre os 48,8% e 3,1%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 1 (48,8%). Entre os 15% e os 10% surgem por ordem decrescente: Intimidade 1 e Generatividade 2. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Estagnação 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1, Isolamento 2 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 1.

A Generatividade 1 foi escolhida por 78 participantes. Tendo em conta as verbalizações (ver ponto 1.5.1.), verifica-se que em 53 verbalizações surge o seguinte conteúdo: sair do trabalho e socializar fora do trabalho com colegas/família. Isto significa que a Generatividade 1 foi frequentemente verbalizada como Intimidade 1 (ver mais abaixo em iii) as categorias das verbalizações).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 19 – Cartão I Trabalho: Categorias escolhidas na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 69,4% e os 8,1%. As categorias mais escolhidas são: Intimidade 1 (69,4%), a seguir Generatividade 1 e Generatividade 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem: 58,8%). Entre os 30% e os 25% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Estagnação 2. Entre os 20% e os 15% surgem por ordem decrescente: Isolamento 2, Isolamento 1 e Estagnação 1 (estas duas categorias com a mesma percentagem). Um pouco abaixo dos 10% surge a Extra.

iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as porcentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Antes de apresentar os resultados, importa referir dois pontos que se aplicam a todos os cartões.

Primeiro, como foi referido na grelha de análise⁶⁴, as verbalizações foram classificadas recorrendo às categorias, o que constituiu um trabalho não só exigente, como também moroso, dado que em cada protocolo há oito histórias e, sendo a amostra constituída por 160 pessoas, havia 1280 histórias para analisar. Fez-se uma análise aprofundada de todas as histórias, tendo como base a definição das categorias⁶⁵, as cenas escolhidas e os critérios apresentados na grelha de análise.

Segundo, na apresentação dos resultados referentes às categorias das verbalizações, optou-se por reduzir ou aumentar o número de verbalizações de modo a ficarem três em todas as histórias. Tal como foi referido na grelha de análise, algumas histórias tinham um número superior a três, outras tinham um número inferior a três. Acontece que em todos os cartões, como se indicará ao longo deste Estudo 1, esses casos não são a maioria. Esta situação, acrescentada ao facto de a apresentação com três verbalizações se tornar muito mais clara e ainda ao facto de se poder observar as diferenças entre as verbalizações e as categorias escolhidas, fizeram com que se tomasse a decisão de modificar as histórias que não tinham três verbalizações e redimensioná-las para três. A redução de verbalizações foi feita da seguinte forma: quando as categorias se repetiam suprimiu-se as que se repetiam; quando isso não acontecia procedeu-se a uma reanálise da história. No aumento de verbalizações, repetiu-se a categoria da última verbalização. Ainda que se perca informação importante com esta modificação, considera-se que as três razões apontadas justificam a decisão, trazendo mais ganhos do que perdas.

Especificamente no Cartão I Trabalho, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: três participantes: seis

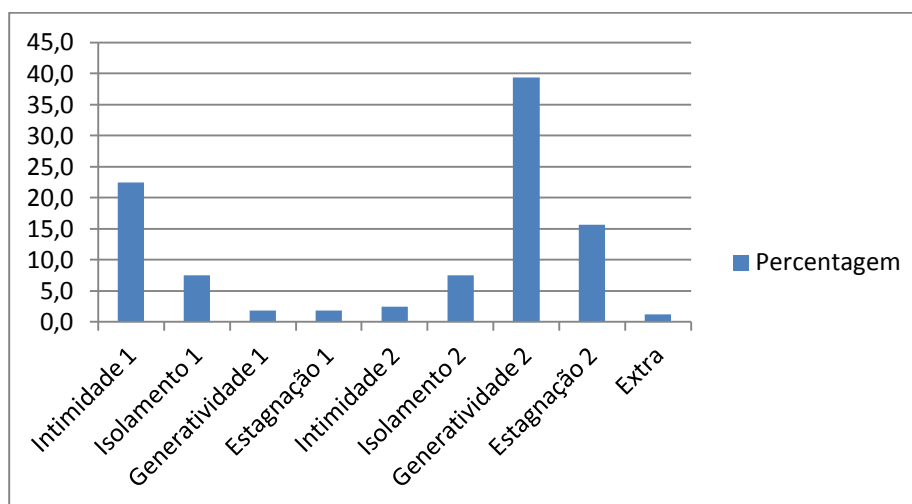
⁶⁴ Ver o ponto 5.1. do Capítulo 1 desta Segunda Parte.

⁶⁵ Ver o ponto 2.1. do Capítulo 1 desta Segunda Parte.

verbalizações; nove participantes: cinco verbalizações; 27 participantes: quatro verbalizações; oito participantes: duas verbalizações; um participante: uma verbalização.

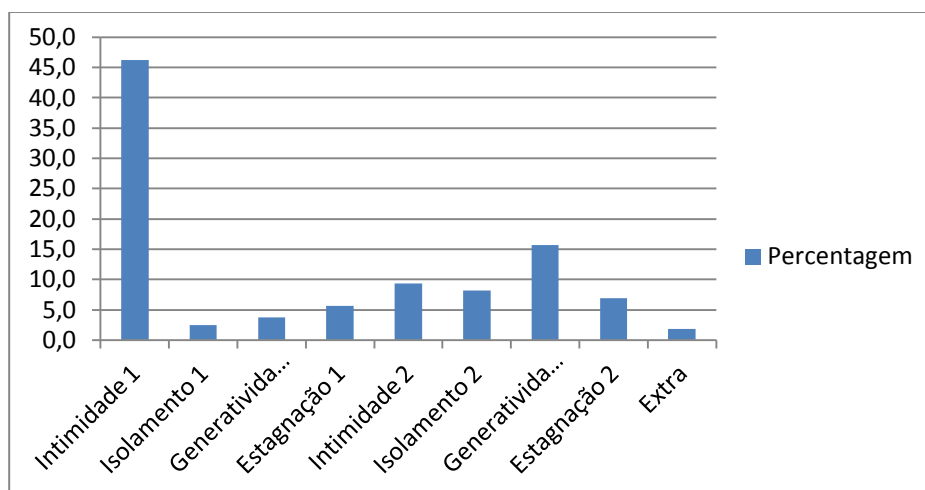
Passa-se de seguida a apresentar as percentagens das categorias das verbalizações.

Figura 20 – Cartão I Trabalho: Categorias da 1ª verbalização



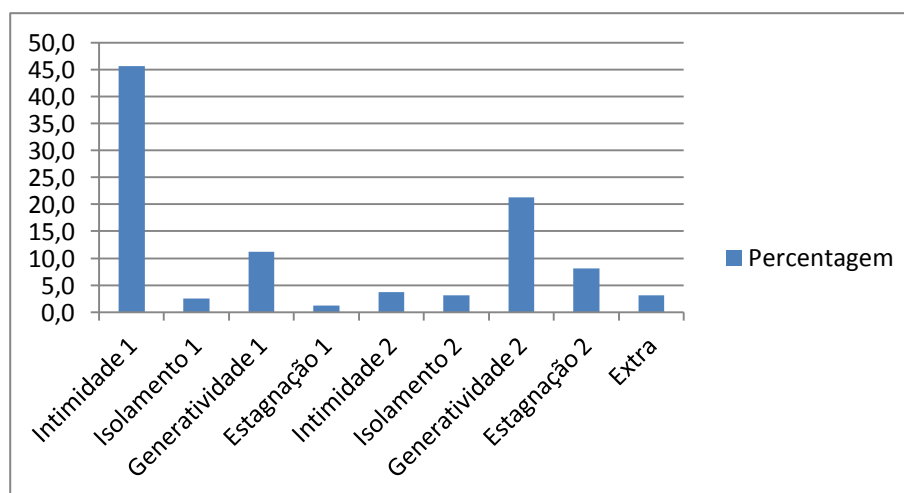
Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 39,4% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 2 (39,4%). Depois surgem Intimidade 1 (22,5%) e Estagnação 2 (15,6%). Abaixo dos 10% surgem com a mesma percentagem Isolamento 1 e Isolamento 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Intimidade 2, Generatividade 1 e Estagnação 1 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Extra.

Figura 21 – Cartão I Trabalho: Categorias da 2ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 46,3% e os 1,9%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (46,3%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Generatividade 2 (15,6%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2, Isolamento 2, Estagnação 2, Estagnação 1. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Generatividade 1, Isolamento 1, Extra.

Figura 22 – Cartão I Trabalho: Categorias da 3ª verbalização



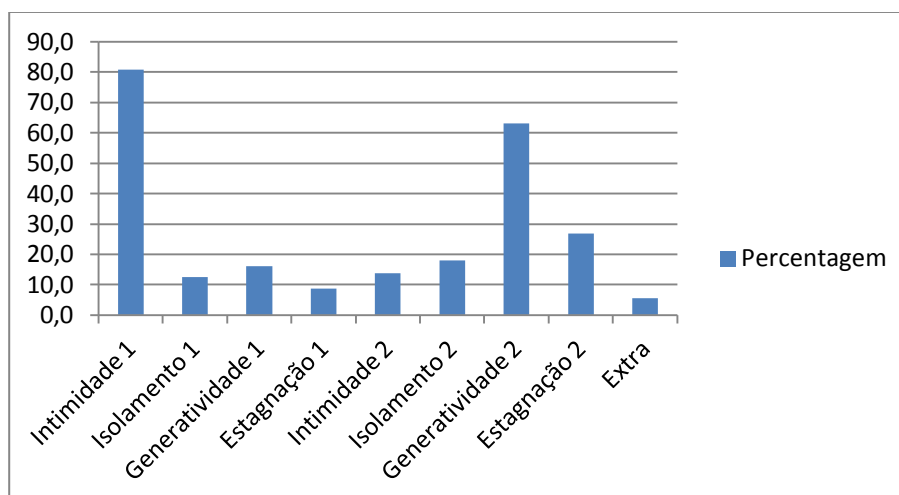
Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 45,6% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (45,6%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Generatividade 2 (21,3%), seguida da Generatividade 1 e da Estagnação 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Intimidade 2, Isolamento 2 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 1, Estagnação 1.

iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, importa referir que há histórias em que há repetição de categorias, mesmo depois da redução para três verbalizações. Indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 50 repetições; Generatividade 1: uma repetição; Intimidade 2: três; Isolamento 2: uma; Generatividade 2: 20; Estagnação 2: cinco; Extra: uma. Esclareça-se que 10 repetições são consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três. Na apresentação das percentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão (independentemente da posição que ocupam), optou-se por somar todas as ocorrências.

Figura 23 – Cartão I Trabalho: Categorias das verbalizações na globalidade

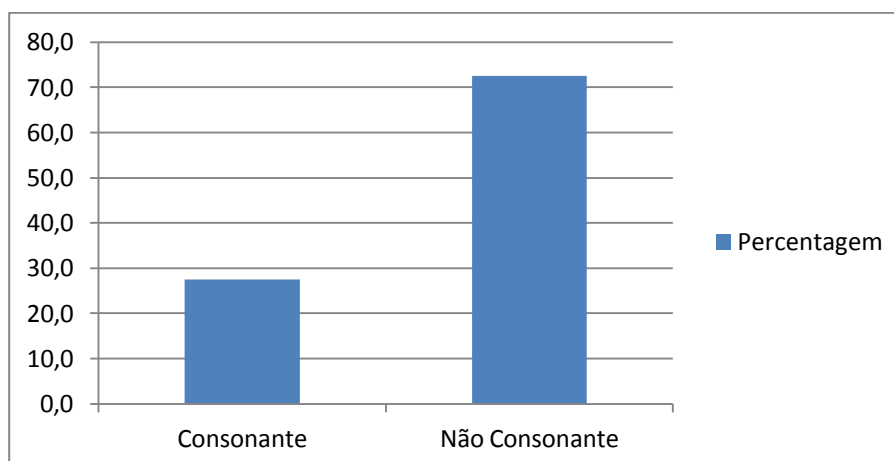


Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 80,7% e os 5,6%. As duas categorias mais verbalizadas são Intimidade 1 (80,7%) e Generatividade 2 (63,1%). Em terceiro lugar com uma porcentagem bastante mais inferior surge Estagnação 2 (26,9%). Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 2, Generatividade 1, Intimidade 2 e Isolamento 1. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1 e Extra.

v) Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Apresentam-se aqui as porcentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

Figura 24 – Cartão I Trabalho: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A percentagem das histórias não consonantes (72,5%) é muito mais elevada do que a das consonantes (27,5%).

Frequentemente as verbalizações estão adequadas à representação gráfica das cenas (ver ponto 1.5.1.), porém é acrescentado um novo conteúdo que conduz a uma categorização da verbalização diferente da categoria escolhida. No caso do Cartão I Trabalho, isso surge frequentemente com a categoria Generatividade 1 que é alterada para Intimidade 1, o que se pode verificar nas percentagens das verbalizações indicadas anteriormente.

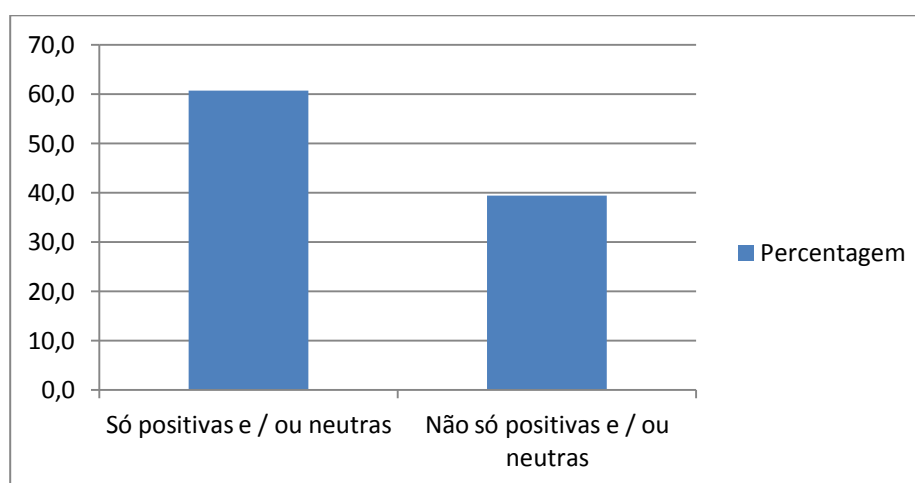
vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Apenas 5% das sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras. Este resultado deve ser visto em conjunto com os dados sobre a existência de conflito nas histórias (ver viii mais abaixo).

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as percentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 25 – Cartão I Trabalho: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

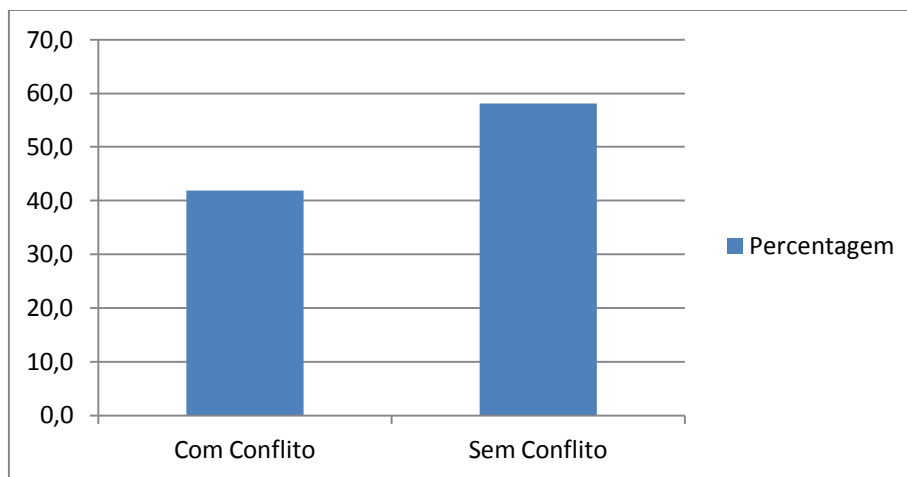


Verifica-se que 60,6% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 39,4% não são. Estes resultados também devem ser vistos em conjunto com os dados sobre a existência de conflito nas histórias (ver viii) já de seguida).

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 26 – Cartão I Trabalho: Histórias com conflito e sem conflito

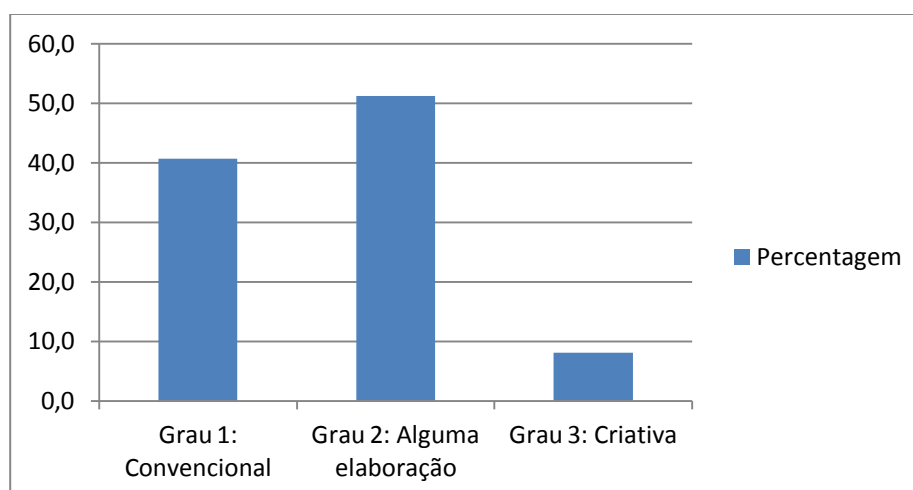


Ainda que haja mais histórias sem conflito (58,1%), a percentagem com conflito é elevada (41,9%). É nas histórias com conflito que surgem tanto sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras como sequências que não são exclusivamente positivas e neutras.

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 27 – Cartão I Trabalho: Grau das histórias



Mais de metade das histórias é Grau 2 (51,3%); acrescentando a percentagem das histórias Grau 3 (8,1%), fica-se com 59,4% de histórias que estão para lá da convencionalidade, mostrando envolvimento emocional por parte dos participantes. Este envolvimento não surge nas histórias Grau 1 (40,6%).

x) Grau das histórias e Conflito.

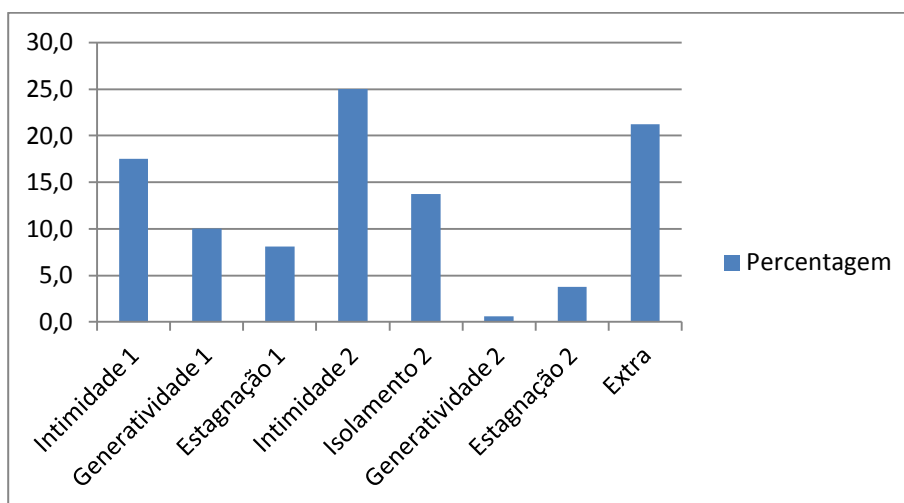
A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 31.562$, $p = .000$). Há 60% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 15,4% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.4. Cartão II Fim de semana.

i) Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

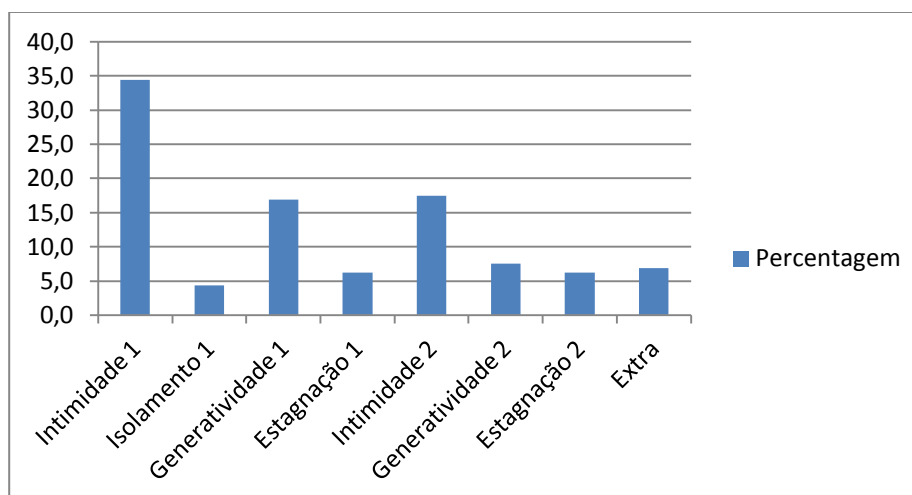
Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

Figura 28 – Cartão II Fim de semana: Categoria 1ª Posição



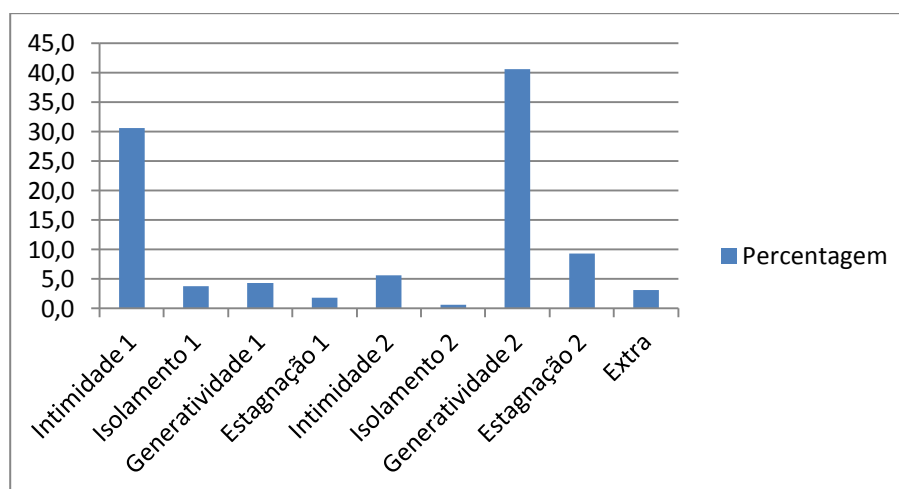
A categoria Isolamento 1 não foi escolhida na 1ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 25% e os 0,6%. As categorias mais escolhidas são Intimidade 2 (25%), Extra (21,3%) e Intimidade 1 (17,5%). Entre os 15% e os 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 2 e Generatividade 1. Abaixo dos 10% surge Estagnação 1. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Estagnação 2 e Generatividade 2.

Figura 29 – Cartão II Fim de semana: Categoria 2ª Posição



A categoria Isolamento 2 não foi escolhida na 2ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 34,4% e os 4,4%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (34,4%). Entre os 20% e os 15% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Generatividade 1. Entre 10% e 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 2, Extra, Estagnação 1 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem). Abaixo dos 5% surge Isolamento 1.

Figura 30 – Cartão II Fim de semana: Categoria 3ª Posição



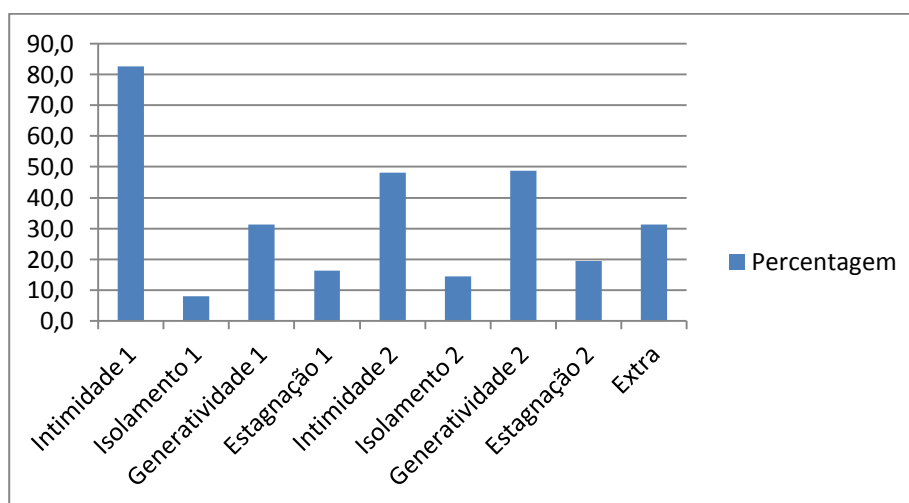
Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 3ª posição se situam entre os 40,6% e os 0,6%. As categorias mais escolhidas são Generatividade 2 (40,6%) e Intimidade 1 (30,6%). Todas as outras estão abaixo dos 10%. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Estagnação 2 e Intimidade 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 1, Isolamento 1, Extra, Estagnação 1 e Isolamento 2.

A Generatividade 2 foi escolhida por 65 participantes, ainda que 46 verbalizem de facto Generatividade 2 e 19 não o façam – por esta razão a Generatividade 2 não é a 3ª verbalização mais frequente (ver mais abaixo iii).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 31 – Cartão II Fim de semana: Categorias escolhidas na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 82,5% e os 8,1%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (82,5%). Depois as duas categorias mais escolhidas são: Generatividade 2 (48,8%) e Intimidade 2 (48,1%). Um pouco acima dos 30% surgem com a mesma percentagem Generatividade 1 e Extra. Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Estagnação 2, Estagnação 1 e Isolamento 2. Abaixo dos 10% surge Isolamento 1.

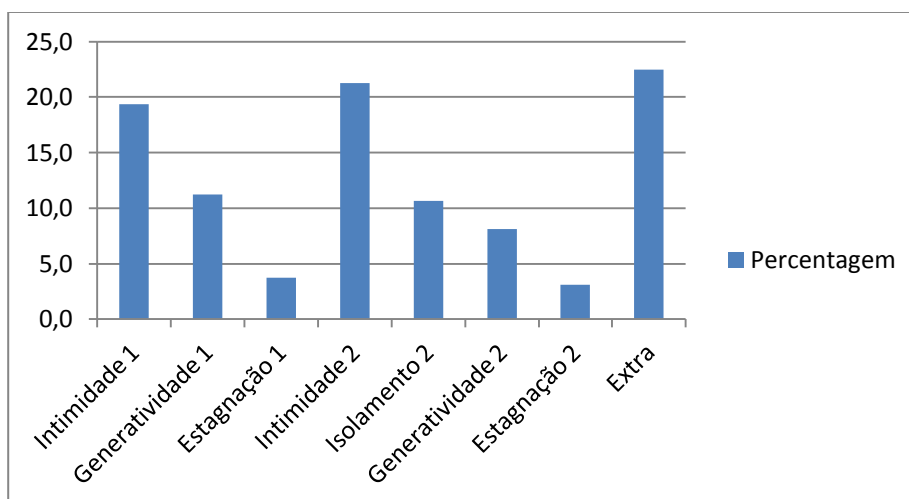
iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

No Cartão II Fim de semana, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: oito participantes: seis verbalizações; oito participantes: cinco verbalizações; 17 participantes: quatro verbalizações; sete participantes: duas verbalizações; dois participantes: uma verbalização.

Passa-se de seguida a apresentar as percentagens das categorias das verbalizações.

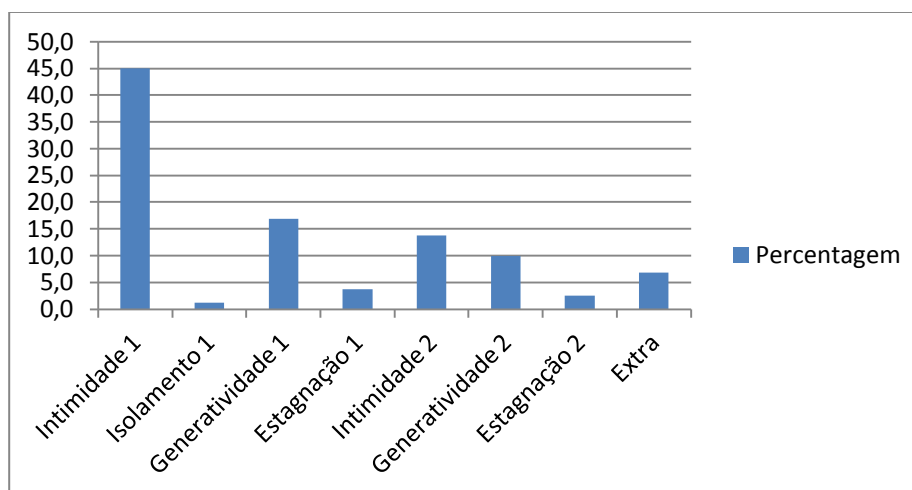
Figura 32 – Cartão II Fim de semana: Categorias da 1ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Isolamento 1. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 22,5% e os 3,1%. As categorias mais verbalizadas são Extra (22,5%), Intimidade 2 (21,3%) e Intimidade 1 (19,4%). Entre os 15% e os 10% surgem por ordem decrescente: Generatividade 1 e Isolamento 2. Abaixo dos 10% surge Generatividade 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1 e Estagnação 2.

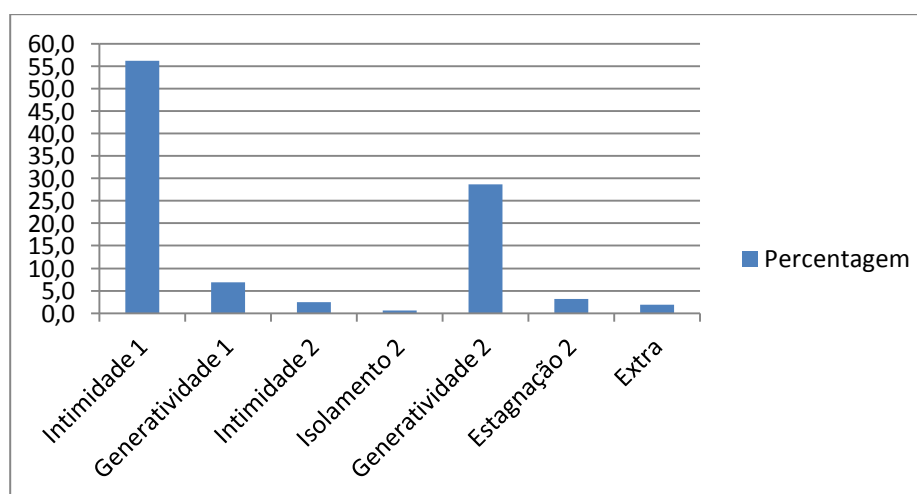
A percentagem mais elevada da Extra explica-se pelo facto de muitas histórias iniciarem precisamente com uma verbalização que se enquadrava nessa categoria, mesmo que a cena/categoria não tivesse sido escolhida.

Figura 33 – Cartão II Fim de semana: Categorias da 2ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Isolamento 2. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 45% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (45%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Generatividade 1 (16,9%), seguida da Intimidade 2 (13,8%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 2 e Extra. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Estagnação 1, Estagnação 2 e Isolamento 1.

Figura 34 – Cartão II Fim de semana: Categorias da 3ª verbalização



Há duas categorias que não são verbalizadas: Isolamento 1 e Estagnação 1. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 56,3% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (56,3%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Generatividade 2 (28,8%). Abaixo dos 10% surge a Generatividade 1. Todas as outras categorias estão abaixo dos 5%; por ordem decrescente: Estagnação 2, Intimidade 2, Extra e Isolamento 2.

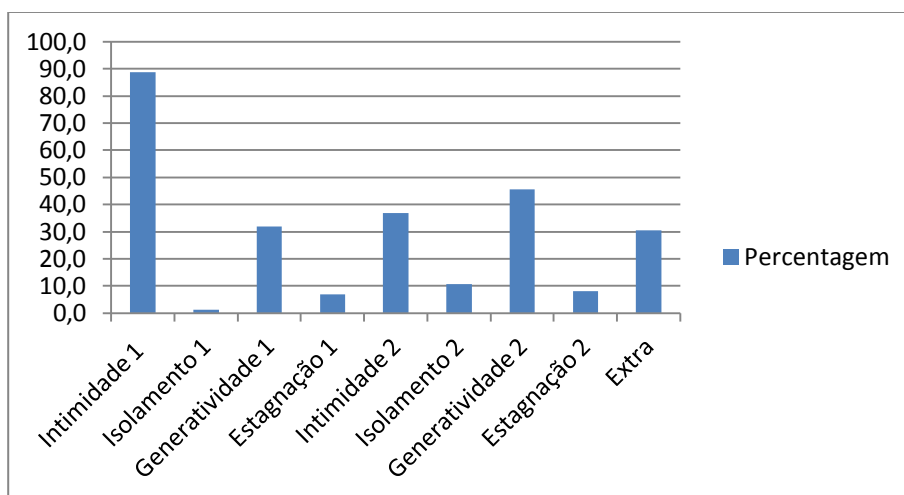
Comparando com as categorias escolhidas, conclui-se que a Generatividade 2 foi frequentemente alterada para Intimidade 1.

iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 44 repetições; Generatividade 1: cinco repetições; Estagnação 1: uma; Intimidade 2: uma; Isolamento 2: uma; Generatividade 2: duas; Estagnação 2: uma; Extra: uma. Há 11 repetições que foram consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três.

Figura 35 – Cartão II Fim de semana: Categorias das verbalizações na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 88,8% e os 1,3%. A categoria verbalizada que se destaca é a Intimidade 1 (88,8%). Segue-se depois Generatividade 2 (45,7%), Intimidade 2 (36,9%), Generatividade 1 (31,9%) e Extra (30,6%). Com um pouco mais de 10% surge Isolamento 2. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Estagnação 2, Estagnação 1 e Isolamento 1.

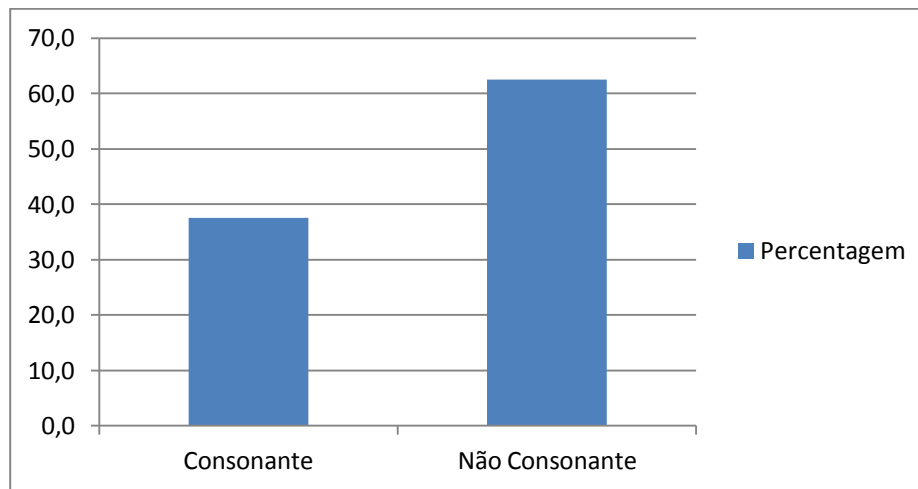
Importa referir que a categoria Estagnação 2 é frequentemente alterada para Generatividade 2 (essa alteração surge em 28 verbalizações)⁶⁶, o que explica a percentagem elevada desta categoria.

v) Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

⁶⁶ Ver ponto 1.5.1.

Figura 36 – Cartão II Fim de semana: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A porcentagem das histórias não consonantes (62,5%) é mais elevada do que a das consonantes (37,5%). No Cartão II Fim de semana, a categoria Generatividade 2 é frequentemente alterada para Intimidade 1; a categoria Estagnação 2 é frequentemente alterada para Generatividade 2. Isto mesmo foi sendo assinalado anteriormente na apresentação dos resultados relativos às categorias escolhidas e às categorias das verbalizações.

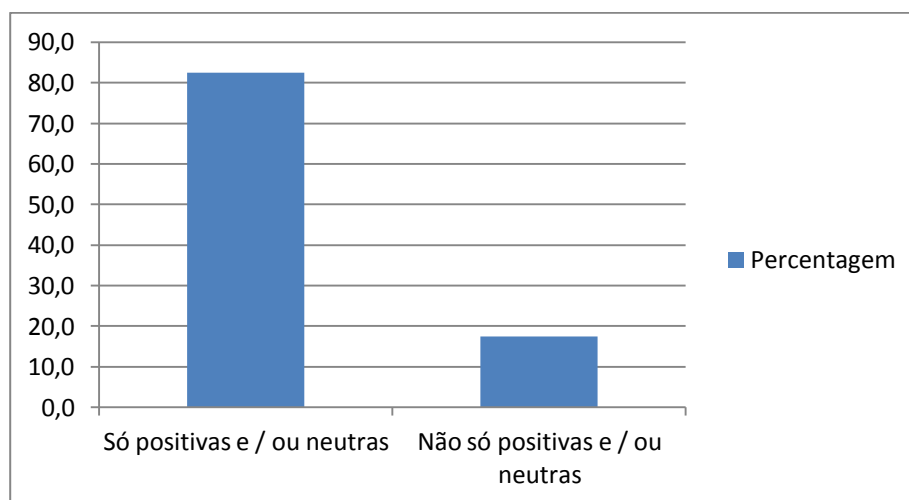
vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Apenas 1,3% das sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras.

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as porcentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 37 – Cartão II Fim de semana: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

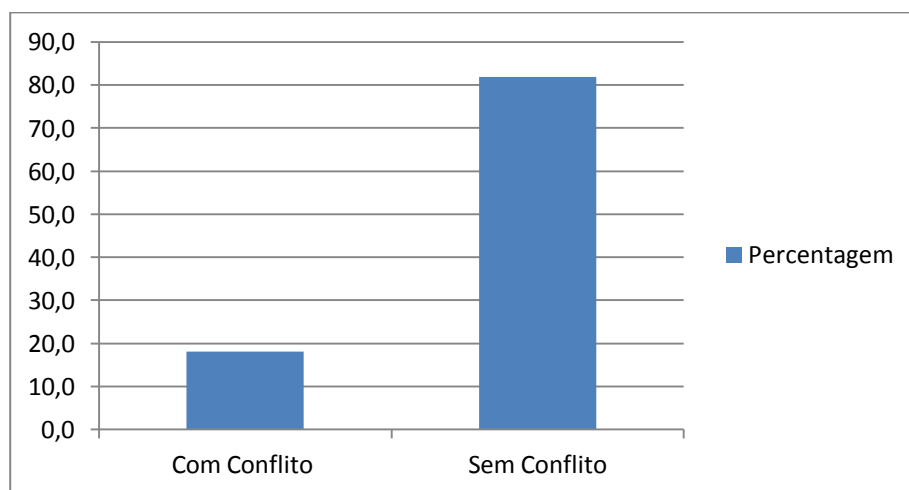


Verifica-se que 82,5% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 17,5% não são.

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 38 – Cartão II Fim de semana: Histórias com conflito e sem conflito

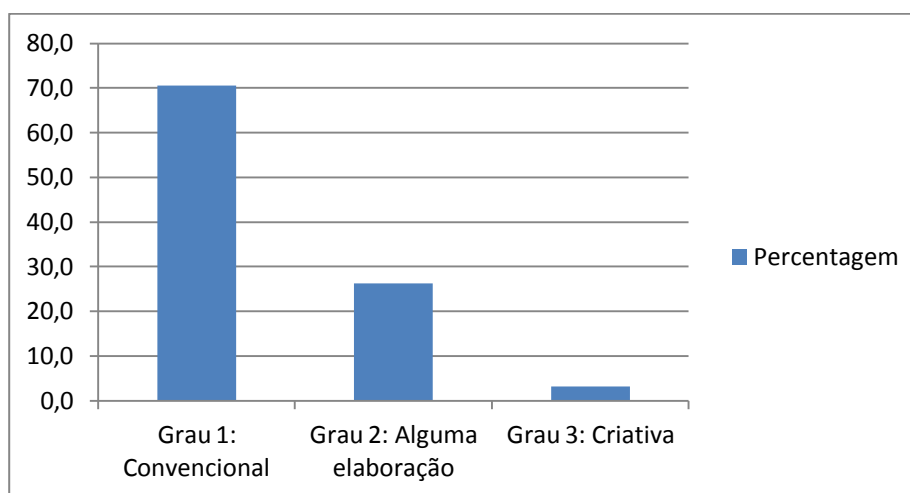


Ainda que haja muitas mais histórias sem conflito (81,9%), há algumas com conflito (18,1%).

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 39 – Cartão II Fim de semana: Grau das histórias



No Cartão II Fim de semana, a maior parte das histórias são convencionais (70,6%). As histórias Grau 2 situam-se nos 26,3% e as Grau 3 nos 3,1%.

x) Grau das histórias e Conflito.

A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que

contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 36.896$, $p = .000$). Há 46,8% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 6,2% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.4.1. Cartão II Fim de semana: Diferenças significativas entre sexos.

No Cartão II Fim de semana, foram encontradas algumas diferenças estatisticamente significativas.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Estagnação 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 2. Os resultados sugerem que os homens tendem a escolher mais Estagnação 2 do que as mulheres ($\chi^2 = 6.762$, $p = .009$). Há 27,5% de homens contra 11,3% de mulheres que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo masculino e escolher Estagnação 2 (e inversamente).

Extra

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Extra. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Extra do que os homens ($\chi^2 = 5.702$, $p = .017$). Há 40% de mulheres contra 22,5% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Extra (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização da categoria Generatividade 1. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Generatividade 1 do que os homens ($\chi^2 = 6.476$, $p = .011$). Há 41,3% de mulheres contra 22,5% de homens que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e verbalizar Generatividade 1 (e inversamente).

Estagnação 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 2. Com base no Teste de Fisher, os resultados sugerem que os homens tendem a verbalizar mais Estagnação 2 do que as mulheres ($p = .002$). Há 15% de homens contra 1,3% de mulheres que apresentam essa

verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo masculino e verbalizar Estagnação 2 (e inversamente).

Extra

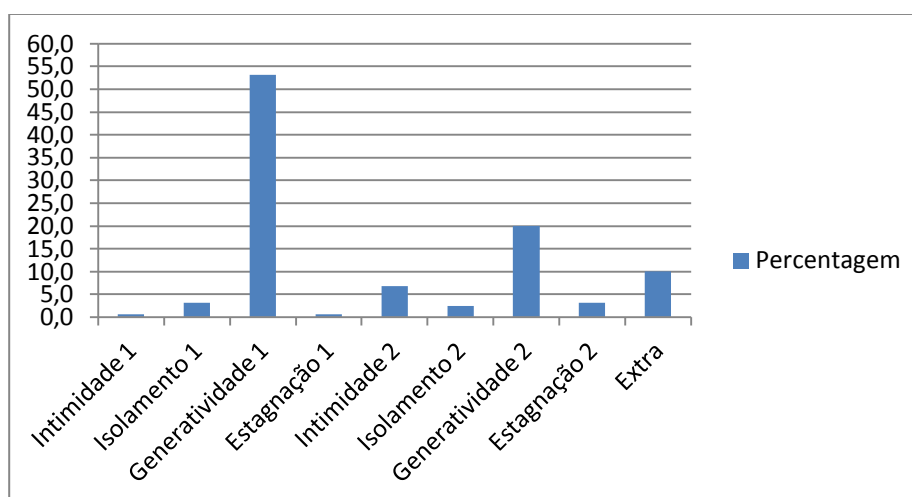
A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização da categoria Extra. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Extra do que os homens ($\chi^2 = 4.972, p = .026$). Há 38,8% de mulheres contra 22,5% de homens que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e verbalizar Extra (e inversamente).

1.5.5. Cartão III Sexualidade.

i) Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

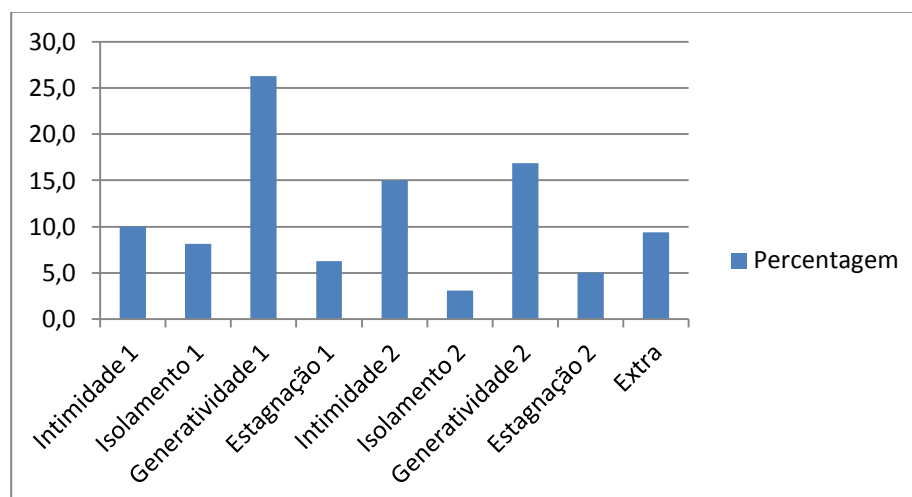
Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

Figura 40 – Cartão III Sexualidade: Categoria 1ª Posição



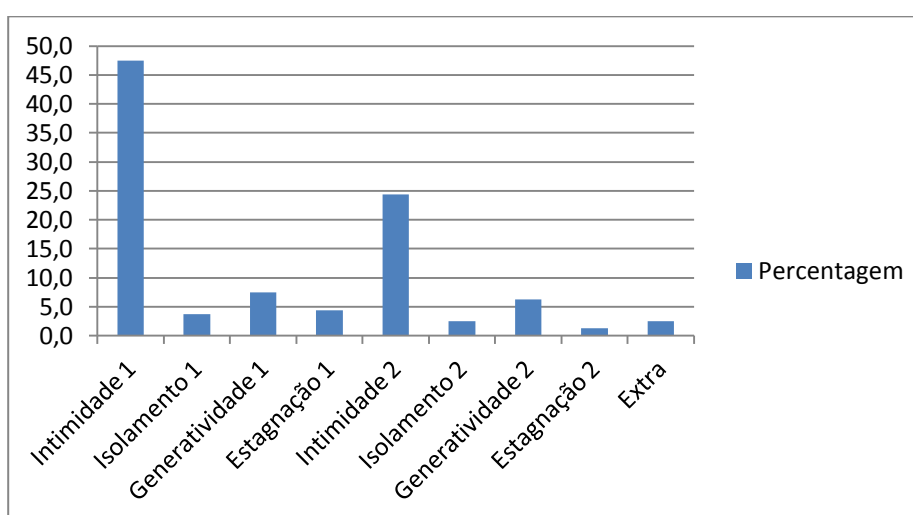
Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 1ª posição se situam entre os 53,1% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 1 (53,1%). Com uma percentagem muito inferior surge Generatividade 2 (20%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Extra e Intimidade 2. Todas as outras estão abaixo dos 5%; por ordem decrescente: Isolamento 1 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 2, Intimidade 1 e Estagnação 1 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

Figura 41 – Cartão III Sexualidade: Categoria 2ª Posição



Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 2ª posição se situam entre os 26,3% e os 3,1%. As categorias mais escolhidas são Generatividade 1 (26,3%), seguida da Generatividade 2 (16,9%) e da Intimidade 2 (15%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 1, Extra, Isolamento 1, Estagnação 1 e Estagnação 2. Abaixo dos 5% surge Isolamento 2.

Figura 42 – Cartão III Sexualidade: Categoria 3ª Posição

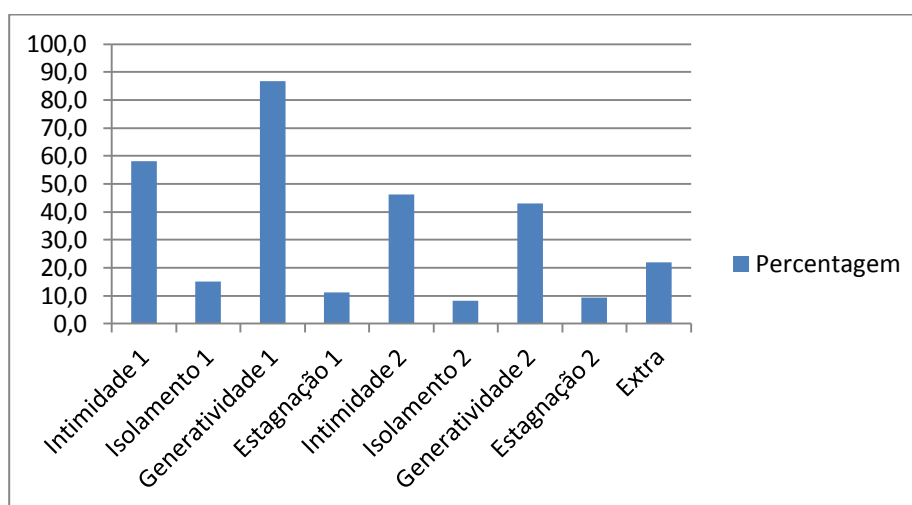


Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 3ª posição se situam entre os 47,5% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (47,5%). Depois surge com uma percentagem muito inferior Intimidade 2 (24,4%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 1 e Generatividade 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1, Isolamento 1, Isolamento 2 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem), Estagnação 2.

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 43 – Cartão III Sexualidade: Categorias escolhidas na globalidade



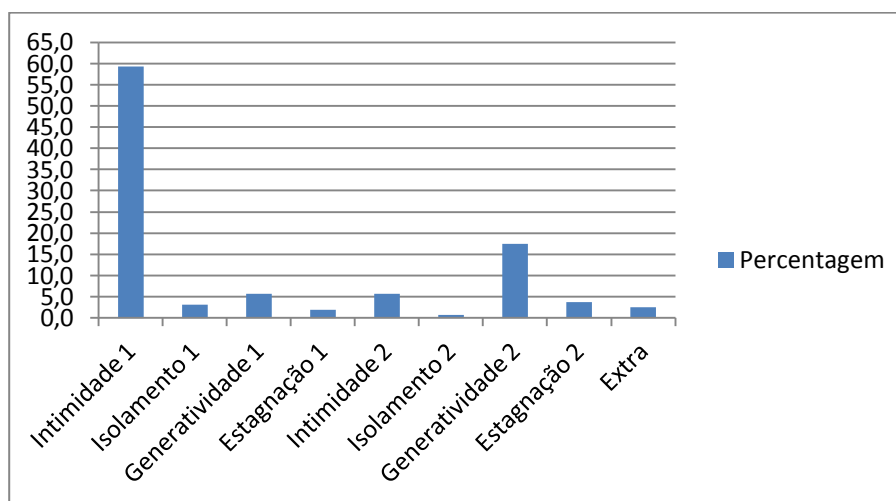
Independentemente da posição na sequência, as percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 86,9% e os 8,1%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 1 (86,9%). Depois as três categorias mais escolhidas são: Intimidade 1 (58,1%), Intimidade 2 (46,3%) e Generatividade 2 (43,1%). Um pouco acima dos 20% surge a Extra. Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Estagnação 1. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Estagnação 2 e Isolamento 2.

iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

No Cartão III Sexualidade, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: quatro participantes: seis verbalizações; cinco participantes: cinco verbalizações; 34 participantes: quatro verbalizações; 19 participantes: duas verbalizações; oito participantes: uma verbalização.

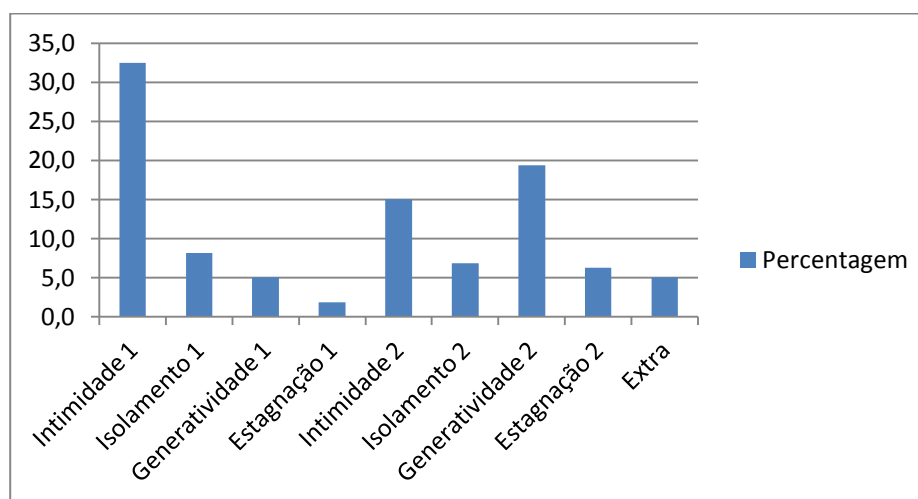
Figura 44 – Cartão III Sexualidade: Categorias da 1ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 59,4% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (59,4%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Generatividade 2 (17,5%). Um pouco acima dos 5% surgem, com a mesma percentagem, Generatividade 1 e Intimidade 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Estagnação 2, Isolamento 1, Extra, Estagnação 1 e Isolamento 2.

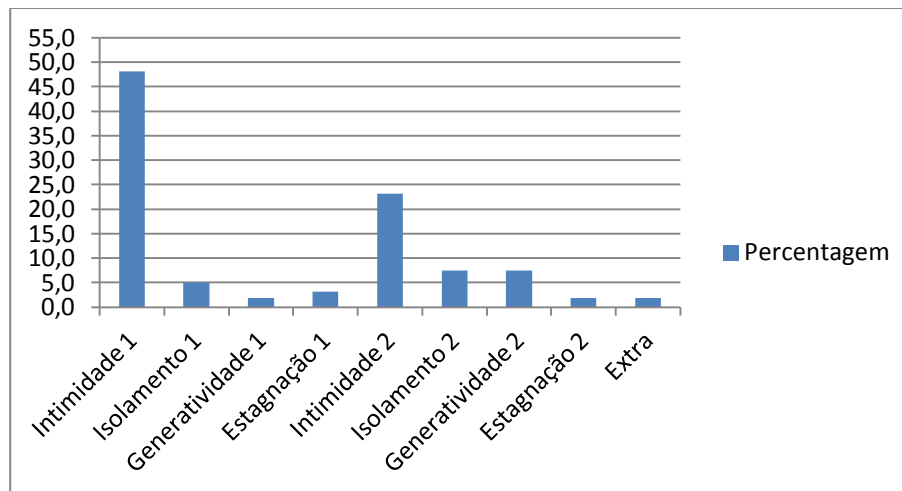
Enquanto a categoria verbalizada que se destaca é a Intimidade 1 (59,4%), a categoria mais escolhida foi a Generatividade 1 (53,1%), isto significa que a Generatividade 1 foi frequentemente alterada para Intimidade 1.

Figura 45 – Cartão III Sexualidade: Categorias da 2ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 32,5% e os 1,9%. As categorias mais verbalizadas são: Intimidade 1 (32,5%), Generatividade 2 (19,4%) e Intimidade 2 (15%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1, Isolamento 2, Estagnação 2, Generatividade 1 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem). Abaixo dos 5% surge Estagnação 1.

Figura 46 – Cartão III Sexualidade: Categorias da 3ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as porcentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 48,1% e os 1,9%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (48,1%). Depois surge, com uma porcentagem muito menor, Intimidade 2 (23,1%). Abaixo dos 10% surgem Isolamento 2 e Generatividade 2 com a mesma porcentagem. Com 5% surge Isolamento 1. Abaixo dos 5% surgem, por ordem decrescente, Estagnação 1, depois com a mesma porcentagem: Generatividade 1, Estagnação 2 e Extra.

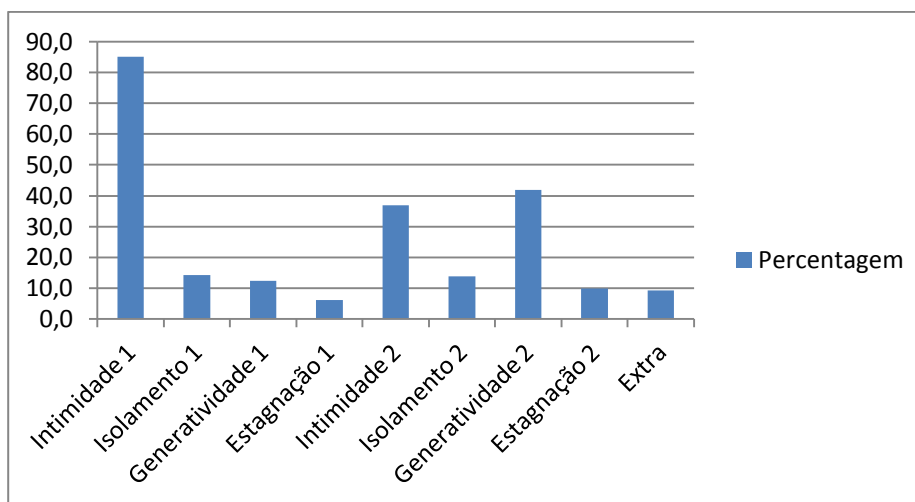
iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as porcentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 72 repetições; Isolamento 1: duas repetições; Estagnação 1: uma; Intimidade 2: 10; Isolamento 2: duas; Generatividade 2: quatro; Estagnação 2: três. Há 35 repetições que

foram consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três.

Figura 47 – Cartão III Sexualidade: Categorias das verbalizações na globalidade

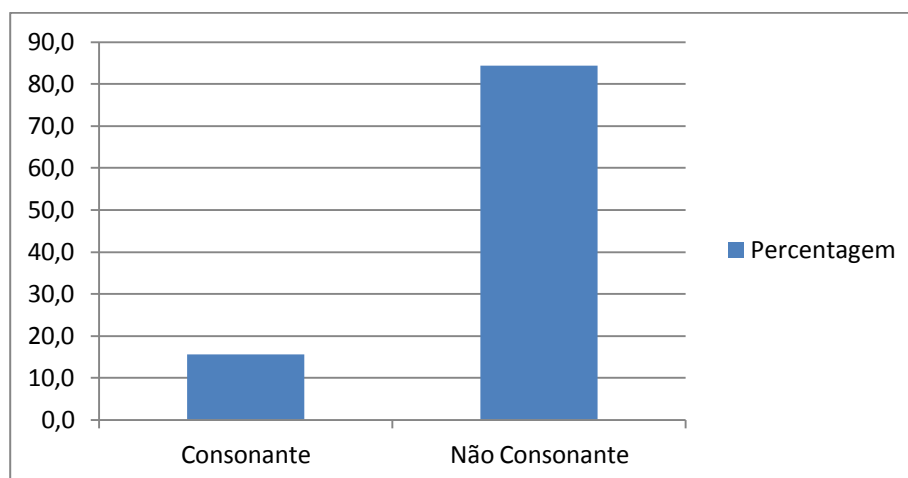


Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 85% e os 6,2%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (85%). Segue-se depois, com porcentagens muito inferiores, Generatividade 2 (41,9%) e Intimidade 2 (36,8%). Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1, Isolamento 2, Generatividade 1 e Estagnação 2. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Extra e Estagnação 1.

v) Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Apresentam-se aqui as porcentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

Figura 48 – Cartão III Sexualidade: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A percentagem das histórias não consonantes (84,4%) é muito mais elevada do que a das consonantes (15,6%). A principal razão é a modificação da categoria Generatividade 1 para Intimidade 1. Isto mesmo foi assinalado anteriormente na apresentação dos resultados relativos às categorias das verbalizações.

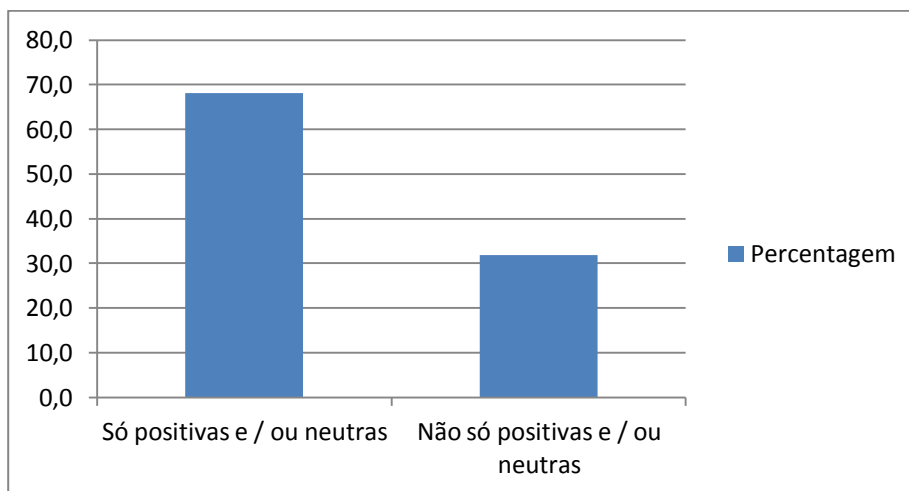
vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Apenas 3,8% de sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras.

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as percentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 49 – Cartão III Sexualidade: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

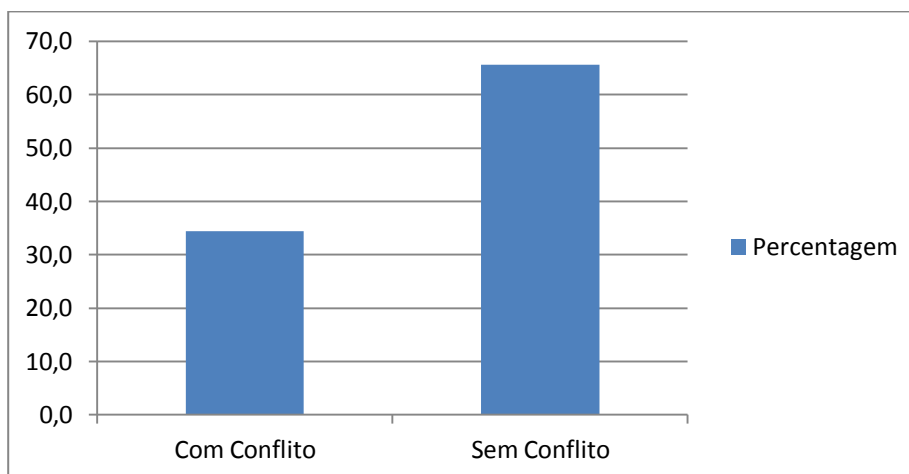


Verifica-se que 68,1% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 31,9% não são.

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as porcentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 50 – Cartão III Sexualidade: Histórias com conflito e sem conflito

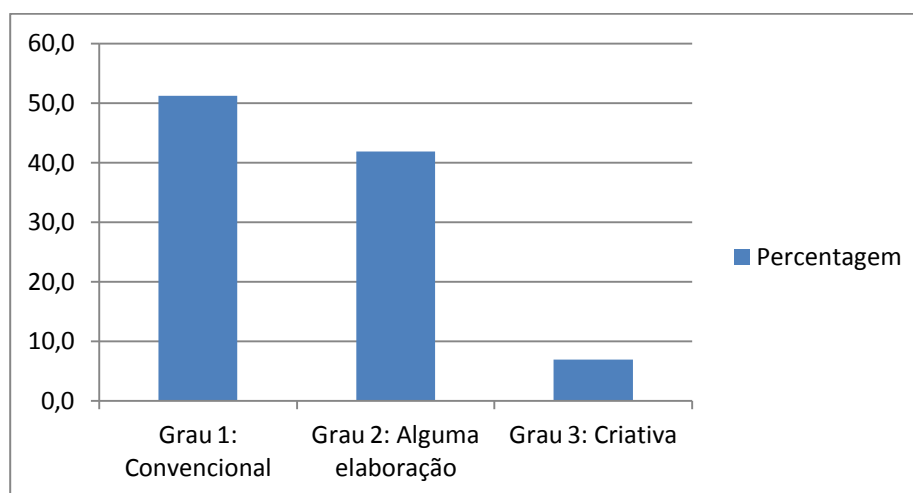


Ainda que haja mais histórias sem conflito (65,6%), em mais de um terço há histórias com conflito (34,4%).

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 51 – Cartão III Sexualidade: Grau das histórias



Histórias convencionais correspondem a pouco mais de metade (51,3%). A outra parte é Grau 2 (41,9%) e Grau 3 (6,9%), ambos os graus revelando envolvimento emocional.

x) Grau das histórias e Conflito.

A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 59.622, p = .000$). Há 64,1% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 6,1% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.5.1. Cartão III Sexualidade: Diferenças significativas entre sexos.

No Cartão III Sexualidade, foram encontradas algumas diferenças estatisticamente significativas.

i) Categorias escolhidas na primeira e segunda posição da sequência.

Generatividade 1 na 1ª posição

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 1 na 1ª posição. Os resultados sugerem que os homens tendem a escolher mais Generatividade 1 na 1ª posição do que as mulheres ($\chi^2 = 7.253, p = .007$). Há 63,8% de homens contra 42,5% de mulheres que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de

uma relação entre sexo masculino e escolher Generatividade 1 na 1ª posição (e inversamente).

Generatividade 2 na 1ª posição

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2 na 1ª posição. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Generatividade 2 na 1ª posição do que os homens ($\chi^2 = 7.656, p = .006$). Há 28,8% de mulheres contra 11,3% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Generatividade 2 na 1ª posição (e inversamente).

Generatividade 1 na 2ª posição

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 1 na 2ª posição. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Generatividade 1 na 2ª posição do que os homens ($\chi^2 = 8.265, p = .004$). Há 36,3% de mulheres contra 16,3% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Generatividade 1 na 2ª posição (e inversamente).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 2. Os resultados sugerem que os homens tendem a escolher mais Intimidade 2 do que as mulheres ($\chi^2 = 6.436, p = .011$). Há 56,3% de homens contra 36,3% de mulheres que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo masculino e escolher Intimidade 2 (e inversamente).

Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Generatividade 2 do que os homens ($\chi^2 = 4.306, p = .038$). Há 51,3% de mulheres contra 35% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Generatividade 2 (e inversamente).

iii) Categorias da primeira verbalização.

Generatividade 2 na 1ª verbalização

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da categoria Generatividade 2 na 1ª verbalização. Os resultados

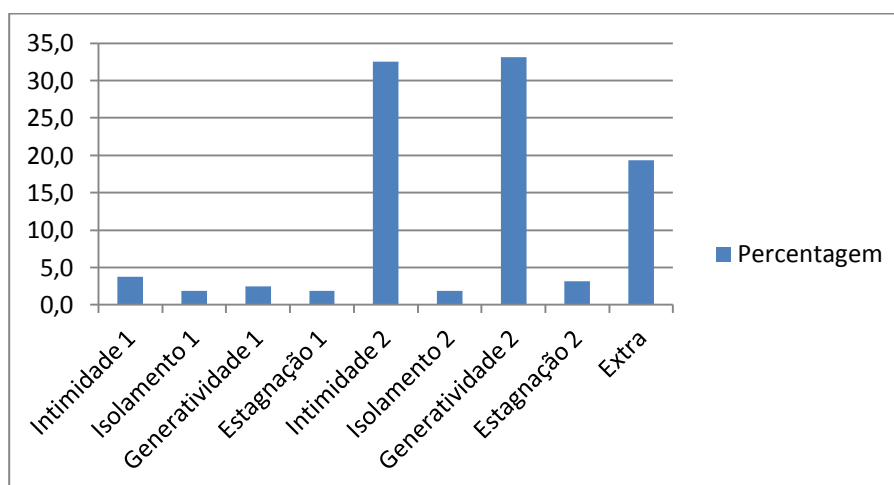
sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Generatividade 2 na 1ª verbalização do que os homens ($\chi^2 = 6.234, p = .013$). Há 25% de mulheres contra 10% de homens que apresentam essa categoria na 1ª verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e apresentar Generatividade 2 na 1ª verbalização (e inversamente).

1.5.6. Cartão IV Aniversário.

i) **Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.**

Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

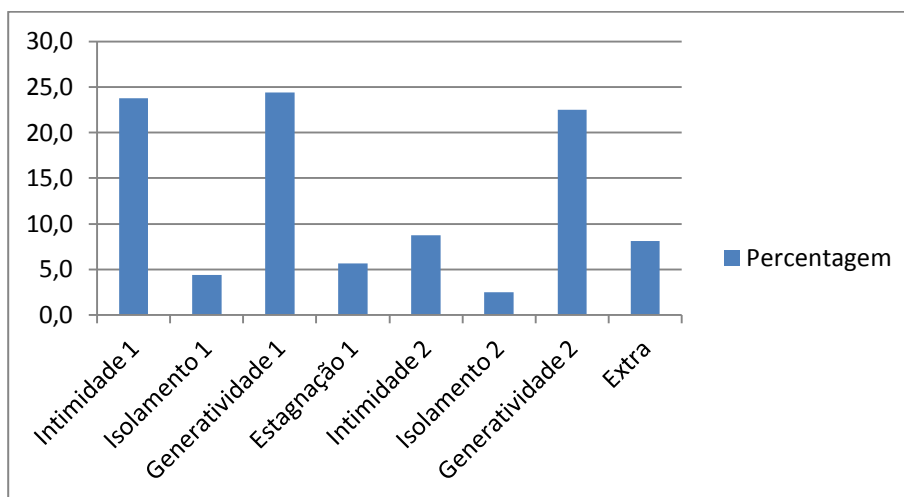
Figura 52 – Cartão IV Aniversário: Categoria 1ª Posição



Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 1ª posição se situam entre os 33,1% e os 1,9%. As categorias mais

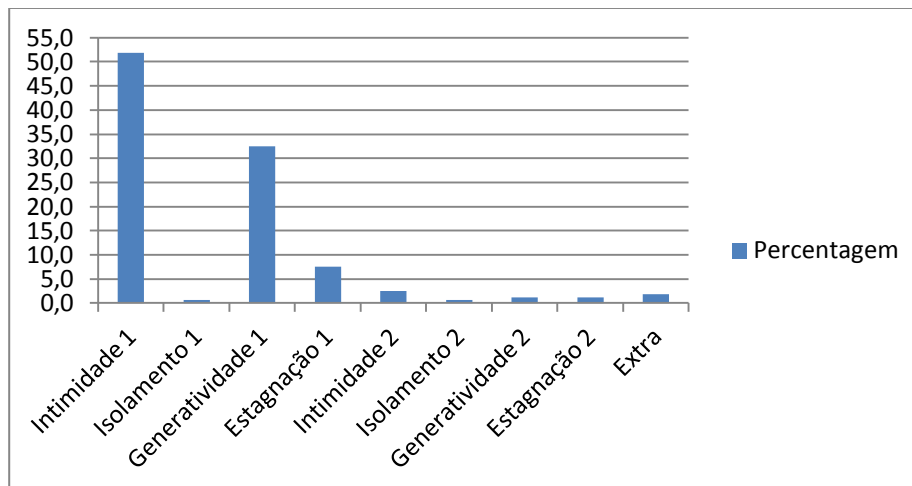
escolhidas, com uma percentagem muito semelhante, são Generatividade 2 (33,1%) e Intimidade 2 (32,5%). Em terceiro lugar, com uma percentagem inferior, surge a Extra (19,4%). Todas as outras categorias estão abaixo dos 5%; assim, por ordem decrescente, Intimidade 1, Estagnação 2, Generatividade 1, depois com a mesma percentagem: Isolamento 1, Estagnação 1 e Isolamento 2.

Figura 53 – Cartão IV Aniversário: Categoria 2ª Posição



A categoria Estagnação 2 não foi escolhida na 2ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 24,4% e os 2,5%. As três categorias mais escolhidas, com percentagens similares, são Generatividade 1 (24,4%), Intimidade 1 (23,8%) e Generatividade 2 (22,5%). Todas as outras estão abaixo dos 10%. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2, Extra e Estagnação 1. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Isolamento 2.

Figura 54 – Cartão IV Aniversário: Categoria 3ª Posição

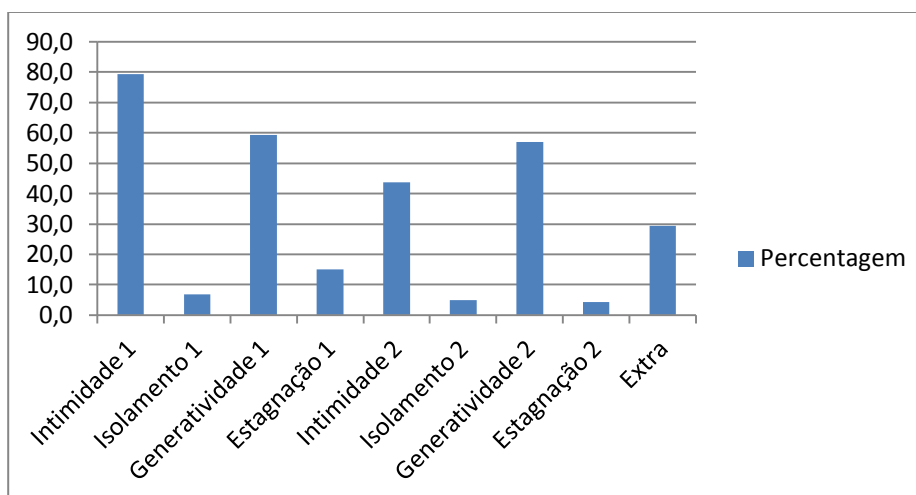


Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as porcentagens das categorias escolhidas na 3ª posição se situam entre os 51,9% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (51,9%). Depois surge com uma porcentagem mais inferior Generatividade 1 (32,5%). Entre os 10% e os 5% surge Estagnação 1. Todas as outras estão abaixo dos 5%; assim, por ordem decrescente: Intimidade 2, Extra, Generatividade 2 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma porcentagem), Isolamento 1 e Isolamento 2 (estas duas categorias com a mesma porcentagem).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as porcentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 55 – Cartão IV Aniversário: Categorias escolhidas na globalidade



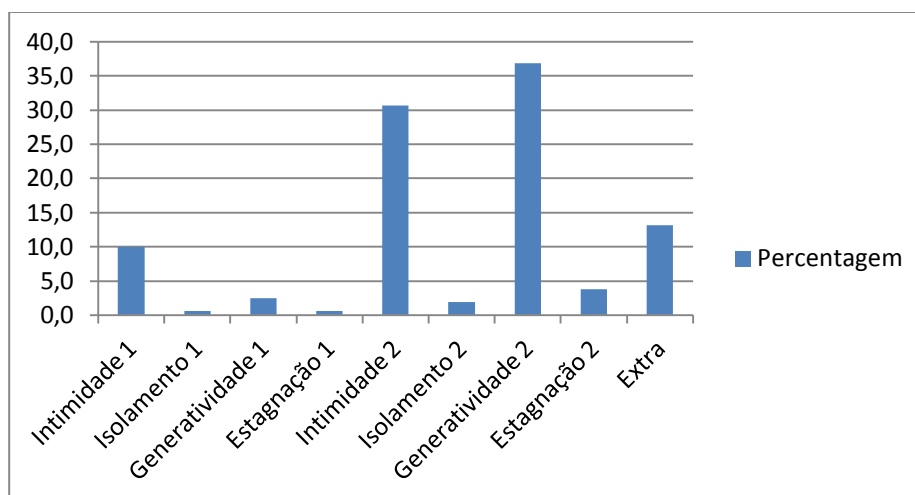
Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 79,4% e os 4,4%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (79,4%). Depois as duas categorias mais escolhidas são: Generatividade 1 (59,4%) e Generatividade 2 (56,9%). Um pouco acima dos 40% surge Intimidade 2 e um pouco abaixo dos 30% surge a Extra. Abaixo dos 20% surge Estagnação 1. As outras categorias estão abaixo dos 10%; assim, por ordem decrescente: Isolamento 1, Isolamento 2 e Estagnação 2.

iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as porcentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

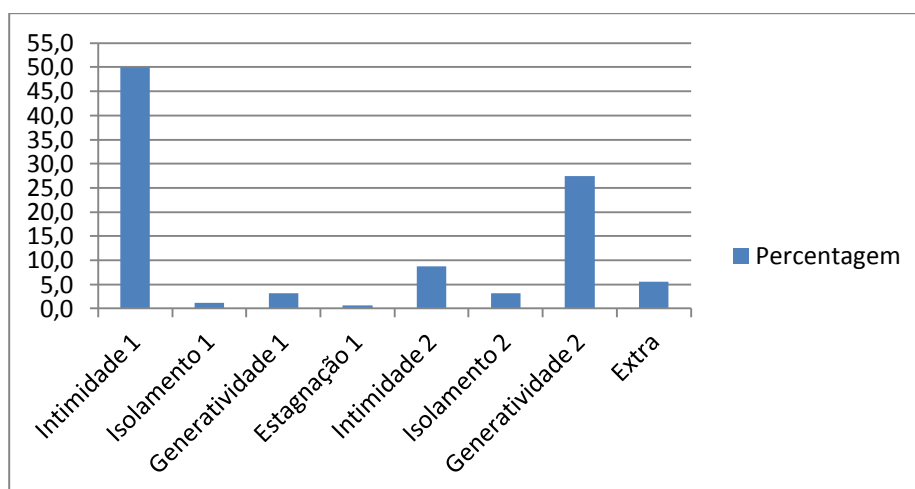
No Cartão IV Aniversário, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: cinco participantes: seis verbalizações; sete participantes: cinco verbalizações; 28 participantes: quatro verbalizações; 10 participantes: duas verbalizações.

Figura 56 – Cartão IV Aniversário: Categorias da 1ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 36,9% e os 0,6%. As categorias mais verbalizadas são Generatividade 2 (36,9%), seguida da Intimidade 2 (30,6%). Um pouco abaixo dos 15% surge a Extra e com 10% surge Intimidade 1. As outras estão abaixo dos 5%; assim, por ordem decrescente: Estagnação 2, Generatividade 1, Isolamento 2, Isolamento 1 e Estagnação 1 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

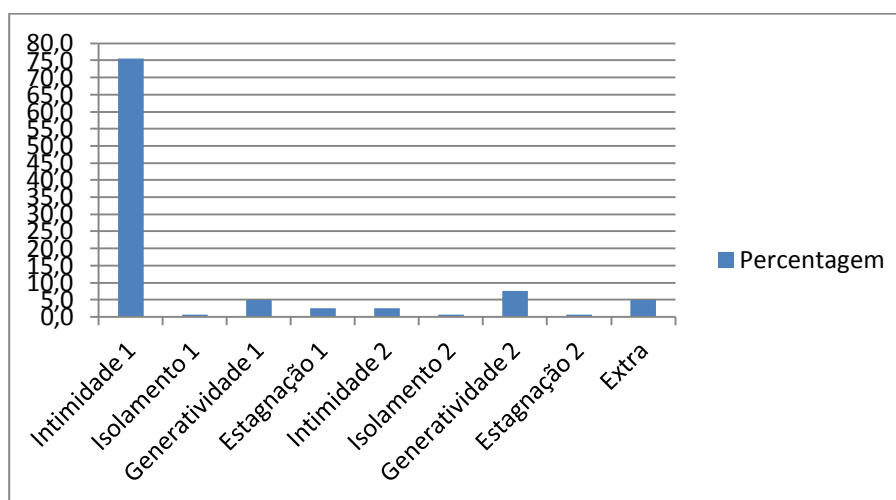
Figura 57 – Cartão IV Aniversário: Categorias da 2ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Estagnação 2. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre 50% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (50%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Generatividade 2 (27,5%). Abaixo dos 10% surge Intimidade 2 e Extra. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Generatividade 1 e Isolamento 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 1 e Estagnação 1.

Comparando com as categorias escolhidas, conclui-se que a Generatividade 1 foi frequentemente alterada para Intimidade 1.

Figura 58 – Cartão IV Aniversário: Categorias da 3ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 75,6% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (75,6%). Todas as outras categorias são pouco verbalizadas. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem, decrescente: Generatividade 2, Generatividade 1 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem). Abaixo dos 5%, por ordem decrescente, surgem: Estagnação 1 e Intimidade 2 (estas duas categorias com a mesma

percentagem), Isolamento 1, Isolamento 2 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

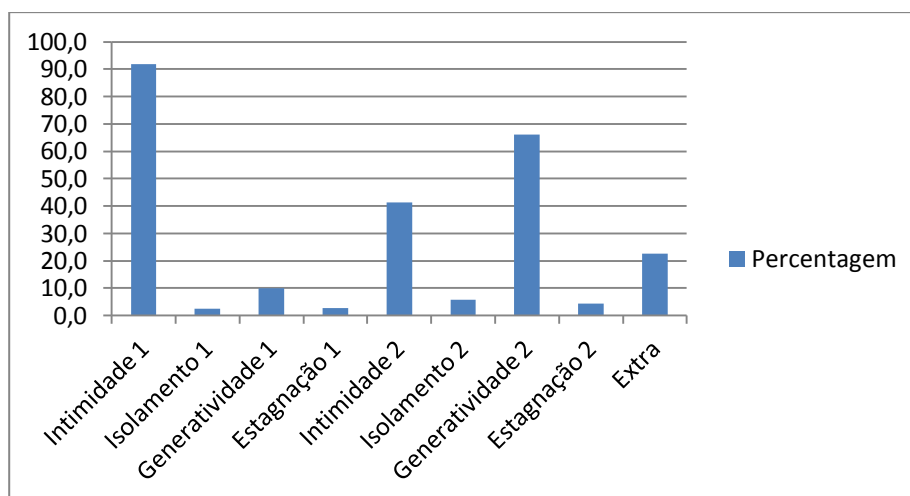
Comparando com as categorias escolhidas, volta a ficar evidenciado que a Generatividade 1 foi frequentemente alterada para Intimidade 1.

iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 67 repetições; Generatividade 1: uma repetição; Estagnação 1: duas; Intimidade 2: uma; Generatividade 2: nove; Extra: duas. Há 10 repetições que foram consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três.

Figura 59 – Cartão IV Aniversário: Categorias das verbalizações na globalidade

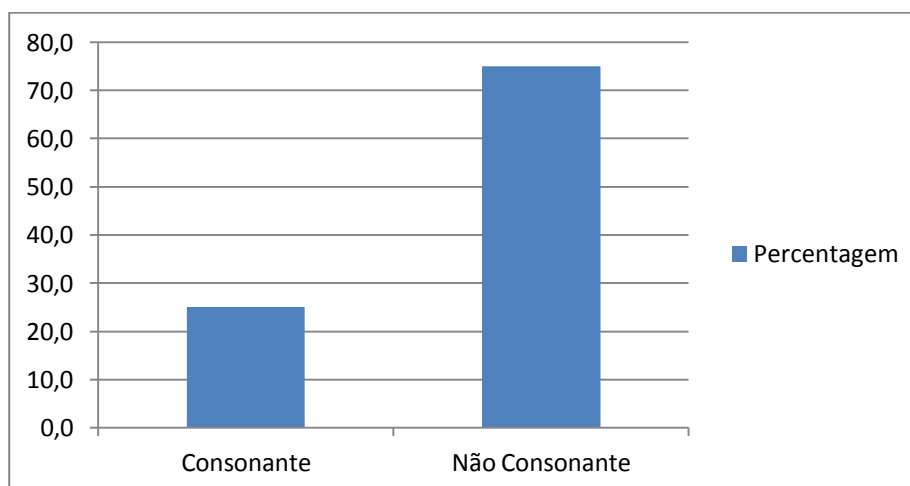


Independentemente da posição na sequência, as percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre 91,9% e os 2,5%. A categoria verbalizada que se destaca é a Intimidade 1 (91,9%). Segue-se depois Generatividade 2 (66,2%) e Intimidade 2 (41,2%). Um pouco acima dos 20% surge a Extra e com 10% Generatividade 1. As outras categorias estão abaixo dos 10%; assim, por ordem decrescente: Isolamento 2, Estagnação 2, Estagnação 1 e Isolamento 1.

v) **Histórias consonantes com as categorias escolhidas.**

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

Figura 60 – Cartão IV Aniversário: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A percentagem das histórias não consonantes (75%) é mais elevada do que a das consonantes (25%). A principal razão é a modificação da categoria Generatividade 1

para Intimidade 1. Isto mesmo foi sendo assinalado anteriormente na apresentação dos resultados relativos às categorias das verbalizações.

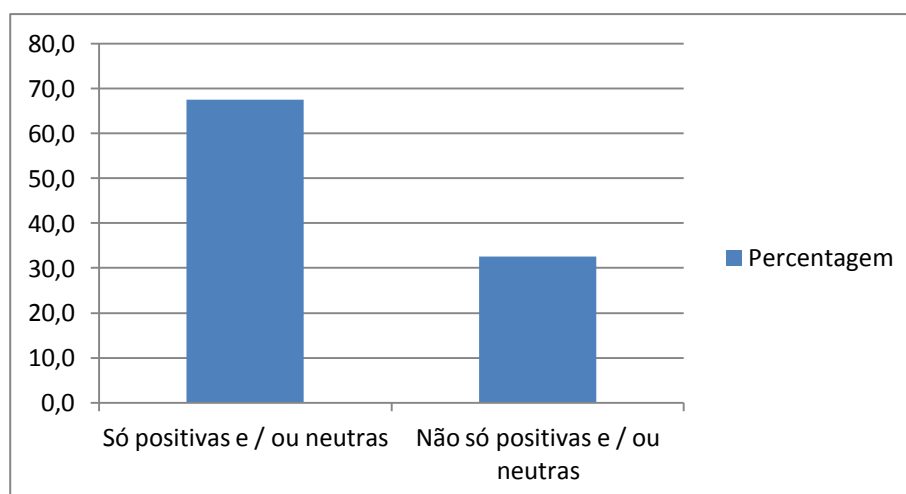
vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Apenas 0,6% de sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras.

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as percentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 61 – Cartão IV Aniversário: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

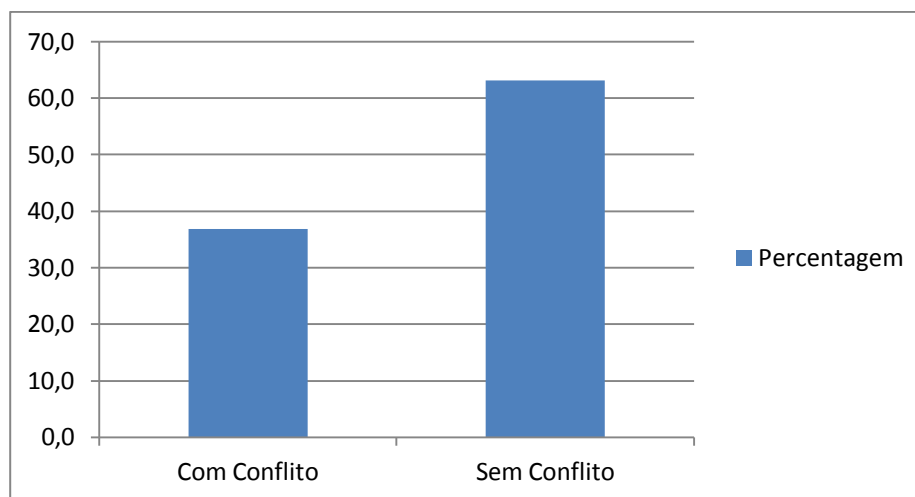


Verifica-se que 67,5% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 32,5 % não são.

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 62 – Cartão IV Aniversário: Histórias com conflito e sem conflito

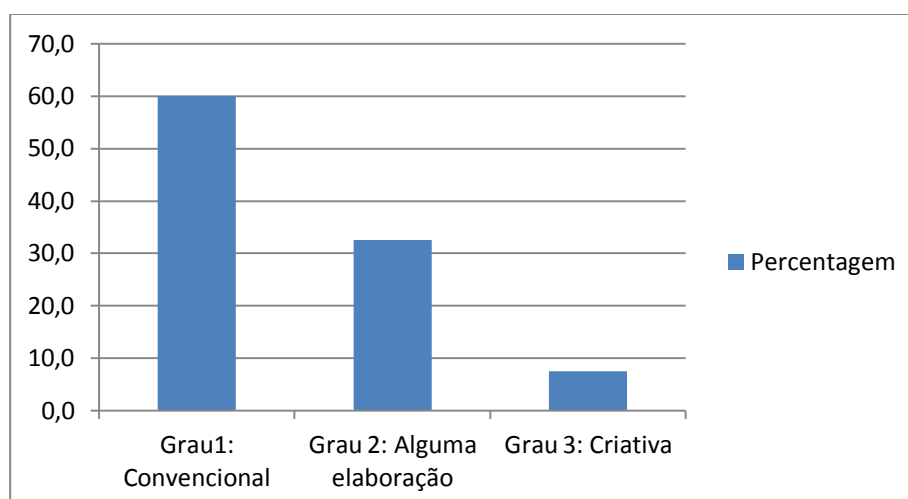


Ainda que haja mais histórias sem conflito (63,1%), em mais de um terço há histórias com conflito (36,9%).

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 63 – Cartão IV Aniversário: Grau das histórias



Mais de metade das histórias é convencional (60%), depois histórias Grau 2 (32,5%) e Grau 3 (7,5%).

x) Grau das histórias e Conflito.

A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 23.199$, $p = .000$). Há 59,4% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 21,9% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.6.1. Cartão IV Aniversário: Diferenças significativas entre sexos.

No Cartão IV Aniversário, foram encontradas algumas diferenças estatisticamente significativas.

i) Categorias escolhidas na primeira posição da sequência.

Generatividade 2 na 1ª posição

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2 na 1ª posição. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Generatividade 2 na 1ª posição do que os homens ($\chi^2 = 4.768, p = .029$). Há 41,3% de mulheres contra 25% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Generatividade 2 na 1ª posição (e inversamente).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Generatividade 2 do que os homens ($\chi^2 = 15.926, p = .000$). Há 72,5% de mulheres contra 41,3% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Generatividade 2 (e inversamente).

iii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização da categoria Intimidade 2. Os resultados sugerem que os homens tendem a verbalizar mais Intimidade 2 do que as mulheres ($\chi^2 = 5.055, p = .025$). Há 50% de homens contra 32,5% de mulheres que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo masculino e verbalizar Intimidade 2 (e inversamente).

Generatividade 2

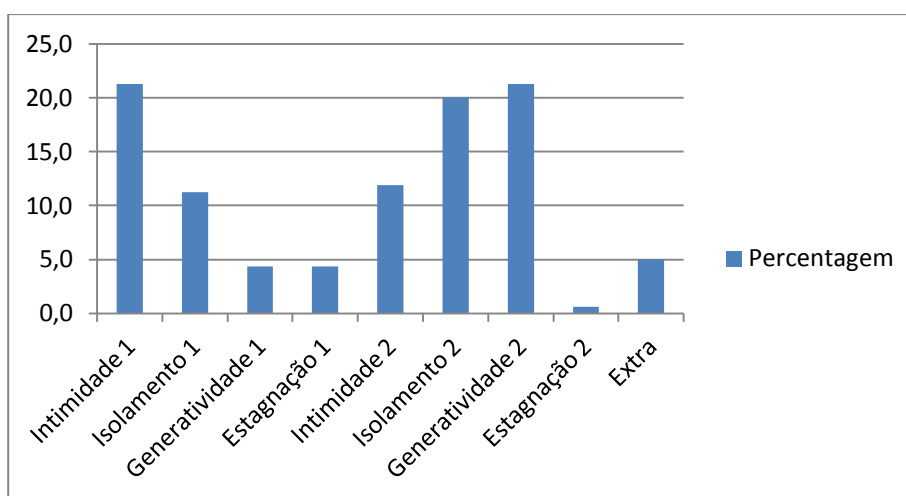
A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Generatividade 2 do que os homens ($\chi^2 = 13.529, p = .000$). Há 80% de mulheres contra 52,5% de homens que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e verbalizar Generatividade 2 (e inversamente).

1.5.7. Cartão V Filhos.

i) **Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.**

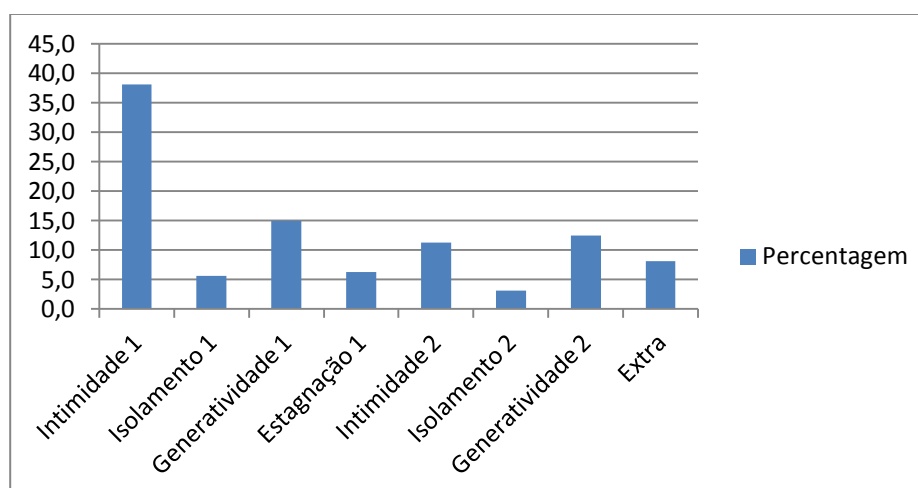
Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

Figura 64 – Cartão V Filhos: Categoria 1ª Posição



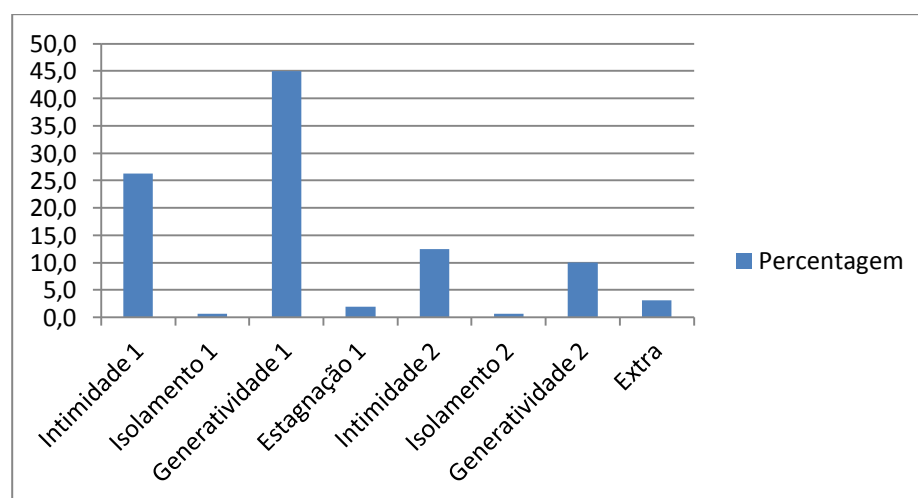
Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 1ª posição se situam entre os 21,3% e os 0,6%. As categorias mais escolhidas são Intimidade 1 e Generatividade 2 com a mesma percentagem (21,3%). Depois surge com uma percentagem aproximada Isolamento 2 (20%). Um pouco acima dos 10% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Isolamento 1. Com 5% surge a Extra e um pouco abaixo dos 5% surgem, com a mesma percentagem, Generatividade 1 e Estagnação 1. Por fim, surge com uma percentagem muito baixa Estagnação 2.

Figura 65 – Cartão V Filhos: Categoria 2ª Posição



A categoria Estagnação 2 não foi escolhida na 2ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 38,1% e os 3,1%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (38,1%). Entre 15% e 10% surgem por ordem decrescente: Generatividade 1, Generatividade 2 e Intimidade 2. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Extra, Estagnação 1 e Isolamento 1. Abaixo dos 5% surge Isolamento 2.

Figura 66 – Cartão V Filhos: Categoria 3ª Posição

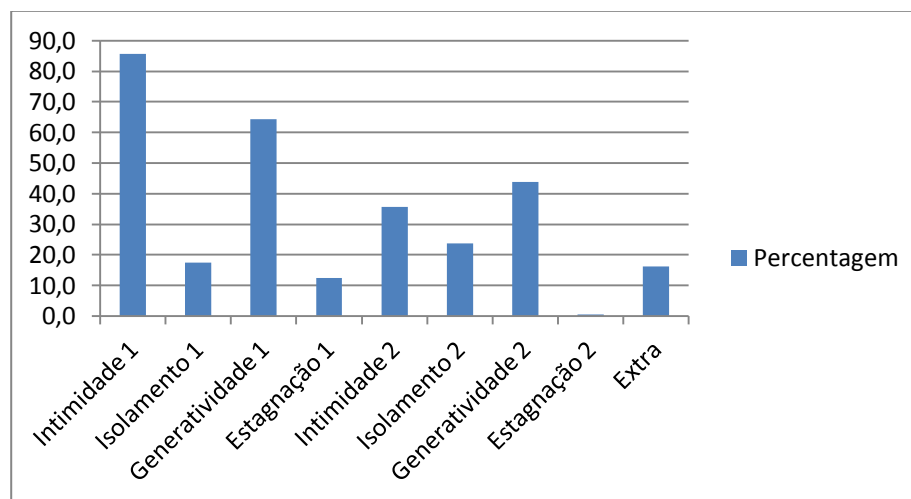


A categoria Estagnação 2 não foi escolhida na 3ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 45% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 1 (45%). Depois surge com uma percentagem bastante inferior Intimidade 1 (26,3%). Entre 15% e 10% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Generatividade 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Extra, Estagnação 1, Isolamento 1 e Isolamento 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 67 – Cartão V Filhos: Categorias escolhidas na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 85,6% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (85,6%). Depois a outra categoria mais escolhida é Generatividade 1 (64,4%). Com percentagens também elevadas, surgem por ordem decrescente:

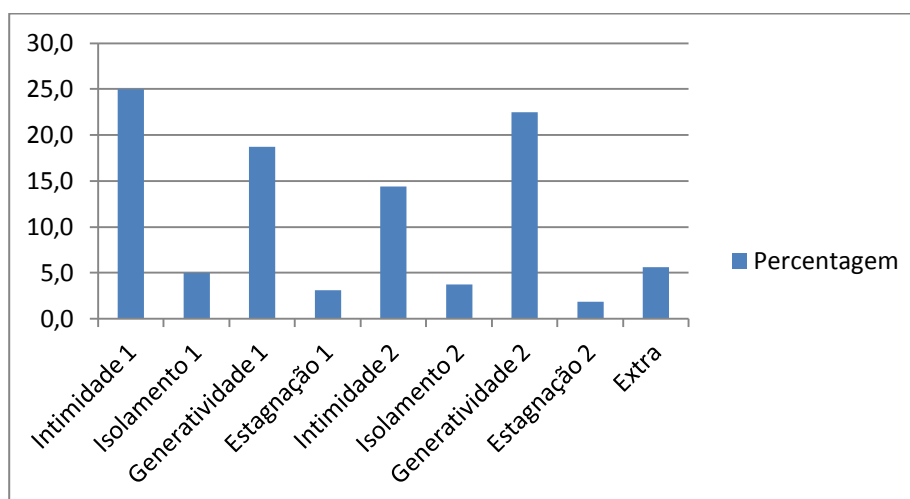
Generatividade 2 e Intimidade 2. Um pouco acima dos 20% surge Isolamento 2. Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1, Extra e Estagnação 1. Por fim, com uma percentagem muito baixa Estagnação 2.

iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

No Cartão V Filhos, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: quatro participantes: seis verbalizações; seis participantes: cinco verbalizações; 32 participantes: quatro verbalizações; 11 participantes: duas verbalizações; um participante: uma verbalização.

Figura 68 – Cartão V Filhos: Categorias da 1ª verbalização

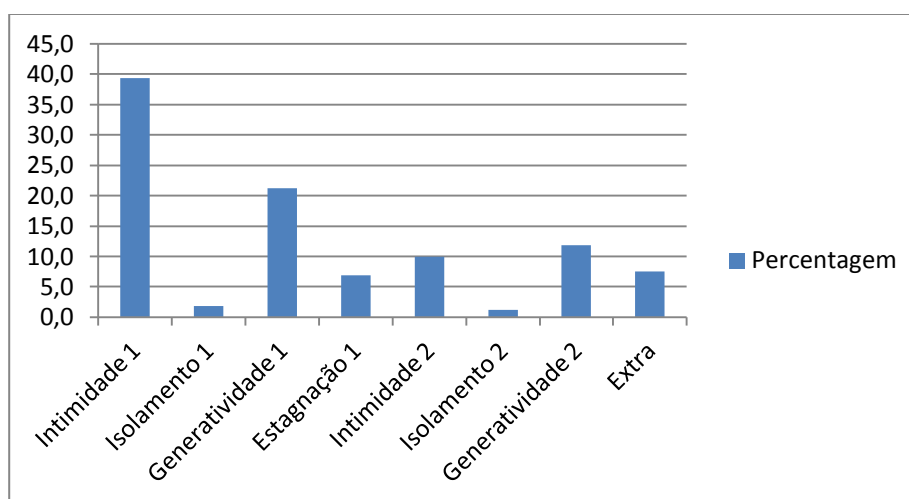


Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 25% e os 1,9%. As categorias mais verbalizadas são

Intimidade 1 (25%) e Generatividade 2 (22,5%). Depois surgem, com percentagens um pouco mais baixas, Generatividade 1 e Intimidade 2. Todas as outras categorias têm percentagens muito inferiores. Um pouco acima dos 5% surge a Extra e com 5% surge Isolamento 1. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Isolamento 2, Estagnação 1 e Estagnação 2.

Comparando com as categorias escolhidas, conclui-se que frequentemente o Isolamento 2 foi verbalizado como Generatividade 1⁶⁷.

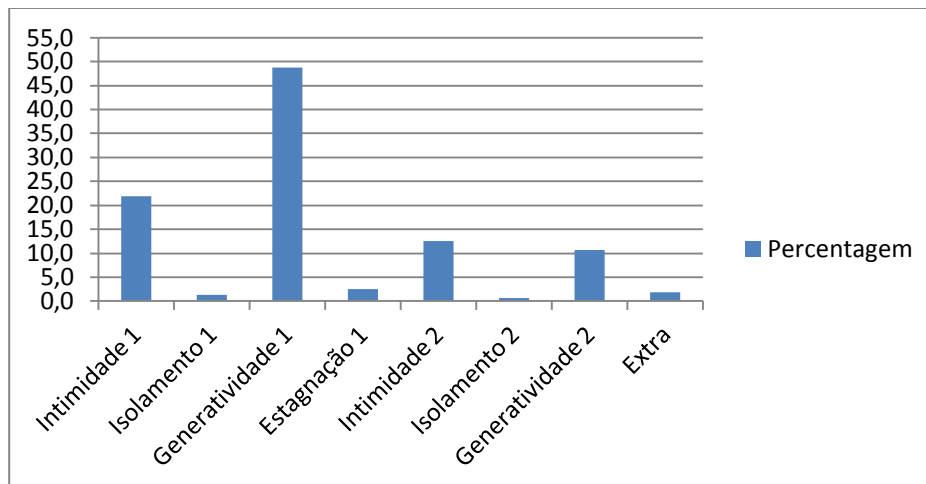
Figura 69 – Cartão V Filhos: Categorias da 2ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Estagnação 2. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 39,4% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (39,4%). Depois surge, com uma percentagem menor, Generatividade 1 (21,3%). Um pouco acima dos 10% surge Generatividade 2. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2, Extra e Estagnação 1. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Isolamento 1 e Isolamento 2.

⁶⁷ Sobre esta alteração ver também o ponto 5. do Capítulo 1 da Segunda Parte.

Figura 70 – Cartão V Filhos: Categorias da 3ª verbalização



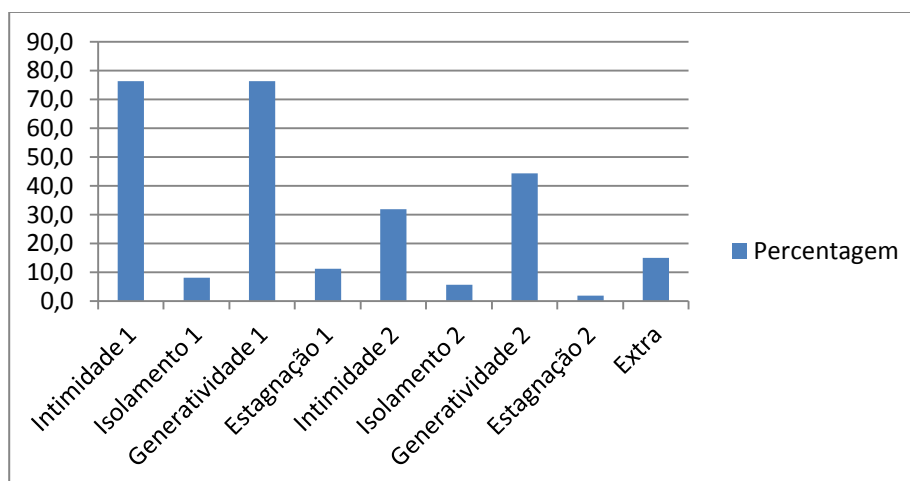
Há uma categoria que não é verbalizada: Estagnação 2. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 48,8% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 1 (48,8%). Depois surge, com uma percentagem muito menor, Intimidade 1 (21,9%). Entre os 15% e os 10% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Generatividade 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Estagnação 1, Extra, Isolamento 1 e Isolamento 2.

iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 16 repetições; Generatividade 1: 20 repetições; Estagnação 1: duas; Intimidade 2: sete; Generatividade 2: uma. Há 13 repetições que foram consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três.

Figura 71 – Cartão V Filhos: Categorias das verbalizações na globalidade

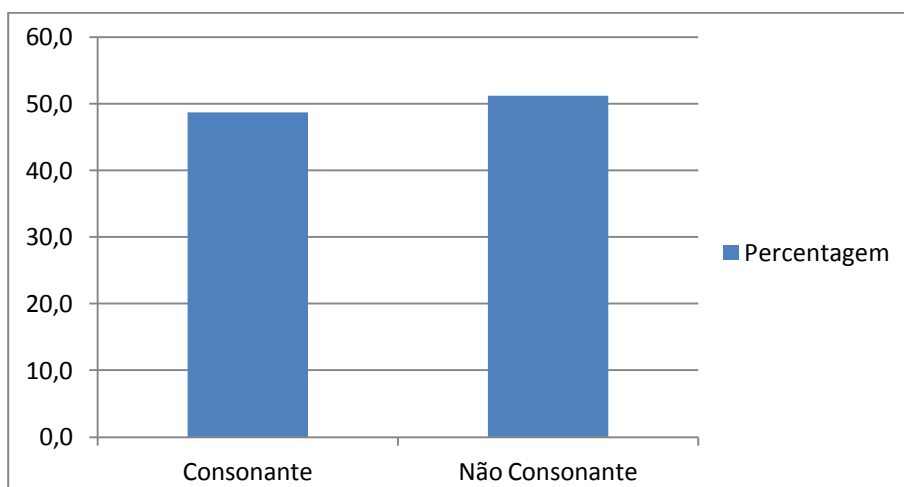


Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 76,3% e os 1,9%. As categorias mais verbalizadas são Intimidade 1 e Generatividade 1 com a mesma percentagem (76,3%). Depois surgem, com percentagens bastante inferiores, Generatividade 2 (44,4%) e Intimidade 2 (31,9%). Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Extra e Estagnação 1. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1, Isolamento 2 e Estagnação 2.

v) Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

Figura 72 – Cartão V Filhos: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A percentagem das histórias não consonantes (51,3%) é pouco mais elevada do que a das consonantes (48,8%).

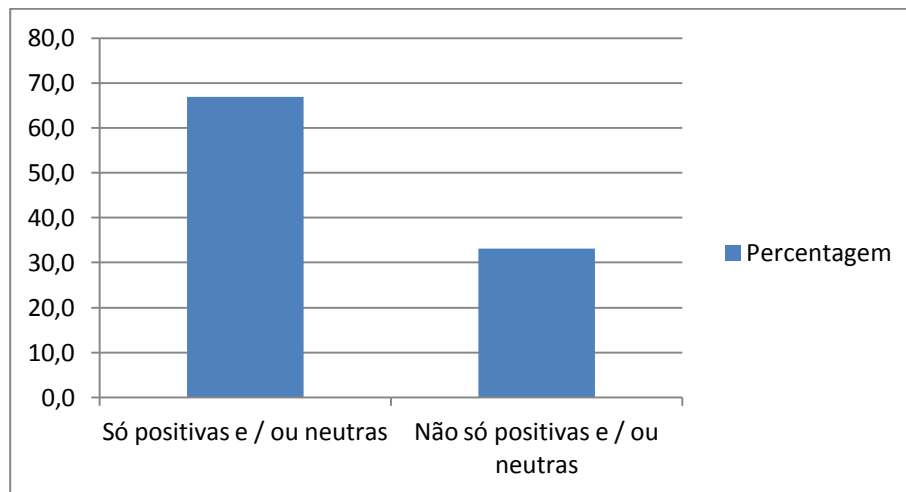
vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Apenas 1,3% de sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras.

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as percentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 73 – Cartão V Filhos: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

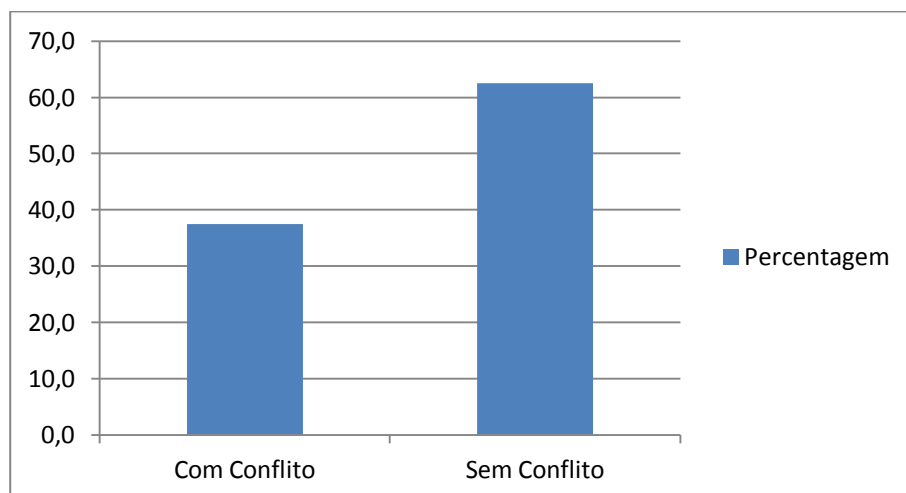


Verifica-se que 66,9% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 33,1% não são.

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as porcentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 74 – Cartão V Filhos: Histórias com conflito e sem conflito

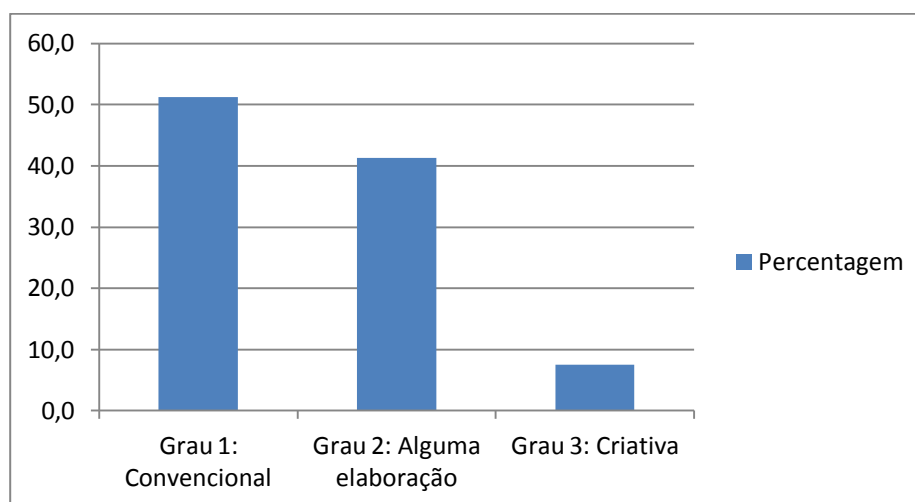


Ainda que haja mais histórias sem conflito (62,5%), em mais de um terço há histórias com conflito (37,5%).

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 75 – Cartão V Filhos: Grau das histórias



Histórias convencionais correspondem a pouco mais de metade (51,3%), depois histórias Grau 2 (41,3%) e Grau 3 (7,5%).

x) Grau das histórias e Conflito.

A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 55.241, p = .000$). Há 66,7% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 9,8% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.7.1. Cartão V Filhos: Diferenças significativas entre sexos.

No Cartão V Filhos, foram encontradas algumas diferenças estatisticamente significativas.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Isolamento 1

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 1. Os resultados sugerem que os homens tendem a escolher mais Isolamento 1 do que as mulheres ($\chi^2 = 6.234, p = .013$). Há 25% de homens contra 10% de mulheres que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo masculino e escolher Isolamento 1 (e inversamente).

Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Generatividade 2 do que os homens ($\chi^2 = 12.292$, $p = .000$). Há 57,5% de mulheres contra 30% de homens que fazem essa escolha. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Generatividade 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Generatividade 2

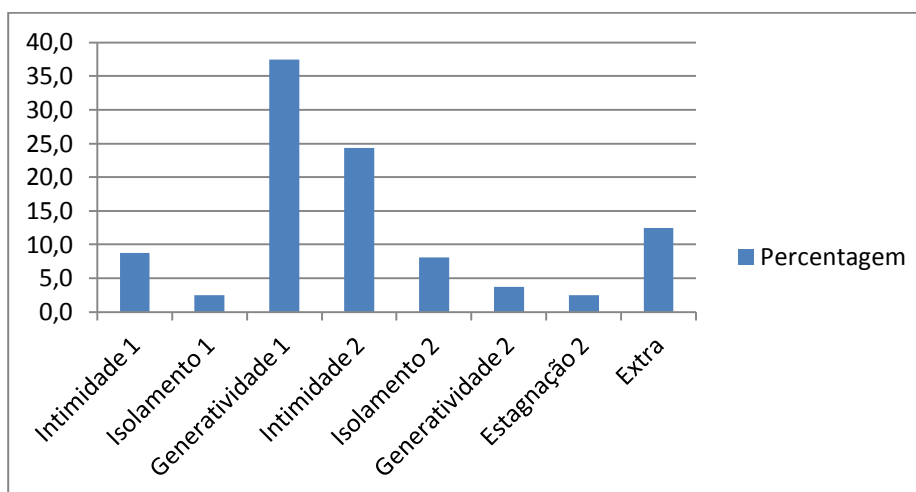
A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Generatividade 2 do que os homens ($\chi^2 = 7.318$, $p = .007$). Há 55% de mulheres contra 33,8% de homens que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e verbalizar Generatividade 2 (e inversamente).

1.5.8. Cartão VI Morte.

i) Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

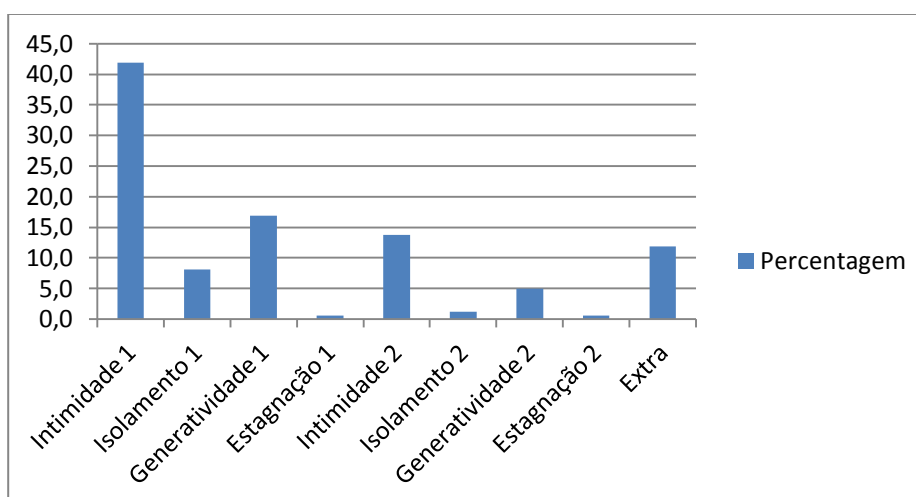
Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

Figura 76 – Cartão VI Morte: Categoria 1ª Posição



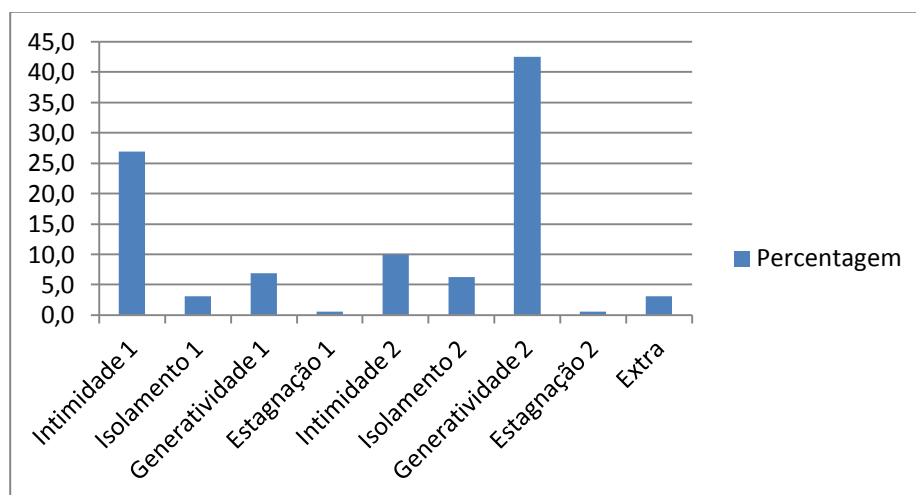
A categoria Estagnação 1 não foi escolhida na 1ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 37,5% e os 2,5%. As categorias mais escolhidas são Generatividade 1 (37,5%) e Intimidade 2 (24,4%). Um pouco acima dos 10% surge a Extra. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 1 e Isolamento 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 2, Isolamento 1 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

Figura 77 – Cartão VI Morte: Categoria 2ª Posição



Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 2ª posição se situam entre os 41,9% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (41,9%). Seguem-se, com uma percentagem muito inferior, Generatividade 1, Intimidade 2 e Extra. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Generatividade 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 2, Estagnação 1 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

Figura 78 – Cartão VI Morte: Categoria 3ª Posição

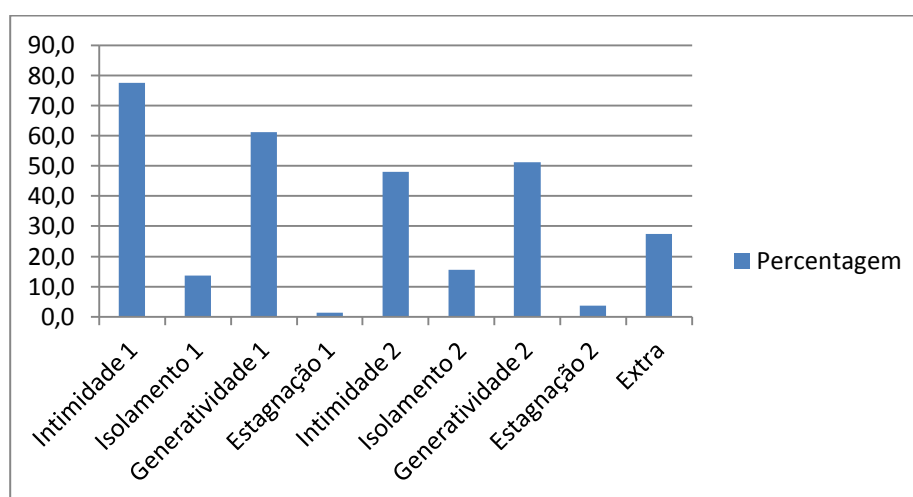


Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 3ª posição se situam entre os 42,5% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 2 (42,5%). Depois surge com uma percentagem inferior Intimidade 1 (26,9%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2, Generatividade 1, Isolamento 2. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem), Estagnação 1 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem).

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 79 – Cartão VI Morte: Categorias escolhidas na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 77,5% e os 1,3%. Há quatro categorias com percentagens elevadas: Intimidade 1 (77,5%), Generatividade 1 (61,3%), Generatividade 2 (51,3%) e

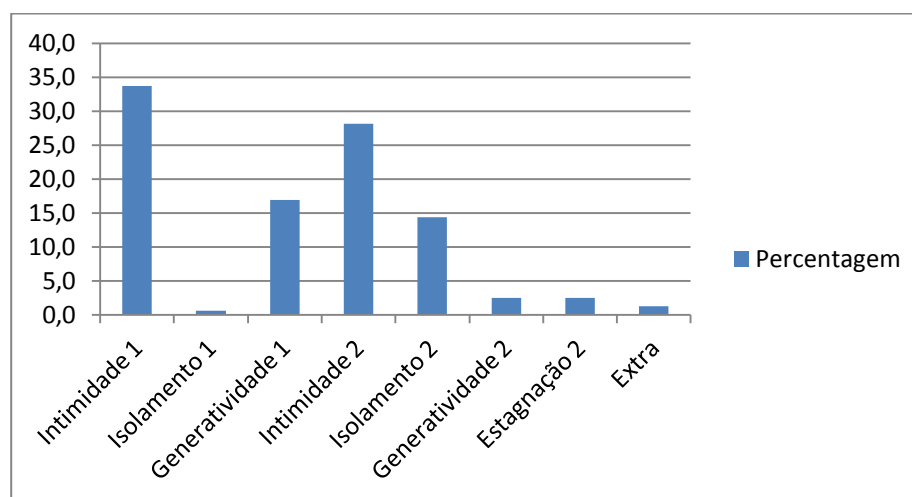
Intimidade 2 (48,1%). Um pouco abaixo dos 30% surge a Extra. Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 2 e Isolamento 1. Por fim, com percentagens reduzidas surgem Estagnação 2 e Estagnação 1.

iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

No Cartão VI Morte, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: nove participantes: seis verbalizações; oito participantes: cinco verbalizações; 29 participantes: quatro verbalizações; cinco participantes: duas verbalizações; um participante: uma verbalização.

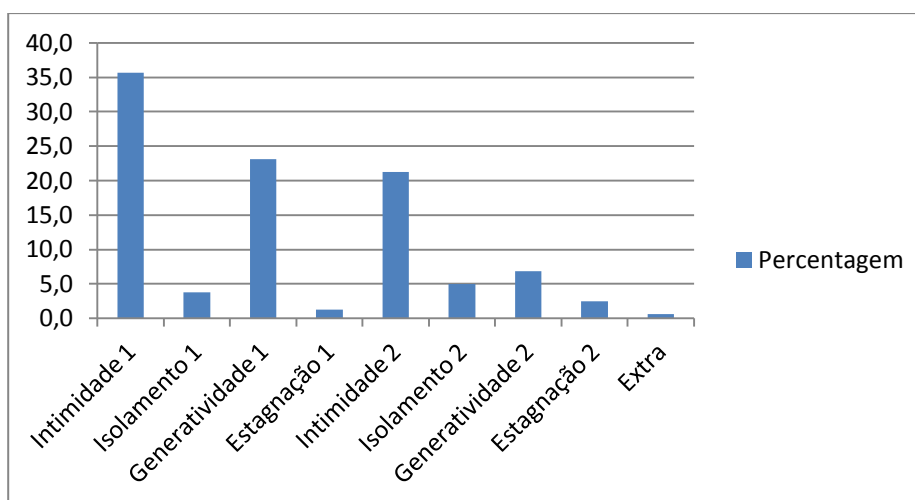
Figura 80 – Cartão VI Morte: Categorias da 1ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Estagnação 1. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 33,8% e os 0,6%. As categorias mais

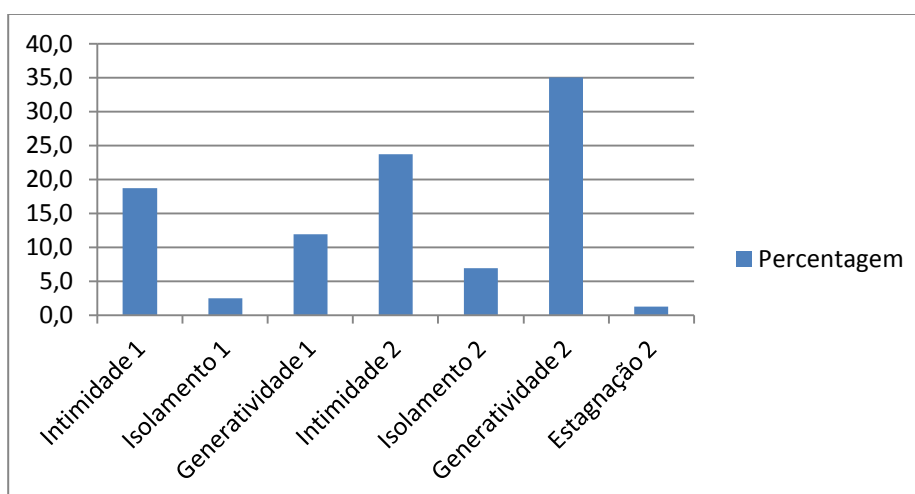
verbalizadas são a Intimidade 1 (33,8%) e a Intimidade 2 (28,1%). Depois surgem, com uma percentagem muito menor, Geratividade 1 e Isolamento 2. As outras categorias estão abaixo dos 5%; assim, e por ordem decrescente, surgem: Geratividade 2 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Extra e Isolamento 1.

Figura 81 – Cartão VI Morte: Categorias da 2ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as percentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 35,6% e os 0,6%. A categoria mais verbalizada é a Intimidade 1 (35,6%), seguida da Geratividade 1 (23,1%) e da Intimidade 2 (21,3%). Todas as outras categorias estão abaixo dos 10%. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Geratividade 2 e Isolamento 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Isolamento 1, Estagnação 2, Estagnação 1 e Extra.

Figura 82 – Cartão VI Morte: Categorias da 3ª verbalização



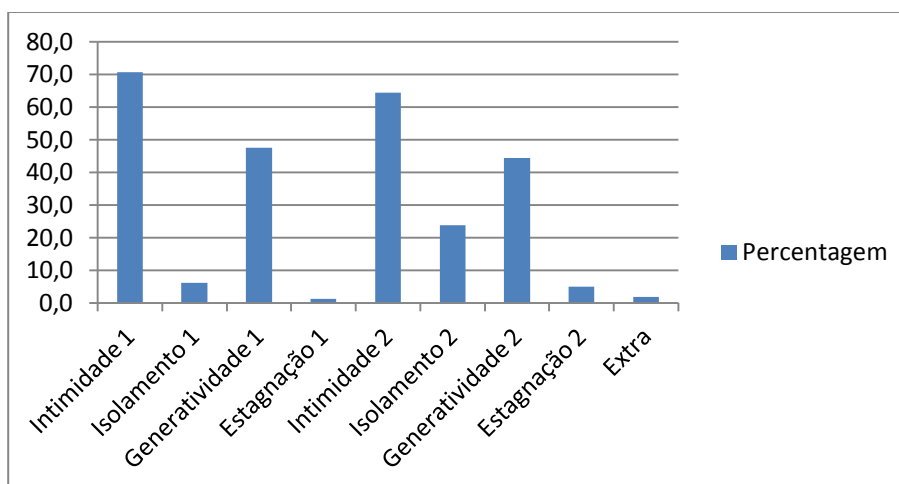
Há duas categorias que não são verbalizadas: Estagnação 1 e Extra. As porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 35% e os 1,3%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 2 (35%). Depois segue-se Intimidade 2 (23,8%) e Intimidade 1 (18,8%). Um pouco acima dos 10% surge Generatividade 1 e um pouco acima dos 5% surge Isolamento 2. Abaixo dos 5% surgem Isolamento 1 e Estagnação 2.

iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as porcentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 28 repetições; Isolamento 1: uma repetição; Generatividade 1: seis; Intimidade 2: 14; Isolamento 2: quatro; Estagnação 2: uma. Há sete repetições que foram consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três.

Figura 83 – Cartão VI Morte: Categorias das verbalizações na globalidade

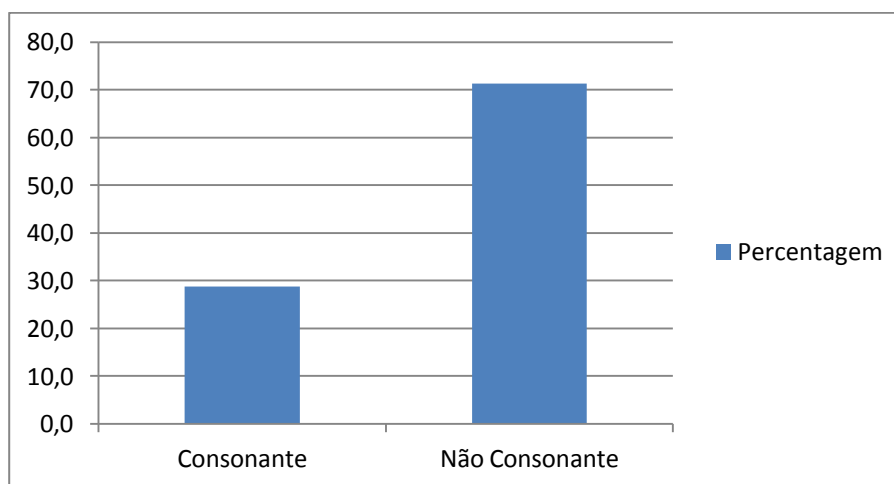


Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 70,6% e os 1,3%. As duas categorias mais verbalizadas são Intimidade 1 (70,6%) e Intimidade 2 (64,4%). Depois seguem-se, com porcentagens inferiores mas ainda assim elevadas, Generatividade 1 (47,5%) e Generatividade 2 (44,4%). Um pouco acima dos 20% surge o Isolamento 2. Todas as outras categorias estão abaixo dos 10%; assim, e por ordem decrescente: Isolamento 1, Estagnação 2, Extra e Estagnação 1.

v) Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Apresentam-se aqui as porcentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

Figura 84 – Cartão VI Morte: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A porcentagem das histórias não consonantes (71,3%) é mais elevada do que a das consonantes (28,8%). As principais modificações são as seguintes: a categoria Generatividade 1 é alterada para Intimidade 1; a categoria Extra apenas é verbalizada como Extra, ou seja, de acordo com a intenção que estava subjacente à sua criação – a morte da própria personagem – por três participantes⁶⁸.

vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

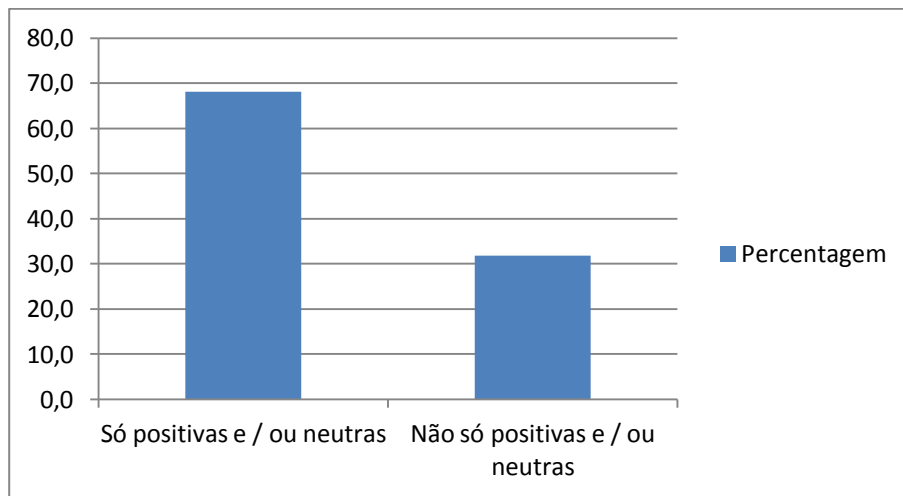
Apenas 1,3% de sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras.

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as porcentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

⁶⁸ Esta situação já tinha sido referida no ponto 5. do Capítulo 1 da Segunda Parte.

Figura 85 – Cartão VI Morte: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

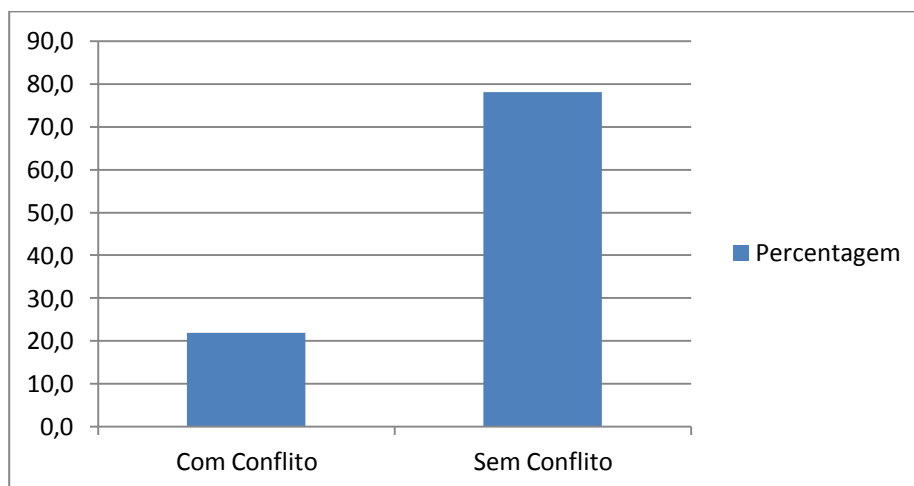


Verifica-se que 68,1% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 31,9% não são.

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as porcentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 86 – Cartão VI Morte: Histórias com conflito e sem conflito

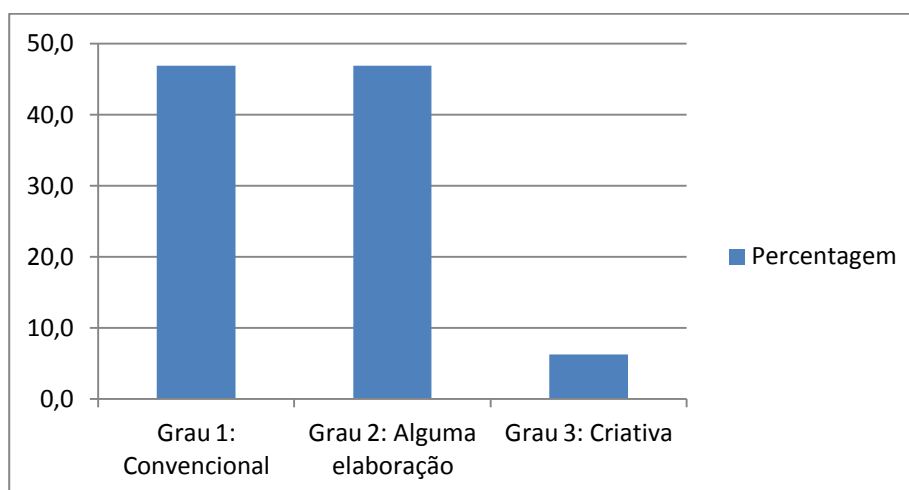


Verifica-se que há bastante mais histórias sem conflito (78,1%) do que com conflito (21,9%).

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 87 – Cartão VI Morte: Grau das histórias



Existe a mesma percentagem (46,9%) de histórias Grau 1 e Grau 2. Somando às Grau 2 as histórias Grau 3 (6,3%), verifica-se que em 53,2% das histórias há envolvimento emocional.

x) Grau das histórias e Conflito.

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($p = .000$). Há 38,8% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 2,7% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.8.1. Cartão VI Morte: Diferenças significativas entre sexos.

No Cartão VI Morte, foram encontradas algumas diferenças estatisticamente significativas.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Isolamento 2

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a escolher mais Isolamento 2 do que os homens ($\chi^2 = 8.012$, $p = .005$). Há 23,8% de mulheres contra 7,5% de homens que fazem essa escolha. Os

resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e escolher Isolamento 2 (e inversamente).

ii) Categorias da primeira verbalização.

Isolamento 2 na 1ª verbalização

A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da categoria Isolamento 2 na 1ª verbalização. Com base no Teste de Fisher, os resultados sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Isolamento 2 na 1ª verbalização do que os homens ($p = .000$). Há 26,3% de mulheres contra 2,5% de homens que apresentam essa categoria na 1ª verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e apresentar Isolamento 2 na 1ª verbalização (e inversamente).

iii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Isolamento 2

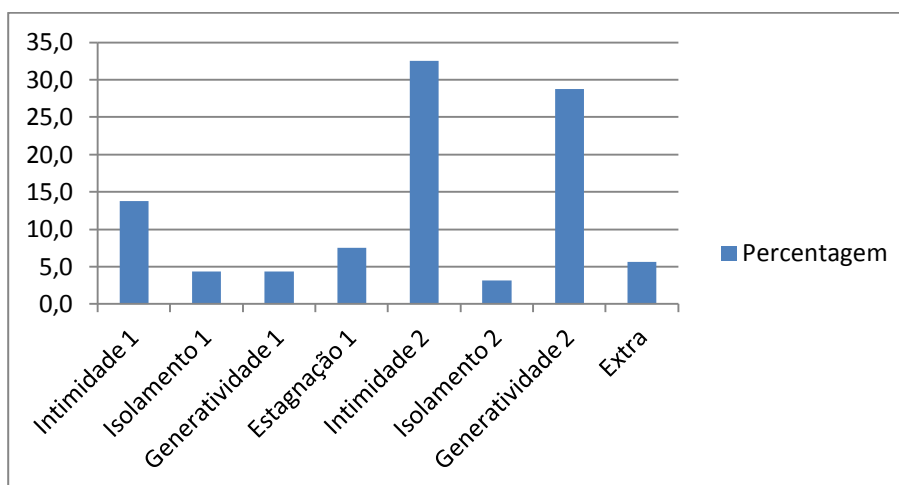
A distribuição dos participantes em função do sexo não é independente da sua distribuição em função da verbalização da categoria Isolamento 2. Os resultados sugerem que as mulheres tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os homens ($\chi^2 = 11.182$, $p = .001$). Há 35% de mulheres contra 12,5% de homens que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sexo feminino e verbalizar Isolamento 2 (e inversamente).

1.5.9. Cartão VII Casamento.

i) **Categorias escolhidas na primeira, segunda e terceira posição da sequência.**

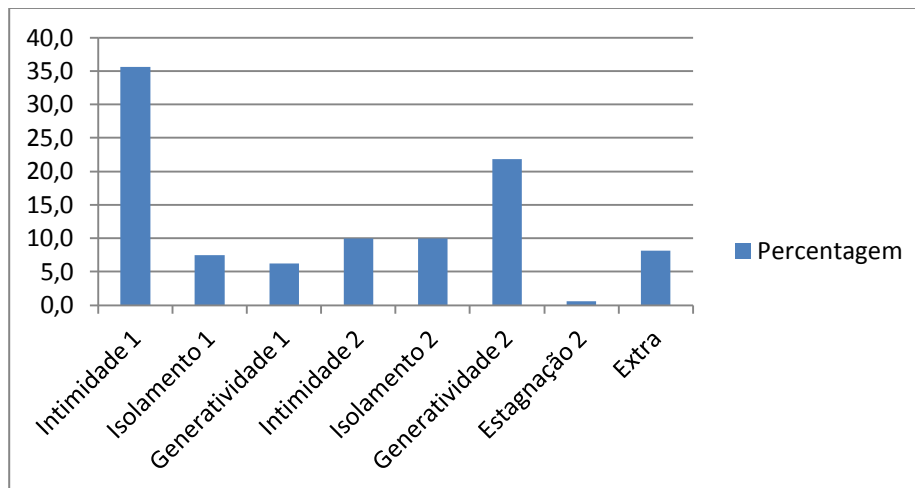
Apresentam-se aqui as percentagens de cada categoria escolhida na primeira, segunda e terceira posição da sequência.

Figura 88 – Cartão VII Casamento: Categoria 1ª Posição



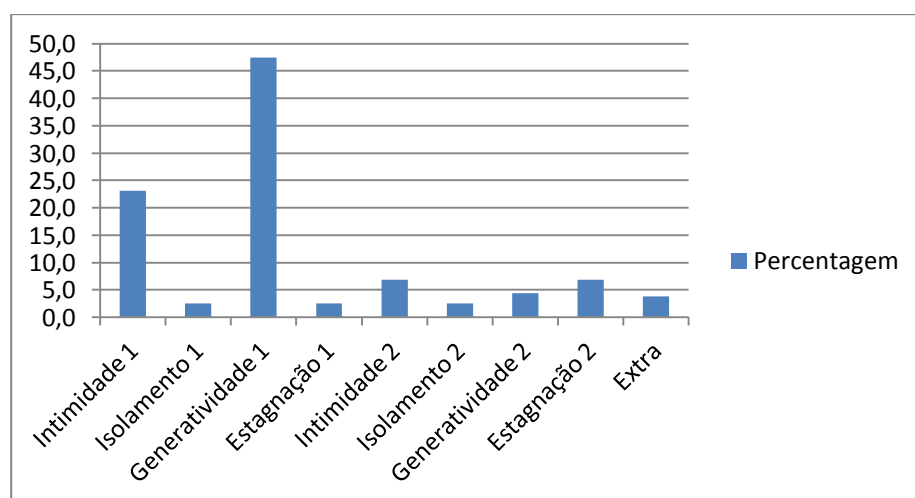
A categoria Estagnação 2 não foi escolhida na 1ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 32,5% e os 3,1%. As categorias mais escolhidas são Intimidade 2 (32,5%) e Generatividade 2 (28,8%). Um pouco abaixo dos 15% surge Intimidade 1. Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1 e Extra. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Generatividade 1 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Isolamento 2.

Figura 89 – Cartão VII Casamento: Categoria 2ª Posição



A categoria Estagnação 1 não foi escolhida na 2ª posição. As percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 35,6% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (35,6%). Com uma percentagem inferior, surge Generatividade 2 (21,9%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Isolamento 2 (estas duas categorias com a mesma percentagem), Extra, Isolamento 1 e Generatividade 1. Abaixo dos 5% surge Estagnação 2.

Figura 90 – Cartão VII Casamento: Categoria 3ª Posição

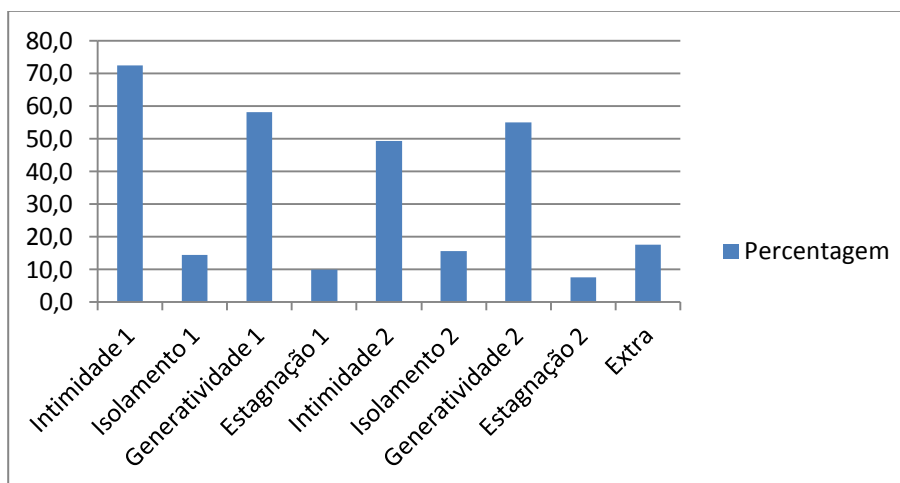


Todas as categorias foram escolhidas, sendo que as percentagens das categorias escolhidas na 3ª posição se situam entre os 47,5% e os 2,5%. Há uma categoria que se destaca: Generatividade 1 (47,5%). Com uma percentagem inferior, surge Intimidade 1 (23,1%). Entre os 10% e os 5% surgem Intimidade 2 e Estagnação 2 com a mesma percentagem. Abaixo dos 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 2, Extra, depois com a mesma percentagem Isolamento 1, Estagnação 1 e Isolamento 2.

ii) Categorias escolhidas na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias escolhidas na globalidade do cartão.

Figura 91 – Cartão VII Casamento: Categorias escolhidas na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as percentagens das categorias escolhidas situam-se entre os 72,5% e os 7,5%. As categorias mais escolhidas são: Intimidade 1 (72,5%), Generatividade 1 (58,1%), Generatividade 2 (55%) e Intimidade 2 (49,4%). As outras categorias estão abaixo dos 20%. Entre os 20% e os 10% surgem

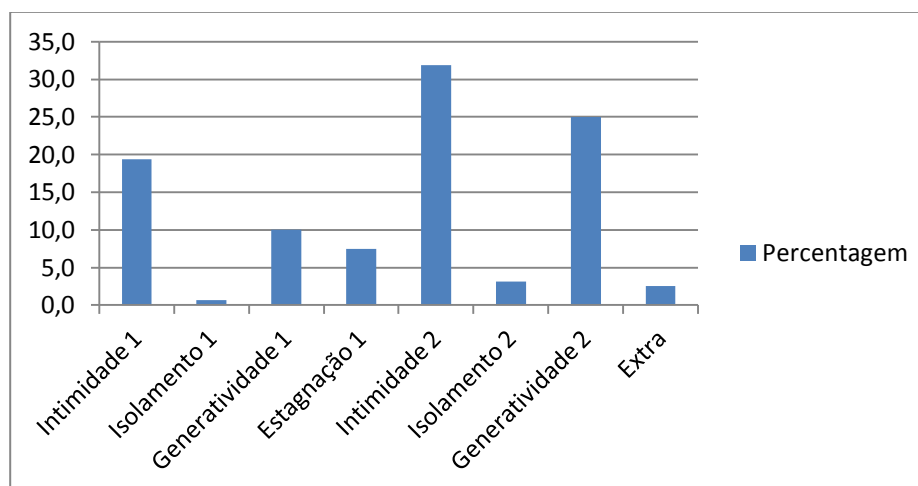
por ordem decrescente: Extra, Isolamento 2, Isolamento 1 e Estagnação 1. Abaixo dos 10% surge Estagnação 2.

iii) Categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias da primeira, segunda e terceira verbalização.

No Cartão VII Casamento, os participantes que contaram histórias com um número superior ou inferior a três são os seguintes: seis participantes: seis verbalizações; sete participantes: cinco verbalizações; 26 participantes: quatro verbalizações; nove participantes: duas verbalizações.

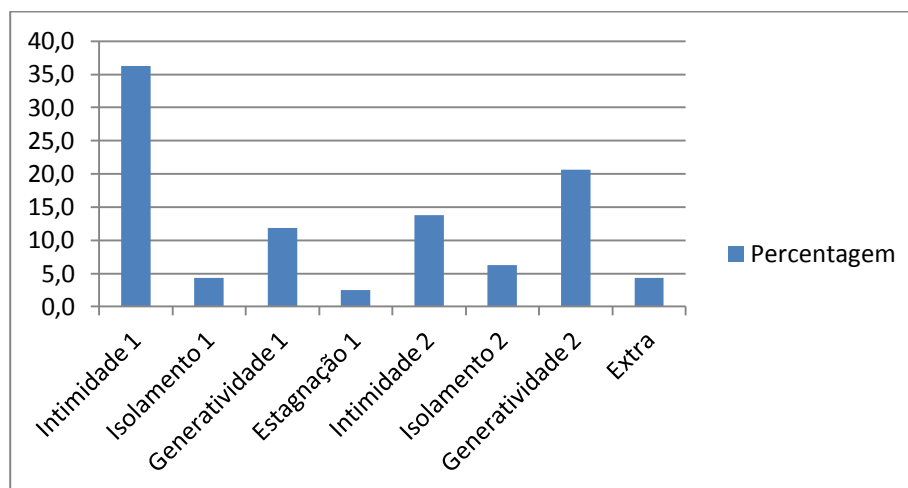
Figura 92 – Cartão VII Casamento: Categorias da 1ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Estagnação 2. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 31,9% e os 0,6%. As categorias mais verbalizadas são: Intimidade 2 (31,9%), Generatividade 2 (25%) e Intimidade 1

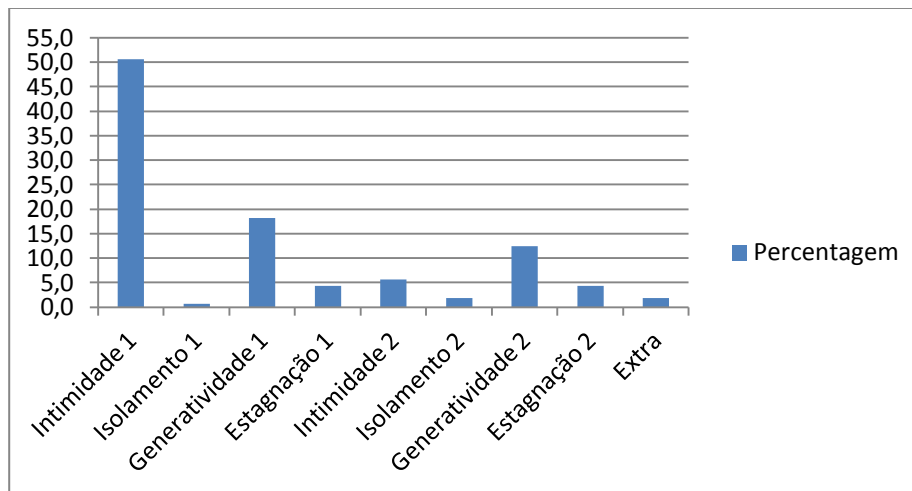
(19,4%). Entre os 10% e os 5% surgem por ordem decrescente: Generatividade 1 e Estagnação 1. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Isolamento 2, Extra e Isolamento 1.

Figura 93 – Cartão VII Casamento: Categorias da 2ª verbalização



Há uma categoria que não é verbalizada: Estagnação 2. As percentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 36,3% e os 2,5%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (36,3%). Depois surge, com uma percentagem menor, Generatividade 2 (20,6%). Entre os 15% e os 10% surgem por ordem decrescente: Intimidade 2 e Generatividade 1. Um pouco acima dos 5% surge Isolamento 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Isolamento 1 e Extra (estas duas categorias com a mesma percentagem), Estagnação 1.

Figura 94 – Cartão VII Casamento: Categorias da 3ª verbalização



Todas as categorias são verbalizadas, sendo que as porcentagens das categorias verbalizadas se situam entre os 50,6% e os 0,6%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (50,6%). Depois surge, com uma porcentagem muito menor, Generatividade 1 (18,1%). Um pouco acima dos 10% surge Generatividade 2. Um pouco acima dos 5% surge Intimidade 2. Abaixo dos 5%, e por ordem decrescente, surgem: Estagnação 1 e Estagnação 2 (estas duas categorias com a mesma porcentagem), Isolamento 2 e Extra (estas duas categorias com a mesma porcentagem), Isolamento 1.

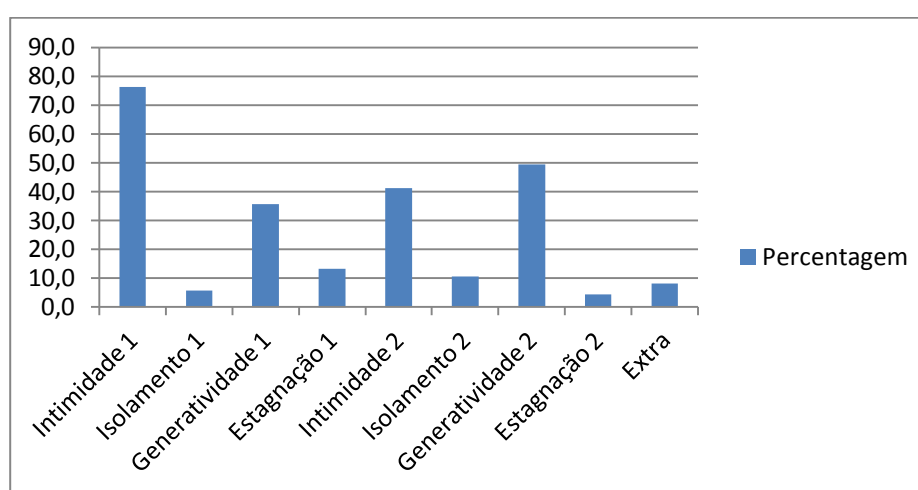
Comparando com as categorias escolhidas na 3ª posição conclui-se que a Generatividade 1 foi frequentemente alterada para Intimidade 1.

iv) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as porcentagens das categorias das verbalizações na globalidade do cartão.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 41 repetições; Generatividade 1: sete repetições; Estagnação 1: duas; Intimidade 2: 14; Isolamento 2: uma; Generatividade 2: 14; Estagnação 2: uma. Há nove repetições que foram consequência do aumento das sequências que tinham um número de verbalizações inferior a três.

Figura 95 – Cartão VII Casamento: Categorias das verbalizações na globalidade

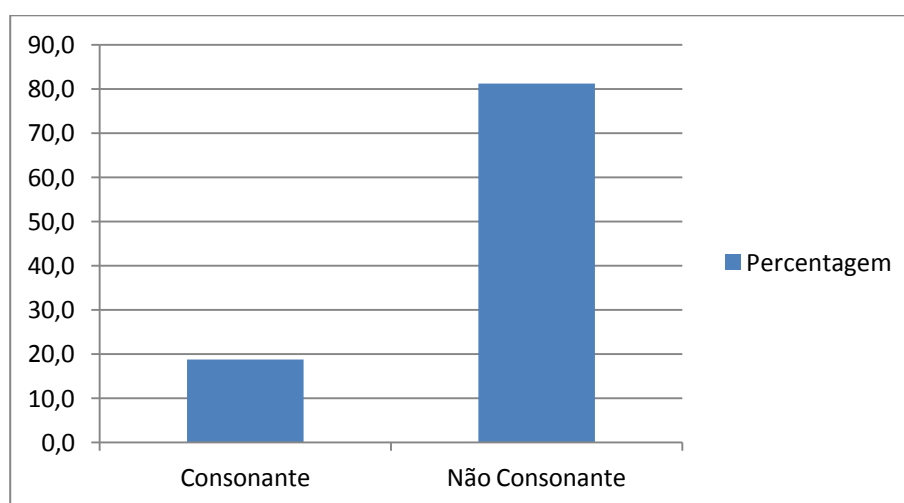


Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 76,3% e os 4,4%. Há uma categoria que se destaca: Intimidade 1 (76,3%). Depois surgem também com porcentagens elevadas Generatividade 2 (49,4%), Intimidade 2 (41,3%) e Generatividade 1 (35,7%). Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1 e Isolamento 2. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Extra, Isolamento 1 e Estagnação 2.

v) Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias consonantes e não consonantes com categorias escolhidas.

Figura 96 – Cartão VII Casamento: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas



A percentagem das histórias não consonantes (81,3%) é muito mais elevada do que a das consonantes (18,8%). A principal modificação é a seguinte: a categoria Generatividade 1 é alterada para Intimidade 1.

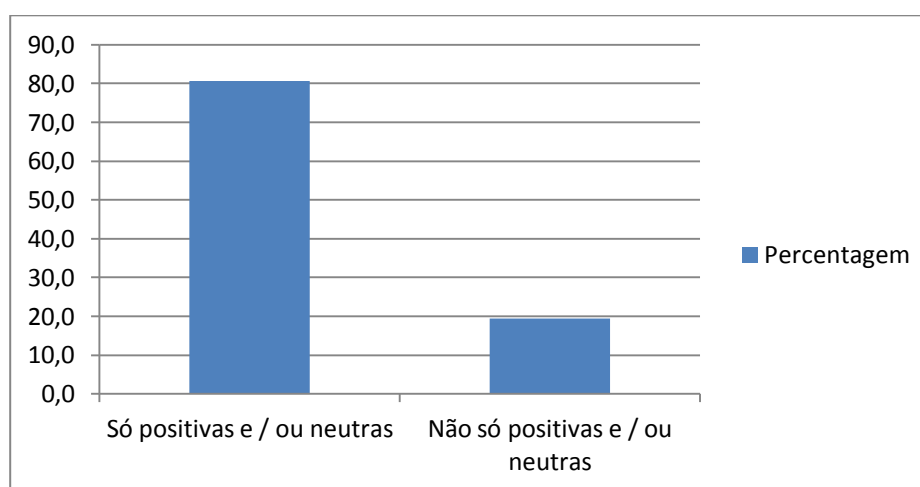
vi) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Apenas 1,9% de sequências de verbalização são só negativas e/ou neutras.

vii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as percentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 97 – Cartão VII Casamento: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

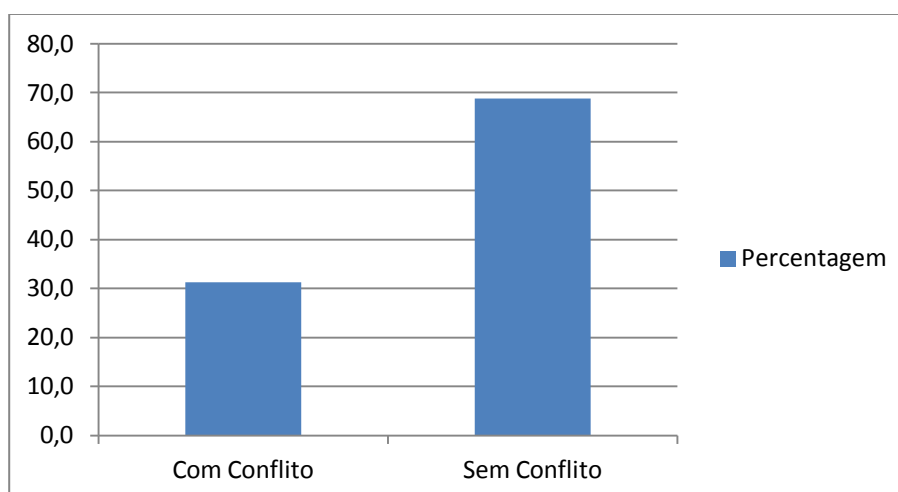


Verifica-se que 80,6% das sequências de verbalizações são só positivas e/ou neutras, enquanto 19,4% não são.

viii) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 98 – Cartão VII Casamento: Histórias com conflito e sem conflito

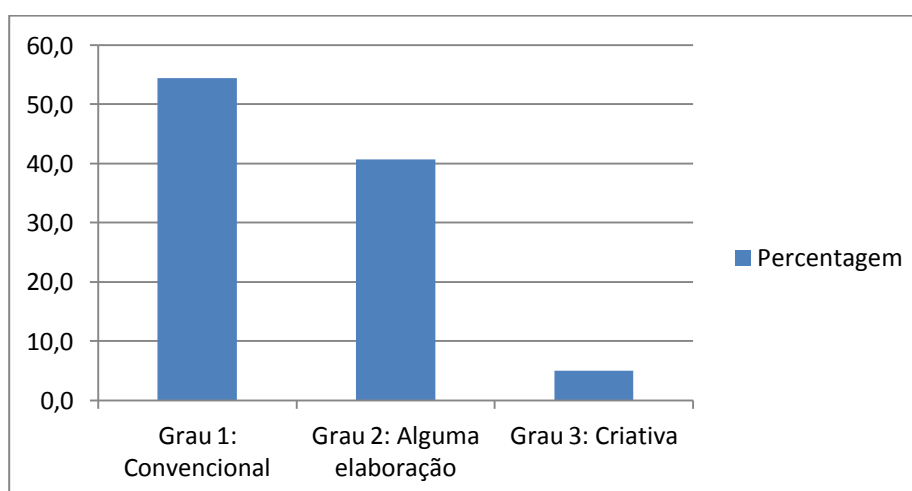


Verifica-se que há mais histórias sem conflito (68,8%), embora em quase um terço das histórias haja conflito (31,3%).

ix) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 99 – Cartão VII Casamento: Grau das histórias



Histórias convencionais correspondem a pouco mais de metade (54,4%). Relativamente às histórias Grau 2, há uma percentagem também elevada (40,6%). E uma percentagem reduzida de histórias Grau 3 (5%).

x) Grau das histórias e Conflito.

A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 43.171, p = .000$). Há 57,5% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 9,2% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

1.5.10. História inventada.

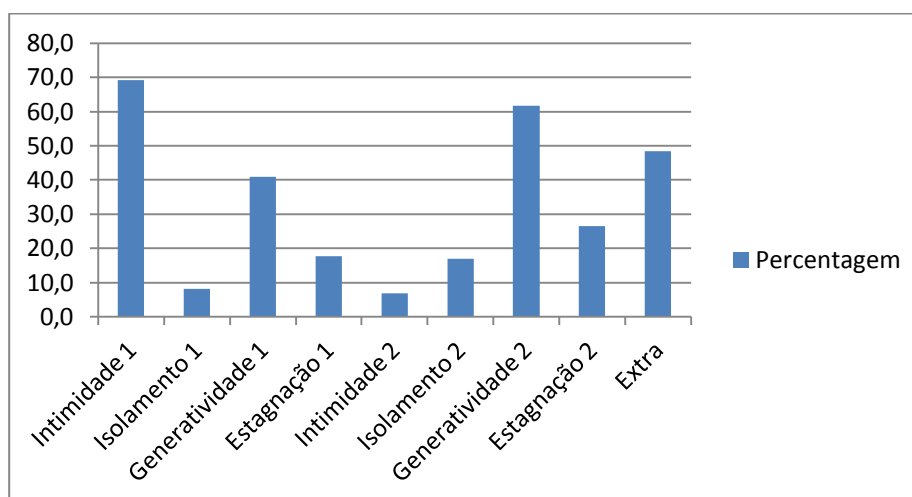
No conjunto da amostra, um participante não produziu uma História inventada.

i) Categorias das verbalizações na globalidade.

Apresentam-se aqui as percentagens das categorias das verbalizações na globalidade.

Antes disso, indica-se o número de repetições por categoria: Intimidade 1: 59 repetições; Isolamento 1: uma repetição; Generatividade 1: 30; Estagnação 1: oito; Isolamento 2: seis; Generatividade 2: 53; Estagnação 2: 14; Extra: três.

Figura 100 – História inventada: Categorias das verbalizações na globalidade



Independentemente da posição na sequência, as porcentagens das categorias verbalizadas situam-se entre os 69,2% e os 6,9%. As categorias mais verbalizadas são: Intimidade 1 (69,2%) e Generatividade 2 (61,6%). Depois surgem também com porcentagens elevadas Extra (48,4%) e Generatividade 1 (40,9%). Um pouco abaixo dos 30% surge Estagnação 2. Entre os 20% e os 10% surgem por ordem decrescente: Estagnação 1 e Isolamento 2. Abaixo dos 10% surgem por ordem decrescente: Isolamento 1 e Intimidade 2.

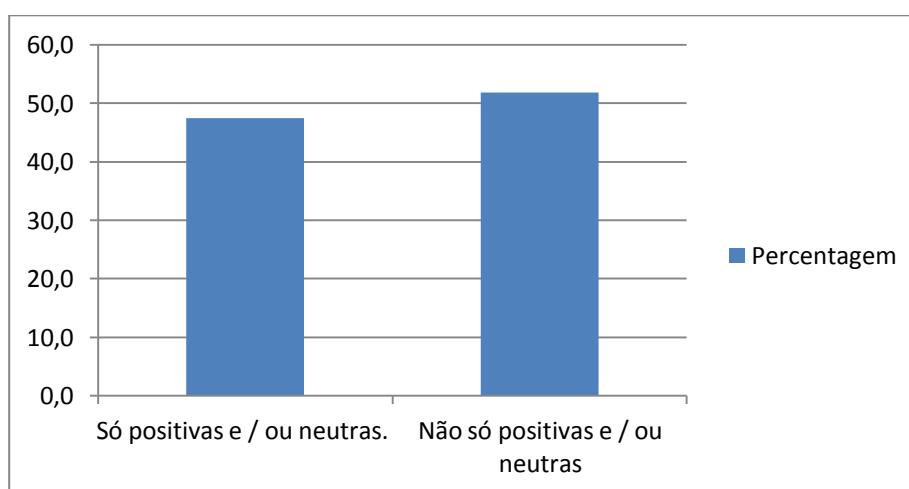
ii) Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras.

Uma percentagem reduzida de Histórias inventadas são sequências de verbalização só negativas e/ou neutras: 5,7%.

iii) Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Apresentam-se aqui as percentagens das sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e das sequências em que isso não sucede.

Figura 101 – História inventada: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede

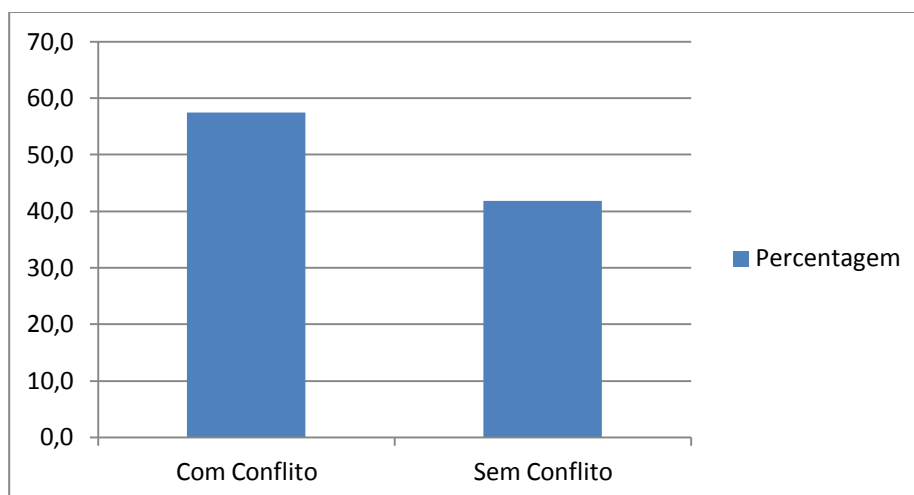


Verifica-se que 52,2% das sequências de verbalizações não são só positivas e/ou neutras, enquanto 47,8% são só positivas e/ou neutras.

iv) Conflito nas histórias.

Apresentam-se aqui as percentagens das histórias com conflito e sem conflito.

Figura 102 – História inventada: Histórias com conflito e sem conflito

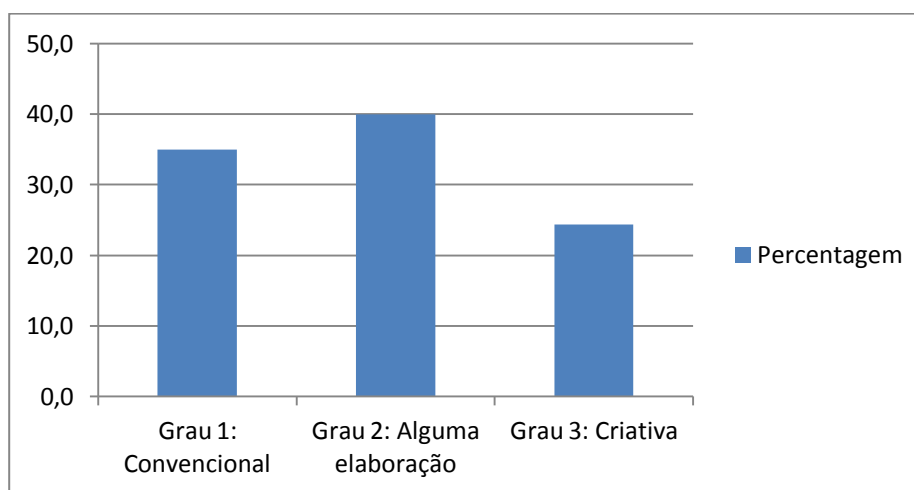


Mais de metade das histórias apresenta conflito: 57,9%. Sem conflito há 42,1% de histórias.

v) Grau das histórias.

Apresentam-se aqui as porcentagens do Grau das histórias: Grau 1, 2 e 3.

Figura 103 – História inventada: Grau das histórias



A maior parte das histórias são Grau 2 (40,3%); acrescentando as histórias Grau 3 (24,5%), ficam 64,4% de histórias em que houve envolvimento emocional. Há depois 35,2% de histórias convencionais.

x) Grau das histórias e Conflito.

A distribuição dos participantes em função de contarem uma história Grau 2 (com alguma elaboração) ou Grau 3 (criativa) não é independente da sua distribuição em função de apresentar um conflito na história. Os resultados sugerem que os que contam uma história Grau 2 ou 3 tendem mais a apresentar um conflito na história do que os que contam uma história Grau 1 (convencional) ($\chi^2 = 56.741, p = .000$). Há 79,6% dos que contam uma história Grau 2 ou 3 contra 17,9% dos que contam uma história Grau 1. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre contar uma história Grau 2 ou 3 e apresentar um conflito na história (e inversamente).

2. Estudo 2

2.1. Objetivos.

Na análise dos protocolos há dados objetivos, como as categorias escolhidas e sua colocação na sequência; trata-se de uma característica que distingue a “Era uma vez... Adultos” de outras provas projetivas e que facilita a cotação. É em relação aos itens de análise das histórias dos sete cartões e da História inventada – categorias das verbalizações, conflito e grau de elaboração – que importa analisar o grau de concordância entre cotadores. Esse é o objetivo deste Estudo 2. O estudo foi realizado

apenas com dois avaliadores, pois não era possível, nesta fase, encontrar disponibilidade de um maior número de psicólogos para este trabalho, uma vez que a cotação implica formação e treino no conhecimento das categorias estabelecidas e sua expressão verbal. No entanto, havia todo o interesse em perceber o grau de concordância e em identificar as áreas mais problemáticas relativamente à cotação. Ao mesmo tempo, há a consciência de que este será um trabalho a desenvolver em estudos posteriores.

2.2. Amostra.

A amostra é constituída por 40 protocolos, 20 do sexo feminino e 20 do sexo masculino. Foi retirada da amostra geral: a autora deste trabalho selecionou 40 números ao acaso entre um e 160; caso não se obtivesse uma distribuição uniforme entre homens e mulheres, escolhia-se o(s) protocolo(s) seguinte(s) para completar os 20 protocolos de cada sexo.

2.3. Procedimento.

As duas pessoas que cotaram de forma independente os resultados de 40 protocolos foram a autora deste trabalho e um psicólogo⁶⁹. O psicólogo ficou a conhecer o funcionamento da “Era uma vez... Adultos”, aplicou a prova a 15 participantes, acompanhou a construção da grelha de análise e teve treino na cotação de protocolos.

⁶⁹ Pedro Carvalho, a quem manifesto de novo o meu profundo agradecimento.

Cada um utilizou a grelha de análise da “Era uma vez... Adultos” para cotar as respostas dos 40 protocolos, sendo que todos os itens que constam da grelha foram cotados.

As análises estatísticas foram realizadas através do *software* SPSS (v.20, IBM SPSS). Foi efetuada a análise estatística Kappa para verificar o grau de concordância entre as duas cotações⁷⁰.

Considerou-se interessante separar a análise das verbalizações dos cartões da análise das verbalizações da História inventada, dado o grau de dificuldade de análise da História inventada ser maior face à não existência de cenas/categorias para serem escolhidas e servirem de base à história.

Antes de apresentar os resultados, esclareça-se que não se procedeu neste estudo a uma redução das verbalizações. Assim, para os cartões havia seis verbalizações que se poderiam assinalar e para a História inventada havia oito verbalizações. Quando o Avaliador considerasse que havia apenas, por exemplo, três verbalizações, assinalava “Ausente” nas outras. Este dado é importante, pois também aqui pode haver concordância ou não entres os cotadores, ou seja, podem dividir a história no mesmo número de verbalizações ou não.

⁷⁰ Para a descrição detalhada da forma como a análise foi realizada, ver Anexo 2.

2.4. Resultados do Estudo 2.

2.4.1. Precisão intercotadores.

i) Categorias das histórias dos sete cartões.

O resultado obtido foi: $Kappa = .85$, significando que existe uma concordância muito boa entre as duas cotações.

ii) Categorias da História inventada.

O resultado obtido foi: $Kappa = .58$, significando que existe uma concordância moderada entre as duas cotações.

iii) Conflito nas histórias.

O resultado obtido foi: $Kappa = .82$, significando que existe uma concordância muito boa entre as duas cotações.

iv) Grau das histórias.

O resultado obtido foi: $Kappa = .69$, significando que existe uma concordância boa entre as duas cotações.

3. Estudo 3

3.1. Objetivos.

O objetivo deste estudo é a validação da “Era uma vez... Adultos”, formando grupos com determinadas características psicológicas com base nos três questionários aplicados – NEO-FFI, CES-D, QER⁷¹ – e verificando se esses grupos se distinguem estatisticamente nas respostas à “Era uma vez... Adultos”.

Serão analisados os seguintes dados da prova nos sete cartões e na História inventada: categorias escolhidas na globalidade (este dado só se aplica aos cartões), categorias das verbalizações na globalidade, conflito nas histórias, grau das histórias.

Antes de apresentar os resultados relativos às relações encontradas entre as respostas da prova e as respostas dos questionários, será apresentada uma análise descritiva dos resultados de cada questionário.

3.2. Amostra.

Utilizou-se a amostra geral constituída por 160 participantes.

3.3. Procedimento.

As análises estatísticas foram realizadas através do *software* SPSS (v.20, IBM SPSS). Em primeiro lugar, todos os resultados dos três questionários foram dicotomizadas com base na mediana, formando-se sempre dois grupos: o grupo dos

⁷¹ Os três questionários foram descritos no ponto 1.3. do Estudo 1.

participantes que tiveram um resultado na mediana ou abaixo e o grupo dos participantes que tiveram um resultado superior à mediana. Depois efetuou-se o Teste do Qui-Quadrado para analisar as diferenças estatisticamente significativas entre os grupos nas respostas à prova: categorias escolhidas na globalidade (este dado só se aplica aos cartões), categorias das verbalizações na globalidade (pelo modo como a verbalização Extra foi definida para cada um dos cartões, não faz sentido analisá-la na História inventada, uma vez que corresponde a uma problemática específica da História inventada em causa, como, por exemplo, perder o emprego), conflito nas histórias, grau das histórias. Em algumas situações, as condições de aplicabilidade do Qui-Quadrado não se verificavam (havia células com frequência inferior a cinco) e utilizou-se o Teste de Fisher; essas situações estão assinaladas. Serão apresentados apenas os resultados estatisticamente significativos.

3.4. Resultados do Estudo 3.

3.4.1. Resultados com o NEO-FFI.

Como já foi referido na descrição do NEO-FFI, o questionário avalia cinco dimensões: abertura à experiência, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo.

Passa-se de seguida a apresentar os resultados de cada uma dessas dimensões:

- **Abertura à experiência:** valor mínimo 13 e máximo 44; moda 28, mediana 29 e média 29,83;

- **Conscienciosidade:** valor mínimo 14 e máximo 48; moda 36, mediana 36 e média 36,02;

- **Extroversão:** valor mínimo 15 e máximo 45; moda 33, mediana 31,50 e média 31,25;

- **Amabilidade:** valor mínimo 25 e máximo 43; moda 36, mediana 35 e média 33,98;

- **Neuroticismo:** valor mínimo 3 e máximo 43; moda 20, mediana 21 e média 21,19.

Os resultados das cinco dimensões foram dicotomizados com base na mediana, formando-se dois grupos: o grupo que estava na mediana ou abaixo e o grupo que estava acima. Apresenta-se de seguida a percentagem de cada grupo nas cinco dimensões:

- **Abertura à experiência:** 53,1% na mediana ou abaixo e 46,9% acima;

- **Conscienciosidade:** 55% na mediana ou abaixo e 45% acima;

- **Extroversão:** 50% na mediana ou abaixo e 50% acima;

- **Amabilidade:** 60,6% na mediana ou abaixo e 39,4% acima;

- **Neuroticismo:** 56,3% na mediana ou abaixo e 43,8% acima.

3.4.1.1. NEO-FFI e Cartão I Trabalho.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Abertura à experiência e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Generatividade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.984, p = .026$). Há 68% dos que estão acima da mediana contra 50,6% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência acima da mediana e escolher Generatividade 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Amabilidade e Intimidade 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 2 do que os que estão acima ($p = .034$). Há 18,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 6,3% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 2 (e inversamente).

iii) Grau das histórias.

Abertura à experiência e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.804$, $p = .016$). Há 49,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 30,7% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

3.4.1.2. NEO-FFI e Cartão II Fim de semana.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Neuroticismo e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Generatividade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.080$, $p = .043$). Há 37,8% dos que estão na mediana ou abaixo contra 22,9% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Neuroticismo na mediana ou abaixo e escolher Generatividade 1 (e inversamente).

Extroversão e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Extroversão não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Generatividade 2 do que os que estão acima ($\chi^2 = 6.404$, $p = .011$). Há 58,8% dos que estão na mediana ou abaixo contra 38,8% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Extroversão na mediana ou abaixo e escolher Generatividade 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Abertura à experiência e Isolamento 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os que estão acima ($p = .018$). Há 16,5% dos que estão na mediana ou abaixo contra 4% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Isolamento 2 (e inversamente).

Extroversão e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Extroversão não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Generatividade 2 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.258, p = .039$). Há 53,8% dos que estão na mediana ou abaixo contra 37,5% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Extroversão na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Generatividade 2 (e inversamente).

3.4.1.3. NEO-FFI e Cartão III Sexualidade.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Abertura à experiência e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Intimidade 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 11.166, p = .001$). Há 72% dos que estão acima da mediana contra 45,9% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência acima da mediana e escolher Intimidade 1 (e inversamente).

Neuroticismo e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.666, p = .031$). Há 65,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 48,6% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Neuroticismo na mediana ou abaixo e escolher Intimidade 1 (e inversamente).

Conscienciosidade e Estagnação 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Estagnação 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 3.847, p = .050$). Há 16,7 dos que estão acima da mediana contra 6,8% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade acima da mediana e escolher Estagnação 1 (e inversamente).

Conscienciosidade e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da

escolha da categoria Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Intimidade 2 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.032, p = .045$). Há 53,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 37,5% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade na mediana ou abaixo e escolher Intimidade 2 (e inversamente).

Abertura à experiência e Isolamento 2

Com base no Teste de Fischer, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Isolamento 2 do que os que estão acima ($p = .000$). Há 15,3% dos que estão na mediana ou abaixo contra 0% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e escolher Isolamento 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Conscienciosidade e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou

abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 2 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.654, p = .031$). Há 44,3% dos que estão na mediana ou abaixo contra 27,8% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 2 (e inversamente).

iii) Conflito nas histórias.

Neuroticismo e Conflito

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função da existência de conflito na história. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com conflito do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 3.969, p = .046$). Há 42,9 dos que estão acima da mediana contra 27,8% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com conflito. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Neuroticismo acima da mediana e conflito na história (e inversamente).

iv) Grau das histórias.

Neuroticismo e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na

mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.805$, $p = .028$). Há 58,9% dos que estão na mediana ou abaixo contra 41,4% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Neuroticismo na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

3.4.1.4. NEO-FFI e Cartão IV Aniversário.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Abertura à experiência e Estagnação 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Estagnação 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.426$, $p = .020$). Há 21,2% dos que estão na mediana ou abaixo contra 8% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e escolher Estagnação 1 (e inversamente).

Abertura à experiência e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da

mediana tendem a escolher mais Intimidade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.269, p = .022$). Há 53,3% dos que estão acima da mediana contra 35,3% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência acima da mediana e escolher Intimidade 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Conscienciosidade e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.826, p = .016$). Há 96,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 86,1% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 1 (e inversamente).

Conscienciosidade e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 2 do que os que estão na mediana ou

abaixo ($\chi^2 = 6.019, p = .014$). Há 76,4% dos que estão acima da mediana contra 58% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 2 (e inversamente).

Conscienciosidade e Estagnação 2

Com base no Teste de Fischer, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Estagnação 2 do que os que estão acima ($p = .017$). Há 8% dos que estão na mediana ou abaixo contra 0% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Estagnação 2 (e inversamente).

3.4.1.5. NEO-FFI e Cartão V Filhos.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Amabilidade e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Intimidade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 =$

6.519, $p = .011$). Há 47,6% dos que estão acima da mediana contra 27,8% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade acima da mediana e escolher Intimidade 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Amabilidade e Extra

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Extra. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Extra do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.066$, $p = .044$). Há 19,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 7,9% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Extra (e inversamente).

iii) Conflito nas histórias.

Conscienciosidade e Conflito

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Conscienciosidade não é independente da sua distribuição em função da existência de conflito na história. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história com conflito do que os que estão acima (χ^2

= 3.879, $p = .049$). Há 44,3% dos que estão na mediana ou abaixo contra 29,2% dos que estão acima que contam uma história com conflito. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conscienciosidade na mediana ou abaixo e conflito na história (e inversamente).

3.4.1.6. NEO-FFI e Cartão VI Morte.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Abertura à experiência e Isolamento 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Isolamento 1 do que os que estão acima ($p = .005$). Há 21,2% dos que estão na mediana ou abaixo contra 5,3% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e escolher Isolamento 1 (e inversamente).

Amabilidade e Extra

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Extra. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Extra do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.254, p = .022$). Há 34% dos que

estão na mediana ou abaixo contra 17,5% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade na mediana ou abaixo e escolher Extra (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Abertura à experiência e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.875, p = .015$). Há 78,8% dos que estão na mediana ou abaixo contra 61,3% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 1 (e inversamente).

Abertura à experiência e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.474, p = .019$). Há 57,3% dos que estão acima da mediana contra 38,8% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados

sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 1 (e inversamente).

Amabilidade e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 2 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.907, p = .027$). Há 71,1% dos que estão na mediana ou abaixo contra 54% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 2 (e inversamente).

iii) Grau das histórias.

Abertura à experiência e História criativa (Grau 3)

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função de contar uma história criativa (Grau 3). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história criativa do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .006$). Há 12% dos que estão acima da mediana contra 1,2% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história criativa. Os

resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência acima da mediana e contar uma história criativa (e inversamente).

3.4.1.7. NEO-FFI e Cartão VII Casamento.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Amabilidade e Isolamento 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Isolamento 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.199, p = .023$). Há 22,2% dos que estão acima da mediana contra 9,3% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade acima da mediana e escolher Isolamento 1 (e inversamente).

Neuroticismo e Estagnação 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Estagnação 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.515, p = .034$). Há 15,7% dos que estão acima da mediana contra 5,6% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a

existência de uma relação entre Neuroticismo acima da mediana e escolher Estagnação 1 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Abertura à experiência e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.306, p = .021$). Há 83,5% dos que estão na mediana ou abaixo contra 68% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 1 (e inversamente).

Amabilidade e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.907, p = .027$). Há 46% dos que estão acima da mediana contra 28,9% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados

sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 1 (e inversamente).

Amabilidade e Isolamento 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os que estão acima ($p = .017$). Há 15,5% dos que estão na mediana ou abaixo contra 3,2% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Isolamento 2 (e inversamente).

Neuroticismo e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.620, p = .018$). Há 60% dos que estão acima da mediana contra 41,1% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Neuroticismo acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 2 (e inversamente).

iii) Grau das histórias.

Abertura à experiência e História criativa (Grau 3)

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Abertura à experiência não é independente da sua distribuição em função de contar uma história criativa (Grau 3). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história criativa do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .026$). Há 9,3% dos que estão acima da mediana contra 1,2% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história criativa. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Abertura à experiência acima da mediana e contar uma história criativa (e inversamente).

3.4.1.8. NEO-FFI e História inventada.

i) Conflito nas histórias.

Neuroticismo e Conflito

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Neuroticismo não é independente da sua distribuição em função da existência de conflito na história. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com conflito do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 10.660$, $p = .001$). Há 72,5 dos que estão acima da mediana contra 46,7% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com conflito. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Neuroticismo acima da mediana e conflito na história (e inversamente).

ii) Grau das histórias.

Amabilidade e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na dimensão Amabilidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.416, p = .020$). Há 42,3% dos que estão na mediana ou abaixo contra 24,2% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Amabilidade na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

3.4.2. Resultados com a CES-D.

Como já foi referido na descrição da CES-D, o questionário avalia o grau de sintomatologia depressiva. Os resultados obtidos foram os seguintes: valor mínimo 0 e valor máximo 43; moda 8, mediana 10 e média 11,04.

Os resultados foram dicotomizados com base na mediana, formando-se dois grupos: o grupo que estava na mediana ou abaixo e o grupo que estava acima. A percentagem de cada grupo foi a seguinte: 55% na mediana ou abaixo e 45% acima.

3.4.2.1. CES-D e Cartão I Trabalho.

i) Categorias das verbalizações na globalidade.

Isolamento 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na CES-D não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.170, p = .041$). Há 25% dos que estão acima da mediana contra 12,5% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sintomatologia depressiva acima da mediana e apresentar verbalizações Isolamento 2 (e inversamente).

3.4.2.2. CES-D e Cartão II Fim de semana.

i) Categorias das verbalizações na globalidade.

Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na CES-D não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Generatividade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.117, p = .042$). Há 38,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 23,6% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre

sintomatologia depressiva na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Generatividade 1 (e inversamente).

3.4.2.3. CES-D e Cartão III Sexualidade.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Estagnação 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na CES-D não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Estagnação 1 do que os que estão acima ($p = .046$). Há 15,9% dos que estão na mediana ou abaixo contra 5,6% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sintomatologia depressiva na mediana ou abaixo e escolher Estagnação 1 (e inversamente).

Estagnação 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na CES-D não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Estagnação 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .001$). Há 18,1% dos que estão acima da mediana contra 2,3% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a

existência de uma relação entre sintomatologia depressiva acima da mediana e escolher Estagnação 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Isolamento 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na CES-D não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Isolamento 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.436, p = .035$). Há 20,8% dos que estão acima da mediana contra 9,1% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre sintomatologia depressiva acima da mediana e apresentar verbalizações Isolamento 1 (e inversamente).

Estagnação 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados na CES-D não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Estagnação 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .016$). Há 16,7% dos que estão acima da mediana contra 4,5% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a

existência de uma relação entre sintomatologia depressiva acima da mediana e apresentar verbalizações Estagnação 2 (e inversamente).

3.4.3. Resultados com o QER.

Como já foi referido na descrição do QER, o questionário pode ser cotado numa solução de três ou seis fatores. Aqui, optou-se por usar a solução de seis fatores: preocupação, desconforto com proximidade, outro negativo, competência e conforto com a proximidade, conforto com o apoio e autossuficiência. A justificação dessa opção reside na possibilidade de explorar mais relações entre o QER e as respostas da “Era uma vez... Adultos” com uma solução de seis fatores.

Passa-se de seguida a apresentar os resultados de cada um desses fatores:

- **Fator 1 Preocupação:** valor mínimo 7 e máximo 35; moda 17, mediana 17 e média 17,42;

- **Fator 2 Desconforto com proximidade:** valor mínimo 8 e máximo 32; moda 19, mediana 17 e média 17,13;

- **Fator 3 Outro negativo:** valor mínimo 5 e máximo 20; moda 9, mediana 10 e média 9,88;

- **Fator 4 Competência e conforto com a proximidade:** valor mínimo 6 e máximo 20; moda 16, média 14,59 e mediana 15;

- **Fator 5 Conforto com o apoio:** valor mínimo 6 e máximo 20; moda 14, mediana 13 e média 12,91;

- **Fator 6 Autossuficiência:** valor mínimo 3 e máximo 10; moda 10, mediana 8 e média 7,91.

Os resultados dos seis fatores foram dicotomizados com base na mediana, formando-se dois grupos: o grupo que estava na mediana ou abaixo e o grupo que estava acima. Apresenta-se de seguida a percentagem de cada grupo nos seis fatores:

- **Fator 1 Preocupação:** 51,3% na mediana ou abaixo e 48,8% acima;
- **Fator 2 Desconforto com proximidade:** 51,3% na mediana ou abaixo e 48,8% acima;
- **Fator 3 Outro negativo:** 62,5% na mediana ou abaixo e 37,5% acima;
- **Fator 4 Competência e conforto com a proximidade:** 56,3% na mediana ou abaixo e 43,8% acima;
- **Fator 5 Conforto com o apoio:** 56,3% na mediana ou abaixo e 43,8% acima;
- **Fator 6 Autossuficiência:** 59,4% na mediana ou abaixo e 40,6% acima.

3.4.3.1. QER e Cartão I Trabalho.

i) Categorias das verbalizações na globalidade.

Preocupação e Estagnação 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão na

mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Estagnação 1 do que os que estão acima ($p = .048$). Há 13,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 3,8% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Estagnação 1 (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e Estagnação 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Estagnação 1 do que os que estão acima ($p = .024$). Há 13,3% dos que estão na mediana ou abaixo contra 2,9% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Estagnação 1 (e inversamente).

Autossuficiência e Estagnação 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Estagnação 1 do que os que estão acima ($p = .046$). Há 12,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 3,1% dos que estão acima

que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Estagnação 1 (e inversamente).

ii) Grau das histórias.

Competência e conforto com a proximidade e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 9.378, p = .002$). Há 51,1% dos que estão na mediana ou abaixo contra 27,1% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e História com alguma elaboração (Grau 2)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história com alguma elaboração (Grau 2). Os resultados sugerem

que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com alguma elaboração do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.160, p = .023$). Há 61,4% dos que estão acima da mediana contra 43,2% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com alguma elaboração. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e contar uma história com alguma elaboração (e inversamente).

3.4.3.2. QER e Cartão II Fim de semana.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Autossuficiência e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.679, p = .017$). Há 88,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 73,8% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência na mediana ou abaixo e escolher Intimidade 1 (e inversamente).

Preocupação e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem

a escolher mais Generatividade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 6.333, p = .012$). Há 40,2% dos que estão na mediana ou abaixo contra 21,8% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação na mediana ou abaixo e escolher Generatividade 1 (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Generatividade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.587, p = .018$). Há 38,9% dos que estão na mediana ou abaixo contra 21,4% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade na mediana ou abaixo e escolher Generatividade 1 (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e Isolamento 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Isolamento 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.030, p = .025$). Há 21,4% dos que estão acima da mediana contra 8,9% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados

sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e escolher Isolamento 2 (e inversamente).

Conforto com o apoio e Extra

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Extra. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Extra do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.080, p = .043$). Há 37,8% dos que estão na mediana ou abaixo contra 22,9% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio na mediana ou abaixo e escolher Extra (e inversamente).

ii) Grau das histórias.

Competência e conforto com a proximidade e História convencional (Grau

1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 6.772, p = .009$). Há 78,9% dos que estão na mediana ou abaixo contra 60% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a

proximidade na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e História com alguma elaboração (Grau 2)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história com alguma elaboração (Grau 2). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com alguma elaboração do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.151, p = .042$). Há 34,3% dos que estão acima da mediana contra 20% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com alguma elaboração. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e contar uma história com alguma elaboração (e inversamente).

3.4.3.3. QER e Cartão III Sexualidade.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Preocupação e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.128, p = .042$). Há 65,9%

dos que estão na mediana ou abaixo contra 50% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação na mediana ou abaixo e escolher Intimidade 1 (e inversamente).

Outro negativo e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Outro negativo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.178, p = .023$). Há 65% dos que estão na mediana ou abaixo contra 46,7% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Outro negativo na mediana ou abaixo e escolher Intimidade 1 (e inversamente).

Desconforto com proximidade e Estagnação 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Desconforto com proximidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Estagnação 1 do que os que estão acima ($p = .023$). Há 17,1% dos que estão na mediana ou abaixo contra 5,1% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Desconforto com proximidade na mediana ou abaixo e escolher Estagnação 1 (e inversamente).

Desconforto com proximidade e Estagnação 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Desconforto com proximidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Estagnação 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .014$). Há 15,4% dos que estão dos que estão acima da mediana contra 3,7% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Desconforto com proximidade acima da mediana e escolher Estagnação 2 (e inversamente).

Autossuficiência e Extra

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Extra. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Extra do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.067, p = .024$). Há 30,8% dos que estão acima da mediana contra 15,8% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência acima da mediana e escolher Extra (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Outro negativo e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Outro negativo não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 7.529, p = .006$). Há 91% dos que estão na mediana ou abaixo contra 75% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Outro negativo na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 1 (e inversamente).

Preocupação e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.131, p = .042$). Há 17,9% dos que estão acima da mediana contra 7,3% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 1 (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e Estagnação 1

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Estagnação 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .022$). Há 11,4% dos que estão acima da mediana contra 2,2% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e apresentar verbalizações Estagnação 1 (e inversamente).

Desconforto com proximidade e Estagnação 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Desconforto com proximidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Estagnação 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .008$). Há 16,7% dos que estão acima da mediana contra 3,7% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Desconforto com proximidade acima da mediana e apresentar verbalizações Estagnação 2 (e inversamente).

3.4.3.4. QER e Cartão IV Aniversário.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Conforto com o apoio e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Intimidade 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 6.429, p = .011$). Há 88,6% dos que estão acima da mediana contra 72,2% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio acima da mediana e escolher Intimidade 1 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Autossuficiência e Estagnação 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Estagnação 2 do que os que estão acima ($p = .042$). Há 7,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 0% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Estagnação 2 (e inversamente).

3.4.3.5. QER e Cartão V Filhos.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Competência e conforto com a proximidade e Isolamento 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Isolamento 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 6.871$, $p = .009$). Há 24,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 8,6% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade na mediana ou abaixo e escolher Isolamento 1 (e inversamente).

Conforto com o apoio e Isolamento 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a escolher mais Isolamento 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 6.871$, $p = .009$). Há 24,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 8,6% dos que estão acima que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio na mediana ou abaixo e escolher Isolamento 1 (e inversamente).

ii) Conflito nas histórias.

Preocupação e Conflito

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função da existência de conflito na história. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história com conflito do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.169, p = .041$). Há 45,1% dos que estão na mediana ou abaixo contra 29,5% dos que estão acima que contam uma história com conflito. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação na mediana ou abaixo e conflito na história (e inversamente).

iii) Grau das histórias.

Preocupação e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.941, p = .026$). Há 60,3% dos que estão acima da mediana contra 42,7% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação acima da mediana e contar uma história convencional (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e História criativa (Grau 3)

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história criativa (Grau 3). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história criativa do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .033$). Há 12,9% dos que estão acima da mediana contra 3,3% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história criativa. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e contar uma história criativa (e inversamente).

3.4.3.6. QER e Cartão VI Morte.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Autossuficiência e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Generatividade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.638$, $p = .031$). Há 61,5% dos que estão acima da mediana contra 44,2% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência acima da mediana e escolher Generatividade 2 (e inversamente).

Outro negativo e Estagnação 2

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Outro negativo não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Estagnação 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Estagnação 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .028$). Há 8,3% dos que estão acima da mediana contra 1% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Outro negativo acima da mediana e escolher Estagnação 2 e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Competência e conforto com a proximidade e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 2 do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.070, p = .044$). Há 71,1% dos que estão na mediana ou abaixo contra 55,7% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 2 (e inversamente).

Competência e conforto com a proximidade e Isolamento 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.052, p = .044$). Há 31,4% dos que estão acima da mediana contra 17,8% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e apresentar verbalizações Isolamento 2 (e inversamente).

Autossuficiência e Generatividade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 6.983, p = .008$). Há 56,9% dos que estão acima da mediana contra 35,8% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 2 (e inversamente).

iii) Conflito nas histórias.

Competência e conforto com a proximidade e Conflito

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da existência de conflito na história. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com conflito do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.807, p = .028$). Há 30% dos que estão acima da mediana contra 15,6% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com conflito. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e conflito na história (e inversamente).

iv) Grau das histórias.

Competência e conforto com a proximidade e História convencional (Grau

1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 6.225, p = .013$). Há 55,6% dos que estão na mediana ou abaixo contra 35,7% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a

proximidade na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

Conforto com o apoio e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 4.733, p = .030$). Há 54,4% dos que estão na mediana ou abaixo contra 37,1% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

Conforto com o apoio e História com alguma elaboração (Grau 2)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função de contar uma história com alguma elaboração (Grau 2). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com alguma elaboração do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.269, p = .022$). Há 57,1% dos que estão acima da mediana contra 38,9% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com alguma elaboração. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio acima da mediana e contar uma história com alguma elaboração (e inversamente).

3.4.3.7. QER e Cartão VII Casamento.

i) Categorias escolhidas na globalidade.

Autossuficiência e Isolamento 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Isolamento 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Isolamento 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 6.735, p = .009$). Há 23,1% dos que estão acima da mediana contra 8,4% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência acima da mediana e escolher Isolamento 1 (e inversamente).

Preocupação e Intimidade 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Preocupação não é independente da sua distribuição em função da escolha da categoria Intimidade 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a escolher mais Intimidade 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.611, p = .018$). Há 59% dos que estão acima da mediana contra 40,2% dos que estão na mediana ou abaixo que escolhem essa categoria. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Preocupação acima da mediana e escolher Intimidade 2 (e inversamente).

ii) Categorias das verbalizações na globalidade.

Competência e conforto com a proximidade e Generatividade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função da verbalização Generatividade 1. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Generatividade 1 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 5.524$, $p = .019$). Há 45,7% dos que estão acima da mediana contra 27,8% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a proximidade acima da mediana e apresentar verbalizações Generatividade 1 (e inversamente).

iii) Grau das histórias.

Competência e conforto com a proximidade e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Competência e conforto com a proximidade não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.106$, $p = .024$). Há 62,2% dos que estão na mediana ou abaixo contra 44,3% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Competência e conforto com a

proximidade na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

Conforto com o apoio e História criativa (Grau 3)

Com base no Teste de Fisher, a distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função de contar uma história criativa (Grau 3). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história criativa do que os que estão na mediana ou abaixo ($p = .022$). Há 10% dos que estão acima da mediana contra 1,1% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história criativa. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio acima da mediana e contar uma história criativa (e inversamente).

3.4.3.8. QER e História inventada.

i) Categorias das verbalizações na globalidade.

Outro negativo e Intimidade 1

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Outro negativo não é independente da sua distribuição em função da verbalização Intimidade 1. Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem a verbalizar mais Intimidade 1 do que os que estão acima ($\chi^2 = 9.828, p = .002$). Há 78% dos que estão na mediana ou abaixo contra 54,2% dos que estão acima que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre

Outro negativo na mediana ou abaixo e apresentar verbalizações Intimidade 1 (e inversamente).

Outro negativo e Isolamento 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Outro negativo não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 6.839, p = .009$). Há 27,1% dos que estão acima da mediana contra 11% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Outro negativo acima da mediana e apresentar verbalizações Isolamento 2 (e inversamente).

Autossuficiência e Isolamento 2

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Autossuficiência não é independente da sua distribuição em função da verbalização Isolamento 2. Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem a verbalizar mais Isolamento 2 do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.886, p = .027$). Há 25% dos que estão acima da mediana contra 11,6% dos que estão na mediana ou abaixo que apresentam essa verbalização. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Autossuficiência acima da mediana e apresentar verbalizações Isolamento 2 (e inversamente).

ii) Grau das histórias.

Outro negativo e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Outro negativo não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.570, p = .033$). Há 45,8% dos que estão acima da mediana contra 29% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Outro negativo acima da mediana e contar uma história convencional (e inversamente).

Conforto com o apoio e História convencional (Grau 1)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função de contar uma história convencional (Grau 1). Os resultados sugerem que os que estão na mediana ou abaixo tendem mais a contar uma história convencional do que os que estão acima ($\chi^2 = 5.983, p = .014$). Há 43,3% dos que estão na mediana ou abaixo contra 24,6% dos que estão acima que contam uma história convencional. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio na mediana ou abaixo e contar uma história convencional (e inversamente).

Conforto com o apoio e História com alguma elaboração (Grau 2)

A distribuição dos participantes em função da mediana dos resultados no fator Conforto com o apoio não é independente da sua distribuição em função de contar uma história com alguma elaboração (Grau 2). Os resultados sugerem que os que estão acima da mediana tendem mais a contar uma história com alguma elaboração do que os que estão na mediana ou abaixo ($\chi^2 = 4.127, p = .042$). Há 49,3% dos que estão acima da mediana contra 33,3% dos que estão na mediana ou abaixo que contam uma história com alguma elaboração. Os resultados sugerem, portanto, a existência de uma relação entre Conforto com o apoio acima da mediana e contar uma história com alguma elaboração (e inversamente).

Capítulo 3: Discussão dos Resultados do Estudo da “Era uma vez... Adultos”

Neste capítulo, tem lugar uma discussão dos resultados apresentados no capítulo anterior. Uma vez que a apresentação dos resultados foi dividida em três estudos – Estudo 1 relativo aos conteúdos das verbalizações, principais dados das respostas da “Era uma vez... Adultos”, diferenças entre sexos; Estudo 2 relativo à precisão intercotadores; Estudo 3 relativo à validação da prova, formando grupos com base nos três questionários aplicados (NEO-FFI, CES-D, QER) –, a discussão segue essa mesma tripartição.

1. Discussão dos resultados do Estudo 1

1.1. Conteúdos das verbalizações.

Relativamente aos conteúdos das verbalizações de todos os cartões, constata-se que há uma maior variedade de significados do que na “Era uma vez...” (Fagulha, 1992). Considera-se que essa variedade advém tanto da capacidade criativa e liberdade dos adultos como das características dos desenhos da “Era uma vez Adultos...”, que são graficamente menos preenchidos, favorecendo as possibilidades criativas.

Constata-se também uma frequência elevada de determinadas alterações dos significados das cenas. Uma dessas alterações diz respeito à omissão da emoção

negativa das cenas: a cena é escolhida mas a emoção é ignorada. Coloca-se aqui a hipótese interpretativa de estarmos perante um mecanismo defensivo: a negação.

Outra alteração diz respeito à categoria da cena e não à cena: os conteúdos verbalizados, ainda que adequados às cenas, não correspondem à categoria prevista. Isto surge frequentemente com a categoria Generatividade 1 que é verbalizada como Intimidade 1 em cinco dos sete cartões (excluem-se o Cartão II Fim de semana e o Cartão V Filhos). A Generatividade 1 representa o cuidar do outro enquanto a Intimidade 1 representa o convívio com o outro. Percebe-se que, tanto a nível conceptual como a nível do funcionamento psicológico, as fronteiras entre essas duas dimensões relacionais se esbatem. Só quando a relação entre as pessoas é marcadamente uma relação de cuidado (cuidar de pessoas mais velhas no Cartão II Fim de semana ou dos filhos no Cartão V Filhos), é que a Generatividade 1 se distingue de modo mais claro da Intimidade 1. A possível convergência entre categorias foi assinalada na explicação do processo de conceptualização das oito categorias⁷².

A terceira alteração frequente advém da liberdade dos adultos que modificam deliberadamente o significado das cenas. Isso surge de forma clara, por exemplo, na Generatividade 2 e na Estagnação 2 no Cartão II Fim de semana. A Generatividade 2 pressupõe um investimento no *self*, ficando em segundo plano a relação com os outros; no Cartão II Fim de semana, foi representada por uma ida ao cinema, simbolizando o tempo livre que cada pessoa dedica a si própria. Acontece que vários participantes disseram que a personagem estava sozinha mas que não ia sozinha ao cinema, ia com outras pessoas – estes comentários adicionais dos participantes não são desadequados à cena, embora privilegiem a dimensão interpessoal, o que leva a categorizar a verbalização como Intimidade 1. Na Estagnação 2 do mesmo cartão, a personagem

⁷² Ver o ponto 2.1. do Capítulo 1 da Primeira Parte.

surge com uma expressão emocional negativa e num cenário de desarrumação a ver televisão, tudo isto representando um não cuidar de si que é característico da categoria Estagnação 2. Ora, vários participantes dizem que a personagem está a ver televisão mas não está chateada nem está naquele cenário de desarrumação, está a relaxar – todas estas observações apontam para um significado oposto: a personagem está a passar um bom momento com ela própria, o que leva a categorizar a verbalização como Generatividade 2.

Apesar destes três tipos de alterações serem frequentes e de se constatar ainda a existência de alguns conteúdos incomuns, a intenção subjacente à criação das cenas não fica posta em causa, tendo antes de ser interpretado o que as pessoas fazem com essa intenção (cada cena), desde ignorar a emoção negativa a introduzir novos significados.

1.2. Dados normativos relativos aos sete cartões e à História inventada.

1.2.1. Categorias, conflito e grau.

Como foi referido desde o início deste trabalho, há na “Era uma vez... Adultos” duas fases na resposta: a primeira é a escolha das cenas e sua organização numa sequência; a segunda é a verbalização da história. Por essa razão, há também duas análises das respostas: a análise das cenas escolhidas e a análise das histórias.

De modo global, as histórias dos adultos na “Era uma vez... Adultos” revelam maior variedade e complexidade do que as das crianças na “Era uma vez...”. Os adultos mudam deliberadamente o significado das cenas, são mais criativos, fazem muitas observações quando estão a contar as suas histórias. Além disso, por vezes, as histórias

vão para lá das cenas, havendo mais do que três verbalizações; outras vezes sucede o oposto, havendo menos do que três verbalizações.

Passa-se de seguida a uma discussão das respostas nos sete cartões e na História inventada, tendo em conta as categorias das cenas e das verbalizações, sendo que também se relacionam esses dados com a existência de conflito e o grau da história.

i) Cartão I Trabalho

A relação com os colegas dentro ou fora do trabalho é a dimensão relacional predominante neste cartão. A Intimidade 1 que representa o convívio com os outros é, pois, a categoria mais escolhida e verbalizada. O foco na relação/convívio no contexto do trabalho poderá apontar para uma característica cultural, provavelmente diferente da que se encontrará em amostras de outras culturas.

Apesar da focagem no convívio, as histórias também revelam o investimento no *self* no contexto do trabalho, que surge sobretudo na satisfação sentida pelo trabalho que se tem; este aspeto está patente na escolha e verbalização da Generatividade 2.

Enquanto a Generatividade 2 surge sobretudo no início da sequência/história, a Intimidade 1 surge mais no fim. Assim, há a tendência para privilegiar em primeiro lugar a dimensão intrarrelacional do trabalho para depois se privilegiar a dimensão inter-relacional. Tendo em conta os conteúdos das verbalizações, verifica-se que a Intimidade 1 surge muitas vezes como convívio fora do trabalho, o que também explica que surja no final da sequência/história.

Surge também com uma frequência elevada a Estagnação 2, representada neste cartão por um desenho em que a personagem está sentada a uma secretária com papéis desarrumados e apresentando uma expressão emocional negativa. A elevada presença da Estagnação 2 deve ser relacionada com a existência de conflito em 41,9% das histórias, sendo no Cartão I Trabalho que surgem mais histórias com conflito. É também no Cartão I Trabalho que a percentagem das histórias com alguma elaboração (Grau 2) é superior às histórias convencionais (Grau 1). Tudo isto mostra que a temática do trabalho levanta dificuldades, sendo que também suscita algum grau de elaboração emocional e menor defensividade por parte dos participantes. Por outras palavras, a temática do trabalho traz conflitos mas não é difícil enfrentá-los e falar sobre eles.

ii) Cartão II Fim de semana

No Cartão II Fim de semana, volta a ser privilegiado o convívio com os outros. Esse convívio concretiza-se na imagem de um almoço em família: categoria Intimidade 1, que é de novo a categoria mais escolhida e verbalizada. Surge também no plano do desejo de estar com outros, patente na Intimidade 2 (representada pela personagem com um balão de pensamento em que surgem quatros rostos mal definidos), a terceira categoria mais escolhida e verbalizada.

Surgem depois duas categorias que se situam já no plano intrapessoal: a Generatividade 2 e a Extra. A Generatividade 2 (representada por uma ida ao cinema) corresponde a um tempo livre de relaxe ou de lazer para o próprio no espaço do fim de semana. Já a Extra corresponde às tarefas que se têm que realizar no fim de semana, é o trabalho que está presente no fim de semana. A Extra está representada pela personagem feminina a passar a ferro e pela personagem masculina a fazer contas.

Neste cartão, Generatividade 2 e a Extra são o oposto uma da outra: a Generatividade 2 representa a liberdade de aproveitar o fim de semana como se quiser; a Extra representa as obrigações que também existem no fim de semana. É a Generatividade 2 que vence, dado que é a segunda categoria mais escolhida e verbalizada; a Extra surge em quarto lugar.

O Cartão II Fim de semana é um dos cartões com uma maior percentagem de histórias convencionais e com menor percentagem de conflito. Tais resultados justificam-se pela temática à partida prazerosa do cartão, que origina pouco conflito. Neste sentido, protocolos que apresentem histórias com conflito são relevantes em termos de avaliação diagnóstica.

iii) Cartão III Sexualidade

No Cartão III Sexualidade, volta a ser de novo a dimensão inter-relacional que predomina, patente na verbalização da Intimidade 1.

A Generatividade 1, representada neste cartão pela personagem a colocar o seu braço em volta da figura de sexo oposto, raramente é verbalizada como Generatividade 1, mas antes como Intimidade 1. Verbalizar a cena que representa Generatividade 1 como Intimidade 1 mostra como de facto em algumas temáticas a fronteira entre as duas categorias é ténue.

Acontece que neste cartão a cena que representa a Intimidade 1 tem um significado específico: ter relações sexuais (conteúdo presente em 66 verbalizações dos 86 participantes que escolheram e também verbalizarem a categoria). Pensando apenas nas verbalizações, poderá ver-se aqui diferentes tipos de Intimidade 1 com base nas

cenas escolhidas: verbalização de Intimidade 1 com base na cena que representa a Generatividade 1 (abraçar o parceiro) e verbalização de Intimidade 1 com base na cena que representa de facto Intimidade 1 (ter uma relação sexual com o parceiro). E ter uma história apenas com o primeiro tipo de intimidade é diferente de ter uma história que também contém o segundo tipo de intimidade. Trata-se de uma situação que deve ser tida em atenção na análise individual de um protocolo.

As outras duas categorias mais escolhidas e também mais verbalizadas inserem-se na dimensão intrarrelacional: Intimidade 2 e Generatividade 2. A Intimidade 2 está representada pela personagem deitada na cama, com um balão de pensamento com ela própria e a figura do sexo oposto abraçadas. Na Intimidade 2 está patente o desejo de uma relação que se vai concretizar ou que permanece na fantasia. Esta segunda situação ocorre em várias histórias em que a categoria surge na 3ª posição: a personagem fica a sonhar com a outra figura, não tendo sido possível concretizar a relação devido a conflitos que surgem na história. A Generatividade 2, representada pela imagem da personagem a perfumar-se, liga-se à necessidade/desejo de investir em si, de confirmar a sua imagem que será observada pelo olhar do outro, esperando que o outro se sinta agradado.

É esperado, face à complexidade da temática⁷³, que o conflito esteja presente neste cartão. O Cartão III Sexualidade fica no grupo dos quatro cartões com maior percentagem de conflito (grupo que inclui o Cartão V Filhos, o Cartão IV Aniversário e o Cartão VII Casamento, sendo que todos se seguem ao Cartão I Trabalho em percentagem de histórias com conflito). Os conflitos surgem nas duas dimensões: na dimensão interpessoal em que há desentendimento e rejeição; na dimensão intrapessoal

⁷³ Ver ponto 7.3. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

em que surgem dúvidas sobre a imagem, sobre a avaliação do outro e também sobre o afeto do outro, o medo de ser magoado/rejeitado pelo outro.

iv) Cartão IV Aniversário

O dia do aniversário é visto pela maior parte dos participantes como o dia para conviver com os outros e também para cuidar de si. As categorias mais escolhidas e verbalizadas são, pois, Intimidade 1 (personagem a soprar as velas de um bolo com outras figuras em volta) e Generatividade 2 (personagem no cabeleireiro/barbeiro).

Ainda que seja um cartão com uma temática à partida prazerosa (tal como o Cartão II Fim de semana), o Cartão IV Aniversário ocupa o terceiro lugar na percentagem de conflito. Este resultado explica-se pela referência ao envelhecimento, marca da vida adulta que não surgia no cartão com a mesma temática na “Era uma vez...”. A elaboração dessa preocupação com o envelhecer é várias vezes abordada de forma convencional, o que explica que este cartão esteja em penúltimo lugar na percentagem de histórias Grau 2 e 3. O envelhecimento é reconhecido como um problema, mas que parece não incomodar muito, reação que pode justificar-se pela idade da maior parte dos participantes da amostra, cuja média é de 45,1 anos.

v) Cartão V Filhos

No Cartão V Filhos, as categorias mais escolhidas e verbalizadas são Intimidade 1, representada pela personagem a fazer um jogo com duas crianças e uma figura adulta do sexo oposto, e Generatividade 1, representada pela personagem a ler um livro a uma

criança. Neste cartão, a cena/categoria Generatividade 1 não é verbalizada como Intimidade 1, pois está claramente associada ao cuidar do outro, neste caso cuidar dos filhos, sendo o exemplo por excelência de generatividade de Erikson⁷⁴.

Interessantemente, a categoria que surge em terceiro lugar é a Generatividade 2, representada pela personagem sentada num sofá a ler uma revista. Parece, assim, haver um compromisso em muitas histórias entre cuidar dos filhos (Generatividade 1) e cuidar de si (Generatividade 2).

Ao mesmo tempo, é um cartão com uma percentagem elevada de conflito, resultado que se esperava face à temática do cartão. Surgem conflitos comuns como, por exemplo, os filhos fazerem asneiras ou os filhos zangarem-se entre si, surge ainda o problema de conciliar o tempo para estar com a família e o tempo para si ou para o trabalho. Em muitas histórias, não há, pois, uma idealização do que é ter filhos, mas um confronto com os problemas normais da vida com filhos. Isto mesmo também está patente na percentagem elevada de histórias com alguma elaboração (Grau 2) e criativas (Grau 3), em que este cartão ocupa o terceiro lugar (juntamente com o Cartão III Sexualidade).

vi) Cartão VI Morte

No Cartão VI Morte, as categorias mais escolhidas e verbalizadas são Intimidade 1, Intimidade 2 e Generatividade 2.

⁷⁴ Ver o ponto 3. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

A Intimidade 1 está representada pela personagem junto a um grupo de figuras que a cumprimentam perto de um caixão. Partilha-se o sentimento de perda causada pela morte de alguém de quem se gostava.

A Intimidade 2 está representada pela personagem com um balão de pensamento em que surge uma figura mais velha; essa mesma figura está numa fotografia que a personagem tem na sua mão. Esta categoria representa outra dimensão relacional: a relação com a memória da pessoa que morreu, a representação interna com que se ficou dessa pessoa.

Por sua vez, a Generatividade 2, representada neste cartão pela imagem da personagem à beira-mar, mostra a capacidade de investir em si, de investir na vida, a capacidade de lidar com a morte de uma forma construtiva. A Generatividade 2 surge frequentemente na 3ª posição da sequência/história.

No Cartão VI Morte há várias histórias Grau 2 e 3 (o cartão ocupa o segundo lugar), mas é um cartão com pouco conflito, sendo o cartão com menos conflito logo a seguir ao Cartão II Fim de semana. A razão para esta situação é a seguinte: a temática do cartão não origina de facto muito conflito, mas mais uma reflexão sobre o sentido da vida e da morte. Por esta razão, as histórias não apresentam conflito mas têm alguma elaboração.

vii) Cartão VII Casamento

As categorias mais escolhidas são Intimidade 1, Intimidade 2 e Generatividade 2. A Intimidade 1 surge frequentemente expressa no convívio no casamento ou então na relação com a outra figura do sexo oposto. As outras duas categorias inserem-se na

dimensão intrapessoal: a Intimidade 2 (personagem com um balão de pensamento em que está desenhado um par de alianças) manifesta-se numa reflexão sobre o casamento ou sobre aquele convite de casamento; a Generatividade 2 (personagem com um balão de pensamento em que está ela própria com um vestido na versão feminina ou um fato na versão masculina) expressa-se no investimento no seu aspeto físico.

Sendo uma temática à partida prazerosa, levanta por vezes dificuldades relativas à aceitação do convite e ao casamento em si, nomeadamente por a personagem não estar casada ou ter dúvidas em relação ao seu próprio casamento. Em termos de percentagem de histórias Grau 2 e 3, este cartão ocupa o antepenúltimo lugar, ficando acima apenas dos dois cartões com temáticas também prazerosas: Cartão II Fim de semana e Cartão IV Aniversário.

viii) História inventada

Analisando os conteúdos da História inventada nos termos respeitantes às categorias, a maior parte das verbalizações enquadra-se nas categorias Intimidade 1 e Generatividade 2. Há assim o predomínio de duas dimensões diferentes: a interpessoal e a intrapessoal.

É apenas na História inventada que a percentagem de histórias com conflito é superior à percentagem de histórias sem conflito. E é também na História inventada que cerca de dois terços das histórias são Grau 2 e Grau 3. Na grande maioria dos casos, a história surge a partir das dificuldades e desejos dos participantes e expressa conflitos das suas vidas.

Em forma de síntese no que diz respeito às categorias de todos os cartões e da História inventada, a categoria mais escolhida e verbalizada é a Intimidade 1, o que se coaduna com a revisão bibliográfica efetuada na Primeira Parte, em que se enfatiza a centralidade dos outros na vida dos adultos. Ao mesmo tempo, também se pode ver aqui a marca de uma cultura vincadamente relacional, como é a portuguesa. Será interessante verificar se em outras culturas também se verifica o mesmo predomínio da Intimidade 1. Outra categoria muito escolhida e verbalizada é a Generatividade 2, o que traduz um contrabalanço relativamente à Intimidade 1. Parece, pois, haver um equilíbrio entre a dimensão interpessoal e a intrapessoal: o investimento na relação com os outros e o investimento na relação com o *self*. Este resultado converge com a existência de uma interação dialética entre o polo do relacionamento interpessoal e o polo da definição do *self*⁷⁵.

1.2.2. Histórias consonantes com as categorias escolhidas.

Em todos os cartões, a percentagem das histórias não consonantes com as categorias escolhidas é sempre muito superior à percentagem das histórias consonantes, sendo essa diferença um pouco mais reduzida no Cartão II Fim de semana e no Cartão V Filhos. Apenas no Cartão V Filhos a percentagem é semelhante, mesmo assim 51,3% das histórias são não consonantes.

A explicação desta disparidade foi já avançada no ponto 1.2. deste capítulo quando se discutiram os conteúdos das verbalizações. De facto, a liberdade e criatividade dos adultos, as características dos desenhos e as fronteiras ténues entre algumas categorias explicam grande parte da elevada não consonância. A não

⁷⁵ Ver o ponto 8. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

consonância entre as categorias das cenas escolhidas e as categorias das histórias pode também mostrar aspectos defensivos. Só uma análise global de cada protocolo pode ajudar a compreender as razões da não consonância.

1.2.3. Sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras e sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

Em todos os cartões e na História inventada, a frequência de sequências de verbalizações só negativas e/ou neutras é sempre muito reduzida.

Nos sete cartões, a percentagem de sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras é sempre superior à percentagem de sequências que contém emoções positivas e negativas.

Para perceber a frequente ausência de cenas com emoção negativa nas histórias, considera-se pertinente ter em conta o seguinte comentário de um dos participantes: “As [cenas] positivas podem ser aquilo que a pessoa idealiza, gostava. Mas também pode ser aquilo que é preciso, reagir pela positiva. Posso ir beber mas também posso ir passear pela praia [cenas que fazem parte do Cartão VI Morte]”.

Além disso, um grau de envolvimento emocional baixo também explica essa ausência de emoções negativas, que depois se reflete no grau da história (Grau 1: História convencional) e na ausência de conflito.

É no Cartão I Trabalho que surge a maior percentagem de histórias que contêm tanto emoções positivas como negativas. Este resultado está diretamente ligado à maior

percentagem de conflito encontrada neste cartão. As emoções negativas decorrem sobretudo do excesso de trabalho.

Seguem-se depois quatro cartões com percentagens semelhantes: Cartão V Filhos, Cartão IV Aniversário, Cartão III Sexualidade e o Cartão VI Morte.

No que diz respeito ao Cartão V Filhos, as emoções negativas decorrem sobretudo dos conflitos comuns com os filhos: asneiras dos filhos, zangas entre os filhos, dificuldades em conciliar o tempo em que se está com a família e o tempo em que se investe em si próprio. É um cartão que também apresenta um elevado número de histórias com conflito.

Relativamente ao Cartão IV Aniversário, ainda que a temática seja à partida prazerosa, várias histórias apresentam uma emoção negativa, patente na preocupação com o envelhecimento que o dia de anos também assinala: estar um ano mais velho.

O Cartão III Sexualidade e o Cartão VI Morte têm a mesma percentagem de sequências que contêm tanto emoções positivas como negativas. No caso da temática da sexualidade, as emoções negativas surgem sobretudo associadas às dúvidas sobre a própria imagem e sobre a relação com o outro. Essas dúvidas também explicam a frequência de histórias com conflito. Quanto ao Cartão VI Morte, as emoções negativas estão ligadas à própria temática do cartão, ainda que não haja um paralelo na presença de conflito. Assim, parece tratar-se de uma temática que causa frequentemente emoções negativas, mas sem originar grande dificuldade em lidar com essas emoções.

Por fim, o Cartão VII Casamento e o Cartão II Fim de semana têm uma percentagem menor de sequências que contêm tanto emoções positivas como negativas. É um resultado esperado, na medida em que se trata de temáticas à partida prazerosas.

Já na História inventada, a percentagem de sequências que contêm emoções positivas e negativas é superior à percentagem de sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras.

1.2.4. Grau das histórias e conflito nas histórias.

Como é habitual nas provas projetivas de completamento de histórias, atribuir um grau às histórias e assinalar um conflito depende também das observações feitas pelos participantes e não apenas da história baseada nas cenas escolhidas⁷⁶.

O grau que se atribui à história é logo uma informação essencial: nas histórias Grau 1, histórias convencionais, considera-se que pouco se conseguirá saber do que aquela temática representa para o participante; já em histórias Grau 2 e Grau 3, histórias em que há envolvimento emocional, considera-se que já se podem colocar mais hipóteses interpretativas.

Ao mesmo tempo, reconhece-se que, tal como sucede em todos os instrumentos de avaliação, todo o comportamento – seja o que se diz, seja o que se cala – revela sempre alguma coisa das pessoas. A atitude de menor envolvimento ou maior distanciamento também é passível de ser interpretada, nomeadamente quando surge em alguns cartões e não em outros.

Depois, outras características das histórias, como a presença de conflito e a forma como se lida com o conflito, também se revelam essenciais na avaliação.

⁷⁶ Isto mesmo foi indicado no ponto 5. relativo à análise e interpretação das respostas (ver Capítulo 1 da Segunda Parte).

Além de tudo isto, uma história é uma sequência – princípio, meio e fim – e é nessa sequência, tal como na sequência das cenas escolhidas, que se manifesta um processo de elaboração emocional.

As diferenças estatisticamente significativas encontradas em todos os cartões e na História inventada entre histórias Grau 2 e 3 com conflito e histórias Grau 1 sem conflito, bem como a magnitude dessa diferença, convergem com uma das ideias centrais do enquadramento teórico deste trabalho: as relações com o outro e com o *self* caracterizam-se pelo conflito. Quando se encara o conflito, há que elaborá-lo, tentar resolvê-lo, e isso traduz-se em histórias com maior grau de elaboração.

No que diz respeito à existência de conflito, é no Cartão I Trabalho que surge a maior percentagem de histórias com conflito. Por um lado, considera-se que se trata de uma temática que não origina grande defensividade na sua abordagem. Por outro lado, é necessário enquadrar as respostas no contexto social atual, em que se assiste a uma exigência cada vez maior aos trabalhadores e a uma cada vez maior precariedade do emprego.

Depois surgem com percentagens aproximadas de histórias com conflito o Cartão V Filhos, Cartão IV Aniversário, Cartão III Sexualidade e Cartão VII Casamento.

O Cartão V Filhos e o Cartão IV Aniversário levantam, como já foi referido, problemas bastante comuns: respetivamente, os ligados aos problemas de mau comportamento dos filhos e os ligados ao envelhecimento. No entanto, os dois tipos de conflitos inserem-se em dimensões relacionais distintas: os primeiros na dimensão inter-relacional e os segundos na dimensão intrarrelacional.

São sobretudo dificuldades na dimensão inter-relacional aquelas que se encontram no Cartão III Sexualidade e no Cartão VII Casamento: haver conflitos na relação amorosa, desenvolver uma relação amorosa, ter sido rejeitado numa relação amorosa. Ao mesmo tempo, a dimensão intrarrelacional também está presente nas dúvidas que surgem face ao grau de capacidade para atrair o outro no Cartão III Sexualidade, bem como no sentimento de tédio que surge face ao evento social do casamento.

Por fim, com percentagens mais baixas de histórias com conflito surgem o Cartão VI Morte, seguido do Cartão II Fim de semana.

O resultado do Cartão VI Morte é curioso, pois trata-se de uma temática que à partida origina sofrimento e angústia nas pessoas. Ao mesmo tempo, é um cartão com uma elevada percentagem de histórias Grau 2 e 3 (ocupando o segundo lugar). Isto significa que a temática da morte, mais do que dar origem a um conflito, conduziu a reflexões sobre a existência humana e sua finitude, reflexões que permitem lidar com a morte de uma forma mais construtiva. Ao mesmo tempo, também se reconhece que um dos conflitos que se previa que este cartão levantasse – a morte do próprio – raramente foi encarado.

Quanto ao resultado do Cartão II Fim de semana, a interpretação do resultado está diretamente ligada ao facto de a temática ser à partida prazerosa. O resultado obtido também mostra a relevância, a nível de diagnóstico, de respostas que estejam marcadas pelo conflito.

1.2.5. Diferenças significativas entre sexos nos sete cartões.

Não houve diferenças significativas entre sexos no Cartão I Trabalho, no Cartão VII Casamento e na História inventada.

No Cartão I Trabalho, esse resultado não surpreende, já que vivemos num momento social em que a participação de homens e mulheres no mercado de trabalho é idêntica.

Já em relação ao Cartão VII Casamento, foram encontradas diferenças no primeiro estudo exploratório com a prova, realizado com uma amostra reduzida (10 homens e 10 mulheres)⁷⁷, que não surgiram agora neste estudo com uma amostra maior.

Quanto à História inventada, dada a diversidade dos assuntos abordados pelos participantes, não existe uma temática comum na qual se pudesse identificar diferenças.

i) Cartão II Fim de semana

No Cartão II Fim de semana, verifica-se que os homens escolhem e verbalizam mais Estagnação 2, categoria que representa um *self* que não cuida de si, que não investe em si, sendo que as emoções predominantes são a zanga ou a tristeza. Trata-se de um resultado importante numa avaliação diagnóstica, mas que em termos normativos requer mais estudos, pois foi um número reduzido de participantes que escolheu e verbalizou essa categoria.

As mulheres escolhem e verbalizam mais Extra (cena que representa as tarefas da casa: passar a ferro), como também verbalizam mais Generatividade 1 (a personagem

⁷⁷ Ver ponto 6. do Capítulo 1 da Primeira Parte.

junto de uma figura mais velha que está a entrar num automóvel). Considera-se que estas diferenças se explicam em parte pelo contexto sociocultural, no qual as mulheres têm mais tarefas de casa e também são elas que se ocupam mais das gerações mais velhas (pais/sogros).

ii) Cartão III Sexualidade

Um dos resultados mais salientes é a escolha/verbalização de Generatividade 2 (personagem a perfumar-se) pelas mulheres, o que se enquadra no contexto sociocultural da relação entre homens e mulheres, em que tradicionalmente a mulher investe mais na sua figura física, o investimento é o todo da sua imagem.

Um outro resultado é a diferença de posição relativamente à Generatividade 1 (a personagem coloca o seu braço em volta da figura de sexo oposto). Os homens escolhem mais essa categoria na 1ª posição, enquanto as mulheres a escolhem mais na 2ª posição, sendo que escolhem mais na 1ª posição a Generatividade 2. Há aqui uma sequência diferente para homens e mulheres: os homens partem mais imediatamente para uma aproximação relacional, enquanto as mulheres optam por cuidar de si em primeiro lugar, assegurando-se da sua capacidade de serem atraentes.

iii) Cartão IV Aniversário

Tal como no Cartão III Sexualidade, um dos resultados mais salientes do Cartão IV Aniversário é a escolha/verbalização pelas mulheres de Generatividade 2

(personagem no cabeleireiro), o que se enquadra mais uma vez no contexto sociocultural, em que as mulheres tendem a investir mais no seu aspeto.

iv) Cartão V Filhos

O resultado mais saliente e interessante encontrado neste cartão é a escolha e verbalização pelas mulheres da categoria Generatividade 2 (personagem sentada num sofá a ler uma revista).

Comparando este cartão com o Cartão II Fim de semana, observa-se uma complementaridade nas mulheres entre cuidar dos outros e cuidar de si. No Cartão II Fim de semana, encontraram-se mais mulheres do que homens a cuidar dos outros – categoria Generatividade 1. No Cartão V Filhos, encontraram-se mais mulheres do que homens a cuidar de si – categoria Generatividade 2. Interpreta-se este resultado como complementar do papel de cuidador, ou seja, quem cuida (Generatividade 1 do Cartão II Fim de semana) necessita/deseja cuidar-se (Generatividade 2 do Cartão V Filhos), o que traduz uma atitude saudável.

v) Cartão VI Morte

Uma diferença importante encontrada neste cartão é a escolha e verbalização da categoria Isolamento 2 pelas mulheres. O Isolamento 2 deste cartão é representado pela imagem da personagem sozinha num espaço vazio, com uma expressão corporal e facial de tristeza. O resultado converge com a maior frequência de sintomatologia depressiva nas mulheres. Trata-se de uma convergência que concorre para a validação da prova.

2. Discussão dos resultados do Estudo 2

No estudo da precisão intercotadores, obteve-se um grau muito bom de concordância na categorização das histórias dos sete cartões e um grau moderado de concordância na categorização da História inventada.

Esta diferença deve-se aos seguintes aspetos:

- o facto de as histórias dos sete cartões serem construídas com base em cenas/categorias facilita a interpretação das histórias;
- na ausência de cenas/categorias, a interpretação das histórias torna-se mais difícil;
- as histórias inventadas são frequentemente mais longas;
- a própria segmentação das histórias inventadas revela-se complexa.

A diferença entre os graus de concordância também acentua a importância de uma das especificidades do funcionamento da “Era uma vez... Adultos”: a existência de categorias pré-determinadas que contribuem para a maior facilidade na análise e interpretação das histórias criadas a partir das cenas escolhidas e sequências organizadas.

Relativamente ao conflito nas histórias, dado muito importante para a avaliação, a concordância muito boa evidencia que se trata de um aspeto que não é de difícil interpretação. A própria noção de conflito é mais geral e mais partilhada do que as categorias da prova, que, tendo sido conceptualizadas com base em teorias, são específicas da “Era uma vez... Adultos”.

Por fim, relativamente ao grau das histórias, a concordância boa encontrada mostra que haverá que explicitar melhor os critérios para a determinação do grau das histórias.

3. Discussão dos resultados do Estudo 3

Os resultados estatisticamente significativos obtidos no Estudo 3, decorrentes da análise entre os grupos formados com base nos três questionários aplicados – NEO-FFI, CES-D, QER – e as respostas à “Era uma vez... Adultos”, concorrem para a validação da prova.

Passa-se de seguida a uma discussão dos resultados encontrados em cada questionário. Começa-se sempre por apresentar de forma sintética cada resultado⁷⁸ e depois a sua discussão. É sempre indicado o cartão em que se obteve cada resultado.

3.1. NEO-FFI

De modo a organizar a discussão, os resultados estão dispostos pelas cinco dimensões do NEO-FFI: Abertura à experiência, Conscienciosidade, Extroversão, Amabilidade e Neuroticismo. Na discussão dos resultados, são tidas em conta as características das cinco dimensões (Lima & Simões, 2003).

⁷⁸ Os resultados estatísticos são apresentados no capítulo anterior.

i) Abertura à experiência

Começando pelos polos **Intimidade 1 vs. Isolamento 1**, que representam respetivamente o estar em relação com os outros e o estar separado dos outros, foram obtidos os resultados que seguem em baixo. Ainda que os resultados não surjam todos na mesma direção, considera-se que as diferenças existentes nos cartões dão sentido aos resultados.

a) Grupo com maior⁷⁹ Abertura à experiência escolhe mais Intimidade 1 – Cartão III Sexualidade. A Intimidade 1 no Cartão III Sexualidade está representada por uma imagem que sugere que a personagem se envolveu sexualmente com a outra figura (conteúdo de 76,7% das verbalizações da cena), tratando-se assim de uma situação que se liga de facto à dimensão Abertura à experiência: a Abertura está relacionada com uma vida sexual mais variada, bem como com atitudes menos conservadoras em relação à sexualidade.

b) Grupo com menor⁸⁰ Abertura à experiência verbaliza mais Intimidade 1 – Cartão VI Morte. A Intimidade 1 no Cartão VI Morte é frequentemente verbalizada como “Estar presente nas cerimónias fúnebres”, “Ser confortado” e “Comunicar a notícia da morte”⁸¹ – reações comuns, marcadas por convenções sociais, não implicando novidade ou risco, características das pessoas com menor Abertura à experiência.

c) Grupo com menor Abertura à experiência verbaliza mais Intimidade 1 – Cartão VII Casamento. A Intimidade 1 no Cartão VII Casamento é frequentemente verbalizada como “Ir com o respetivo par ao casamento”, “Dar a notícia do casamento”, “Estar no casamento”. Tal como no Cartão VI Morte, configura situações comuns num

⁷⁹ Grupo com maior dimensão x significa que está acima da mediana, ver capítulo anterior.

⁸⁰ Grupo com menor dimensão x significa que está na mediana ou abaixo, ver capítulo anterior.

⁸¹ Os conteúdos das verbalizações foram apresentados no ponto 1.5.1. do capítulo anterior.

casamento, marcadas por convenções sociais, não implicando pois novidade ou risco; é neste sentido que se interpreta o resultado obtido.

d) Grupo com menor Abertura à experiência escolhe mais Isolamento 1 – Cartão VI Morte. O Isolamento 1 neste cartão é representado por uma imagem em que a personagem apresenta uma emoção negativa e se distancia das outras figuras presentes no funeral, não havendo interação entre a personagem e outras figuras. A escolha de Isolamento 1 por parte do grupo com menor Abertura à experiência pode ser justificada pelo menor grau de empatia desse grupo. Importa acrescentar que das 21 pessoas que escolhem Isolamento 1, 17 não verbalizam nem a emoção negativa nem a ideia de distanciamento, o que poderá indiciar algum aspeto defensivo. Esta possibilidade de haver um aspeto defensivo é reforçada pelo próprio resultado obtido: é o grupo com menor Abertura à experiência que escolhe mais Isolamento 1, o que significa que haverá de facto alguma falta de empatia mas que depois não surge na verbalização, é negada.

Relativamente ao polo **Generatividade 1 vs. Estagnação 1**, os resultados obtidos seguem em baixo. A Generatividade 1 representa o cuidar do outro, enquanto a Estagnação 1 representa o não cuidar do outro.

a) Grupo com maior Abertura à experiência verbaliza mais Generatividade 1 – Cartão VI Morte. A Generatividade 1 implica um maior envolvimento com as pessoas, envolvimento que passa para lá da convencionalidade de ir ao funeral (representada pela Intimidade 1 – é mais comum a verbalização da Intimidade 1 (70,6%) do que da Generatividade 1 (47,5%) no Cartão VI Morte), e mostra a preocupação com o outro, evidenciando maior grau de empatia.

b) Grupo com menor Abertura à experiência escolhe mais Estagnação 1 – Cartão IV Aniversário. Neste cartão, a Estagnação 1 está representada por uma imagem em que a personagem apresenta uma expressão emocional e corporal negativa, estando a recusar uma prenda que é oferecida. Poderá ver-se aqui algumas características de uma menor Abertura à experiência, como sentido prático (não são necessárias prendas). Dos 24 participantes que escolheram Estagnação 1, 19 omitem na verbalização da cena os aspetos negativos, dizendo que a personagem está a receber uma prenda, o que poderá indiciar algum aspeto defensivo – esta interpretação é reforçada pelo próprio resultado obtido: o grupo com menor Abertura à experiência escolhe mais Estagnação 1.

A oposição entre o grau de Abertura à experiência nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Generatividade 1 vs. Estagnação 1.

Seguem-se agora os polos **Intimidade 2** vs. **Isolamento 2**. A categoria Intimidade 2 representa a capacidade/possibilidade de as pessoas guardarem dentro de si as relações que foram construindo ao longo da sua vida na ausência física dessas relações. Já o Isolamento 2 representa uma falha nessa capacidade/possibilidade, pois a pessoa está só, não só externamente, mas também internamente. Os resultados obtidos seguem em baixo.

a) Grupo com maior Abertura à experiência escolhe mais Intimidade 2 – Cartão IV Aniversário. A Intimidade 2 neste cartão está representada de modo diferente da Intimidade 2 nos outros cartões em que surgem balões de pensamento com outras figuras; no Cartão IV Aniversário, a personagem tem um balão de pensamento em que surge ela própria em criança, adolescente e adulto. Escolher esta cena parece assim

implicar uma maior capacidade de imaginação e análise, características de uma maior Abertura à experiência.

b) Grupo com menor Abertura à experiência verbaliza mais Isolamento 2 – Cartão II Fim de semana – e escolhe mais Isolamento 2 – Cartão III Sexualidade. Considera-se que nos dois resultados está presente uma característica do menor grau de Abertura à experiência, que é a preferência por aquilo que é familiar, o que impede o convívio com o outro no tempo livre que o fim de semana representa ou o relacionamento romântico na temática da sexualidade. Fica-se só, pois o medo de experimentar impede que se vá ao encontro do outro.

A oposição entre o grau de Abertura à experiência nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Intimidade 2 vs. Isolamento 2.

Relativamente à **Generatividade 2**, foi obtido o seguinte resultado: grupo com maior Abertura à experiência escolhe mais Generatividade 2 – Cartão I Trabalho. A Generatividade 2 representa o investimento no *self*. Neste cartão, a Generatividade 2 está representada pela imagem da personagem numa secretária, mostrando uma expressão emocional positiva. A imagem tanto pode estar associada ao sentir-se bem no local de trabalho como ao sentir que se faz um bom trabalho, sendo-se reconhecido por isso. Essa satisfação implica algumas das características de um maior grau de Abertura à experiência, como maior sensibilidade, curiosidade, horizontes largos.

No que diz respeito ao **Grau das histórias**, os resultados obtidos são interessantes na medida em que se encontrou uma relação significativa entre Grau das histórias e Abertura à experiência, tal como se pode ver em baixo.

a) Grupo com menor Abertura à experiência conta mais uma história convencional (Grau 1) – Cartão I Trabalho.

b) Grupo com maior Abertura à experiência conta mais uma história criativa (Grau 3) – Cartão VI Morte, Cartão VII Casamento.

Uma característica de um maior grau de Abertura à experiência é a imaginação, patente nas histórias criativas.

A oposição entre o grau de Abertura à experiência nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas histórias que também apresentam características opostas – história convencional vs. história criativa.

ii) Conscienciosidade

Relativamente à **Intimidade 1**, foi encontrado o seguinte resultado: grupo com menor Conscienciosidade verbaliza mais Intimidade 1 – Cartão IV Aniversário. Menor Conscienciosidade revela um comportamento mais espontâneo, o que está patente nas verbalizações de convívio no dia dos anos, dia especial em que se pode esperar e receber mais atenção.

No que diz respeito à **Estagnação 1**, encontrou-se o seguinte resultado: grupo com maior Conscienciosidade escolhe mais Estagnação 1 – Cartão III Sexualidade. A Estagnação 1 representa a rejeição do outro. Quem é muito cauteloso e ponderado, pode temer uma reação de rejeição por parte do outro face à possibilidade de um envolvimento sexual e prefere rejeitar a ser rejeitado. Além disso, um envolvimento sexual implica sempre um menor controlo de si, o que pode ser temido pelas pessoas mais cautelosas.

No que diz respeito à **Intimidade 2**, o resultado obtido é o seguinte: grupo com menor Conscienciosidade escolhe mais e verbaliza mais Intimidade 2 – Cartão III Sexualidade. Este resultado levanta algumas dúvidas, nomeadamente se for comparado com o resultado anterior.

A Intimidade 2 neste cartão é representada pela imagem da personagem com um balão de pensamento em que está ela própria e a figura do sexo oposto abraçados. A relação entre menor Conscienciosidade e mais escolha e verbalização de Intimidade 2 pode significar que num momento da história se permaneceu na fantasia da relação e não na sua concretização, por causa das dúvidas sentidas. Parece ser uma fantasia mais presente nas pessoas menos controladas (maior Conscienciosidade), o que levanta algumas dúvidas. Só a análise individual de cada protocolo poderá esclarecer melhor este resultado.

Relativamente ao polo **Generatividade 2 vs. Estagnação 2**, os resultados obtidos seguem em baixo.

a) Grupo com maior Conscienciosidade verbaliza mais Generatividade 2 – Cartão IV Aniversário.

b) Grupo com menor Conscienciosidade verbaliza mais Estagnação 2 – Cartão IV Aniversário.

A oposição entre o grau de Conscienciosidade nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Generatividade 2 vs. Estagnação 2.

A Generatividade 2 representa o cuidar de si; a Estagnação 2 representa o desleixo por si próprio. Pessoas mais limpas, ordenadas e organizadas (maior Conscienciosidade) tendem a cuidar de si próprias; no caso deste cartão, a Generatividade 2 é representada pela ida ao cabeleireiro/barbeiro. Pelo contrário, pessoas desleixadas e menos controladas podem ter uma atitude destrutiva para com elas próprias; no caso deste cartão a Estagnação 2 está representada pela imagem da personagem a amachucar a página do calendário do dia do seu aniversário.

Constata-se que menor Conscienciosidade tanto pode levar a um convívio espontâneo do dia dos anos (mais verbalização de Intimidade 1, o primeiro resultado desta dimensão que foi referido), como também a uma atitude mais negativa.

Por fim, ainda dentro da dimensão Conscienciosidade, foi encontrado o seguinte resultado: grupo com menor Conscienciosidade apresenta mais **Conflito** – Cartão V Filhos. Para quem é mais irresponsável e menos planificado (menor Conscienciosidade), cuidar dos filhos pode tornar-se complicado, pois requer responsabilidade e algum planeamento (maior Conscienciosidade).

iii) Extroversão

Os resultados obtidos nesta dimensão surgem unicamente no Cartão II Fim de semana e dizem apenas respeito à **Generatividade 2**: grupo com menor Extroversão escolhe mais e verbaliza mais Generatividade 2 – Cartão II Fim de semana.

Neste cartão, a Generatividade 2 é representada pela imagem da personagem a ir sozinha ao cinema. A escolha/verbalização de Generatividade 2 revela pois menor grau de sociabilidade e mais prazer numa atividade solitária (menor Extroversão).

iv) Amabilidade

Relativamente ao **Isolamento 1**, foi encontrado o seguinte resultado: grupo com maior Amabilidade escolhe mais Isolamento 1 – Cartão VII Casamento. O Isolamento 1 está representado neste cartão pela personagem com uma expressão emocional negativa; de costas para ela e sentada a uma mesa em frente a um computador, está uma figura do sexo oposto. É uma cena escolhida por 22 participantes, sendo que apresenta conteúdos diversos: desagrado da personagem por diferentes razões (10 verbalizações), personagem e a outra figura a falarem sobre o convite (11 verbalizações). Este segundo conteúdo ajusta-se ao resultado obtido, na medida em que pessoas com maior Amabilidade manifestam maior cuidado com o outro – neste caso, o cuidado de responder ao convite. No entanto, o outro conteúdo encontrado já não se adequa. Será necessária uma análise individual destes protocolos para perceber melhor o resultado obtido.

No que diz respeito à **Generatividade 1**, o resultado encontrado foi o seguinte: grupo com maior Amabilidade verbaliza mais Generatividade 1 – Cartão VII Casamento. Trata-se de um resultado que surge no sentido esperado, dado que pessoas com maior Amabilidade são mais altruístas, o que neste cartão se traduz sobretudo no ato de desejar felicidades aos noivos.

Relativamente ao polo **Intimidade 2** vs. **Isolamento 2**, foram encontrados resultados que não surgem todos na mesma direção.

a) Grupo com maior Amabilidade escolhe mais Intimidade 2 – Cartão V Filhos. Neste caso, interpreta-se o resultado no contexto do cartão: quem tem mais disposição para cuidar (Amabilidade) terá também depois necessidade de se encontrar consigo próprio⁸².

b) Grupo com menor Amabilidade verbaliza mais Intimidade 2 – Cartão I Trabalho, Cartão VI Morte. Os indivíduos mais egocêntricos (menor Amabilidade) terão naturalmente a preferência por uma forma de relação consigo próprios (Intimidade 2) e não com os outros.

c) Grupo com menor Amabilidade verbaliza mais Isolamento 2 – Cartão VII Casamento. As verbalizações Isolamento 2 deste cartão revelam quase sempre insatisfação face ao convite de casamento que é considerado uma obrigação social enfadonha. Assim, a relação com menor Amabilidade faz sentido.

⁸² Na discussão dos resultados no Estudo 1, foi referido que o cuidar do outro (Generatividade 1) é acompanhado pela necessidade de cuidar de si próprio (Generatividade 2).

No que diz respeito à categoria **Extra**, foram encontrados os resultados que seguem em baixo.

a) Grupo com menor Amabilidade verbaliza mais Extra – Cartão V Filhos. Na Extra deste cartão, a personagem tem um balão de pensamento em que estão duas crianças de sexos opostos a lutar com almofadas nas mãos, a personagem apresenta uma expressão emocional negativa. Pessoas com menor Amabilidade são menos tolerantes e mais centradas em si próprias, o que explica que verbalizem mais frequentemente os aspetos incómodos e exigentes das relações com e entre os filhos.

b) Grupo com menor Amabilidade escolhe mais Extra – Cartão VI Morte. Na Extra deste cartão, a própria personagem está num caixão. Acontece que o conteúdo de 40 das 42 verbalizações desta cena é o seguinte: ver a pessoa que morreu/ir ao velório. Tendo em conta este conteúdo, é a cena menos relacional do cartão, o que explicará a relação com menor Amabilidade. Para além disso, o aspeto cético, desconfiado das pessoas com menor Amabilidade leva a uma necessidade de se certificarem da morte, de “ver com os próprios olhos”.

Por fim, eis um resultado interessante relativo ao **Grau da história**: o grupo com menor Amabilidade conta mais uma história convencional (Grau 1) – História inventada. Pessoas com menor Amabilidade são mais desconfiadas e menos cooperantes. Ora, terminada a aplicação dos sete cartões, surge o pedido da História inventada que requer alguma exposição adicional que não será aceite com agrado. Além disso, pessoas com menor Amabilidade terão também estabelecido uma relação de menor confiança e franqueza com a pessoa que aplicou a prova. Tudo isto resulta numa

atitude de menor envolvimento, o que se revela na convencionalidade da História inventada.

v) Neuroticismo

No que diz respeito à **Intimidade 1**, encontrou-se o seguinte resultado: grupo com menor Neuroticismo escolhe mais Intimidade 1 – Cartão III Sexualidade. Como já se referiu, a Intimidade 1 neste cartão está representada por uma imagem que sugere o envolvimento sexual da personagem. Pessoas mais seguras de si e mais confiantes (menor Neuroticismo) terão menos dúvidas face à sua imagem e à relação com o outro, estando mais disponíveis para um envolvimento físico.

Relativamente ao polo **Generatividade 1** vs. **Estagnação 1**, os resultados encontrados seguem em baixo.

a) Grupo com menor Neuroticismo escolhe mais Generatividade 1 – Cartão II Fim de semana. A Generatividade 1 neste cartão está representada pela personagem junto de uma figura mais velha do sexo feminino que está a entrar num automóvel. Trata-se de um comportamento de cuidado, neste caso cuidar dos mais velhos; ora, para cuidar dos outros, é necessário confiança em si próprio, segurança (menor Neuroticismo).

b) Grupo com maior Neuroticismo escolhe mais Estagnação 1 – Cartão VII Casamento. A Estagnação 1 está representada neste cartão pela personagem a amassar

um papel que será o convite de casamento. A escolha desta cena revela medo, zanga, falta de esperança, características de maior Neuroticismo.

A oposição entre o grau de Neuroticismo nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Generatividade 1 vs. Estagnação 1.

Relativamente à **Generatividade 2**, surge o seguinte resultado: grupo com maior Neuroticismo verbaliza mais Generatividade 2 – Cartão VII Casamento. Este resultado interpreta-se da seguinte maneira: quanto maior for o grau de Neuroticismo, maior a insegurança, logo maior a necessidade de investir em si, na sua aparência.

No que diz respeito à existência de **Conflito**, surge o seguinte resultado: grupo com maior Neuroticismo apresenta mais Conflito – Cartão III Sexualidade, História inventada. É um resultado que faz todo o sentido: pessoas mais tensas, apreensivas, tristes e nervosas tendem a ter uma vida com mais conflito. É interessante que ocorra no Cartão III Sexualidade, que levanta especiais conflitos ligados à autoimagem e ao modo como pensamos/sentimos que o outro nos vê. É também interessante que surja na História inventada, em que os participantes tendem a contar os conflitos mais presentes nas suas vidas.

Por fim, encontra-se um resultado interessante relativamente ao **Grau da história**: grupo com menor Neuroticismo conta mais uma história convencional (Grau

1) – Cartão III Sexualidade. Trata-se de um resultado interessante que pode trazer novas perspectivas de interpretação de uma história Grau 1 neste cartão. Será que uma história Grau 1 no Cartão III Sexualidade é apenas uma história convencional, pouco elaborada emocionalmente, ou a sua simplicidade evidencia principalmente conforto psicológico com a temática do cartão.

3.2. CES-D

Foram encontradas poucas relações significativas entre as respostas da prova e a CES-D, o que se poderá justificar pelo facto de a amostra apresentar valores baixos de sintomatologia depressiva.

Relativamente aos dois tipos de Isolamento – **Isolamento 1**, que representa a dificuldade em estabelecer uma relação com os outros quando esses outros estão fisicamente presentes, e **Isolamento 2**, que representa a total ausência dos outros que não estão presentes nem fisicamente nem como objetos internos –, foram encontrados os resultados que seguem em baixo.

a) Grupo com maior sintomatologia depressiva verbaliza mais Isolamento 1 – Cartão III Sexualidade.

b) Grupo com maior sintomatologia depressiva verbaliza mais Isolamento 2 – Cartão I Trabalho.

Pessoas deprimidas tendem a isolar-se dos outros e têm muitas vezes dificuldade em guardar dentro de si representações internas positivas das suas relações, havendo,

por isso, um grande sentimento de solidão, patente nas categorias Isolamento 1 e Isolamento 2.

No que diz respeito à **Estagnação 2**, foi encontrado o seguinte resultado: grupo com maior sintomatologia depressiva escolhe e verbaliza mais Estagnação 2 – Cartão III Sexualidade. A Estagnação 2 neste cartão é representada pela personagem a ver-se a um espelho, com o corpo nu a partir da cinta; a personagem apresenta uma expressão emocional negativa. Pessoas deprimidas tendem a perceber-se como pessoas com pouco valor e com maior possibilidade de se sentirem desvalorizadas pelos outros, o que está patente na Estagnação 2.

Relativamente ao polo **Generatividade 1 vs. Estagnação 1**, foram encontradas relações significativas com o grupo com menor grau de sintomatologia depressiva.

a) Grupo com menor sintomatologia depressiva verbaliza mais Generatividade 1 – Cartão II Fim de semana. Pessoas não deprimidas tendem a ser mais capazes de cuidar dos outros, o que está patente na Generatividade 1.

b) Grupo com menor sintomatologia depressiva escolhe mais Estagnação 1 – Cartão III Sexualidade. Este resultado é um resultado curioso que deverá ser comparado com o resultado da maior escolha e verbalização de Estagnação 2 no mesmo cartão pelo grupo com maior sintomatologia depressiva (resultado assinalado no parágrafo anterior). Pode-se interpretar os resultados como uma diferença entre externalização e internalização dos sentimentos: pessoas menos depressivas tendem a externalizar os

seus sentimentos (Estagnação 1) e pessoas mais depressivas tendem a internalizar os seus sentimentos (Estagnação 2).

3.3. QER

De modo a organizar a discussão, os resultados estão dispostos pelos seis fatores do QER: Preocupação, Desconforto com proximidade, Outro negativo, Competência e Conforto com proximidade, Conforto com o apoio, Autossuficiência.

i) Preocupação

No que diz respeito à **Intimidade 1**, o resultado encontrado é o seguinte: grupo com menor Preocupação escolhe mais Intimidade 1 – Cartão III Sexualidade. Como já foi referido, a Intimidade 1 neste cartão sugere um envolvimento sexual entre a personagem e a outra figura. É expectável que pessoas mais seguras do afeto e do valor que o outro sente por elas (menor Preocupação) façam essa escolha.

Relativamente ao polo **Generatividade 1** vs. **Estagnação 1**, os resultados encontrados seguem em baixo. Os resultados não surgem todas na mesma direção e são interpretados tendo em conta a temática de cada cartão.

a) Grupo com menor Preocupação escolhe mais Generatividade 1 – Cartão II Fim de semana. Pessoas mais seguras do afeto dos outros (menor Preocupação) podem

permitir-se cuidar dos outros, nomeadamente das gerações mais velhas, tal como sucede na representação da Generatividade 1 neste cartão.

b) Grupo com maior Preocupação verbaliza mais Generatividade 1 – Cartão III Sexualidade. A Generatividade 1 neste cartão está representada pela personagem a abraçar a figura de sexo oposto. É um resultado que deve ser interpretado em comparação com o resultado relativo à Intimidade 1 no mesmo cartão (o primeiro resultado referido): sucede então que menor preocupação está ligada à Intimidade 1 e maior preocupação está ligada à Generatividade 1. Pessoas menos seguras (maior Preocupação) têm mais dúvidas sobre o afeto dos outros, preocupam-se mais com a relação. Nesse sentido e na temática deste cartão, considera-se que o cuidar do outro patente na Generatividade 1 é mais uma forma de assegurar o afeto e valor por parte do outro. Algo que se pode expressar da seguinte forma: “Vou cuidar de ti para ter a certeza que depois gostas de mim e me dás valor”.

c) Grupo com menor Preocupação verbaliza mais Estagnação 1 – Cartão I Trabalho. A Estagnação 1 representa uma rutura na relação com o outro, uma rejeição do outro. Neste cartão, é representada pela personagem sentada em frente a uma secretária, com o braço e a mão direita esticados em direção a uma figura que está a olhar para ela; a personagem tem a boca e a testa franzidas, apresentando uma expressão emocional negativa. Pessoas mais seguras têm menos receio de se zangarem com os outros, o que está patente na Estagnação 1.

Relativamente à **Intimidade 2**, o resultado encontrado é o seguinte: grupo com maior Preocupação escolhe mais Intimidade 2 – Cartão VII Casamento. A Intimidade 2 é a categoria que representa as relações internas. Especificamente neste cartão, a

personagem tem um balão de pensamento em que está desenhado um par de alianças, que simboliza o casamento. Pessoas mais inseguras tendem a questionar-se mais sobre a relação que têm com os outros, o que está patente no conteúdo da maior parte das verbalizações desta cena: reflexão sobre casamento de uma forma mais abstrata ou sobre o próprio casamento.

No que diz respeito à existência de **Conflito**, o resultado encontrado é o seguinte: grupo com menor Preocupação apresenta mais Conflito na história – Cartão V Filhos. A interpretação que se faz deste resultado é semelhante à relação encontrada com a Estagnação 1 no Cartão I Trabalho (resultado referido anteriormente). Pessoas mais seguras (menor Preocupação) tendem a não recriar o conflito, nomeadamente num tipo de relação – pais/filhos – em que o conflito é comum, especialmente quando os filhos são crianças, tal como surgem no cartão. Aliás, o Cartão V Filhos é o segundo cartão com maior percentagem de conflito (a seguir ao Cartão I Trabalho).

Por fim, surge um resultado relativo ao **Grau das histórias**: grupo com maior Preocupação conta mais uma história convencional (Grau 1) – Cartão V Filhos. Este resultado deve ser interpretado tendo em conta o resultado anterior: grupo com menor Preocupação apresenta mais Conflito na história – Cartão V Filhos. Há uma relação positiva entre grau da história e conflito, como foi anteriormente assinalado na discussão do Estudo 1. Ora, se é no grupo com menor preocupação que se encontram histórias com mais conflito no Cartão V Filhos, então o grupo com maior preocupação apresenta histórias com menos conflito, o que por sua vez se traduz na convencionalidade da história.

ii) Desconforto com proximidade

Os resultados encontrados neste fator surgiram apenas no Cartão III Sexualidade em duas categorias: Estagnação 1 e Estagnação 2.

Relativamente à **Estagnação 1**, o resultado encontrado foi o seguinte: grupo com menor Desconforto com proximidade escolhe mais Estagnação I – Cartão III Sexualidade.

No que diz respeito à **Estagnação 2**, os resultados encontrados foram os seguintes: grupo com maior Desconforto com proximidade escolhe e verbaliza mais Estagnação 2 – Cartão III Sexualidade.

Se compararmos os dois resultados e se os situarmos no contexto do cartão, eles tornam-se mais interessantes e também fazem sentido. Considera-se que estamos de novo perante uma situação de externalização vs. internalização (tal como sucedeu nos resultados com as mesmas categorias na CES-D, como foi referido anteriormente). Nesse sentido, pessoas com um menor Desconforto com proximidade permitem-se externalizar os seus sentimentos num contexto de proximidade retratado no cartão, em que a personagem surge com uma figura do sexo oposto (Estagnação 1). Já pessoas com um maior Desconforto com proximidade tendem a internalizar os seus sentimentos, não se sentindo capazes de confrontar o outro e duvidando da sua autoimagem (Estagnação 2).

iii) Outro negativo

No que diz respeito à **Intimidade 1**, os resultados encontrados seguem em baixo.

a) Grupo com menor Outro negativo escolhe e verbaliza mais Intimidade 1 – Cartão III Sexualidade.

b) Grupo com menor Outro negativo verbaliza mais Intimidade 1 – História inventada.

Sendo a Intimidade 1 a categoria que representa uma relação positiva com o outro, é expectável que pessoas que não tenham uma perceção negativa dos outros escolham e verbalizem mais essa categoria.

A interpretação inversa permite explicar o resultado relativamente ao **Isolamento 2**: grupo com maior Outro negativo verbaliza mais Isolamento 2 – História inventada. De facto, pessoas com uma perceção negativa dos outros tendem a sentir-se isoladas internamente, pois não conseguem ter dentro de si bons objetos internos.

Relativamente à **Estagnação 2**, o resultado encontrado foi o seguinte: grupo com maior Outro negativo escolhe mais Estagnação 2 – Cartão VI Morte. A Estagnação 2 neste cartão representa a forma mais destrutiva de lidar com a morte, está representada pela personagem deitada no chão, descalça, com a cabeça na ponta de um sofá; à sua volta está um cenário de desarrumação. A escolha desta categoria revela falência na ajuda dos outros e falência na própria capacidade de autoajuda, o que se adequa a

peças com uma percepção negativa dos outros. E essa percepção pode levar a comportamentos de uma certa autodestruição.

No que diz respeito ao **Grau das histórias**, foi encontrado o seguinte resultado: grupo com maior Outro negativo conta mais uma história mais convencional (Grau 1) – História inventada. Este resultado converge com o encontrado para a dimensão Amabilidade do NEO-FFI, em que o grupo com menor Amabilidade conta mais uma história convencional (Grau 1) – História inventada. O pedido da História inventada que requer alguma exposição adicional não é aceite com agrado por pessoas mais cínicas (menor Amabilidade) ou mais desconfiadas (maior Outro negativo). Especificamente no resultado obtido com o Outro negativo, compreende-se que, quanto mais se desconfia do outro, menos a pessoa se revela. Além disso, pessoas com maior Outro Negativo terão também estabelecido uma relação de menor cooperação e confiança com a pessoa que aplicou a prova. Tudo isto resulta numa atitude de menor envolvimento, revelada na convencionalidade da História inventada.

iv) Competência e conforto com a proximidade

No que diz respeito ao **Isolamento 1**, o resultado encontrado é o seguinte: grupo com menor Competência e conforto com a proximidade escolhe mais Isolamento 1 – Cartão V Filhos. O Isolamento 1 neste cartão é representado pela personagem afastada de um grupo composto por uma figura adulta do sexo oposto e duas crianças. Pessoas que se sintam menos competentes e confortáveis com a proximidade terão maior

tendência para se isolar dos outros quando esses outros formam um grupo no qual seria necessário entrar, o que requer confiança em si e nos outros.

Relativamente à **Generatividade 1 vs. Estagnação 1**, os resultados encontrados não surgem todas na mesma direção, sendo interpretados no contexto dos cartões.

Começa-se pela discussão de dois resultados relativos à **Generatividade 1**, que surgem em direções contrárias, sendo interpretados no contexto de cada cartão.

a) Grupo com menor Competência e conforto com a proximidade escolhe mais Generatividade 1 – Cartão II Fim de semana. Neste cartão, a Generatividade 1 está representada como uma situação de apoio aos mais velhos, vistos geralmente como família. Trata-se pois de uma relação familiar sem grandes riscos, o que parece explicar que pessoas com menor Competência e conforto com a proximidade escolham essa categoria.

b) Grupo com maior Competência e conforto com a proximidade escolhe mais Generatividade 1 – Cartão VII Casamento. No caso deste cartão, é necessário ter em conta o conteúdo da maior parte das verbalizações da cena: a personagem divertida na festa do casamento. Este conteúdo adequa-se à cena mas não à categoria, sendo categorizada como Intimidade 1. Ora, já como Intimidade 1, patente nesse convívio com os outros, o resultado obtido faz sentido.

Há depois dois resultados relativos à **Estagnação 1** que surgem também em direções contrárias. A sua interpretação levanta algumas dúvidas.

a) Grupo com menor Competência e conforto com a proximidade verbaliza mais Estagnação 1 – Cartão I Trabalho.

b) Grupo com maior Competência e conforto com a proximidade verbaliza mais Estagnação 1 – Cartão III Sexualidade.

Pode pensar-se que, no Cartão I Trabalho, se trata de uma relação não íntima e que pessoas com menor Competência e conforto com a proximidade tendem a romper com essa relação; a forma de lidar com a falta de conforto é através do afastamento. Este tipo de reação pode já ser mais difícil num contexto de uma relação íntima, o contexto do Cartão III Sexualidade. Neste contexto, a rejeição do outro será mais difícil para pessoas com menor Competência e conforto com a proximidade e mais fácil para pessoas com maior Competência e conforto com a proximidade. Será pois o tipo de relação que explica a aparente contradição dos resultados.

No que diz respeito ao polo **Intimidade 2 vs. Isolamento 2**, os resultados são os que se seguem.

Começa-se pela discussão de dois resultados que surgem no Cartão VI Morte.

a) Grupo com menor Competência e conforto com a proximidade verbaliza mais Intimidade 2 – Cartão VI Morte.

b) Grupo com maior Competência e conforto com a proximidade verbaliza mais Isolamento 2 – Cartão VI Morte.

Considera-se que os dois resultados obtidos devem ser interpretados em conjunto, pois a oposição da dimensão (menor vs. maior Competência e conforto com a

proximidade) reflete-se na oposição das categorias (Intimidade 2 vs. Isolamento 2) e no mesmo cartão.

A Intimidade 2 neste cartão está representada pela personagem com um balão de pensamento em que surge uma figura do sexo masculino mais velha, essa mesma figura está numa fotografia que a personagem tem na sua mão. A figura no balão de pensamento e na fotografia será a pessoa que morreu. O Isolamento 2 neste cartão é representado pela personagem sozinha num espaço vazio. Tendo em conta estas representações, considera-se que a relação que está aqui em causa é a relação com a pessoa que morreu. Ter uma fotografia para lembrar a pessoa facilita o estabelecimento de uma relação com ela, a fotografia concretiza a pessoa, o que explicará a maior verbalização da categoria Intimidade 2 por pessoas com menor Competência e conforto com a proximidade. São pessoas que necessitam dessa concretização. Já no Isolamento 2, a personagem está sozinha consigo própria. Pessoas com maior Competência e conforto com a proximidade permitem-se fazer esse luto sozinhas; o facto de haver maior Competência e conforto com a proximidade com a pessoa que morreu faz com que não se sinta a solidão como ameaçadora.

Há depois um resultado ainda relativo ao **Isolamento 2**: grupo com maior Competência e conforto com a proximidade escolhe mais Isolamento 2 – Cartão II Fim de semana. A interpretação para este resultado é a mesma que acima se indicou para o Isolamento 2 do Cartão VI Morte.

Relativamente à existência de **Conflito**, o resultado encontrado é o seguinte: grupo com maior Competência e conforto com a proximidade apresenta mais conflito – Cartão VI Morte. É um resultado que converge com a maior verbalização de Isolamento 2 no mesmo cartão pelo mesmo grupo (resultado discutido anteriormente). Pessoas com maior Competência e conforto com a proximidade enfrentarão com mais facilidade o conflito, o luto que a morte sempre implica.

Por fim, no que diz respeito ao **Grau das histórias**, foram encontradas relações interessantes que seguem em baixo.

a) Grupo com menor Competência e conforto com a proximidade conta uma história mais convencional (Grau 1) – Cartão I Trabalho, Cartão II Fim de semana, Cartão VI Morte, Cartão VII Casamento.

b) Grupo com maior Competência e conforto com a proximidade conta mais uma história com alguma elaboração – Cartão I Trabalho, Cartão II Fim de semana.

c) Grupo com maior Competência e conforto com a proximidade conta mais uma história criativa – Cartão V Filhos, Cartão VII Casamento.

Trata-se de relações que se repetem de forma consistente ao longo da prova. Interpretam-se os resultados obtidos tendo em conta a relação entre participantes e investigador durante a aplicação da prova. Considera-se que o fator Competência e conforto com proximidade é relevante no estabelecimento daquela relação: os participantes com maior competência e conforto com a proximidade revelam essa mesma competência na interação com o investigador, envolvendo-se mais e elaborando histórias Grau 2 e 3, sendo que o inverso também ocorre.

v) Conforto com o apoio

No que diz respeito ao polo **Intimidade 1** vs. **Isolamento 1**, os resultados encontrados foram os que seguem em baixo.

a) Grupo com maior Conforto com o apoio escolhe mais Intimidade 1 – Cartão IV Aniversário. A Intimidade 1 no Cartão IV Aniversário é representada pela personagem a soprar as velas de um bolo e à volta dela outras figuras. Tanto o bolo como às figuras à volta da personagem podem simbolizar o apoio recebido pelos amigos.

b) Grupo com menor Conforto com o apoio escolhe mais Isolamento 1 – Cartão V Filhos. O Isolamento 1 denota dificuldades em estabelecer uma relação com os outros. Lembra-se que na cena deste cartão a personagem está afastada de um grupo de três figuras, em que está uma figura adulta do sexo oposto e duas crianças. Pessoas com menor Conforto com o apoio tenderão a ter mais dificuldade em integrar-se nesse grupo ou a pedir para serem integradas.

A oposição entre o grau de Conforto com o apoio nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Intimidade 1 vs. Isolamento 1.

Relativamente à categoria **Extra**, surge o seguinte resultado: grupo com menor Conforto com o apoio escolhe mais a categoria Extra – Cartão II Fim de semana. A categoria Extra neste cartão representa tarefas que é preciso realizar: personagem feminina a passar a ferro e personagem masculina a fazer contas. Essas tarefas são

realizadas apenas pela própria personagem. Pessoas que tenham maior dificuldade em pedir o apoio dos outros tomarão a realização dessas tarefas apenas para elas.

No que diz respeito ao **Grau das histórias**, os resultados encontrados sugerem uma relação interessante.

a) Grupo com menor Conforto com o apoio conta mais histórias convencionais (Grau 1) – Cartão VI Morte, História inventada.

b) Grupo com maior Conforto com o apoio conta mais histórias com alguma elaboração (Grau 2) – Cartão VI Morte, História inventada.

As relações aqui encontradas são consistentes com as encontradas no fator Competência e conforto com a proximidade. Também aqui se interpretam os resultados obtidos tendo em conta a relação estabelecida com o investigador durante a aplicação da prova: os participantes com um grau maior de Conforto com o apoio permitem-se a um maior envolvimento com o investigador e com toda a situação da prova, o que depois origina histórias mais elaboradas.

vi) Autossuficiência

No que diz respeito ao polo **Intimidade 1 vs. Isolamento 1**, os resultados encontrados seguem em baixo.

a) Grupo com menor Autossuficiência escolhe mais Intimidade 1 – Cartão II Fim de semana. A Intimidade 1 deste cartão está representada por um almoço em

família. Pessoas menos autossuficientes tenderão a preferir aquilo que é familiar a investir em outras relações. O convívio com a família não implica grandes riscos, pois trata-se de um ambiente conhecido, não requer grande capacidade de autonomia para convidar outras pessoas ou sair para outros lados.

b) Grupo com maior Autossuficiência escolhe mais Isolamento 1 – Cartão VII Casamento. Nas verbalizações do Isolamento 1 do Cartão VII Casamento, surge frequentemente a dúvida de aceitar ou não o convite. Pessoas mais autossuficientes terão mais capacidade para decidir por si, não aceitando de imediato um convite apenas porque é socialmente reprovável recusar convites de casamento.

A oposição entre o grau de Autossuficiência nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Intimidade 1 vs. Isolamento 1.

Relativamente à **Estagnação 1**, surge o seguinte resultado: grupo com menor Autossuficiência verbaliza mais Estagnação 1 – Cartão I Trabalho. Este resultado não converge com um resultado obtido no fator Preocupação (grupo com menor Preocupação verbaliza mais Estagnação 1 – Cartão I Trabalho) À partida, pessoas menos autossuficientes tenderão a evitar o conflito e a não rejeitar o outro, o que surge na Estagnação 1. Trata-se de um resultado que obriga a uma análise mais aprofundada dos protocolos em que surge este resultado e eventualmente a mais estudos.

Relativamente ao **Isolamento 2**, surge o seguinte resultado: grupo com maior Autossuficiência verbaliza mais Isolamento 2 – História inventada. Pessoas com um

elevado grau de autossuficiência tendem a ser mais independentes dos outros e a lidar melhor com a solidão.

No que diz respeito ao polo **Estagnação 2 vs. Generatividade 2**, os resultados seguem em baixo.

a) Grupo com maior Autossuficiência escolhe e verbaliza mais Generatividade 2 – Cartão VI Morte. A Generatividade 2 neste cartão está representada pela personagem junto ao mar. Pessoas mais autossuficientes terão maior capacidade de se confrontar com o sentimento de perda face à notícia da morte de uma pessoa de quem gostavam. A Generatividade 2 deste cartão representa uma forma construtiva de lidar com a morte.

b) Grupo com menor Autossuficiência verbaliza mais Estagnação 2 – Cartão IV Aniversário. A Estagnação 2 neste cartão está representada pela personagem a amassar a folha do calendário que marcava o dia dos seus anos. Pessoas menos autossuficientes terão mais dificuldade em sair de si e fazer com que o seu dia de aniversário corra bem; pelo contrário, tenderão a ter uma atitude autodestrutiva.

A oposição entre o grau de Autossuficiência nos dois grupos – maior vs. menor – tem paralelo nas categorias que também são opostas – Generatividade 2 vs. Estagnação 2.

Por fim, relativamente à categoria **Extra**, o resultado encontrado é o seguinte: grupo com maior Autossuficiência escolhe mais a categoria Extra – Cartão III Sexualidade. A categoria Extra neste cartão representa a personagem sentada a uma

mesa, em frente está a figura do sexo oposto, a personagem tem um balão de pensamento com uma outra figura do sexo oposto. A cena pretende representar uma fantasia relacionada com um outro ou uma outra no contexto de uma relação. Pessoas com maior autossuficiência tendem a ser mais independentes, mais desprendidas nas suas relações, o que explica a escolha da Extra deste cartão.

3.4. Reflexões finais sobre o Estudo 3.

Importa lembrar o problema que se coloca aos estudos de validade das provas projetivas, nomeadamente da “Era uma vez... Adultos”: os resultados das provas e dos questionários são muitas vezes incomparáveis, pois os dois tipos de instrumentos avaliam aspetos diferentes. Aliás, esta conclusão é mesmo considerada como uma das razões que fundamentam o valor e atualidade das técnicas projetivas⁸³, sendo também um alerta para quem trabalha no campo da avaliação (Simões, 1999).

Mesmo assim, é necessário determinar a validade destes instrumentos de avaliação, o que tem sido feito⁸⁴, e que também se fez com a “Era uma vez... Adultos”. Os resultados encontrados (92 na totalidade) surgem quase todos no sentido esperado, ou seja, as respostas nos questionários convergem com os resultados da prova no sentido esperado.

Além de constituírem uma forma de validação da prova, as relações estatisticamente significativas encontradas entre os grupos formados com base nos resultados dos questionários – CES-D, NEO-FFI e QER – e as respostas da “Era uma

⁸³ Esta questão é largamente discutida no ponto 2.3. do Capítulo 1 da Primeira Parte.

⁸⁴ Ver o ponto 2.4. do Capítulo 1 da Primeira Parte.

vez... Adultos” serão úteis na interpretação dos protocolos na utilização clínica da prova.

Houve relações significativas entre os resultados dos questionários e os resultados da prova que surgem em alguns cartões e não surgem noutros, o que aponta para a influência da situação – temática de cada cartão – nas dimensões avaliadas pelos três questionários. As diferenças encontradas parecem apontar para a não existência de um único modelo interno dinâmico de vinculação ou um único modelo do *self*, mas sim de vários⁸⁵.

O Cartão III Sexualidade é o cartão em que se encontram mais relações estatisticamente significativas entre as dimensões dos questionários e as respostas da prova (21). Surge depois o Cartão VI Morte (15), Cartão II Fim de semana e Cartão VII Casamento (ambos com 12), Cartão I Trabalho (nove), Cartão V Filhos (oito) e Cartão IV Aniversário (sete). Na História inventada, foram encontradas oito relações estatisticamente significativas. É interessante verificar como é nas temáticas mais essenciais para o ser humano – sexualidade e morte – que as diferenças individuais ficam mais evidenciadas.

⁸⁵ Estas questões foram discutidas no ponto 5.3.3. do Capítulo 2 da Primeira Parte.

Conclusão

A proposta de construir uma versão para adultos da prova “Era uma vez...” revelou-se possível. Os adultos, tal como as crianças, mostraram-se recetivos e interessados nas duas tarefas que esta situação projetiva lhes solicita: a escolha das cenas e sua organização numa sequência; a verbalização dessa sequência. O primeiro momento de resposta diz respeito a aspetos objetivos na cotação do instrumento, sendo depois necessário interpretar o que cada participante faz com as cenas escolhidas.

O que se verificou de diferente nos adultos foi um maior grau de liberdade e autonomia na segunda tarefa, o que resultou numa elevada percentagem de histórias não consonantes com as cenas. Frequentemente os participantes introduziam novos significados ou alteravam deliberadamente o significado das cenas.

No estudo de precisão intercotadores relativamente à categorização das histórias, os resultados obtidos revelaram um grau de concordância de muito bom a moderado. O grau muito bom surgiu na categorização das histórias dos sete cartões e o grau moderado surgiu na categorização da História inventada. Concluiu-se que a interpretação das histórias dos cartões está facilitada porque, mesmo que sejam introduzidos novos significados, as histórias desenvolvem-se com base nas cenas escolhidas.

Uma outra especificidade da situação projetiva “Era uma vez...” diz respeito à atitude mais ativa por parte do investigador, que permite uma interação em forma de diálogo entre investigador e participante. Também esta característica funcionou com os adultos, propiciando um maior envolvimento por parte de muitos. Interessantemente,

esse envolvimento revelou-se em alguns participantes numa característica que é menos comum nas crianças: a identificação com a personagem. Vários participantes encarnavam o papel da personagem e contavam as histórias na primeira pessoa. Além desta característica, as observações pessoais suscitadas pelas temáticas dos cartões eram frequentes durante a aplicação da prova.

Considera-se ainda que a dimensão interativa da situação projetiva “Era uma vez...” se torna valiosa no século XXI, em que se investe cada vez mais em instrumentos de avaliação diretos e agora administrados *on line*, os chamados questionários eletrónicos. Se esta forma de avaliação é útil e promissora, ela deixa de fora os aspetos interativos que são potencializados pela situação projetiva “Era uma vez...”. É importante, pois, a complementaridade de instrumentos de avaliação.

No que diz respeito aos aspetos específicos da “Era uma vez... Adultos”, salienta-se em primeiro lugar as categorias: Intimidade 1, Isolamento 1, Generatividade 1, Estagnação 1, Intimidade 2, Isolamento 2, Generatividade 2, Estagnação 2. Ainda que a conceptualização das categorias tenha sido baseada nos estádios de desenvolvimento da personalidade de Erikson, acrescentando-se depois as ideias de Blatt, a presença simultânea da dimensão inter-relacional e intrarrelacional é um aspeto original da “Era uma vez... Adultos”.

O esquema das categorias pré-determinadas foi validado nas relações encontradas entre grupos formados com base nos três questionários aplicados (NEO-FFI, CES-D e QER) e as respostas da prova. Os resultados encontrados surgiram no sentido esperado, o que constitui uma fonte de validade da prova.

Outra característica específica da “Era uma vez... Adultos” tem a ver com a ideia de que o conflito perpassa a vida. Foi encontrada no estudo da prova uma relação

entre grau da história e existência de conflito: são maioritariamente as histórias com alguma elaboração e criativas que apresentam um conflito, em oposição às histórias convencionais que não apresentam conflito. As vidas das pessoas são recheadas de emoções e conflitos e é isso que surge nas histórias com alguma elaboração e criativas.

Relativamente aos dados normativos que o primeiro estudo da prova já permitiu ir construindo, uma das conclusões que se evidencia diz respeito às categorias mais escolhidas e verbalizadas: Intimidade 1 e Generatividade 2, o que parece revelar um equilíbrio entre o relacionamento com o outro e o investimento no *self*. As diferenças entre sexos que foram encontradas surgem no sentido esperado. E o Cartão III Sexualidade é o cartão em que se encontram mais diferenças estatisticamente significativas entre sexos.

Importa também referir algumas limitações deste estudo e indicar direções futuras.

Há limitações relativas ao estudo da prova. Não se aplicou a prova a uma amostra representativa da população portuguesa, nem a populações clínicas. O estudo da precisão intercotadores incluiu apenas dois avaliadores. O estudo de validação da prova não incluiu nenhuma medida indireta, tal como a própria prova, mas apenas medidas diretas, como são os três questionários que foram utilizados.

Por outro lado, o estudo da “Era uma vez... Adultos” não ficou encerrado com a finalização deste trabalho.

Como foi referido, alguns itens da grelha de análise das respostas não foram analisados. É um trabalho que será interessante prosseguir. Considera-se também que será interessante prosseguir uma análise qualitativa das histórias.

Há ainda necessidade de continuar a realizar mais estudos com a “Era uma vez... Adultos” com outras amostras da população geral, com o objetivo de prosseguir a obtenção de dados normativos. Por outro lado, a prova poderá facilmente ser utilizada noutros países, sendo que os diferentes contextos culturais exigem dados normativos dessas populações. Podem ser encontradas diferenças que decorram de aspetos culturais, o que trará nova informação à compreensão das dimensões avaliadas na prova.

Será importante também realizar estudos com amostras clínicas. Neste sentido, já se deu início a um estudo com uma amostra de deprimidos. Além disso, a prova já foi utilizada em contexto clínico, tendo ajudado a identificar áreas problema e a estabelecer objetivos terapêuticos.

Se este trabalho foi sobretudo um exemplo de investimento no *self*, de Generatividade 2, para a sua autora, espera-se que possa também ser um exemplo de dar alguma coisa ao outro, de Generatividade 1, tanto na sua utilização como instrumento de avaliação da população geral, como muito especialmente na avaliação de casos clínicos.

Referências Bibliográficas

- Adam, J.-M. (1992). *Les textes: Types et prototypes*. Paris: Nathan.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E., & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Alperin, R. M. (2001). Barriers to intimacy. An object relations perspective. *Psychoanalytic Psychology, 18*, 137-156. doi: 10.1037//0736-9735.18.1.137
- American Psychiatric Association. (2002). *DSM-IV-TR: Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais* (4ª ed., texto rev.). Lisboa: Climepsi.
- American Psychological Association. (2010). *Publication manual of the American Psychological Association* (6th ed.). Washington, DC: Autor.
- Andersen, S. M., & Chen, S. (2002). The relational self: an interpersonal social-cognitive theory. *Psychological Review, 109*, 619-645. doi: 10.1037//0033-295X.109.4.619
- Anderson, H. H. (1961). Human behavior and personality growth. In H. H. Anderson & G. L. Anderson (Eds.), *An introduction to projective techniques* (6th ed., pp. 3-25). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- Anderson, H. H., & Anderson, G. L. (Eds.) (1961). *An introduction to projective techniques* (6th ed.). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- Anzieu, D., & Chabert, C. (2011). *Les méthodes projectives*. Paris: Quadrige/PUF. (Trabalho original publicado em 1961)
- Arnold, M. B. (1970). The TAT as a projective method. In B. Semeonoff (Ed.), *Personality assessment* (2nd ed., pp. 287-298). Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books.
- Aron, L. (2009). *A meeting of minds: Mutuality in psychoanalysis*. New York: Routledge.

- Auerbach, J. S., & Blatt, S. J. (2002). The concept of mind: A developmental analysis. In R. Lasky (Ed.), *Essays in honor of Bertram Freedman* (pp. 75-117). New York: The Guilford Press.
- Ávila Espada, A. (1986). *Manual operativo para el Test de Apercepción Temática*. Madrid: Pirámide.
- Back, M. D., Schmukle, S. C., & Egloff, B. (2009). Predicting actual behavior from the explicit and implicit self-concept of personality. *Journal of Personality and Social Psychology*, 97, 533-548. doi: 10.1037/a0016229
- Baldwin, M. W. (1992). Relational schemas and the processing of social information. *Psychological Bulletin*, 112, 461-484.
- Baldwin, M. W., & Dandeneau, S. D. (2005). Understanding and modifying the relational schemas underlying security. In M. W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 33-61). New York: The Guilford Press.
- Bartholomew, K., & Horowitz, L. M. (1991). Attachment styles among young adults: A test of a four-category model. *Journal of Personality and Social Psychology*, 61, 226-244.
- Bateman, A., & Holmes, J. (1998). *Introdução à psicanálise: Teoria e prática contemporâneas*. Lisboa: Climepsi.
- Baumeister, R. F. (1989). The optimal margin of illusion. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 8, 176-189.
- Baumeister, R. F., & Leary, M. R. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117, 497-529.
- Baumeister, R. F., Vohs, K. D., & Funder, D. C. (2007). Psychology as the science of self-reports and finger movements: Whatever happened to actual behavior? *Perspectives on Psychological Science*, 2, 396-403.

- Beck, S. J. (1981). Reality, Rorschach, and perceptual theory. In A. I. Rabin (Ed.), *Assessment with projective techniques: A concise introduction* (pp. 23-46). New York: Springer Publishing Company.
- Beckett, C. (2002). *Human Growth & Development*. London: Sage.
- Behrends, R. S., & Blatt, S. J. (1985). Internalization and psychological development throughout the life cycle. *Psychoanalytic Study of the Child*, 40, 11-49.
- Benjamin, J. (2008). El reconocimiento y la destrucción: Un esquema de la intersubjetividad. In A. Liberman & A. A. Blanco (Compl.), *Winnicott hoy: Su presencia en la clínica actual* (pp. 97-127). Madrid: Psimática.
- Benjamin, L. S. (1995). Good defenses make good neighbors. In H. R. Conte & R. Plutchik (Eds.), *Ego defenses: Theory and measurement* (pp. 53-78). New York: John Wiley & Sons.
- Bigras, M., Paquette, D., & LaFrenière, P. (2001). Pluralité des troubles socio-affectives et attachement chez les petits. *Enfance*, 4, 363-378.
- Blatt, S. J. (1990). The Rorschach: A test of perception or an evaluation of representation. *Journal of Personality Assessment*, 55, 394-416.
- Blatt, S. J. (2008). *Polarities of experience: Relatedness and self-definition in personality, development, psychopathology, and the therapeutic process*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Blatt, S. J., & Lerner, H. (1983). The psychological assessment of object representations. *Journal of Personality Assessment*, 47, 7-28.
- Blatt, S. J., Auerbach, J. S., & Levy, K. N. (1997). Mental representations in personality development, psychopathology, and the therapeutic process. *Review of General Psychology*, 1, 351-374.

- Blatt, S. J., Wiseman, H., Prince-Gibson, E., & Gatt, C. (1991). Object representations and change in clinical functioning. *Psychotherapy, 28*, 273-283.
- Bornstein, R. F. (1999). Criterion validity of objective and projective dependency tests: A meta-analytic assessment of behavioral prediction. *Psychological Assessment, 11*, 48-57.
- Bowlby, J. (1944). Forty-four juvenile thieves: Their characters and home life. *International Journal of Psycho-analysis, 25*, 19-52.
- Bowlby, J. (1969/1982). *Attachment and loss: Vol. 1. Attachment* (2nd ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and loss: Vol. 2. Separation: anxiety and anger*. New York: Basic Books.
- Braconnier, A. (2000). *Psicologia dinâmica e psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Bretherton, I. (1990). Communications patterns, internal working models, and the intergenerational transmission of attachment relationships. *Infant Mental Health Journal, 11*, 237-252.
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology, 28*, 759-775.
- Bretherton, I., & Munholland, K. A. (2008). Internal working models in attachment relationships: Elaborating a central construct in attachment theory. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 102-127). New York: The Guilford Press.
- Bruner, J. (1986). *Actual minds, possible worlds*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Butcher, J. N. (2009). Clinical personality assessment: History, evolution, contemporary models, and practical applications. In J. N. Butcher (Ed.), *Oxford handbook of personality assessment* (pp. 5-21). Oxford: Oxford University Press.

- Butcher, J. N. (2010). Personality assessment from the nineteenth to the early twenty-first century: Past achievements and contemporary challenges. *Annual Review of Clinical Psychology, 6*, 1-20. doi:10.1146/annurev.clinpsy.121208.131420
- Cacioppo, J. T., Gardner, W. L., & Berntson, G. G. (1997). Beyond bipolar conceptualizations and measures: The case of attitudes and evaluative space. *Personality and Social Psychological Review, 1*, 3-25.
- Canavarro, M. C. (2004). Vinculação, perda e luto: Implicações clínicas. *Psychologica, 35*, 35-47.
- Canavarro, M. C. S. (1999). *Relações afetivas e saúde mental*. Coimbra: Quarteto.
- Cassidy, J. (1994). Emotion regulation: Influences of attachment relationships. In N. A. Fox (Ed.), *The development of emotion regulation: biological and behavioral considerations, Monographs of the Society for Research in Child Development, 59*, (2-3, Serial No. 240), 228-249.
- Catell, R. B. (1961). Principles of design in "projective" or misperceptive tests of personality. In H. H. Anderson & G. L. Anderson (Eds.), *An introduction to projective techniques* (6th ed., pp. 55-98). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- Charon, R. (2006). *Narrative medicine: Honoring the stories of illness*. New York: Oxford University Press.
- Colarusso, C. A., & Nemiroff, R. A. (1981). Narcissism in the adult development of the self. In C. A. Colarusso & R. A. Nemiroff, *Adult development* (pp. 83-103). New York: Plenum Press.
- Collins, N. L., Guichard, A. C., Ford, M. B., & Feeney, B. C. (2004). Working models of attachment: New developments and emerging themes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 196-239). New York: The Guilford Press.

- Costa Jr., P. T., & McCrae, R. R. (2009). The five-factor model and the NEO inventories. In J. N. Butcher (Ed.), *Oxford handbook of personality assessment* (pp. 299-322). Oxford: Oxford University Press.
- Cramer, P. (1991). *The development of defense mechanisms: Theory, research, and assessment*. New York: Springer-Verlag.
- Cramer, P. (1996). *Story telling, narrative, and the Thematic Apperception Test*. New York: The Guilford Press.
- Cramer, P. (2000). Defense mechanisms in psychology today. *American Psychologist*, 55, 637-646. doi: 10.1037//0003-066X.55.6.637
- Damásio, A. (1995). *O erro de Descartes: Emoção, razão e cérebro humano*. Mem Martins: Europa-América.
- Damásio, A. (2000). *O sentimento de si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: Europa-América.
- Damásio, A. (2003). *Ao encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir*. Mem Martins: Europa-América.
- Dana, R. H. (1982). *A human science model for personality assessment with projective techniques*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas Publisher.
- Diamond, D., Kaslow, N., Coonerty, S., & Blatt, S. J. (1990). Changes in separation-individuation and intersubjectivity in long-term treatment. *Psychoanalytic Psychology*, 7, 363-397.
- Diamond, L. M., & Aspinwall, L. G. (2003). Emotion regulation across the life span: An integrative perspective emphasizing self-regulation, positive affect, and dyadic process. *Motivation and Emotion*, 27, 125-156.
- Erikson, E. H. (1994). *Identity: Youth and crisis*. New York: W. W. Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1968)

- Erikson, E. H. (1995). *Childhood and society*. London: Vintage Books. (Trabalho original publicado em 1963, 2ª ed.)
- Erikson, E. H. (1997). *The life cycle completed*. New York: W. W. Norton & Company. (Trabalho original publicado em 1982)
- Estrada, M. R. N. G. (2007). *Regulação das emoções e mecanismos de defesa. A fantasia na prova “Era uma vez...”*. (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Estrada, R. (2008). *“Era uma vez...”: Emoções, defesas e fantasias*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa.
- Estrada, R., & Fagulha, T. (2010, Fevereiro). Homens e mulheres têm reacções emocionais diferentes face ao casamento e à relação sexual? Diferenças de género nas respostas aos Cartões II e IV da prova “Era uma vez...” Adultos. Comunicação apresentada no 8º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde – Saúde, Sexualidade e Género, ISPA, Lisboa.
- Estrada, R., & Fagulha, T. (2011, junho). Conflito e paz com o *self* e o outro no casamento e sexualidade na “Era uma vez... Adultos”. Comunicação apresentada no 1º Congresso Internacional “Construir a Paz”, Universidade Fernando Pessoa, Porto.
- Fagulha, T. (1992). *A prova “Era uma vez...”: Uma prova projectiva para crianças* (Dissertação de doutoramento não publicada). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Fagulha, T. (1994). A prova «Era uma vez»: Uma nova prova projectiva para crianças. *Análise Psicológica*, 13, 511-528.
- Fagulha, T. (1996a). “Once upon a time...”: A Portuguese projective technique for children. Comunicação apresentada no XV International Rorschach Congress, Boston.

- Fagulha, T. (1996b). Elaborando as emoções entre a Fantasia e a Realidade: Comparação das cenas escolhidas para organizar as histórias da prova “Era uma vez...” em crianças entre os cinco e os dez anos. Comunicação apresentada no IV Simpósio Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- Fagulha, T. (2002). *Era uma vez...: Prova projectiva para crianças. Manual* (3ª ed.). Lisboa: CEGOC-TEA.
- Fagulha, T. (2008). “Era uma vez...”: Prova projectiva para crianças. In L. S. Almeida, M. R. Simões, C. Machado, & M. M. Gonçalves (Coords.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. 2, 2ª ed. rev., pp. 109-122). Coimbra: Quarteto.
- Fagulha, T., & Silva, M. E. D. (1996). Estudo longitudinal das respostas ao Cartão VII do teste “Era uma vez...”, em crianças com e sem dificuldades de aprendizagem. In L. S. Almeida, S. Araújo, M. M. Gonçalves, C. Machado, & M. R. Simões (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. IV, pp. 119-129). Braga: Apport.
- Feeney, B. C., & Collins, N. L. (2004). Interpersonal safe haven and secure base. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 300-338). New York: The Guilford Press.
- Feeney, J. A. (2008). Adult romantic attachment: Developments in the study of couple relationships. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 456-481). New York: The Guilford Press.
- Fischer, C. T. (2008). *Individualizing psychological assessment*. New York: Psychology Press.
- Fleming, M. (1997). *Adolescência e autonomia: O desenvolvimento psicológico e a relação com os pais* (2ª ed.). Porto: Afrontamento.
- Fleming, M. (2001). Era (eu) uma vez. *Revista Portuguesa de Psicanálise*, 22, 49-55.

- Fleming, M. (2005). Um modelo em dupla hélice do desenvolvimento psicológico: Vinculação/separação ao longo do ciclo de vida. In M. Fleming, *Entre o medo e o desejo de crescer: Psicologia da Adolescência* (pp. 17-36). Porto: Afrontamento.
- Fonagy, P. (2008). The mentalization-focused approach to social development. In F. N. Busch (Ed.), *Mentalization: Theoretical considerations, research findings, and clinical implications* (pp. 3-56). New York: The Analytic Press.
- Fonagy, P., Gergely, G., & Target, M. (2008). Psychoanalytical constructs and attachment theory and research. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 783-810). New York: The Guilford Press.
- Fonseca, F. I. (1992). *Deixis, Tempo e Narração*. Porto: Fundação Engº António de Almeida.
- Fox, N. A., & Calkins, S. D. (2004). Multiple-measure approaches to the study of infant emotion. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 203-219). New York: The Guilford Press.
- Frank, A. (s.d.). *Diário*. Lisboa: Livros do Brasil.
- Frank, L. K. (1948). *Projective methods*. Springfield, Illinois: Charles C. Thomas Publisher.
- Freud, A. (1973). *Le moi et les mécanismes de défense*. Paris: Presses Universitaires de France.
(Trabalho original publicado em 1936)
- Freud, S. (2000). As neuropsicoses de defesa. In *Edição eletrônica de Freud 2.0. da Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 3) [CD]. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1894)
- Freud, S. (2000). A história do movimento psicanalítico. In *Edição eletrônica de Freud 2.0. da Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14) [CD]. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2000). Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In *Edição eletrônica de Freud 2.0. da Edição standard brasileira das obras psicológicas*

- completas de Sigmund Freud* (Vol. 22) [CD]. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933)
- Garb, H. N., Wood, J. M., Lilienfeld, S. O., & Nezworski, M. T. (2005). Roots of the Rorschach controversy. *Clinical Psychological Review*, 25, 97-118.
- George, C., & Solomon, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approaching to parenting. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 833-856). New York: The Guilford Press.
- George, C., Kaplan, N., & Main, M. (1996). Adult Attachment Interview. Unpublished manuscript, Department of Psychology, University of California, Berkeley (3rd edition).
- Gomez, L. (2005). *Uma introdução às relações de objecto*. Lisboa: Climepsi.
- Gonçalves, B., & Fagulha, T. (2003). Escala de Depressão do Centro de Estudos Epidemiológicos (C.E.S.-D.). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida, & C. Machado (Coords.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. 1, pp. 33-43). Coimbra: Quarteto.
- Gouveia, C. A. M. (1996). Pragmática. In I. H. Faria, E. R. Pedro, I. Duarte, & C. A. M. Gouveia (Orgs.), *Introdução à linguística geral e portuguesa* (pp. 383-419). Lisboa: Caminho.
- Greenberg, J. R., & Mitchell, S. A. (2003). *Relações de objecto na teoria psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Greene, R. L. (2006). Use of the MMPI-2 in outpatient mental health settings. In J. N. Butcher (Ed.), *MMPI-2: A practitioner's guide* (pp. 253-271). Washington, DC: American Psychological Association.
- Grice, P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J. Morgan (Eds.), *Syntax and semantics* (Vol. 3): *Speech acts* (pp. 41-58). New York: Academic Press.

- Griffin, D., & Bartholomew, K. (1994). Models of the *self* and other: Fundamental dimensions underlying measures of adult attachment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67, 430-445.
- Gruen, R. J., & Blatt, S. J. (1990). Change in the self- and object representation during long-term dynamically oriented treatment. *Psychoanalytic Psychology*, 7, 399-422.
- Guedeney, A. (2004). A teoria da vinculação: A história e as personagens. In N. Guedeney & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 25-31). Lisboa: Climepsi.
- Guisinger, S., & Blatt, S. J. (1994). Individuality and relatedness: Evolution of a fundamental dialectic. *American Psychologist*, 49, 104-111.
- Haan, N. (1977). *Coping and defending: Processes of self-environment organization*. New York: Academic Press.
- Haas, B. W., Omura, K., Constable, R. T., & Canli, T. (2006). Interference produced by emotional conflict associated with anterior cingulate activation. *Cognitive, Affective, & Behavioral Neuroscience*, 6, 152-156.
- Harter, S. (1997). The personal self in social context: Barriers to authenticity. In R. D. Ashmore & L. Jussim (Eds.), *Self and identity* (pp. 81-105). New York: Oxford University Press.
- Harter, S., Waters, P. L., Pettitt, L. M., Whitesell, N., Kofkin, J., & Jordan, J. (1997). Autonomy and connectedness as dimensions of relationship styles in adult men and women. *Journal of Social and Personal Relationships*, 14, 147-164.
- Haviland-Jones, J. M., & Kahlbaugh, P. (2004). Emotion and identity. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 293-305). New York: The Guilford Press.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1990). Love and work: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 59, 270-280.

- Hesse, E. (2008). The Adult Attachment Interview: Protocol, method of analysis, and empirical studies. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 552-598). New York: The Guilford Press.
- Hobson, R. (1985). *Forms of feeling: The heart of psychotherapy*. London: Tavistock .
- Horowitz, L. M., Rosenberg, S. E., & Bartholomew, K. (1993). Interpersonal problems, attachment styles, and outcome in brief dynamic psychotherapy. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 61*, 549-560.
- Howard, G. S. (1991). Culture Tales: A narrative approach to thinking, cross-cultural psychology and psychotherapy. *American Psychologist, 46*, 187-197.
- Ihilevich, D., & Gleser, G. C. (1986). *Defense mechanisms: Their classification, correlates, and measurement with the Defense Mechanisms Inventory*. Owosso, MC: DMI Associates.
- Izard, C. E. (1991). *The psychology of emotion*. New York: Plenum Press.
- Izard, C. E. (2009). Emotion theory and research: Highlights, unanswered questions, and emerging issues. *Annual Review of Psychology, 60*, 1-25. doi: 10.1146/annurev.psych.60.110707.163539
- Izard, C. E., & Ackerman, B. P. (2004). Motivational, organizational, and regulatory functions of discrete emotions. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 253-264). New York: The Guilford Press.
- Jaffe, J., Beebe, B., Feldstein, S., Crown, C., & Jasnow, M. D. (2001). Rhythms of dialogue in infancy: Coordinated timing in development. *Monographs of the Society for Research in Child Development, 66* (2, Serial No. 265), pp. vi-131.
- Karon, B. P. (1981). The Thematic Apperception Test (TAT). In A. I. Rabin (Ed.), *Assessment with projective techniques: A concise introduction* (pp. 85-120). New York: Springer Publishing Company.

- Keiley, M. K. (2002). Attachment and affect regulation: A framework for family treatment of conduct disorder. *Family Process*, 41, 477-493.
- Kapuscinski, R. (2006). *Ébano: Febre africana*. Porto: Campo das Letras.
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1975). *Vocabulário da psicanálise* (2ª ed.). Lisboa: Moraes.
- LeDoux, J. E., & Phelps, E. A. (2004). Emotional networks in the brain. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 157-172). New York: The Guilford Press.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2003). Inventário de Personalidade NEO Revisto (NEO-PI-R). In M. M. Gonçalves, M. R. Simões, L. S. Almeida, & C. Machado (Coords.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (Vol. 1, pp. 15-32). Coimbra: Quarteto.
- Lonner, W. J. (2000). On the growth and continuing importance of cross-cultural psychology. *Eye on Psi Chi*, 4, 22-26.
- Macfarlane, J. W., & Tuddenham, R. D. (1961). Problems in the validation of projective techniques. In H. H. Anderson & G. L. Anderson (Eds.), *An introduction to projective techniques* (6th ed., pp. 26-54). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.
- Machado, T. S. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e crime – da infância à idade adulta* (pp. 291-321). Coimbra: Almedina.
- Magai, C., & Halpern, B. (2001). Emotional development during the middle years. In M. E. Lachman (Ed.), *Handbook of middle development* (pp. 310-344). New York: John Wiley & Sons.
- Magai, C., & McFadden, S. H. (1995). *The role of emotions in social and personality development: History, theory, and research*. New York: Plenum Press.

- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.-J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Pedroso-Lima, M. (2012). NEO-FFI: psychometric properties of a short personality inventory: A Portuguese adaptation of the 60 item instrument. Submetido para publicação na *Psychological Test and Assessment Modeling*.
- Mahler, M. S., Pine, F., & Bergman, A. (2000). *The psychological birth of the human infant: Symbiosis and individuation*. New York: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1975)
- Main, M. (1990). Cross-cultural studies of attachment organization: Recent studies, changing methodologies, and the concept of conditional strategies. *Human Development*, 33, 48-61.
- Main, M., & Solomon J. (1986). Discovery of an insecure-disoriented attachment pattern. In T. B. Brazelton & M. W. Yogman (Eds.), *Affective development in infancy* (pp. 95-124). Norwood, New Jersey: Ablex.
- Main, M., Hesse, E., & Goldwyn, R. (2008). Studying differences in language usage in recounting attachment history. In H. Steele & M. Steele (Eds.), *Clinical applications of the Adult Attachment Interview* (pp. 31-68). New York: The Guilford Press.
- Main, M., Kaplan, N., & Cassidy, J. (1985). Security in infancy, childhood, and adulthood: A move to the level of representation. In I. Bretherton & E. Waters (Eds.), *Growing points of attachment theory and research. Monographs of the Society for Research in Child Development*, 50 (1-2, Serial No. 209), 66-104.
- Mair, M. (1988). Psychology as storytelling. *International Journal of Personal Construct Psychology*, 1, 125-137.
- Marcia, J. E. (1993). The relational roots of identity. In J. Kroger (Ed.), *Discussions on ego identity* (pp. 101-120). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.

- McAdams, D. P. (1993). *The stories we live by: Personal myths and the making of the self*. New York: The Guilford Press.
- McAdams, D. P. (2001). Generativity in midlife. In M. E. Lachman (Ed.), *Handbook of middle development* (pp. 395-443). New York: John Wiley & Sons.
- McAdams, D. P., & St. Aubin, E. de (1992). A Theory of generativity and its assessment through self-report, behavioral acts, and narrative themes in autobiography. *Journal of Personality and Social Psychology*, *62*, 1003-1015.
- McAdams, D. P., Ruetzel, K., & Foley, J. M. (1986). Complexity and generativity at mid-life: Relations among social motives, ego development, and adult's plans for the future. *Journal of Personality and Social Psychology*, *50*, 800-807.
- McClelland, D. C., Koestner, R., & Weinberger, J. (1989). How do self-attributed and implicit motives differ? *Psychological Review*, *96*, 690-702.
- McCrae, R. R. (1996). Integrating the levels of personality. *Psychological Inquiry*, *7*, 353-356.
- McCrae, R. R., & Costa Jr., P. T. C. (2010). The five-factor theory of personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 159-181). New York: The Guilford Press.
- McWilliams, N. (2004). *Formulação psicanalítica de casos*. Lisboa: Climepsi.
- Meyer, G. J. (1997). On the integration of personality assessment methods: The Rorschach and the MMPI. *Journal of Personality Assessment*, *68*, 297-330.
- Meyer, G. J., & Kurtz, J. E. (2006). Advancing personality assessment terminology: Time to retire "objective" and "projective" as personality test descriptors. *Journal of Personality Assessment*, *8*, 223-225.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2004). Security-based self-representations on adulthood: Contents and processes. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment:*

- Theory, research, and clinical implications* (pp. 159-195). New York: The Guilford Press.
- Mikulincer, M., & Shaver, P. R. (2005). Mental representations of attachment security: Theoretical foundation for a positive social psychology. In M. W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 233-266). New York: The Guilford Press.
- Miljkovitch, R. (2004). A vinculação ao nível das representações. . In N. Guedeney & A. Guedeney (Coords.), *Vinculação: Conceitos e aplicações* (pp. 46-53). Lisboa: Climepsi.
- Mischel, W., & Shoda, Y. (2010). Toward a unified theory of personality: Integrating dispositions and processing dynamics within the cognitive-affective processing system. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 208-241). New York: The Guilford Press.
- Mitchell, S. A. (1988). *Relational concepts in psychoanalysis: An integration*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Mitchell, S. A. (1993). *Hope and dread in psychoanalysis*. New York: Basic Books
- Mitchell, S. A. (2009). *Relationality: From attachment to intersubjectivity*. New York: Routledge.
- Mitchell, S.A., & Black, M. J. (1995). Psychologies of identity and self: Erik Erikson and Heinz Kohut. In S. A Mitchell & M. J. Black, *Freud and beyond: A history of modern psychoanalytical thought* (pp. 139-169). New York: Basic Books.
- Moreira, J. M. (2000). *Manual do Questionário de Estilo Relacional (QER)*. Manuscrito não publicado, Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Murray, H. A. (1961). Foreword. In H. H. Anderson & G. L. Anderson (Eds.), *An introduction to projective techniques* (6th ed., pp. xi-xiv). Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice-Hall.

- Newman, B. & Newman, P. (2003). *Development through life. A psychosocial approach*. New York: Tomson Wadsworth.
- Nisbett, R. E., & Miyamoto, Y. (2005). The influence of culture: Holistic versus analytic perception. *Trends in Cognitive Sciences*, 9, 467-473. doi:10.1016/j.tics.2005.08.004
- Novo, R. F. (2003). Conceitos e modelos teóricos da personalidade: ‘O desenvolvimento da personalidade no contexto da normalidade e da vulnerabilidade à psicopatologia’. In R. F. Novo, *Para além da eudaimonia: O bem-estar psicológico em mulheres na idade adulta avançada* (pp. 143-197). Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Panksepp, J. (1994). Evolution constructed the potential for subjective experience within the neurodynamics of the mammalian brain. In P. Ekman & R. J. Davidson (Eds.), *The nature of emotion: Fundamental questions* (pp. 396-399). New York: Oxford New Press.
- Panksepp, J. (2004). Emotions as natural kinds within the mammalian brain. In M. Lewis & J. M. Haviland-Jones (Eds.), *Handbook of emotions* (pp. 137-156). New York: The Guilford Press.
- Peterson, B. E., & Stewart, A. J. (1996). Antecedents and contexts of generativity motivation at midlife. *Psychology and Aging*, 1, 21-33.
- Pierce, T., & Lydon, J. E. (2001). Global and specific relational models in the experience of social interactions. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80, 613-631. doi: 10.1037//0022-3514.80.4.613
- Pietromonaco, P. R., & Feldman Barrett, L. (2000). The internal working models: What do we really know about the self in relation to others? *Review of General Psychology*, 4, 155-175. doi: 10.1037//1089-2680.4.2.155

- Pietromonaco, P. R., Greenwood, D., & Feldman Barrett, L. (2004). Conflict in adult relationships: An attachment perspective. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 267-299). New York: The Guilford Press.
- Pires, R. O. (2001). *Estratégias de elaboração da ansiedade nas respostas sequências de cenas à prova “Era uma vez...”*. (Dissertação de mestrado não publicada). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Rabin, A. I. (1981). Projective methods: A historical introduction. In A. I. Rabin (Ed.), *Assessment with projective techniques: A concise introduction* (pp. 1-22). New York: Springer Publishing Company.
- Rabin, A. I. (Ed.) (1981). *Assessment with projective techniques: A concise introduction*. New York: Springer Publishing Company.
- Rholes, W. S., & Simpson, J. A. (2004). Attachment theory: Basic concepts. In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 3-14). New York: The Guilford Press.
- Rutter, M. (2006). Critical notice: Attachment from infancy to adulthood: The major longitudinal studies. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, *47*, 974-977.
- Ryan, R. M., & Deci. E. L. (2000a). Self-determination theory and the facilitation of intrinsic motivation, social development and well-being. *American Psychologist*, *55*, 68-78. doi: 10.1037/110003-066X.55.1.68
- Ryan, R. M., & Deci. E. L. (2000b). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, *11*, 227-268.
- Sacks, O. (1985). *O homem que confundiu a mulher com um chapéu*. Lisboa: Relógio d’Água.
- Sandler, J. (1994). Fantasy, defense, and the representational world. *Infant mental Health Journal*, *15*, 26-35.

- Scarvalone, P., Fox, M., & Safran, J. D. (2005). Interpersonal schemas: Clinical theory, research, and implications. In M. W. Baldwin (Ed.), *Interpersonal cognition* (pp. 359-387). New York: The Guilford Press.
- Schaffer, R. (1967). How this story was told? In R. Schaffer, *Projective testing and psychoanalysis*. New York: International Universities Press, Inc.
- Schmukle, S. C., & Egloff, B. (2005). A latent state-trait analysis of implicit and explicit personality measures. *European Journal of Psychological Assessment, 21*, 100-107. doi: 10.1027/1015-5759.21.2.100
- Semeonoff, B. (1976). *Projective techniques*. London: John Wiley & Sons.
- Shaffer, T. W., Erdberg, P., & Meyer, G. J. (2007). Introduction to the JPA Special Supplement on International Reference Samples for the Rorschach Comprehensive System. *Journal of Personality Assessment, 89* (Suppl.), S2-S6. doi: 10.1080/00223890701629268
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2004). What do self-report attachment measures assess? In W. S. Rholes & J. A. Simpson (Eds.), *Adult attachment: Theory, research, and clinical implications* (pp. 17-54). New York: The Guilford Press.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2005). Attachment theory and research: Resurrection of the psychodynamic approach to personality. *Journal of Research in Personality, 39*, 22-45. doi:10.1016/j.jrp.2004.09.002
- Shentoub, V., & Col (1999). *Manual de utilização do TAT*. Lisboa: Climepsi.
- Simões, M. R. (1999). O ensino e a aprendizagem da avaliação psicológica: O caso da avaliação da personalidade. *Psychologica, 22*, 135-172.
- Simões, M. R., Almeida, L. S., Machado, C., & Gonçalves, M. (2007). Instrumentos de avaliação psicológica: Dos novos desenvolvimentos às políticas de investigação em Portugal. In: M. R. Simões, C. Machado, M. M. Gonçalves, & L. S. Almeida (Coords.),

Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa (Vol. 3, pp. 9-23). Coimbra: Quarteto.

Singer, J. L. (1981). Research applications of projective methods. In A. I. Rabin (Ed.), *Assessment with projective techniques: A concise introduction* (pp. 297-331). New York: Springer Publishing Company.

Smith, B. L. (1998). The impossible takes a little longer. The role of theory on teaching psychological assessment. In L. Handler & M. J. Hilsenroth (Eds.), *Teaching and learning personality assessment* (pp. 69-81). Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates

Soares, I. M. C. (2002). *A vinculação vinculada*. (Lição síntese não publicada). Universidade do Minho, Braga.

Solomon, C., & George, J. (2008). The caregiving system: A behavioral systems approach to parenting. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 833-856). New York: The Guilford Press.

Sroufe, L. A. (1997). *Emotional development: The organization of emotional life in the early years*. Cambridge: Cambridge University Press.

Stern, D. N. (2000). *The interpersonal world of the infant: A view from psychoanalysis & developmental psychology* (1st paperback ed.) New York: Basic Books.

Stern, D. N. (2004). *The present moment in psychotherapy and everyday life*. New York: W. W. Norton & Company.

Strack, F., & Deutsch, R (2004). Reflective and impulsive determinants of social behavior. *Personality and Social Psychological Review*, 8, 220-247. doi: 10.1207/s15327957pspr0803_1

- Taylor, S. E., & Brown, J. D. (1988). Illusion and well-being: A social psychological perspective on mental health. *Psychological Bulletin*, *103*, 193-210.
- Teglasi, H. (1993). *Clinical use of story telling: Emphasizing the T.A.T. with children and adolescents*. Boston: Allyn and Bacon.
- Teglasi, H. (2001). *Essentials of TAT and other storytelling techniques assessment*. New York: John Wiley & Sons.
- Thelen, E., & Smith, L. B. (1994). *A dynamic systems approach to the development of cognition and action*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Trivers, R. L. (1974). Parent-offspring conflict. *American Zoologist*, *14*, 249-264.
- Trivers, R. L. (1997). Genetic basis of intrapsychic conflict. In N. L. Segal, G. E. Weisfeld, & C. C. Weisfeld (Eds.). *Uniting psychology and biology: Integrative perspectives on human development* (pp. 385-395). Washington, DC: American Psychological Association.
- Trochim, W. M. (s.d.). *The research methods knowledge base*. Obtido em <http://www.socialresearchmethods.net/kb/>
- Tronick, E. Z. (1990). The development of rapport. *Psychological Inquiry*, *1*, 322-323.
- Tronick, E. Z. (2003). "Of course all relationships are unique". How co-creative processes generate unique mother-infant and patient-therapist relationships and change other relationships. *Psychoanalytic Inquiry*, *23*, 473-491.
- Tronick, E. Z., & Cohn, J. F. (1989). Infant-mother face-to-face interaction: Age and gender differences in coordination and the occurrence of miscoordination. *Child Development*, *60*, 85-92.
- Vaillant, G. E. (1992). *Ego mechanisms of defense: A guide for clinicians and researchers*. Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Vaillant, G. E. (1995). *The wisdom of the ego*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Valeros, J. A. (2008). Sobre la imaginación y el proceso de elaboración en el analista. In A. Liberman & A. A. Blanco (Compl.), *Winnicott hoy: Su presencia en la clínica actual* (pp. 385-399). Madrid: Psimática.
- van den Boom, D. C. (1997). Sensitivity and attachment: Next steps for developmentalists. *Child Development, 68*, 592-594.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., Vaughn, B. E., & Santos, A. J. (2003). Qualidade da vinculação e desenvolvimento sócio-cognitivo. *Análise Psicológica, 4*, 419-430.
- Vitz, P. C. (1990). The use of stories in moral development: New psychological reasons for an old education method. *American Psychologist, 45*, 709-720.
- Wagar, B. M., & Thagard, P. (2004). Spiking Phineas Gage: A neurocomputational theory of cognitive–affective integration in decision making. *Psychological Review, 111*, 67–79. doi: 10.1037/0033-295X.111.1.67
- Wall, K., & Guerreiro, M. D. (2005). A divisão familiar do trabalho. In K. Wall (Org.), *Famílias em Portugal* (pp. 303-361). Lisboa: Instituto de Ciências Sociais.
- Weiner, I. B., & Meyer, G. J. (2009). Personality assessment with the Rorschach Inkblot Method. In J. N. Butcher (Ed.), *Oxford handbook of personality assessment* (pp. 277-298). Oxford: Oxford University Press.
- Weinfield, N. S., Sroufe, L. A., Egeland, B., & Carlson, E. (2008). Individual differences in infant-caregiver attachment: Conceptual and empirical aspects of security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research, and clinical applications* (2nd ed., pp. 78-101). New York: The Guilford Press.
- Westen, D. (1991). Clinical assessment of object relations using the TAT. *Journal of Personality Assessment, 56*, 56-74.

- Westen, D., Gabbard, G. O., & Ortigo, K. M. (2010). Psychoanalytic approaches to personality. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (pp. 61-113). New York: The Guilford Press.
- Wilson, T. D. (2002). *Strangers to ourselves: Discovering the adaptive unconscious*. Cambridge, MA: The Belknap Press of Harvard University Press.
- Wilson, T. D., & Dunn, E. W. (2004). Self-knowledge: Its limits, value, and potential for improvement. *Annual Review of Psychology*, 55, 493-518. doi: 10.1146/annurev.psych.55.090902.141954
- Winnicott, D. W. (1975). Psychoses and child care. In D. W. Winnicott, *Through paediatrics to psycho-analyses* (pp. 219-228). New York: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1952)
- Winnicott, D. W. (1975). Primary maternal preoccupation. In D. W. Winnicott, *Through paediatrics to psycho-analyses* (pp. 300-305). New York: Basic Books. (Trabalho original publicado em 1956)
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar & a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (2007). The capacity to be alone. In D. W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 29-36). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1958)
- Winnicott, D. W. (2007). Ego distortion in terms of true and false self. In D. W. Winnicott, *The maturational processes and the facilitating environment* (pp. 140-152). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1960)

Índice de Figuras

Figura 1 – Modelo da vinculação do adulto	112
Figura 2 – Disposição das categorias nos sete cartões.....	213
Figura 3 – Disposição do cartão e das cenas	216
Figura 4 – Disposição das cenas	268
Figura 5 – Frequência de escolha de cada cena.....	269
Figura 6 – Frequência de escolha de cada cena na 1ª, 2ª e 3ª posição	270
Figura 7 – Frequência de escolha de cada cena.....	276
Figura 8 – Frequência de escolha de cada cena na 1ª, 2ª e 3ª posição	277
Figura 9 – Cartão I Trabalho: Conteúdos das verbalizações das cenas	289
Figura 10 – Cartão II Fim de semana: Conteúdos das verbalizações das cenas.....	291
Figura 11 – Cartão III Sexualidade: Conteúdos das verbalizações das cenas.....	294
Figura 12 – Cartão IV Aniversário: Conteúdos das verbalizações das cenas	296
Figura 13 – Cartão V Filhos: Conteúdos das verbalizações das cenas	298
Figura 14 – Cartão VI Morte: Conteúdos das verbalizações das cenas	301
Figura 15 – Cartão VII Casamento: Conteúdos das verbalizações das cenas	303
Figura 16 – Cartão I Trabalho: Categoria 1ª Posição	306
Figura 17 – Cartão I Trabalho: Categoria 2ª Posição	307
Figura 18 – Cartão I Trabalho: Categoria 3ª Posição	307
Figura 19 – Cartão I Trabalho: Categorias escolhidas na globalidade	309
Figura 20 – Cartão I Trabalho: Categorias da 1ª verbalização	311
Figura 21 – Cartão I Trabalho: Categorias da 2ª verbalização	312
Figura 22 – Cartão I Trabalho: Categorias da 3ª verbalização	312
Figura 23 – Cartão I Trabalho: Categorias das verbalizações na globalidade	314
Figura 24 – Cartão I Trabalho: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas.....	315
Figura 25 – Cartão I Trabalho: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	316
Figura 26 – Cartão I Trabalho: Histórias com conflito e sem conflito	317
Figura 27 – Cartão I Trabalho: Grau das histórias	318
Figura 28 – Cartão II Fim de semana: Categoria 1ª Posição.....	319
Figura 29 – Cartão II Fim de semana: Categoria 2ª Posição.....	320
Figura 30 – Cartão II Fim de semana: Categoria 3ª Posição.....	320
Figura 31 – Cartão II Fim de semana: Categorias escolhidas na globalidade.....	321

Figura 32 – Cartão II Fim de semana: Categorias da 1ª verbalização	323
Figura 33 – Cartão II Fim de semana: Categorias da 2ª verbalização	324
Figura 34 – Cartão II Fim de semana: Categorias da 3ª verbalização	324
Figura 35 – Cartão II Fim de semana: Categorias das verbalizações na globalidade... ..	326
Figura 36 – Cartão II Fim de semana: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas.....	327
Figura 37 – Cartão II Fim de semana: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	328
Figura 38 – Cartão II Fim de semana: Histórias com conflito e sem conflito	328
Figura 39 – Cartão II Fim de semana: Grau das histórias.....	329
Figura 40 – Cartão III Sexualidade: Categoria 1ª Posição	333
Figura 41 – Cartão III Sexualidade: Categoria 2ª Posição	333
Figura 42 – Cartão III Sexualidade: Categoria 3ª Posição	334
Figura 43 – Cartão III Sexualidade: Categorias escolhidas na globalidade.....	335
Figura 44 – Cartão III Sexualidade: Categorias da 1ª verbalização	336
Figura 45 – Cartão III Sexualidade: Categorias da 2ª verbalização	337
Figura 46 – Cartão III Sexualidade: Categorias da 3ª verbalização	338
Figura 47 – Cartão III Sexualidade: Categorias das verbalizações na globalidade.....	339
Figura 48 – Cartão III Sexualidade: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas.....	340
Figura 49 – Cartão III Sexualidade: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	341
Figura 50 – Cartão III Sexualidade: Histórias com conflito e sem conflito.....	341
Figura 51 – Cartão III Sexualidade: Grau das histórias	342
Figura 52 – Cartão IV Aniversário: Categoria 1ª Posição	346
Figura 53 – Cartão IV Aniversário: Categoria 2ª Posição	347
Figura 54 – Cartão IV Aniversário: Categoria 3ª Posição	348
Figura 55 – Cartão IV Aniversário: Categorias escolhidas na globalidade	349
Figura 56 – Cartão IV Aniversário: Categorias da 1ª verbalização	350
Figura 57 – Cartão IV Aniversário: Categorias da 2ª verbalização	350
Figura 58 – Cartão IV Aniversário: Categorias da 3ª verbalização.....	351
Figura 59 – Cartão IV Aniversário: Categorias das verbalizações na globalidade	352
Figura 60 – Cartão IV Aniversário: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas.....	353
Figura 61 – Cartão IV Aniversário: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	354
Figura 62 – Cartão IV Aniversário: Histórias com conflito e sem conflito	355

Figura 63 – Cartão IV Aniversário: Grau das histórias	356
Figura 64 – Cartão V Filhos: Categoria 1ª Posição	359
Figura 65 – Cartão V Filhos: Categoria 2ª Posição	360
Figura 66 – Cartão V Filhos: Categoria 3ª Posição	360
Figura 67 – Cartão V Filhos: Categorias escolhidas na globalidade	361
Figura 68 – Cartão V Filhos: Categorias da 1ª verbalização.....	362
Figura 69 – Cartão V Filhos: Categorias da 2ª verbalização.....	363
Figura 70 – Cartão V Filhos: Categorias da 3ª verbalização.....	364
Figura 71 – Cartão V Filhos: Categorias das verbalizações na globalidade	365
Figura 72 – Cartão V Filhos: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas	366
Figura 73 – Cartão V Filhos: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	367
Figura 74 – Cartão V Filhos: Histórias com conflito e sem conflito.....	367
Figura 75 – Cartão V Filhos: Grau das histórias	368
Figura 76 – Cartão VI Morte: Categoria 1ª Posição	371
Figura 77 – Cartão VI Morte: Categoria 2ª Posição	372
Figura 78 – Cartão VI Morte: Categoria 3ª Posição	372
Figura 79 – Cartão VI Morte: Categorias escolhidas na globalidade	373
Figura 80 – Cartão VI Morte: Categorias da 1ª verbalização.....	374
Figura 81 – Cartão VI Morte: Categorias da 2ª verbalização.....	375
Figura 82 – Cartão VI Morte: Categorias da 3ª verbalização.....	376
Figura 83 – Cartão VI Morte: Categorias das verbalizações na globalidade	377
Figura 84 – Cartão VI Morte: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas	378
Figura 85 – Cartão VI Morte: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	379
Figura 86 – Cartão VI Morte: Histórias com conflito e sem conflito.....	379
Figura 87 – Cartão VI Morte: Grau das histórias	380
Figura 88 – Cartão VII Casamento: Categoria 1ª Posição	383
Figura 89 – Cartão VII Casamento: Categoria 2ª Posição	384
Figura 90 – Cartão VII Casamento: Categoria 3ª Posição	384
Figura 91 – Cartão VII Casamento: Categorias escolhidas na globalidade	385
Figura 92 – Cartão VII Casamento: Categorias da 1ª verbalização.....	386
Figura 93 – Cartão VII Casamento: Categorias da 2ª verbalização.....	387
Figura 94 – Cartão VII Casamento: Categorias da 3ª verbalização.....	388

Figura 95 – Cartão VII Casamento: Categorias das verbalizações na globalidade	389
Figura 96 – Cartão VII Casamento: Histórias consonantes/não consonantes com as categorias escolhidas.....	390
Figura 97 – Cartão VII Casamento: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	391
Figura 98 – Cartão VII Casamento: Histórias com conflito e sem conflito	392
Figura 99 – Cartão VII Casamento: Grau das histórias	392
Figura 100 – História inventada: Categorias das verbalizações na globalidade	394
Figura 101 – História inventada: Sequências de verbalizações só positivas e/ou neutras e sequências em que isso não sucede.....	395
Figura 102 – História inventada: Histórias com conflito e sem conflito	396
Figura 103 – História inventada: Grau das histórias.....	396

